

**ANGÉLICA PALL ORIANI**

**SÉRIE "LEITURAS INFANTIS" (1908-1919),  
DE FRANCISCO VIANNA, E A HISTÓRIA DO ENSINO  
DA LEITURA NO BRASIL**

**Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Filosofia e Ciências  
*Campus de Marília*  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Marília - SP  
20 de dezembro de 2010**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ANGÉLICA PALL ORIANI

**SÉRIE "LEITURAS INFANTIS" (1908-1919),  
DE FRANCISCO VIANNA, E A HISTÓRIA DO ENSINO  
DA LEITURA NO BRASIL**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da FFC-Unesp-Campus de Marília, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Educação.

Área de Concentração: Políticas Públicas e Administração da Educação Brasileira.

Linha de Pesquisa: Filosofia e História da Educação no Brasil.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria do Rosário Longo Mortatti.**

**Marília – SP  
20 de dezembro de 2010**

Ficha Catalográfica  
Serviço de Biblioteca e Documentação – UNESP - Campus de Marília

O69s Oriani, Angélica Pall.  
Série "Leituras Infantis" (1908-1919), de Francisco Vianna, e a história do ensino da leitura no Brasil / Angélica Pall Oriani. – Marília, 2010.  
288 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2010.

Bibliografia: f. 238-254.

Orientador: Profa. Dra. Maria do Rosário Longo Mortatti.

1. Vianna, Francisco. 2. Série Leituras infantis. 3. Leitura – Estudo e ensino. 4. Método analítico. 5. Educação. 6. Pesquisa histórica. I. Autor. II. Título.

*CDD 372.41*

ANGÉLICA PALL ORIANI

**SÉRIE "LEITURAS INFANTIS" (1908-1919),  
DE FRANCISCO VIANNA, E A HISTÓRIA DO ENSINO  
DA LEITURA NO BRASIL**

**Banca Examinadora**

---

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria do Rosário Longo Mortatti  
Faculdade de Filosofia e Ciências-Unesp-Marília

---

**2<sup>a</sup>. Examinadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vera Teresa Valdemarin  
Faculdade de Ciências e Letras-Unesp-Araraquara

---

**3<sup>a</sup>. Examinadora:** Dr<sup>a</sup>. Márcia Cristina de Oliveira Mello  
Unesp-Ourinhos

Para minha mãe, que me ensinou a ser humana.

## AGRADECIMENTOS

A todos os que contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa que resultou nesta dissertação:

aos meus pais, meus primeiros educadores; à minha "amiga-irmã" pelo exemplo de perseverança; à minha sobrinha, pela alegria e espontaneidade; ao meu amado, pelo companheirismo tão estimado;

à Professora Maria do Rosário L. Mortatti, pela capacidade admirável de desenvolver suas atividades de modo tão sério e dedicado;

aos integrantes do Gphellb – Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" –, que me auxiliaram a compreender a importância do trabalho em grupo;

à Professora Vera Teresa Valdemarin que compôs a banca examinadora de qualificação e da defesa e que contribuiu imensamente para pensar sobre a pesquisa que aqui apresento;

à Professora Márcia Cristina de Oliveira Mello que aceitou prontamente o convite para compor banca de defesa desta dissertação;

aos funcionários dos acervos e bibliotecas que consultei, pela gentileza com que me auxiliaram a localizar os documentos que precisava;

ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), pelas bolsas que me foram concedidas, sem as quais eu não teria tido condições para me dedicar exclusivamente à pesquisa de que resultou esta dissertação;

a todas essas pessoas e instituições que compreendem a importância do compartilhar para avançar.

ORIANI, Angélica Pall. *Série "Leituras Infantis" (1908-1919), de Francisco Vianna, e a história do ensino da leitura no Brasil*. 2010, 288f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

## RESUMO

Nesta dissertação, apresentam-se resultados de pesquisa de Mestrado em Educação (Bolsa CNPq – abril de 2009 a fevereiro de 2010; Bolsa Fapesp – março a dezembro de 2010), vinculada às linhas "Alfabetização" e "Ensino de língua portuguesa" do Grupo de Pesquisa e Projeto Integrado de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil", ambos coordenados por Maria do Rosário Longo Mortatti. Com o objetivo de contribuir para a produção de uma história do ensino de língua e literatura no Brasil, focalizou-se a proposta para o ensino de leitura apresentada pelo professor Francisco Furtado Mendes Vianna (1876-1935) nos livros didáticos que integram a Série "Leituras Infantis", a saber: *Cartilha: leituras infantis* [1912?]; *Primeiros passos na leitura* (1915); *Leitura preparatória* (1908); *Primeiro livro de leituras infantis*; *Segundo livro de leituras infantis*; *Terceiro livro de leituras infantis*; e *Quarto livro de leituras infantis* (Apanhados e factos hitóricos) (1919). Os livros que integram essa série foram publicados pela Livraria Francisco Alves (RJ), com sucessivas edições até pelo menos a década de 1960, tendo circulado em diferentes estados brasileiros: São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Espírito Santo, Paraná, Pará, Amazonas, Ceará, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Mediante abordagem histórica centrada em pesquisa documental e bibliográfica, desenvolvida por meio dos procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação de fontes documentais e de leitura da bibliografia especializada sobre o tema, elaborou-se um instrumento de pesquisa contendo a bibliografia *de* e *sobre* Francisco Vianna e analisou-se a configuração textual dos livros que integram essa série, que consiste em focar os diferentes aspectos constitutivos de seu sentido. Concluiu-se que nos livros que integram essa série é apresentada uma proposta de aplicação do método analítico para o ensino da leitura, relacionada com as demais propostas de aplicação desse método e sua repercussão, por pelo menos cinco décadas, entre gerações de professores e alunos do curso primário, no Brasil.

**Palavras-chave:** Francisco Vianna; Série "Leituras Infantis"; Ensino de leitura; Método analítico; Pesquisa histórica em educação.

## ABSTRACT

This work deals with the results of a Master degree dissertation research (CNPq scholarship – april 2009 to february 2010; Fapesp scholarship – march to december 2010), related to “Literacy” and “Portuguese Language” of Research Group and Research Integrated Project “History of Language and Literature Teaching in Brazil” both under the leadership of Maria do Rosário Longo Mortatti. Aiming contributing to understand an important moment of the history of reading teaching in Brazil, it focus on the proposal concerning reading teaching presented by professor Francisco Furtado Mendes Vianna (1876-1935), in the didactic books called Série "Leituras Infantis", that are: *Cartilha: leituras infantis* [1912?]; *Primeiros passos na leitura* (1915); *Leitura preparatória* (1908); *Primeiro livro de leituras infantis*; *Segundo livro de leituras infantis*; *Terceiro livro de leituras infantis*; e *Quarto livro de leituras infantis* (Apanhados e factos hitóricos) (1919). All those books were published by Livraria Francisco Alves (RJ) with successive edition until at least the 1960 and had circulated in different Brazilian state: São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Espírito Santo, Paraná, Pará, Amazonas, Ceará, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Through historical approach centred on documentary and bibliographical investigation, and by means of localizing, retrieving, assembling, selecting and ordering proceedings and reading of relevant literature, it was elaborated an instrument of research containing the bibliography of an about Francisco Vianna and those books textual configuration was analysed, that is to say, to focus on different constitutive aspects of their meanings. The conclusion is that in those books, a proposal to make concrete the analytical method for reading teaching is presented, which is related to other proposal concerning reading teaching and their repercussion for at least five decades, between teachers and students generations from primary course in Brazil.

Key-words: Francisco Vianna; Série "Leituras Infantis"; Reading teaching; Analytical method; Historical research in education.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa da 44ª. edição de <i>Primeiros passos na leitura</i> .....	109
Figura 2 – Capa da 69ª. edição de <i>Leitura preparatória</i> .....	110
Figura 3 – Capa da 50ª. edição de <i>Segundo livro de leituras infantis</i> .....	111
Figura 4 – Capa de exemplar sem edição de <i>Segundo livro de leituras infantis</i> .....	112
Figura 5 – Capa da 42ª. edição de <i>Terceiro livro de leituras infantis</i> .....	113
Figura 6 – Quarta capa da 42ª. edição de <i>Terceiro livro de leituras infantis</i> .....	120
Figura 7 – Quarta capa da 54ª. edição de <i>Cartilha: leituras infantis</i> .....	121
Figura 8 – Capa da 62ª. edição de <i>Primeiro livro de leituras infantis</i> .....	128
Figura 9 – Capa da 60ª. edição de <i>Segundo livro de leituras infantis</i> .....	129
Figura 10 – Capa da 44ª. edição de <i>Terceiro livro de leituras infantis</i> .....	130
Figura 11 – Capa da 48ª. edição de <i>Cartilha: leituras infantis</i> .....	135
Figura 12 – 1ª. lição da 48ª. edição de <i>Cartilha: leituras infantis</i> .....	138
Figura 13 – 1ª. lição da 54ª. edição de <i>Cartilha: leituras infantis</i> .....	139
Figura 14 – 15ª. lição da 48ª. edição de <i>Cartilha: leituras infantis</i> .....	140
Figura 15 - 15ª. lição da 54ª. edição de <i>Cartilha: leituras infantis</i> .....	140
Figura 16 – 8ª. lição da 44ª. edição de <i>Primeiros passos na leitura</i> .....	145
Figura 17 – Lição "A fita" da 44ª. edição de <i>Primeiros passos na leitura</i> .....	146
Figura 18 – Capa da 3ª. edição de <i>Considerações geraes sobre a aprendizagem da leitura</i> .....	151
Figura 19 – Capa da 97ª. edição de <i>Leitura preparatória</i> .....	162
Figura 20 – Lição "O papagaio logrado" da 69ª. edição de <i>Leitura preparatória</i> .....	167
Figura 21 – Lição "A engommadeira" da 2ª. edição de <i>Primeiro livro de leituras infantis</i> .....	172
Figura 22 – Capa da 2ª. edição de <i>Segundo livro de leituras infantis</i> .....	176
Figura 23 – Lição "O velho mestre" da 50ª. edição de <i>Segundo livro de leituras infantis</i> .....	183
Figura 24 – Capa da 2ª. edição de <i>Leituras Infantis</i> .....	186
Figura 25 - Lição "O nó vital" da 42ª. edição de <i>Terceiro livro de leituras infantis</i> .....	194
Figura 26 – Capa da 5ª. edição de <i>Quarto livro de leituras infantis</i> ... ..	197
Figura 27 – Lição "Aos pequenos leitores" da 5ª. edição de <i>Quarto livro de leituras infantis</i> ....	203

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Bibliografia <i>de</i> Francisco Vianna, por tipo de texto e ano de publicação, entre 1901 e 1984.....	65-66
<b>Quadro 2</b> – Ano de publicação da 1ª. edição dos livros <i>de</i> Francisco Vianna.....	76
<b>Quadro 3</b> – Número das edições localizadas dos livros de Francisco Vianna e respectivas datas da 1ª. edição e data da edição mais recente .....	77
<b>Quadro 4</b> – Bibliografia <i>sobre</i> Francisco Vianna, por tipo de texto e ano de publicação, entre 1903 e 2010.....	84-85
<b>Quadro 5</b> – Ano de publicação das edições localizadas dos livros da Série "Leituras Infantis".....	107
<b>Quadro 6</b> – Medida e quantidade de páginas dos exemplares dos livros da Série "Leituras Infantis".....	123
<b>Quadro 7</b> – Títulos alterados e títulos das lições suprimidas ou incluídas na 97ª. edição de <i>Leitura Preparatória</i> , comparativamente à 69ª. edição.....	164
<b>Quadro 8</b> – Títulos alterados e títulos das lições suprimidas ou incluídas na 62ª. edição de <i>Primeiro livro de leituras infantis</i> , comparativamente à 2ª. edição.....	170
<b>Quadro 9</b> – Títulos alterados e títulos das lições suprimidas ou incluídas na 2ª., 50ª. e 60ª. edição de <i>Segundo livro de leituras infantis</i> .....	178
<b>Quadro 10</b> –Títulos alterados e títulos das lições suprimidas ou incluídas na 42ª. edição de <i>Terceiro livro de leituras infantis</i> , comparativamente à 37ª. edição.....	188
<b>Quadro 11</b> – Títulos alterados e títulos das lições suprimidas ou incluídas na 44ª. edição de <i>Terceiro livro de leituras infantis</i> , comparativamente à 37ª. edição.....	189
<b>Quadro 12</b> – Títulos alterados e títulos das lições suprimidas ou incluídas na 2ª. edição de <i>Leituras infantis</i> , comparativamente à 37ª. edição de <i>Terceiro livro de leituras infantis</i> .....	190
<b>Quadro 13</b> – Autor e título de lições da 3ª. edição de <i>Quarto livro de leituras infantis</i> ... ..	193

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	11
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>CAPÍTULO 1 Apresentação de Francisco Vianna: professor e autor de livros didáticos...</b>	57
1.1 Aspectos da formação e atuação profissional de Francisco Vianna.....	58
1.2 Bibliografia <i>de</i> Francisco Vianna.....	63
1.3 Bibliografia <i>sobre</i> Francisco Vianna.....	82
1.3.1 Textos acadêmicos.....	87
1.3.2 Nota em periódico.....	90
1.3.3 Homenagem póstuma.....	91
1.3.4 Verbetes em dicionário.....	92
1.3.5 Textos com menção a Francisco Vianna, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus.....	93
<b>CAPÍTULO 2 Apresentação da Série "Leituras Infantis".....</b>	101
2.1 Publicação e circulação dos livros da Série "Leituras Infantis".....	102
2.1.1 A editora da Série "Leituras Infantis".....	102
2.1.2 Circulação dos livros da Série "Leituras Infantis".....	106
2.2 Aspectos gerais dos livros da Série "Leituras Infantis".....	108
2.2.1 Capa e quarta capa.....	108
2.2.2 Folha de rosto, medida dos livros e quantidade de páginas.....	122
2.2.3 Organização dos livros e das lições.....	124
2.2.4 Edição modernizada pelos filhos de Francisco Vianna.....	126
<b>CAPÍTULO 3 Apresentação das cartilhas da Série "Leituras Infantis".....</b>	132
3.1 <i>Cartilha</i> : leituras infantis.....	133
3.1.1 Diferentes edições.....	134
3.1.2 Lições e gravuras.....	137
3.1.3 Orientações aos professores.....	141
3.2 <i>Primeiros passos na leitura</i> .....	142
3.2.2 Lições e gravuras.....	144
3.2.3 Orientações aos professores.....	147
3.3 <i>Considerações gerais sobre a aprendizagem da leitura</i> .....	148
3.3.1 Orientações aos professores.....	151

<b>CAPÍTULO 4 Apresentação dos livros de leitura da Série "Leituras Infantis".....</b>	<b>159</b>
4.1 <i>Leitura preparatória</i> .....	160
4.1.1 Diferentes edições.....	161
4.1.2 Lições e gravuras.....	165
4.1.3 Orientações aos professores.....	167
4.2 <i>Primeiro livro de leituras infantis</i> .....	168
4.2.1 Diferentes edições.....	169
4.2.2 Lições e gravuras.....	171
4.2.3 Orientações aos professores.....	172
4.3 <i>Segundo livro de leituras infantis</i> .....	174
4.3.1 Diferentes edições.....	174
4.3.2 Lições e gravuras.....	181
4.3.3 Orientações aos professores.....	184
4.4 <i>Terceiro livro de leituras infantis</i> .....	185
4.4.1 Diferentes edições.....	185
4.4.2 Lições e gravuras.....	185
4.4.3 Orientações aos professores.....	195
4.5 <i>Quarto livro de leituras infantis</i> .....	196
4.5.1 Diferentes edições.....	196
4.5.2 Lições e gravuras.....	198
4.5.3 Orientações aos professores.....	204
<b>CAPÍTULO 5 Série "Leituras Infantis" e o método analítico para o ensino da leitura nas décadas iniciais do século XX.....</b>	<b>207</b>
5.1 História do ensino inicial da leitura no Brasil: principais características de seu "segundo momento crucial".....	208
5.2 Método de ensino intuitivo nas décadas finais do século XIX e iniciais do século XX.....	215
5.3 Método analítico para o ensino da leitura nos livros da Série "Leituras Infantis".....	2223
5.4 Francisco Vianna: formação, atuação profissional e produção escrita no entre séculos.....	230
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>235</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>238</b>
<b>APÊNDICE – Bibliografia de e sobre Francisco Vianna: um instrumento de pesquisa.....</b>	<b>255</b>

## **APRESENTAÇÃO**

Nesta dissertação, apresento resultados de pesquisa de Mestrado em Educação, desenvolvida junto à linha de pesquisa "Filosofia e História da Educação" do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), da Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Marília e vinculada ao Gphellb<sup>1</sup> — Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil", ao Piphellb — Projeto Integrado de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" e ao Projeto Integrado de Pesquisa Bbhellb — "Bibliografia Brasileira de história do ensino de língua e literatura no Brasil (2003-2011)"<sup>2</sup>, todos coordenados pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria do Rosário Longo Mortatti.

Como integrante do Gphellb e sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria do Rosário desenvolvi, entre março de 2009 e outubro de 2010, pesquisa de Mestrado em Educação, tendo focado a proposta para o ensino da leitura apresentada pelo professor Francisco Furtado Mendes Vianna (1876-1935) nos livros da Série "Leituras Infantis", a saber: *Cartilha: leituras infantis* [1912?]; *Primeiros passos na leitura* (1915); *Leitura preparatória* (1908); *Primeiro livro de leituras infantis* (1908); *Segundo livro de leituras infantis* (1908); *Terceiro livro de leituras infantis* (1908); e *Quarto livro de leituras infantis* (Apanhados e factos históricos) (1919).

Mediante abordagem histórica, centrada em pesquisa documental e bibliográfica, desenvolvida a partir da utilização dos procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação de fontes documentais e da bibliografia especializada, analisei a configuração textual dos livros que integram essa série, com o que pude constatar, dentre outros aspectos, sua representatividade no âmbito da história do ensino da leitura no Brasil.

Para o desenvolvimento da pesquisa documental, consultei acervos e instituições localizados nas cidades paulistas de Marília, Campinas e São Paulo, na cidade do Rio de Janeiro-RJ e Niterói-RJ. Além de acervos físicos, também consultei bases de dados de catálogos digitais e de bibliotecas universitárias disponíveis *on-line*.

Concomitantemente ao desenvolvimento da pesquisa documental e bibliográfica, nos dois semestres de 2009 e no 1º semestre de 2010, cursei oito disciplinas, vinculadas à linha de pesquisa "Filosofia e História da Educação no Brasil", do Programa de Pós-graduação em Educação da FFC-Unesp-Marília, para

---

<sup>1</sup> Cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil – CNPq; certificado pela Unesp. Informações disponíveis em: <[www.marilia.unesp.br/gphellb](http://www.marilia.unesp.br/gphellb)>.

<sup>2</sup> Projeto desenvolvido com auxílio financeiro do CNPq; vigência entre 2009 e 2011. Processo n.º 482749/2009-1.

integralização dos créditos do mestrado.

São elas: "História do ensino da leitura e escrita no Brasil", ministrada pela Profª. Drª. Maria do Rosário Longo Mortatti; "Metodologia da Pesquisa Científica: análise da configuração textual"; ministrada pela Profª. Drª. Maria do Rosário Longo Mortatti; "Literatura Infantil Brasileira"; ministrada pela Profª. Drª. Maria do Rosário Longo Mortatti; "História da Escola no Brasil", ministrada pela Drª. Ana Clara Bortoleto Nery; "Ética e educação", ministrada pelo Prof. Alonso Bezerra de Carvalho; "Filosofia da Educação", ministrada pelo Prof. Pedro Ângelo Pagni e Prof. Sinésio Ferraz Bueno; "Lições sobre Educação, Ética e Literatura", ministrada pelo Prof. Fernando Bárcena da *Universidad Complutense de Madrid*, na Espanha (professor visitante na FFC-Unesp-Marília, durante o ano de 2009); e "Escola e comunidade política", ministrada pelo Prof. José Manuel Resende da Universidade Nova de Lisboa (professor visitante na FFC-Unesp-Marília durante o ano de 2010).

Além da integralização dos créditos nas disciplinas mencionadas, apresentei resultados parciais da pesquisa em sete eventos científicos, dentre os quais, três são de abrangência nacional, três de abrangência internacional e um local. São eles: II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial, promovido pelo Núcleo de Pesquisa sobre Livro e História Editorial no Brasil, sediado na Universidade Federal Fluminense, em parceria com a Fundação Biblioteca Nacional e Academia Brasileira de Letras e realizado na cidade do Rio de Janeiro-RJ, em maio de 2009; 17º Congresso de Leitura do Brasil, promovido pela Associação de Leitura do Brasil e realizado na cidade de Campinas-SP, em julho de 2009; 7º. Congresso Internacional da Sociedade de História da Educação Latinoamericana, promovido pela Sociedade de História da Educação Latinoamericana e realizado na cidade de São Paulo-SP, em agosto de 2009; e XI Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Educação, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da FFC-Unesp-Marília, em outubro de 2009, em Marília-SP; VIII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, promovido pela Universidade Federal do Maranhão e realizado na cidade de São Luís-MA, em agosto de 2010; I Seminário Internacional sobre História do Ensino de Leitura, promovido pelo Gphellb e pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da FFC-Unesp-Marília e realizado em Marília-SP, em setembro de 2010; e VII Colóquio Nacional de Educação, promovido pela Pontifícia Universidade Católica, Campus de Belo Horizonte, em setembro de 2010.

Particpei também de sessões de orientação individuais e coletivas, com periodicidade semanal, e de atividades promovidas pelo Gphellb – Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil", como reuniões gerais, seminários de pesquisa, grupos de estudo, Cafés Histórico-culturais<sup>3</sup> e do I Encontro de Pesquisa em História da Educação na Unesp, promovido pelo Gphellb – Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” – e pelo Gepcie – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Cultura e Instituições Escolares, realizado em abril de 2010, na FFC-Unesp-Marília., os quais contribuíram, decisivamente, para o encaminhamento da pesquisa cujos resultados apresento nesta dissertação e das atividades correlatas.

\* \* \*

Considerando o exposto, organizei esta dissertação de mestrado da seguinte forma: na introdução, apresento aspectos de minha formação e de minha atuação profissional os quais me motivaram a desenvolver pesquisa histórica sobre o tema "alfabetização", assim como apresento o *corpus* documental privilegiado, o problema, a hipótese, os objetivos e os pressupostos teórico-metodológicos norteadores da pesquisa, seguidos de uma breve revisão bibliográfica das pesquisas com as quais a pesquisa aqui apresentada dialoga mais diretamente; no Capítulo 1, apresento aspectos da atuação profissional e da bibliografia *de e sobre* Francisco Vianna; no Capítulo 2, apresento a Série "Leituras Infantis"; no Capítulo 3 apresento as cartilhas da Série "Leituras Infantis"; no Capítulo 4 apresento os livros de leitura da série "Leituras Infantis"; no Capítulo 5 apresento aspectos relativos à Série "Leituras Infantis", ao método de ensino intuitivo e ao método analítico para o ensino da leitura nas décadas finais do século XIX e iniciais do século XX.

Ao final desta dissertação, apresento a relação de referências de textos citados; seguidas de um apêndice intitulado *Bibliografia de e sobre Francisco Vianna*: um instrumento de pesquisa (ORIANI, 2010a), contendo referências de textos *de* e textos *sobre* Francisco Vianna.

---

<sup>3</sup> Os Cafés Histórico-culturais são palestras, conferências e encontros organizados pela coordenadora do Gphellb, nos quais são abordados assuntos relacionados às cinco linhas de pesquisa desse grupo de pesquisa.

## **INTRODUÇÃO**

Durante a graduação em Pedagogia pela FFC na Unesp, campus de Marília, durante o 3º. ano cursei as disciplinas "Metodologia do Ensino Fundamental (séries iniciais): Alfabetização" e "Metodologia do Ensino Fundamental (séries iniciais): Língua Portuguesa", em concomitância ao início de estágio obrigatório em Escola Municipal de Ensino Fundamental (Emef), na cidade Marília-SP.

A partir do diálogo que tentava estabelecer entre os aspectos discutidos nas disciplinas e os momentos e situações de ensino que presenciava na escola, comecei a questionar alguns aspectos relativos ao tema "alfabetização", decorrente da constatação da complexidade desse processo na fase inicial de escolarização.

Os questionamentos que elaborava, ainda que não de modo sistematizado, contribuíram para que eu pudesse constatar que precisava me dedicar mais ao estudo desse tema, considerando a minha formação que me habilitava a ser professora das séries iniciais. Buscando compreender esse tema ingressei no início de 2008 no Gphellb — Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil", coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria do Rosário Longo Mortatti.

O Gphellb decorre do Programa de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Pphellb), ambos coordenados pela professora Maria do Rosário Longo Mortatti e em funcionamento desde 1994.

Desse grupo e desse programa de pesquisa, resultou o Projeto Integrado de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Piphellb), em funcionamento desde 1995, e o Projeto Integrado de Pesquisa "Bibliografia Brasileira de História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil: 2003-2011" (Bbhellb), atualmente em funcionamento, também coordenados pela professora mencionada.

O Gphellb, o Pphellb e o Piphellb estão organizados em torno de tema geral, método de investigação e objetivo geral que são comuns a todas as pesquisas de seus integrantes. O tema geral — ensino de língua e literatura no Brasil — se subdivide em cinco linhas de pesquisa: Formação de professores; Alfabetização; Ensino de língua portuguesa; Ensino de literatura; e Literatura Infantil e juvenil. O método de investigação está centrado em abordagem histórica, com análise da configuração textual de fontes documentais. O objetivo geral, por sua vez, consiste em:

[...] contribuir tanto para a produção de uma história do ensino de língua e literatura no Brasil, que auxilie na busca de soluções para os problemas desse ensino, no presente, quanto para a formação de pesquisadores capazes de desenvolver pesquisas

de fundo histórico, que permitam avanços em relação aos campos de conhecimento envolvidos. (MORTATTI, 2003, p.3).

Como integrante do Gphellb, sob a orientação dessa professora e vinculadamente à linha "Alfabetização", desenvolvi projeto de pesquisa de iniciação científica (IC)<sup>4</sup> intitulado *A abordagem histórica na produção acadêmica sobre alfabetização no Brasil (1979-2007): um instrumento de pesquisa* (ORIANI, 2008a)<sup>5</sup>, que teve como objetivo contribuir para a produção da história do ensino de língua e literatura no Brasil, enfocando, para isso, a produção acadêmica em que se aborda historicamente a alfabetização, concluída entre 1979 e 2007 em instituições brasileiras de ensino e pesquisa, e divulgada sob a forma de livros, capítulos em livros ou em coletâneas, artigos em periódicos e textos disponíveis na Internet e/ou sob a forma de trabalhos acadêmicos.

Essa pesquisa decorreu, especialmente, da apresentação elaborada por Magda Soares para o livro *Os sentidos da alfabetização: São Paulo – 1876/1994*, de Mortatti (2000a). Nessa apresentação, Soares (2000) destaca o caráter inaugural da pesquisa da autora do livro, o qual considera preencher uma "lacuna lamentável" decorrente da "absoluta ausência", até aquela data, de pesquisas que abordavam historicamente a alfabetização. A problematização desse aspecto possibilitou a delimitação de um problema de investigação, do qual resultou o projeto de pesquisa que desenvolvi com base na hipótese de que a abordagem histórica apresentada por Magnani (1997)/Mortatti (2000a)<sup>6</sup> foi precursora desse tipo de abordagem em pesquisas sobre alfabetização no Brasil desenvolvidas a partir de então.

Do desenvolvimento dessa pesquisa de IC, resultou um instrumento de pesquisa, contendo 226 referências, ordenadas em nove seções, de acordo com o veículo de publicação e a forma de divulgação<sup>7</sup>. Por meio da análise dessas referências, pude constatar que a abordagem histórica na produção acadêmico-científica sobre alfabetização no Brasil, apesar de incipiente, vem-se consolidando e sendo reconhecida

---

<sup>4</sup> Bolsa FAPESP – julho a dezembro de 2008 (Processo n.º 2008/01599-5).

<sup>5</sup> A respeito dos resultados dessa pesquisa, ver, também: Oriani (2008b).

<sup>6</sup> Trata-se da tese de livre-docência de Maria do Rosário Mortatti Magnani. A partir de 1998, a autora passa a assinar Maria do Rosário Longo Mortatti, nome que consta do livro em que foi publicada essa tese, em 2000.

<sup>7</sup> As seções e a correspondente quantidade de referências são as seguintes: livros: 29; capítulos em livros ou em coletâneas: 40; artigos em periódicos: 72; textos disponíveis na Internet: 15; teses de livre-docência e de doutorado: 13; dissertações de mestrado: 21; monografias de conclusão de curso de especialização e graduação: 17; relatórios de pesquisa e de atividades científicas: 19.

como meio de "compreender o passado para assim compreender o presente" (SOARES, 2000)<sup>8</sup>.

As leituras que realizei durante o desenvolvimento da pesquisa de IC e as constatações delas decorrentes contribuíram para confirmar minha opção por desenvolver, no mestrado, pesquisa histórica sobre o ensino inicial da leitura, em continuidade à pesquisa de iniciação científica. Por essas razões, considerei pertinente e relevante dar continuidade à pesquisa de IC e, com essa finalidade, em março de 2009, ingressei no Mestrado em Educação da FFC-Unesp-Marília, sob a orientação da professora mencionada.

A partir de pesquisa exploratória, desenvolvida mediante a utilização dos procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação da bibliografia *de e sobre* o professor Francisco Furtado Mendes Vianna (1876-1935), não localizei nenhum texto resultante de pesquisa acadêmico-científica abordando exclusivamente a atuação profissional e produção escrita de Francisco Vianna, mas, localizei textos nos quais havia menção ou citação a esse professor, seus livros didáticos ou citação de textos seus. Dentre os textos nos quais localizei menção a Francisco Vianna, destaco, especialmente, o livro *Os sentidos da alfabetização* (2000a), de Maria do Rosário Longo Mortatti, no qual estão contidas informações a respeito da atuação desse professor e dos livros didáticos de sua autoria para a história do ensino de leitura e escrita no Brasil. A partir da leitura desse livro, defini tema para a pesquisa que desenvolvi no mestrado cujos resultados apresento nesta dissertação.

Destaco, também, que mediante essa pesquisa exploratória constatei: a atuação representativa desse professor no âmbito da produção didática para o ensino da leitura por meio do método analítico; a utilização de livros didáticos de sua autoria em vários estados brasileiros, como, por exemplo, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Mato Grosso e Santa Catarina; a intensa circulação dos livros que teve publicados para além do momento histórico de publicação das primeiras edições; o reconhecimento de sua produção didática por parte de pesquisadores brasileiros; e a ausência de estudos pontuais a respeito da atuação e da produção didática desse professor, indicando o ineditismo dos resultados aqui apresentados.

---

<sup>8</sup> Destaco que continuei ampliando o instrumento de pesquisa elaborado, mediante inclusão de referências de textos localizadas, a partir de que resultou versão mais atualizada.

Após essas constatações, optei por delimitar *Cartilha: leituras infantis*, publicada pela Francisco Alves (RJ), com 1ª. edição presumivelmente em 1912<sup>9</sup> como *corpus* de pesquisa de mestrado.

Em março de 2009, encaminhei projeto de pesquisa de mestrado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), no qual propus a análise da configuração textual de *Cartilha: leituras infantis* [1912?], de Francisco Vianna.

A continuidade no desenvolvimento de pesquisa documental até o momento, permitiu ampliar instrumento de pesquisa contendo a bibliografia *de* e *sobre* esse professor, o que resultou em versão atualizada (ORIANI, 2010a) (Apêndice). Dentre as referências localizadas e reunidas nessa versão atualizada do instrumento de pesquisa, destaco os que integram a Série "Leituras Infantis", publicada pela Livraria Francisco Alves (RJ) e composta por sete livros, cujos títulos são: *Cartilha: leituras infantis* [1912?], *Primeiros passos na leitura* (1915), *Leitura preparatória* (1908); *Primeiro livro de leituras infantis* (1908); *Segundo livro de leituras infantis* (1908); *Terceiro livro de leituras infantis* (1908); e *Quarto livro de leituras infantis: apanhados e factos históricos* (1919). Destaco, também, o folheto intitulado *Considerações sobre a aprendizagem da leitura* [1912], veiculado como complemento às indicações contidas no prefácio de *Cartilha: leituras infantis*.

Considerando, portanto, a importância dessas publicações para os objetivos formulados para a pesquisa de mestrado, optei por ampliar o *corpus* definido no projeto inicial<sup>10</sup>. Destaco, também, que para a análise dos livros que integram a série de leitura utilizo as diferentes edições de um mesmo título que localizei.

O *corpus* documental privilegiado da pesquisa de mestrado cujos resultados apresento nesta dissertação ficou assim constituído:

- *Considerações geraes sobre a aprendizagem da leitura* [1912] (exemplar da 3ª. edição, de 1925);
- *Cartilha: leituras infantis* [1912?] (exemplares da 48ª. edição, de 1945 e da 54ª. edição, de 1949);

<sup>9</sup> Em relação à data de publicação da 1ª. edição da cartilha, até o momento não localizei informações precisas. Por esse motivo, nesta e nas demais menções a cartilha indico a data presumida, conforme consta no documento NBR-6023, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

<sup>10</sup> O título desta dissertação de mestrado não coincide com o título do projeto enviado à Fapesp ("O método analítico para o ensino da leitura em *Cartilha: leituras infantis* [1912?], de Francisco Vianna") porque, devido à ampliação do *corpus* documental privilegiado de pesquisa da cartilha para todos os livros que integram a Série "Leituras Infantis" foi necessário adequar o título. Destaco, porém, que já solicitei alteração do título do projeto junto a essa agência.

- *Primeiros passos na leitura* (1915) (exemplar da 44<sup>a</sup>. edição de 1958);
- *Leitura preparatória* (1908) (exemplares da 69<sup>a</sup>. edição, de 1937 e da 97<sup>a</sup>. edição, de 1960);
- *Primeiro livro de leituras infantis* (1908) (exemplares da 2<sup>a</sup>. edição, de 1909 e da 62<sup>a</sup>. edição de 1958);
- *Segundo livro de leituras infantis* (1908) (exemplares da 2<sup>a</sup>. edição, de 1909, da 50<sup>a</sup>. edição, de 1926, da 60<sup>a</sup>. edição, de 1941 e sem edição e sem data);
- *Terceiro livro de leituras infantis* (1908) (exemplares da 2<sup>a</sup>. edição, sem data; da 37<sup>a</sup>. edição, de 1928; da 42<sup>a</sup>. edição, de 1937 e da 44<sup>a</sup>. edição, de 1941); e
- *Quarto livro de leituras infantis: apanhados e factos históricos* (1919) (exemplar da 3<sup>a</sup>. edição, de 1923 e da 5<sup>a</sup>. edição, de 1928).

Em decorrência da ampliação do *corpus* da pesquisa, formulei o seguinte problema investigativo que norteia o desenvolvimento dessa pesquisa: qual é o processo de ensino da leitura apresentado por Francisco Vianna na Série "Leituras Infantis" e qual a contribuição desse professor para a história desse ensino no Brasil?

A partir desse problema, formulei as seguintes questões norteadoras da pesquisa: quem foi Francisco Vianna, qual sua formação e atuação profissional? Com que propósitos foram escritos os livros que integram a Série "Leituras Infantis" e o folheto? A quem se destinavam? Como e o que se propunha nesses livros para o ensino da leitura pelo método analítico? Em que contexto histórico-educacional foram publicados e utilizados? Com quais outros livros de leitura dialogam? Qual a repercussão dessa série de livros no ensino da leitura no Brasil?

Formulei também a hipótese que conduziu as reflexões ao longo do desenvolvimento da pesquisa: na Série "Leituras Infantis", é apresentado um processo para o ensino da leitura que se inicia com duas cartilhas, nas quais o autor "concretiza" sua proposta de aplicação do método analítico, com a finalidade de ensinar a leitura como "decifração" e que tem continuidade com cinco livros de leitura, nos quais a finalidade é ensinar a "leitura corrente".

Como objetivos para a pesquisa de que resultou esta dissertação de mestrado, defini os seguintes:

- Contribuir para a produção de uma história do ensino de língua e literatura no Brasil;
- contribuir para a compreensão de um importante momento da história do ensino de leitura e escrita no Brasil;
- elaborar um instrumento de pesquisa contendo a bibliografia *de e sobre* Francisco Vianna;
- analisar a configuração textual dos livros que integram a Série "Leituras Infantis" de Francisco Vianna; e
- contribuir para o desenvolvimento de pesquisas correlatas.

Essa pesquisa contribui também para aprofundar a compreensão sobre o método analítico para o ensino da leitura proposto por Francisco Vianna e concretizado na Série "Leituras Infantis", sua importância para a história do ensino de leitura no Brasil e sua atuação no âmbito do "segundo momento crucial" da história da alfabetização no Brasil, conforme proposto por Mortatti (2000a), e para sugerir temas de investigação e abreviar etapas do trabalho de pesquisadores interessados em compreender aspectos ainda pouco explorados da história desse ensino no Brasil.

\* \* \*

Como um tipo de pesquisa mais recente no Brasil se comparado às demais, a abordagem histórica do ensino inicial da leitura e da escrita vem ganhando espaço e prestígio, à medida que acompanha crescimento da pesquisa histórica em educação, campo com o qual dialoga diretamente, oferecendo possibilidades investigativas aos pesquisadores nele inseridos<sup>11</sup>.

Apesar de recente no que se refere ao desenvolvimento e à divulgação de resultados no âmbito da pesquisa brasileira, há algumas décadas Pfromm Neto, Rosamilha e Dib (1974) enfatizaram a importância e a necessidade de serem desenvolvidas pesquisas históricas sobre o ensino inicial da leitura, as quais foram

---

<sup>11</sup> Informo que iniciei a elaboração das sínteses dos textos que apresento nesta Introdução como revisão bibliográfica das pesquisas históricas sobre alfabetização durante a pesquisa de IC (Bolsa Fapesp) que mencionei acima, tendo durante a pesquisa de mestrado ampliado essa relação de sínteses. Além desse aspecto, destaco, também, que se trata de padrão para os integrantes do Gphellb apresentar revisão bibliográfica contendo sínteses das pesquisas desenvolvidas no âmbito desse grupo de pesquisa, especialmente da linha de pesquisa a qual a pesquisa se vincula e, portanto, a revisão bibliográfica com as sínteses que apresento nesta Introdução também já foi elaborada por outros integrantes do Gphellb.

acolhidas, retomadas e reiteradas por Soares (1989), Soares e Maciel (2000), Espósito (1992)<sup>12</sup> e Mortatti (2003) e problematizada por Oriani (2009).

Em *O livro na educação*, Pfromm Neto, Rosamilha e Dib (1974) têm como objetivo iniciar o processo de construção do conhecimento sobre os livros utilizados e destinados às escolas brasileiras, para o ensino da matemática, de ciências, de estudos sociais e de comunicação e expressão. Mediante as informações reunidas e os aspectos abordados nesse livro, são fornecidas diversas possibilidades investigativas sobre a literatura didática brasileira.

Na quinta parte do livro, a qual se refere ao conteúdo de comunicação e expressão, especificamente no capítulo 12, intitulado "Cartilhas, gramáticas, livros de texto", são apresentadas as principais cartilhas, séries graduadas e livros de leitura destinados ao ensino da leitura e da gramática nas escolas brasileiras e utilizados por professores e alunos desde o século XV, até a década de 1920. A partir do conjunto de informações reunidas sobre o tema, os autores concluem que as informações disponíveis a respeito das origens e do desenvolvimento dessa literatura didática brasileira, em especial dos livros destinados ao ensino da leitura e escrita — incluindo as cartilhas de alfabetização — eram pouco sistematizadas, bastante difusas e poucas em aspectos quantitativos, até 1974, ano de publicação do livro.

Respectivamente, mais de uma década e meia e duas décadas depois, nas publicações *Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento*, de Soares (1989), e *Alfabetização*, de Soares e Maciel (2000), são apresentados resultados de pesquisas do tipo "estado da arte", abrangendo a produção acadêmica e científica sobre alfabetização no Brasil. Na primeira, são apresentados inventário e análise de teses, dissertações e artigos de periódicos, produzidos, por brasileiros, no período compreendido entre 1954 e 1986; em continuidade a essa, na segunda publicação, foram incluídos dados relativos aos três anos seguintes, mas foi excluída a produção acadêmica sob a forma de artigos, contemplando-se, portanto, apenas as teses e dissertações produzidas no período entre 1961 e 1989.

Os resultados apresentados nessas duas publicações permitem constatar que, na última década abrangida pelas duas pesquisas, intensificaram-se em nosso país as pesquisas e os estudos sobre alfabetização. Soares e Maciel (2000), porém,

---

<sup>12</sup> Apesar de as constatações de Espósito (1992) não se referirem especificamente às pesquisas históricas sobre alfabetização, optei por incluir síntese desse artigo, por tê-lo considerado importante contribuição para um balanço das pesquisas sobre alfabetização cujos resultados eram publicados e veiculados no Brasil, no momento de desenvolvimento de sua pesquisa.

identificaram apenas uma pesquisa que consideraram abordar historicamente a alfabetização. Trata-se da dissertação de mestrado de Mary Júlia Dietzch (1979), intitulada *Alfabetização – propostas e problemas para uma análise do seu discurso*, na qual são analisadas as oito cartilhas mais utilizadas na cidade de São Paulo entre 1930 e 1970<sup>13</sup>.

As conclusões de Dietzch se referem principalmente à impossibilidade de se desprender a análise do discurso, que considera impessoal caracterizado principalmente pelo uso da "não-pessoa" e a correlação "desobjetividade" estabelecida entre o "eu" e o "tu", que estrutura enunciados interpretativos e dos métodos de alfabetização do momento histórico correspondente e constata, também, que nas cartilhas analisadas, as mudanças ocorridas são mais observáveis e preponderantes nos aspectos gráficos, do que em relação ao conteúdo didático que veiculam.

Soares e Maciel (2000) constatam que as condições históricas propiciaram a multiplicidade de enfoques no estudo da alfabetização, assim como a ampliação quantitativa e qualitativa da produção acadêmica e científica sobre o tema. À medida que a complexidade do fenômeno alfabetização foi sendo observada em suas múltiplas possibilidades de investigação, "[...] estudiosos e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento passaram a dedicar-se à análise e investigação desse fenômeno." (SOARES; MACIEL, 2000, p. 7).

A fim de contemplar essa multiplicidade de enfoques, Soares e Maciel (2000) classificaram a produção acadêmica sobre alfabetização no Brasil de acordo com áreas de investigação, períodos, temas e abordagens predominantes, buscando "[...] identificar, ao longo do período, a predominância ora de uma, ora de outro tema, referencial teórico, ideário pedagógico ou tipo de abordagem do fenômeno da alfabetização." (SOARES; MACIEL, 2000, p.13).

Em "Alfabetização em revista: uma leitura", Espósito (1992) apresenta resultados de análise dos artigos publicados no periódico *Cadernos de Pesquisa*, da Fundação Carlos Chagas (SP) sobre o tema alfabetização, entre as décadas de 1970 e 1990<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> As cartilhas analisadas na pesquisa desenvolvida por Dietzsch são: *Cartilha da Infância*, de Thomaz Galhardo; *Nova cartilha analítico-sintética* e *Cartilha ensino rápido da leitura*, de Mariano de Oliveira; *Cartilha do povo: para ensinar a ler rapidamente*, de Lourenço Filho; *Cartilha Sodré*, de Benedicta S. Sodré; *Caminho suave*, de Branca Alves de Lima; *Onde está o patinho?*, de Cecília B. dos Reis; e *No reino da alegria*, de Doracy de P. F. de Almeida.

<sup>14</sup> Os artigos analisados por Espósito não se referem apenas à produção brasileira sobre alfabetização, pois o objetivo da pesquisa de que resultou seu artigo foi analisar criticamente os artigos publicados no

A partir dessa análise, a autora destaca que os artigos publicados nesse periódico, na década de 1970, indicavam a necessidade dos pesquisadores em compreender a alfabetização, considerando, para isso, a articulação entre a psicologia e a pedagogia. Ainda de acordo com a autora do artigo mencionado, a partir da metade da década de 1970 e início da década de 1980, a alfabetização passa a ser analisada a partir de uma vertente mais sociológica, utilizada pelos pesquisadores interessados em compreender os mecanismos sociais e culturais que, de modo articulado, poderiam explicar as possíveis causas do fracasso escolar em alfabetização, no Brasil. E, ao final da década de 1980, sobressaem os artigos cuja base teórica estava fundamentada em teorias linguísticas, psicológicas e psicolinguísticas. A segunda metade da década de 1980 e o início de 1990 são, conforme Espósito (1992), momentos de diversidade de enfoques e abordagens nos artigos sobre alfabetização veiculados no periódico em questão.

Espósito (1992) conclui o artigo indagando a respeito das possibilidades de serem articuladas, em uma "teoria coerente", as diferentes abordagens ou facetas a partir das quais a alfabetização vinha sendo analisada e retoma os questionamentos e propostas de Soares (1985) sobre a articulação das diferentes perspectivas na pesquisa em alfabetização, a fim de que se "[...] concilie resultados aparentemente incompatíveis, que articule análises provenientes de diferentes áreas de conhecimento, que integre estruturadamente estudos sobre cada um dos componentes do processo." (ESPÓSITO, 1992, p. 20).

Constatações semelhantes a respeito da escassez de pesquisas históricas sobre alfabetização encontram-se também no documento *Ensino de língua e literatura no Brasil: repertório documental republicano*<sup>15</sup>, de Mortatti (2003), resultante das atividades do Projeto Integrado de Pesquisa "Ensino de Língua e Literatura no Brasil: repertório documental republicano"<sup>16</sup>.

Nesse documento, encontram-se reunidas 2025 referências de textos produzidos por brasileiros até 2002, relativamente às cinco linhas de pesquisa do Gphellb e do

---

periódico sobre o tema, sendo, portanto incluídos em sua análise artigos de autores estrangeiros, que foram publicados no periódico.

<sup>15</sup> Esse documento resulta das atividades do Projeto Integrado de Pesquisa "Ensino de língua e literatura no Brasil: repertório documental republicano", desenvolvido sob a coordenação de Maria do Rosário Longo Mortatti, entre 1999 e 2003, tendo obtido apoio e auxílio CNPq e auxílio FAPESP.

<sup>16</sup> Esse projeto foi coordenado por Maria do Rosário Longo Mortatti e foi desenvolvido entre 1999 e 2003, com apoio e auxílio financeiro do CNPq e com auxílio FAPESP. Em continuidade às atividades desse projeto foi elaborado o projeto Bbhellb, desenvolvido com apoio financeiro do CNPq, já mencionado na Introdução deste texto.

Piphellb. Desse total, 560 — o maior número — se refere à linha "Alfabetização", as quais estão assim distribuídas: 103 referências de livros; 25, de capítulos de livros; 167, de artigos em periódicos; 7, de números de periódicos; 138, de dissertações e teses; 34, de publicações institucionais; 78, de cartilhas; e 8, de obras de referência.

Reiterando as considerações de Soares (1989) e Soares e Maciel (2000), Mortatti (2003) conclui que, apesar das pesquisas sobre alfabetização estarem se intensificando no Brasil, as pesquisas com abordagem histórica sobre esse tema ainda eram poucas, até 2003.

Com constatações semelhantes às de Soares (1989), Soares; Maciel (2000) e Mortatti (2003), conforme mencionei na Introdução deste texto, mas abrangendo a produção acadêmico-científica publicada ou publicizada entre 1979 e 2007, na pesquisa *Abordagem histórica na produção acadêmico-científica brasileira sobre alfabetização (1979-2007)*: um instrumento de pesquisa (ORIANI, 2008a), reuni referências de textos sobre história da alfabetização, as quais localizei a partir de intensa busca em acervos físicos, banco de teses, banco de dados de bibliotecas universitárias disponíveis *on-line* e *sites* de grupos de pesquisa. Mediante análise preliminar dessas referências, apresentei os seguintes resultados:

- observa-se certo aumento na quantidade de textos com abordagem histórica da alfabetização, produzidos a partir de 1997;
- principalmente a partir de 2000, observa-se um aumento acentuado na produção acadêmica sobre o tema, com predomínio de textos publicizados, ou seja, impressos e disponíveis em formato encadernado em espiral ou em capa dura, ou digitalizados e disponíveis na Internet, como, por exemplo, dissertações e teses, as quais se encontram em *sites* de programas de pós-graduação e de bibliotecas ou em banco de teses *on-line*;
- é na região Sudeste do país que se situam predominantemente tanto as instituições nas quais as pesquisas foram desenvolvidas quanto as editoras ou instituições responsáveis pela publicação dos livros e de periódicos;
- alguns grupos ou núcleos de pesquisas mais atuantes no desenvolvimento de pesquisas com abordagem histórica sobre alfabetização estão sediados em instituições da região Sudeste, com destaque para: o Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (GPHELLB), sediado na Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP – Campus de Marília; e o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE), órgão complementar da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais;
- há também na região Sul do país um número significativo de pesquisas, grupos e núcleos de pesquisa, editoras e instituições responsáveis por publicação de periódicos;
- pesquisas que, atualmente, podem ser consideradas como abordagem histórica sobre alfabetização e que foram concluídas antes da defesa da tese de livre-docência de Magnani (1997) e/ou de sua

publicação em livro (MORTATTI, 2000) não eram propostas sistematicamente como "históricas" pelos seus autores, aspecto que se altera nas pesquisas desse tipo e sobre esse tema divulgadas após 1997 e, principalmente, a partir de 2000. (ORIANI, 2008a, p. 14-15)

Além dessas constatações, destaquei também dois outros aspectos decorrentes da análise preliminar das referências que reuni:

- apesar do aumento do número de pesquisas com abordagem histórica na produção acadêmica no Brasil, tendência que se verifica especialmente nos últimos anos, essas pesquisas ainda são escassas; e
- a publicação do livro de Mortatti (2000) — por uma editora universitária de grande reconhecimento no mercado editorial brasileiro — propiciou maior divulgação da abordagem histórica utilizada pela autora, cujo caráter inaugural, apontado por Soares (2000), contribuiu, principalmente, para suscitar e oferecer possibilidades investigativas aos que se interessaram pela abordagem histórica da alfabetização; suas influências podem ser sentidas, principalmente, na formação de novos pesquisadores interessados na temática, utilizando para isso, uma "nova" abordagem na produção acadêmica sobre alfabetização desenvolvida e veiculada, no Brasil, daquele momento em diante. (ORIANI, 2008a, p. 15).

Em que pesem as constatações acima destacadas e os encaminhamentos delas decorrentes, localizei pesquisas cujos resultados dialogam mais diretamente com a pesquisa que desenvolvi as quais passo a apresentar, com um caráter de breve revisão bibliográfica sobre o tema contendo sínteses das pesquisas que considerei mais representativa das que têm sido desenvolvidas sobre o tema no Brasil.

Dentre essas pesquisas, destaco as desenvolvidas, desde o ano de 1997, no âmbito do Gphellb, com o objetivo geral, comum a todas as pesquisas, de contribuir para a produção de uma história do ensino de língua e literatura no Brasil e para o qual são utilizados procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais, dentre os quais há: cartilhas, livros de leitura, documentos oficiais e manuais para o ensino da leitura e escrita, que circularam em diferentes estados do Brasil, desde o final do século XIX até os dias atuais. Tratam-se de: Mortatti (2000a; 2000b; 2004; 2007; 2008a; 2008b); Bertoletti (2006); Mello (2007a); Amâncio (2008; 2002; 2005); Ribeiro (2001); Bernardes (2003); Gazoli (2007; 2010); Sobral (2007); Santos (2008); Messenberg (2008); Pereira (2009) e Pasquim (2010)<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> Todas essas pesquisas foram desenvolvidas sob orientação da professora Maria do Rosário Longo Mortatti, e vinculadamente ao Gphellb e ao Piphellb.

No livro *Os sentidos da alfabetização: São Paulo/1876-1994*, Mortatti (2000a)<sup>18</sup> apresenta resultados de pesquisa histórica sobre o ensino de leitura e escrita em São Paulo, no período de 1876 a 1994. A autora classificou o farto conjunto de documentos reunidos em "tematizações", "normalizações" e "concretizações"<sup>19</sup> sobre esse ensino e elegeu quatro momentos que considera cruciais na história da alfabetização em São Paulo, no período mencionado, enfocando a questão dos métodos de alfabetização. Esses quatro momentos são assim caracterizados pela autora:

- *primeiro momento* — "Metodização do ensino da leitura" – 1876 a 1890: caracteriza-se pela disputa entre os defensores do "método João de Deus"<sup>20</sup> e os dos métodos sintéticos: alfabético, fônico e silábico. O "método João de Deus", baseado na palavração e contido em *Cartilha maternal ou Arte da leitura* (1876), escrita pelo poeta português João de Deus, foi divulgado no Brasil, a partir de 1880, por Antonio da Silva Jardim, positivista militante e professor de Português na Escola Normal de São Paulo;

- *segundo momento* — "Institucionalização do método analítico" – 1890 a meados dos anos 1920: caracteriza-se pela disputa entre os defensores do método analítico em oposição aos dos "tradicionais" métodos sintéticos para o ensino da leitura. As discussões em torno dos métodos de alfabetização, nesse momento, envolviam, também, disputas entre os "modernos" e os "mais modernos" defensores do método analítico sobre o modo por meio do qual se deveria processar o método: a palavração, a silabação ou a "historieta";

- *terceiro momento* — "Alfabetização sob medida" – meados de 1920 ao final de 1970: caracteriza-se pela disputa entre os defensores do método misto (analítico-sintético ou vice-versa) e os defensores do método analítico, mas com "[...] diluição gradativa do tom de combate dos momentos anteriores [...]" (MORTATTI, 2000a, p. 26, grifos da autora). A partir das idéias de M. B. Lourenço Filho, contidas em *Testes ABC* – para

<sup>18</sup> Esse livro resulta da tese de livre-docência da autora (MAGNANI, 1997a). A pesquisa de Mortatti (2000a) é considerada "matriz teórica" a partir da qual escolhi o tema para a pesquisa cujos resultados apresento nesta dissertação de mestrado.

<sup>19</sup> Quanto aos termos "tematização", "normalização" e "concretização", utilizo-os de acordo com o sentido proposto por Mortatti (2000a). Quando da categorização das fontes documentais que localizou, reuniu e analisou, essa autora considerou os documentos de acordo com "[...] o conteúdo, finalidade e forma de veiculação [...]", tendo os classificados como: "[...] a) tematizações – contidas especialmente em artigos, conferências, relatos de experiência, memórias livros teóricos e de divulgação, teses acadêmicas, prefácios e instruções de cartilhas e livros de leitura; b) normalizações – contidas em legislação de ensino (leis, decretos, regulamentos, portarias, programas e similares); e c) concretizações – contidas em cartilhas e livros de leitura, 'guias do professor', memórias, relatos de experiências e material produzido por professores e alunos no decorrer das atividades didático-pedagógicas." (MORTATTI, 2000a, p. 29)

<sup>20</sup> Segundo Mortatti (2000a), João de Deus de Nogueira Ramos (1830-1896) foi um poeta português, cuja proposta para o ensino da leitura se "concretizou" em *Cartilha maternal*. A respeito desse autor e dessa cartilha, ver, especialmente, Mortatti (2000a).

verificação necessária ao aprendizado da leitura e escrita (1934) "[...] vão conquistando hegemonia as práticas de medida do nível de maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita e de classificação dos alfabetizandos [...]" a partir das quais " [...] a importância do método é sistematicamente relativizada e considerada tradicional." (MORTATTI, 2000, p. 26).

- *quarto momento* — "Construtivismo e a desmetodização" – início da década de 1980 a 1994: caracteriza-se pela disputa entre os defensores da "revolução conceitual" proposta por Emília Ferreiro "[...] de que resulta o chamado *construtivismo* [...]" e os defensores dos "[...] *tradicionalis métodos* (sobretudo o misto), das *tradicionalis cartilhas* e do *tradicional diagnóstico do nível de maturidade com fins de classificação dos alfabetizandos*." (MORTATTI, 2000a, p. 26-27, grifos da autora).

Mortatti (2000a, p. 23,) conclui que, ao longo dessa história:

[...] pode-se observar a recorrência discursiva da mudança, marcada pela tensão constante entre modernos e antigos — ou entre mais modernos e modernos —, no âmbito de disputas de hegemonia de projetos políticos, educacionais e pedagógicos. Para esses sujeitos a mudança exige uma operação de diferenciação qualitativa, mediante a reconstituição sintética de seu passado (e, em particular, de seu passado recente, sentido como presente, porque operante no nível das concretizações), a fim de homogeneizá-lo e esvaziá-lo de qualidades e diferenças, identificando-o como portador do antigo — indesejável, decadente, obstáculo ao progresso —, buscando-se definir o novo — melhor e mais desejável — ora contra, ora independente em relação ao antigo, mas sempre a partir dele.

No artigo intitulado "Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular", Mortatti (2000b) problematiza a relação entre cartilhas de alfabetização e cultura escolar na história da alfabetização no Brasil. A autora informa que, a partir da última década do século XIX, iniciou-se no país o processo de escolarização das práticas de leitura e escrita e que os métodos de alfabetização, baseando-se ora em processos de marcha sintética (soletração, fônico e silabação), ora baseando-se em processos de marcha analítica (palavração, sentencição e "historieta") tiveram nas cartilhas seu principal meio de "concretização" e de perpetuação. A autora conclui questionando o fato de a cartilha ser ou não um "mal necessário", e questionando, também, quais seriam as outras concepções, práticas, conteúdos, finalidades da alfabetização, que possibilitem ruptura com o "pacto secular" da utilização das cartilhas de alfabetização.

No livro *Educação e letramento*, Mortatti (2004) apresenta importantes considerações sobre a relação entre "educação" e "letramento". Especialmente, no

capítulo 2 e no capítulo 3 desse livro, essa autora apresenta os diferentes sentidos que as palavras: "analfabeto", "analfabetismo", "alfabetização", "alfabetizar", "alfabetizado", "alfabetismo", "letramento", "letrado" e "iletrado" tiveram desde o período colonial até os dias atuais. As considerações dessa autora são de que:

Na longa duração histórica aqui abordada, puderam-se constatar relações de semelhanças e diferenças entre os sentidos atribuídos às palavras "analfabeto", "analfabetismo", "alfabetizar", "alfabetização", "alfabetizado", "alfabetismo", "letramento", "letrado" e "iletrado". Tais sentidos resultaram de diferentes concepções, usos e finalidades (das antigas às modernas e contemporâneas) da leitura e da escrita — e os determinaram —, em estreita relação com as mudanças ocorridas nos processos de educação (escolar), nas relações entre cultura oral e cultura escrita e no contexto político, social e cultural do país. (MORTATTI, 2004, p. 118).

No artigo intitulado "Letrar é preciso, alfabetizar não basta...mais?", Mortatti (2007) tem como objetivo dar continuidade às questões apresentadas em *Os sentidos da alfabetização* (MORTATTI, 2000a) e em *Educação e letramento* (MORTATTI, 2004), por meio de problematizações a respeito do termo "letramento", cuja introdução no Brasil se deu em meados da década de 1980 e sua relação com as perspectivas teóricas em circulação no "quarto momento crucial" na história da alfabetização, conforme proposto por essa autora, a saber: construtivista; e interacionista, desenvolvida pelos pesquisadores brasileiros João Wanderley Geraldi<sup>21</sup> e Ana Luiza Smolka<sup>22</sup>. Mortatti (2004) considera que, "Talvez a maior contribuição da introdução do termo/conceito 'letramento' no Brasil seja a rerepresentar sobre novas bases e nestas específicas condições histórico-sociais" (MORTATTI, 2007, p. 167) outras propostas de reflexão sobre antigas perguntas: "O que é ensinar? A quem compete esse ensino? Onde deve/pode ser realizado? A quem se destina? Ensinar a ler e escrever o quê? Como? Por quê? Para quê?" (MORTATTI, 2007, p. 167).

<sup>21</sup> Segundo Paula (2010), João Wanderley Geraldi (1946- ) "[...] ficou conhecido tanto em âmbito nacional quanto internacional, da década de 1980 até os dias atuais, pela sua atuação no ensino de língua portuguesa em nosso país, especialmente pelos professores de língua portuguesa." (PAULA, 2010, p. 41). A respeito da proposta desse professor para o ensino de língua portuguesa e das "ideias linguísticas constitutivas de seu pensamento" (PAULA, 2010), ver, especialmente Paula (2004; 2010).

<sup>22</sup> Segundo informações localizadas Currículo *Vitae* da Plataforma *Lattes*, Ana Luiza Smolka graduou-se em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1972). Obteve título de mestre em Educação, no ano de 1978, pela *University of Arizona* e doutorou-se, também em Educação, no ano de 1987, pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente, atua como professora assistente doutora no Departamento de Psicologia Educacional, na Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Informações disponíveis em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=B6245>>.

No artigo intitulado "A 'querela dos métodos' de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate", Mortatti (2008a) tem como objetivo contribuir para o debate sobre os métodos de alfabetização no Brasil — com destaque para os ocorridos neste "quarto momento" que a autora considera crucial — por meio da análise da configuração textual do livro *Alfabetização: método fônico* (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2003, apud MORTATTI, 2008a). Baseando-se em resultados de pesquisa documental, a pesquisadora conclui que:

[...] o método fônico hoje reapresentado como novo e principalmente os argumentos em sua defesa já mostraram ser ineficazes há mais de um século, no Brasil. Por isso, a atual discussão sobre métodos de alfabetização, provocada pela apresentação da proposta dos autores do livro em questão, vem gerando conclusões equivocadas, com muitos outros prejuízos para o aprendizado de nossas crianças e para a sociedade brasileira. Principalmente porque não se pode aceitar que, de modo isolado e com objetivos salvacionistas, um método possa resolver os problemas da alfabetização, nem que devamos ressuscitar um ou outro deles. (MORTATTI, 2008a, p.110).

No artigo/ensaio intitulado "Notas para uma história da formação do alfabetizador no Brasil", Mortatti (2008b) tem como objetivo contribuir para a compreensão da história da formação dos professores no Brasil por meio da apresentação dos diferentes sentidos que a alfabetização teve desde o final do século XIX até os dias atuais. Dentre as importantes considerações feitas por essa autora, optei por destacar aquelas que se referem, mais diretamente, à função e aos significados atribuídos às cartilhas de alfabetização quando do "segundo e terceiro momentos cruciais" na história da alfabetização no Brasil.

[...] dadas as constantes dificuldades dos professores em aprender (se convencer) e aplicar adequadamente as novas (para cada momento histórico) propostas para o ensino inicial da leitura e escrita, para a configuração desse modelo se forma aperfeiçoando e consolidando certos *recursos-pedagógicos*, em especial as cartilhas de alfabetização — um tipo de livro didático em que se encontra concretizado determinado método de alfabetização, assim como o conteúdo a ser ensinado e os passos ordenados para esse fim — e, a partir sobretudo da década de 1930, os manuais de ensino destinados aos cursos de formação de professores, ou seja, um tipo de livro didático em que se busca divulgar, de forma didática e condensada, os saberes (conteúdos e métodos) necessários ao professor primário, que deve também ensinar a ler escrever. Mais que um instrumento de concretização de determinado método ou de divulgação de determinados saberes didático-pedagógicos, as cartilhas e os manuais de ensino se tornaram substitutivo do trabalho de professores e alunos e um imprescindível recurso a garantir a execução eficiente e eficaz, por parte dos

professores, das propostas oficiais em cada momento histórico [...] (MORTATTI, 2008b, p. 474-475, grifo da autora).

No livro *Lourenço Filho e a alfabetização: um estudo de Cartilha do Povo e da cartilha Upa, cavalinho!*, Bertolletti (2006)<sup>23</sup> apresenta resultados de pesquisa de mestrado com o objetivo específico compreender o projeto de alfabetização proposto por Manoel Bergström Lourenço Filho<sup>24</sup>. A partir da análise da configuração textual de *Cartilha do povo - para ler rapidamente* (1928) e *Upa, cavalinho!* (1957), ambas publicadas pela Editora Melhoramentos de São Paulo, a autora conclui que as duas cartilhas contêm sínteses de teorias científicas sistematizadas e propostas por Lourenço Filho para o ensino e aprendizagem da leitura e escrita, ao mesmo tempo em que são representativas de sua produção didática, e que essas propostas permaneceram ao longo do tempo, com influências que são sentidas até os dias atuais.

No livro *Emilia Ferreiro e a alfabetização no Brasil: um estudo sobre a Psicogênese da língua escrita*, Mello (2007)<sup>25</sup> apresenta resultados de pesquisa de mestrado com o objetivo específico de compreender o pensamento de Emília Ferreiro sobre a alfabetização. Mediante análise a configuração textual do livro *Psicogênese da língua escrita*, de Emilia Ferreiro<sup>26</sup> e Ana Teberosky<sup>27</sup>, cuja tradução foi publicada, no Brasil, no ano de 1985, a autora conclui que as características desse livro permitem considerá-lo como "[...] um marco do pensamento construtivista de Emilia Ferreiro sobre alfabetização." (MELLO, 2007a, p. 19), e que a "matriz invariante" (MELLO, 2007a) do pensamento de Emília Ferreiro encontra-se nesse livro.

---

<sup>23</sup> Esse livro resulta da dissertação de mestrado da autora defendida em 1997.

<sup>24</sup> Segundo Mortatti (2000a), Manoel Bergström Lourenço Filho (1897-1970) diplomou-se pela Escola Normal de Pirassununga no ano de 1914, tendo atuado como professor e diretor em diversas escolas primárias e normais e ocupado diversos cargos administrativos relativos à educação, em diversos estados brasileiros. Além dos cargos que ocupou, também teve publicados livros didáticos para o ensino da leitura e sobre o ensino da leitura. Segundo Mortatti (2000), Lourenço Filho "[...] foi autor de mais de duas centenas de textos [...]" (p.146), "[...] uma das figuras de maior destaque no cenário educacional brasileiro" (p. 142) e sua atuação pode ser considerada como fundadora de uma tradição – a "alfabetização sob medida" (MORTATTI, 1997). A respeito da formação, atuação profissional, das cartilhas que esse autor publicou e de sua produção no âmbito da literatura infantil, ver, especialmente Mortatti (1997b; 2000a) e Bertolletti (2006).

<sup>25</sup> Esse livro resulta da dissertação de mestrado da autora defendida em 2003.

<sup>26</sup> Segundo Mello (2007) Emília Ferreiro (1937- ) é psicóloga argentina, que vive atualmente no México. Foi orientanda de Jean Piaget, tendo escrito diversos livros, os quais foram publicados em diferentes países "tematizando" as formas a partir das quais as crianças "constroem" suas hipóteses sobre a língua escrita. A respeito do pensamento construtivista de Emília Ferreiro sobre a alfabetização, ver, especialmente, Mello (2007).

<sup>27</sup> Segundo Mello (2007a), Ana Teberosky é psicóloga e atua como professora em instituição de ensino e pesquisa na cidade espanhola de Barcelona. Foi colaboradora nos estudos e pesquisas de Emilia Ferreiro, dentre os quais destaca *Psicogênese da língua escrita*, traduzido para o português e publicado no Brasil, em 1985.

No livro *Ensino de leitura e grupos escolares: Mato Grosso 1910-1930*, Amâncio (2008)<sup>28</sup> apresenta resultados de pesquisa de doutorado com o objetivo específico de contribuir para a compreensão do passado e do presente da alfabetização no estado do Mato Grosso. A autora analisou a configuração textual de dois documentos que considerou emblemáticos do processo de oficialização e institucionalização do método analítico para o ensino da leitura nesse estado: o *Relatório da Escola Normal do Estado do Mato Grosso e Modelo Anexa* (1911), elaborado pelo professor paulista Leowigildo Martins de Mello<sup>29</sup>, e a *Ata do Conselho Superior da Instrução Pública*, de 21 e 28 de agosto de 1915. A autora concluiu que o discurso institucional sobre alfabetização no estado do Mato Grosso produziu-se a partir da atuação de professores paulistas incumbidos de reorganizarem a escola primária naquele estado, a partir de 1910.

No texto "Métodos de ensino da leitura em Mato Grosso no início do século XX: uma contribuição para a história"<sup>30</sup>, Amâncio (2002) tem como objetivo compreender a história da alfabetização no estado do Mato Grosso, nas primeiras décadas do século XX, com destaque para as relações que os governantes desse estado estabeleceram com os de São Paulo, como, por exemplo, a contratação de professores paulistas para a reorganização do ensino nesse estado. Mediante análise de fontes documentais relativas a relatórios, programas de ensino e documentos oficiais, essa autora conclui que nas décadas iniciais do século XX, no estado do Mato Grosso, as orientações oficiais sobre o ensino da leitura e da escrita não são tão "evidentes" e esse processo não se apresenta de modo linear, com tendência à gradativa introdução, consolidação e estabilidade da adoção de um método de ensino, mas, segundo Amâncio (2008, p. 15), há "[...] longos períodos de aparente silêncio [sobre esse aspecto] nas iniciativas oficiais".

No texto "Ensino de leitura e escrita em Mato Grosso: aspectos de uma trajetória (séculos XVIII e XIX)", Amâncio (2005) tem como objetivo "[...] apresentar alguns aspectos da história da alfabetização em Mato Grosso, abordando os métodos adotados, as cartilhas usadas e as condições de ensino de leitura e de escrita na escola

---

<sup>28</sup> Esse livro resulta da tese de doutorado da autora, defendida em 2000.

<sup>29</sup> Segundo Amâncio (2008), Leowigildo Martins de Mello diplomou-se pela Escola Normal de São Paulo, tendo sido enviado para o estado de Mato Grosso, nas décadas iniciais do século XX para implementar a reforma nesse estado (AMÂNCIO, 2008). A respeito da atuação desse professor como reformador do ensino nesse estado, ver, especialmente, Amâncio (2008).

<sup>30</sup> Esse texto de Amâncio e o que sintetizei a seguir contém resultados de pesquisa desenvolvida no âmbito do Gphellb entre 1996 e 2000.

pública mato-grossense [...]" (AMÂNCIO, 2005, p. 1). Por meio da localização, recuperação, reunião, seleção e análise de documentos oficiais, eleitos como fontes documentais, essa autora discutiu as relações que se estabelecem entre as prescrições de políticas oficiais e o ensino da leitura e da escrita nas escolas de Mato Grosso, tendo concluído que nesse estado não houve polêmicas ou discussões sobre a utilização ou adoção oficial de um método para esse ensino. Outro aspecto destacado pela autora é que, nesse estado, não há uma produção didática local, elaborada por professores ou intelectuais de Mato Grosso, o que, segundo Amâncio (2005), permite supor que nesse estado havia certa passividade das autoridades educacionais, que não contestavam o aspecto de serem somente usuários de propostas importadas de outros estados.

No Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado *Um estudo sobre A leitura analytica (1986), de João Köpke*, Ribeiro (2001) tem como objetivo específico contribuir para a compreensão de um importante momento da história do ensino da leitura e escrita no Brasil. A autora analisou a configuração textual da conferência *A leitura analytica*, proferida no ano de 1896 pelo professor fluminense João Köpke<sup>31</sup>, e conclui que o pensamento desse professor a respeito do ensino de leitura e escrita fundamentava-se em princípios sobre o modo de processar o método analítico, os quais indicavam a importância do discurso como unidade de sentido no processo inicial de ensino da leitura e da escrita, e que o pensamento desse professor exerceu grande influência em professores de sua época e de épocas posteriores.

No TCC intitulado *Um estudo sobre Cartilha analytica, de Arnaldo de Oliveira Barreto (1869-1925)*, Bernardes (2003) tem como objetivo específico contribuir para a compreensão de um importante momento da história do ensino da leitura e escrita no Brasil. A autora analisou a configuração textual de *Cartilha analytica*, escrita do professor paulista Arnaldo de Oliveira Barreto<sup>32</sup>, e conclui que esse professor e essa cartilha exerceram grande influência em sua época, e, também, em épocas posteriores, no que se refere ao ensino inicial de leitura e escrita a crianças.

No TCC intitulado *O método analítico para o ensino da leitura em Cartilha Proença (1926), de Antonio Firmino de Proença*, Gazoli (2007) tem como objetivo

---

<sup>31</sup> De acordo com Mortatti (2000a; 2002), João Köpke (1852-1926) atuou como professor, defensor do método analítico para o ensino da leitura e autor de livros didáticos nos quais elaborou sua proposta de aplicação desse método. A respeito da atuação desse professor, ver, especialmente, Mortatti (2000a; 2002); Ribeiro (2001; 2005) e Panizzolo (2006).

<sup>32</sup> Segundo informações localizadas em Bernardes (2003), Arnaldo de Oliveira Barreto (1869-1925) diplomou-se pela Escola Normal de São Paulo no ano de 1891, tendo escrito diversos livros didáticos, dentre os quais: *Cartilha analytica* (1909). A respeito da atuação desse professor e dessa cartilha, ver, especialmente, Mello (1954), Mortatti (2000a) e Bernardes (2003; 2008).

específico contribuir para a compreensão de um importante momento da história do ensino da leitura e escrita no Brasil. A autora analisou a configuração textual de *Cartilha Proença*, escrita pelo professor paulista Antonio Proença<sup>33</sup>, e conclui que, nessa cartilha, concretiza-se o método analítico defendido por Proença como o mais adequado para o ensino inicial da leitura e escrita naquele momento histórico.

No TCC intitulado *Um estudo sobre Nova cartilha analítico-synthetica (1916)*, de Mariano de Oliveira, Sobral (2007) tem como objetivo específico contribuir para compreensão de um importante momento da história do ensino da leitura e escrita no Brasil. A autora analisou a configuração textual de *Nova cartilha analítico-synthetica*, escrita pelo professor paulista Mariano de Oliveira<sup>34</sup> e concluiu que a forma de processuar o método analítico por Mariano de Oliveira na cartilha em questão gerou algumas polêmicas, dentre elas as decorrentes da crítica feita por João Köpke, mas que isso não impediu que ela tivesse destaque no momento histórico de publicação.

No TCC intitulado *Um estudo sobre Cartilha da infância (188?)*, de Thomaz Galhardo, Santos (2008) tem como objetivo específico contribuir para compreensão de um importante momento da história do ensino da leitura e escrita no Brasil. A autora analisou a configuração textual de *Cartilha da infância*, escrita pelo professor paulista Thomaz Galhardo<sup>35</sup> e concluiu que o método silábico defendido pelo autor dessa cartilha foi considerado o mais adequado ao ensino inicial da leitura no momento histórico de publicação e influenciou gerações de professores e alunos por mais de oito décadas.

No TCC intitulado *Um estudo sobre Na roça: cartilha rural para alfabetização rápida (1935)*, de Renato Sêneca Fleury, Messenberg (2008) tem como objetivo contribuir para a compreensão de um importante momento da história do ensino da

---

<sup>33</sup> De acordo com informações localizadas em Gazoli (2010), Antonio Firmino de Proença (1880-1946) diplomou-se professor na Escola Normal de São Paulo em 1904, tendo ocupado cargo de professor e diretor em diversas escolas primárias e normais e escrito diversos livros didáticos, dentre os quais destaco a "Série de leitura Proença", destinada ao ensino da leitura. Sobre a formação e atuação profissional desse professor e sobre essa série de livros de leitura, ver, especialmente, Mortatti (2000a) e Gazoli (2007; 2010).

<sup>34</sup> Segundo Sobral (2007), Mariano de Oliveira (1869-19--) diplomou-se pela Escola Normal de São Paulo no ano de 1888, tendo atuado como diretor e professor em diversos grupos escolares e escolas normais paulistas. Esse professor escreveu *Nova cartilha analítico-synthetica*, publicada em 1916 pela Weisflog Irmãos Incorporada. A respeito da atuação profissional desse professor e dessa cartilha, ver, especialmente, Mortatti (2000a) e Sobral (2007).

<sup>35</sup> De acordo com Santos (2008), Thomaz Paulo do Bom Sucesso Galhardo (1855-1904) diplomou-se pela Escola Normal de São Paulo no ano de 1876. Atuou como "professor, promotor público, secretário geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo" (SANTOS, 2008) e autor de *Cartilha da infância* [1880], *Segundo livro* (1910) e *Terceiro livro* [19--?], todos publicados pela Livraria Francisco Alves (RJ). A respeito da atuação desse professor e dessa cartilha, ver, especialmente, Mortatti (2000a) e Santos (2008).

leitura e da escrita no Brasil. A autora analisou a configuração textual de *Na roça*: cartilha rural para alfabetização rápida, escrita pelo professor paulista Renato Sêneca Fleury<sup>36</sup>. A autora concluiu que o método misto (ou analítico-sintético) de alfabetização, proposto pelo autor foi debatido e consentido pelos professores da época de sua publicação com o objetivo de responder urgências sociais e políticas do Brasil.

Na dissertação de mestrado intitulada *Theodoro de Moraes (1877-1956): um pioneiro no ensino da leitura pelo método analítico*, Pereira (2009) tem como objetivo específico contribuir para a compreensão de um importante momento da história do ensino da leitura em nosso país, focalizando a proposta para esse ensino pelo método analítico defendida pelo professor paulista Theodoro de Moraes<sup>37</sup>. A autora analisou a configuração textual do livreto *A leitura analytica* (1909), do documento oficial *Como ensinar leitura e linguagem nos diversos annos do curso preliminar* (1911) e dos seguintes livros didáticos destinados ao ensino da leitura a crianças: *Meu livro: primeiras leituras de accôrdo com o método analytic* (1909); *Meu livro: segundas leituras de accôrdo com o método analytic* (1910?); *Sei lêr: leituras intermediárias* (1928); *Sei lêr: primeiro livro* (1928); e *Sei lêr: segundo livro* (1930). A partir dessa análise, essa autora conclui que a atuação profissional e a produção escrita do professor Theodoro de Moraes, nas primeiras décadas do século XX, representam pioneira defesa do método analítico para o ensino da leitura, sendo as suas influências sentidas por educadores e alunos até pelo menos a década de 1950, no Brasil.

Na dissertação intitulada *O método analítico para o ensino a leitura em "Série de leitura Proença" (1926-1928)*, de Antonio Firmino de Proença, Gazoli (2010), em

---

<sup>36</sup> Segundo Messenberg (2008), Renato Sêneca Fleury (1895-1980) diplomou-se pela Escola Normal de São Paulo no ano de 1912, tendo atuado como professor e diretor em escolas primárias e normais. Foi também autor de diversos livros didáticos e de literatura infantil, dentre os quais destaco a série de leituras "Na Roça", que é composta por uma cartilha: *Na Roça* (1936) e três livros de leitura: *Na Roça: primeiras leituras*; *Na Roça: segundas leituras* e *Na Roça: terceiras leituras*. A respeito da formação e atuação profissional de Renato Fleury e sobre essa cartilha, ver, especialmente, Mortatti (2000a) e Messenberg (2008).

<sup>37</sup> Segundo Pereira (2009), Theodoro Jeronymo Rodrigues de Moraes (1877-1956) diplomou-se pela Escola Normal de São Paulo no ano de 1906, tendo atuado como professor e diretor em diversos grupos escolares e escolas normais paulistas, redator de revistas e inspetor de ensino. Esse professor também escreveu diversos livros didáticos para o ensino da leitura: *Meu livro: primeiras leituras de accôrdo com o methodo analytic* (1909); *Meu livro: segundas leituras de accôrdo com o methodo analytic* [1910?]; e a série de leitura "Sei lêr", composta por três livros, intitulados: *Sei lêr: leituras intermediárias* (1928); *Sei lêr: 1o livro de leitura* (1928); e *Sei lêr: 2o livro de leitura* (1930). Além desses livros didáticos, destaco também, o folheto *A leitura analytica* (1909) escrito por esse professor abordando o método de marcha analítica para o ensino da leitura e o documento oficial intitulado *Como ensinar leitura e linguagem nos diversos annos do curso preliminar* (1911). A respeito da atuação profissional desse professor, dos livros didáticos por ele escritos, do folheto e do documento oficial, ver, especialmente, Mortatti (2000a) e Pereira (2009).

continuidade à pesquisa de TCC, tem como objetivo específico contribuir para a compreensão de um importante momento da história do ensino da leitura em nosso país, focalizando a proposta para esse ensino pelo método analítico defendida pelo professor paulista Antonio Firmino de Proença. A autora analisou a configuração textual dos livros que integram a "Série de leitura Proença", a saber: *Cartilha Proença* (1926); *Leitura do Principiante* (1926); *1º. livro de leitura* (1926); *2º. livro de leitura* (1927); *3º. livro de leitura* (1928); e *4º. livro de leitura* (1948). A partir dessa análise, a autora conclui que nesses livros concretiza-se a proposta de aplicação do método analítico para o ensino da leitura defendida pelo autor, a qual estava relacionada com outros livros de leitura que circulavam no estado de São Paulo, nas décadas iniciais do século XX, em decorrência da institucionalização desse método.

No texto "R. R. Dordal e C. A. Gomes Cardim e o ensino da leitura pelo método analítico", Pasquim (2010)<sup>38</sup> tem como objetivo contribuir para a compreensão de um importante momento na história do ensino de leitura e escrita no Brasil, focalizando, para isso a bibliografia *de e sobre* os professores Ramon Roca Dordal<sup>39</sup> e Carlos Alberto Gomes Cardim<sup>40</sup>. Mediante localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação de referências de textos desses dois professores de que resultou instrumento de pesquisa, com mais de 70 referências, Pasquim (2009), constata a importante atuação desses dois professores no âmbito da produção de livros didáticos, assim como a defesa de que decorreram suas propostas de aplicação do método analítico para esse ensino "concretizadas" em *Cartilha Moderna* (1902), de Ramon R. Dordal, e em *Cartilha Infantil* (1908), de Carlos Gomes Cardim.

---

<sup>38</sup> Esse texto, publicado nos anais do 17º. Congresso de Leitura do Brasil (Cole), resulta das atividades desenvolvidas por Pasquim em pesquisa de iniciação científica (IC) com Bolsa PIBIC/CNPq/Unesp, desde fevereiro de 2009. Disponível em:

<[http://www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem12/COLE\\_3670.pdf](http://www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem12/COLE_3670.pdf)>.

<sup>39</sup> De acordo com Pasquim (2009), Ramon Roca Dordal (1854-1938) nasceu na Espanha e mudou-se para o Brasil com 19 anos, tendo trabalhado como tipógrafo em jornal na cidade do Rio de Janeiro (PASQUIM, 2009). Com 32 anos ingressou na escola Normal de São Paulo, onde diplomou-se professor. Atuou como professor, diretor, colaborador do periódico *A Eschola Publica* e compôs a equipe de redatores da *Revista de ensino*. Além desses cargos, também escreveu e teve publicados alguns livros didáticos, dentre os quais, destaco *Cartilha Moderna* (1902) e o documento oficial *Instruções praticas para o ensino da leitura, pelo methodo analytico - modelos de lições* [1914], que escreveu em coautoria com Mariano de Oliveira e Arnaldo de Oliveira Barreto. A respeito da atuação desse professor, ver, especialmente, Pasquim (2009).

<sup>40</sup> De acordo com Pasquim (2009), Carlos Alberto Gomes Cardim (1875-1938) diplomou-se pela Escola Normal de São Paulo no ano de 1894, tendo atuado como professor e diretor e exercido diversos cargos na administração da instrução pública. Além dos cargos que ocupou, também escreveu e teve publicados alguns livros didáticos, dentre os quais destaco: *Cartilha Infantil pelo método analítico* (1908) e *O ensino da música pelo método analítico* (1912). A respeito da atuação desse professor, ver, especialmente, Pasquim (2009).

Além das pesquisas com abordagem histórica sobre o ensino da leitura e da escrita, desenvolvidas no âmbito do Gphellb, localizei também resultados de pesquisas com abordagem histórica da alfabetização, vinculadas a centros e grupos de pesquisa situados em outros estados brasileiros, dentre as quais apresento algumas que considere dialogarem mais diretamente com a pesquisa que desenvolvi.

Dentre essas, destaco algumas das pesquisas desenvolvidas no âmbito: do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – Ceale, órgão complementar da UFMG<sup>41</sup>: Maciel (2001); Batista (2002); Batista; Galvão; Klinke (2002); Frade; Maciel (2006a; 2006b); do Grupo de Pesquisa "Alfabetização e Letramento escolar" (Alfale)<sup>42</sup>, sediado no Instituto de Ciências Humanas e Sociais de Rondonópolis, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT): Amâncio; Cardoso (2006); do Grupo de Pesquisa "História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares" (Hisales)<sup>43</sup>, sediado na Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel): Trindade (2001); e Peres (2008); na Universidade Estadual Paulista, no Campus de Araraquara: Oliveira; Souza (2000); Oliveira (2004) e na Universidade de São Paulo: Vidal; Gvirtz (1998); Razzini (2006); Boto (2004) e Bittencourt (2004; 2008<sup>44</sup>); e do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização, Leitura e Escrita do Espírito Santo (Nepales)<sup>45</sup>, sediado na

---

<sup>41</sup> Segundo informações localizadas no *site* do Ceale, esse centro "[...] é um órgão complementar da Faculdade de Educação da UFMG, criado em 1990, com o objetivo de integrar grupos interinstitucionais voltados para a área da alfabetização e do ensino de Português." (2010). Esse centro tem como líder a Prof<sup>a</sup>. Francisca Izabel Pereira Maciel e como vice-líder a Prof<sup>a</sup>. Maria Lúcia Castanheira. Informações disponíveis em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/index.php>>.

<sup>42</sup> Segundo informações localizadas no *site* do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, o "[...] Grupo de pesquisa ALFALE "Alfabetização e Letramento Escolar" foi criado em 2001 com o objetivo de desenvolver atividades de pesquisa e de formação de acervo histórico na área de alfabetização, leitura e escrita. É ligado ao Núcleo de Pesquisa em Educação (NUPED), órgão complementar do Departamento de Educação, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFMT, campus de Rondonópolis e ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT. Conta com professoras doutoras e mestres, com experiência em pesquisa nas áreas de Alfabetização, Linguagem e História da Educação." (2010). Esse grupo de pesquisa tem como líderes as Prof<sup>as</sup>. Cancionila Janzkovski Cardoso e Lázara Nanci de Barros Amâncio. Informações disponíveis em:

<<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=03327085JKR5TU>>.

<sup>43</sup> Segundo informações localizadas no *site* do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, o Hisales tem como proposta desenvolver "[...] pesquisas que contribuam para a compreensão do fenômeno da alfabetização e do letramento na perspectiva histórica, sociológica e antropológica. [com] Ênfase nas representações, práticas e saberes alfabetizadores e nas práticas sociais de leitura e escrita. [e] Pesquisas que subsidiem políticas de alfabetização, leitura e escrita." (2010). Esse grupo de pesquisa tem como líder a Prof<sup>a</sup>. Eliane Teresinha Peres. Informações disponíveis em:

<<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0045708Z55FDBD>>.

<sup>44</sup> Apesar de nesse livro Bittencourt (2008) abordar aspectos relativos ao livro didático de história, considero que esse contribui para pensar as "origens" do livro didático.

<sup>45</sup> Segundo informações localizadas em *site* disponível na Internet, o "[...] Núcleo de Estudos e Pesquisa em Alfabetização, Leitura e Escrita do Espírito Santo (NEPALES), criado em abril de 2006, é um órgão do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) que se constitui como locus privilegiado para a realização de estudos e pesquisas sobre a cultura escrita e a leitura, suas formas de existência nas sociedades, em diferentes tempos e lugares, sua produção e transmissão, dentro e fora das

Faculdade de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo: Gomes (2008) e Campos (2009).

Na tese de doutorado intitulada *Lúcia Casassanta e o método global de contos: uma contribuição à história da alfabetização em Minas Gerais*, Frade (2001) tem como objetivo "[...] recuperar, para a história da alfabetização em Minas Gerais, o papel nela desempenhado por Lúcia Casassanta<sup>46</sup> [...]" (p. 10). A partir da análise dos documentos localizados no arquivo pessoal dessa professora, relativos à sua formação, atuação profissional e produção didática, a autora conclui que Lúcia Casassanta, por ter desenvolvido suas atividades relativas à educação por mais de 50 anos, contribuiu para a formação de diversas gerações de professores alfabetizadores e que foi responsável por introduzir o método de contos para a alfabetização no estado de Minas Gerais.

No texto "Um gênero de manual escolar: os paleógrafos ou livros de leitura manuscrita", Batista (2002) tem como objetivo apresentar os títulos de livros de leitura manuscrita em língua portuguesa que circularam nas escolas brasileiras. Mediante análise dos livros que localizou e buscando "[...] realizar um primeiro esboço da trajetória do gênero e de seu circuito de produção e comunicação, assim com das principais tensões que organizam o gênero e sua destinação, os usos que pretende propiciar." (BATISTA, 2002, p. 1), esse autor conclui que esses tipos de livros didáticos cumpriam com a função de: fornecer "valores morais e políticos" (BATISTA, 2002, p. 14) considerados necessários para a constituição de referências de uma nação; e propiciar o aprendizado da escrita, a partir da apresentação de modelos para cópia e reprodução (BATISTA, 2002).

No artigo "Livros escolares de leitura: uma morfologia (1866-1956)", Batista; Galvão; Klinke (2002) têm como objetivo apresentar resultados de primeira etapa de desenvolvimento da pesquisa "Escolarização, culturas e práticas escolares: investigações sobre a instituição do campo pedagógico em Minas Gerais (1820-1950)"<sup>47</sup>, mediante a descrição da "[...] morfologia do livro escolar de leitura, sua

---

instituições, suas relações com outras linguagens e tecnologias e os processos de constituição dos leitores e produtores de textos aptos a se inserirem na sociedade como cidadãos." Esse núcleo tem como líder a Prof<sup>a</sup>. Cleonara Maria Schwartz e como vice-líder a Prof<sup>a</sup>. Cláudia Maria Mendes Gontijo. Informações disponíveis em: <<http://www.ce.ufes.br/nucleos/nepales.asp>>.

<sup>46</sup> Segundo informações que localizei em Frade (2001), Lúcia Casassanta (1908-1989) foi uma professora mineira que teve diversos livros para o ensino da leitura publicados, nos quais propôs a utilização do método global de contos para esse ensino.

<sup>47</sup> Trata-se de projeto integrado de pesquisa coordenado pelos professores Luciano Mendes Faria Filho, Cynthia Greive Veiga e Maria Cristina Soares Gouveia, no âmbito do Ceale e desenvolvido com a colaboração de professores da Universidade Federal Fluminense (UFF).

variação e suas transformações ao longo do período estudado." (BATISTA; GALVÃO; KLINKE, 2002, p. 29).

A análise de 444 exemplares de cartilhas e livros de leituras<sup>48</sup> que esses pesquisadores recuperaram incidu sobre os seguintes aspectos: as datas de publicação; a recorrência de autores; o número de exemplares localizados de cada título; o número de exemplares por editoras; as funções pedagógicas às quais serviam (manuais ou "paraescolares"); os tipos de livros (séries graduadas ou livros "isolados"); os gêneros (narrativas, antologias, compêndios e cadernos de atividades); e os modelos de lições ("construções abstratas" ou "didatizações").

Mediante essa análise, os autores concluem que, dentre os vários aspectos que podem ser problematizados, destacam-se sobre os tipos de livros, que as séries graduadas são mais recorrentes que os livros isolados; sobre os gêneros dos livros, que os compêndios — mais comuns no século XIX e que tendem a "desaparecer" no início do século XX — passam a ser substituídos por antologias e narrativas; sobre os modelos de livros, que o modelo da leitura manuscrita e o modelo instrutivo são mais antigos e cuja tendência é serem substituídos pelo modelo formativo e, em menor grau, pelo modelo retórico-literário.

O livro *História da alfabetização: produção e circulação de livros (MG/RS/MT – Séc. XIX e XX)*, organizado por Frade e Maciel (2006a), tem como objetivo compreender a história da alfabetização nos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Mato Grosso, particularmente no período compreendido entre 1834 e 1996. O livro é dividido em quatro partes: na primeira parte, Izabel Frade e Francisca Maciel (2006, p. 35-112) apresentam os resultados das pesquisas que vêm sendo desenvolvidas no estado de Minas Gerais sobre a história da alfabetização nesse estado; na segunda parte, Eliane Peres apresenta resultados de análise de materiais didáticos, diários de classes e cadernos de alunos que circularam na cidade gaúcha de Pelotas; na terceira parte, Lázara Nanci de Barros Amâncio e Cancionila Janzkovski Cardoso apresentam resultados da análise de documentos oficiais que circularam no Mato Grosso; por fim, na quarta parte, é apresentado um repertório geral de cartilhas e outros livros com indicação dos acervos nos quais foram localizados. As organizadoras do livro utilizaram

---

<sup>48</sup> Segundo informam Batista, Galvão e Klinke (2002), foram localizados 711 exemplares de livros didáticos, os quais compõem o acervo do Ceale. Durante as etapas relativas ao tratamento inicial dos livros e análise preliminar, ocorrem alguns "problemas de base" (BATISTA; GALVÃO; KLINKE, 2002), que impediram os autores de incluírem todos os exemplares na contabilização da pesquisa cujos resultados são apresentados no artigo, tendo sido possível considerar apenas 444 exemplares.

como procedimento de pesquisa análise de fontes documentais, tendo feito, também, um repertório de livros nacionais por meio de levantamento de listas de livros citados em outras pesquisas e fontes documentais.

Em decorrência do desenvolvimento da pesquisa cujos resultados foram apresentados sob a forma do livro, cuja síntese apresentei acima, no texto "Cartilhas/impressos: perspectivas teórico-metodológicas de análise do texto e do paratexto e suas contribuições para a história da alfabetização e do livro", Frade e Maciel (2006b) têm como objetivo contribuir para a apresentação de "[...] algumas problemáticas teórico metodológicas envolvidas em pesquisas históricas sobre livro didático de alfabetização." (p. 3107). Para isso, as autoras selecionaram diversos livros de autores brasileiros, que foram publicados entre o final do século XIX até a década de 1980. Após essa análise, que incidiu sobre os vários aspectos que constituem os livros, tais como nomes de autores, instruções aos professores e organização das lições, as autoras concluem que

[...] os métodos e ideários de alfabetização podem se constituir num foco privilegiado para pensar os livros didáticos voltados para o ensino inicial da leitura e da escrita, mas estes métodos não existem sozinhos e dialogam com métodos de ensino, em geral, com fórmulas editoriais, com recursos tipográficos e gráficos e com aposição de autores editores no mercado editorial e intelectual. (FRADE; MACIEL, 2006b, p. 3108)

No texto "Circulação de cartilhas e ensino de leitura em Mato Grosso: uma contribuição à história da alfabetização (1927-1977)", Amâncio e Cardoso (2006) têm como objetivo discutir aspectos de uma história da alfabetização no estado de Mato Grosso, no período entre 1927 — ano em que o ensino nesse estado é reorganizado com um novo regulamento da instrução pública — e 1977 — ano em que é publicada a primeira cartilha de alfabetização escrita por professores de Mato Grosso. Mediante análise de documentos oficiais, documentos escolares e entrevistas realizadas com professores que atuaram no período da pesquisa, as autoras concluem que

Nesse panorama da *circulação* de cartilhas no estado de Mato Grosso, nos últimos anos da década de 1970, [...] ficam pendentes as relações entre prescrições e concretizações que gostaríamos de analisar com maior cuidado. A discrepância numérica entre a quantidade de títulos que nesse Estado circularam e a única produção de autoria de professores da rede pública de ensino mencionada, reitera nossas afirmações de que o estado de Mato Grosso caracteriza-se como consumidor de cartilhas, oriundas de outras regiões brasileiras. Isto definiu e define os rumos de nossa pesquisa em termos de um

investimento maior na *circulação de cartilhas*. (AMÂNCIO; CARDOSO, 2006, p. 4079, grifos das autoras).

Na tese de doutorado intitulada *A invenção de uma nova ordem para as cartilhas: ser maternal, nacional e mestra: queres ler?*, Trindade (2001) tem como objetivo analisar os discursos e as representações presentes nas cartilhas e livros de leitura que circularam no estado do Rio Grande do Sul entre 1890 e 1930. Mediante análise de *Cartilha maternal* que serviu de modelo para a elaboração de cartilhas produzidas nesse estado, a saber: *Cartilha maternal*, *Cartilha nacional*, *Cartilha mestra* e *Queres ler?*, a autora conclui que "[...] as cartilhas fizeram parte de uma cadeia de produção cultural, sendo sua intertextualidade marcada pelo impacto da interdiscursividade da modernidade republicana." (TRINDADE, 2001, p. 1).

No artigo "Autoras de obras didáticas e livros para o ensino da leitura no Rio Grande do Sul: contribuições à história da alfabetização (1950-1970)", Peres (2008) tem como objetivo apresentar relação contendo alguns títulos de livros de autoras gaúchas de livros didáticos que foram publicados nesse estado no período em questão. Mediante análise da relação de autoras, cujos livros didáticos localizou, Peres (2008) apresenta a produção didática de duas professoras gaúchas Cecy Cordeiro Thofehn<sup>49</sup>, que publicou quatro coleções de livros didáticos e Nelly Cunha<sup>50</sup>, que publicou duas coleções em coautoria com Cecy Cordeiro Thofehn e mais quatro coleções de livros didáticos. Peres (2004) conclui que a produção didática dessas duas autoras é representativa de um modelo de alfabetização fundamentado na utilização de textos para esse ensino, que circulou no estado do Rio Grande do Sul até, pelo menos a década de 1970.

No texto "As faces do livro de leitura", Oliveira e Souza (2000) têm como objetivo apresentar resultados da análise de duas séries graduadas de leitura mais utilizadas nas escolas primárias entre 1820 e 1920: a de Felisberto de Carvalho e a de Puiggari-Barreto. A partir dessa análise as autoras concluem que por meio das suas diferentes "faces" os livros de leitura "[...] retratam toda uma preocupação da época em legitimar a escola, como instituição responsável por introduzir conhecimentos básicos atinentes às ciências naturais, além da formação moral e cívica do cidadão." (p. 37).

---

<sup>49</sup> Segundo informações que localizei em Peres (2008) Cecy Cordeiro Thofehn (1917-1971) foi uma professora gaúcha que teve publicados diversos livros destinados ao ensino da leitura.

<sup>50</sup> Segundo Peres (2008), Nelly Cunha (1920-1999) foi uma professora gaúcha que teve publicados diversos livros destinados ao ensino da leitura, alguns dos quais em coautoria com Cecy Cordeiro Thofehn.

Na dissertação de mestrado intitulada *As séries graduadas de leitura na escola primária paulista (1890-1910)*, Oliveira (2004) tem como objetivo contribuir para a história do livro didático no Brasil, tendo elegido, como *corpus* documental privilegiado de pesquisa os livros de duas séries graduadas de livros de leitura utilizadas nas escolas primárias no final do século XIX e início do século XX: a "Série Graduada de Leitura", escrita por Felisberto de Carvalho; e a "Série Puiggari-Barreto", escrita pelos professores Romão Puiggari<sup>51</sup> e Arnaldo Barreto.

A partir da análise que realizou, Oliveira (2004, p. 142) considera que a "Série Graduada de Leitura", de Felisberto de Carvalho segue o modelo enciclopédico de ensino "[...] na qual se concebia que a escola deveria ensinar um pouco de tudo." e a "Série Puiggari-Barreto" segue o modelo formativo de ensino porque apresenta "[...] lições de cunho moral e patriótico." E conclui:

As duas séries graduadas de leitura retratam diferentes aspectos da instituição escolar que, somados, abrangem boa parte da cultura escolar.

Uma aborda os conteúdos e propõe o direcionamento do fazer do professor e do aluno. Ela contribui para a constituição de uma cultura escolar a partir das práticas que impõem, por intermédio das prescrições e dos exercícios apresentados. Tais exercícios foram incorporados como práticas escolares que permaneceram como parte constituinte desse universo.

A outra série aborda o universo escolar a partir de seus rituais. Esses ritos passaram a demarcar rotinas, estabelecer o tempo e a dinâmica escolar, tornando-se a outra face da cultura escolar. (OLIVEIRA, 2004, p. 143)

No artigo intitulado "O ensino da escrita e a conformação da modernidade escolar", Vidal e Gvirtz (1998) têm como objetivo discutir "[...] a produção do campo disciplinar sobre a escrita no Brasil e na Argentina, atentando para perceber como essa constituição conformou aspectos de uma modernidade escolar nesses dois países latino-americanos." (VIDAL; GVIRTZ, 1998, p. 14). Mediante problematização sobre a relação que se estabeleceu entre a difusão de uma ideia de escola elementar, com a República, ao que se aglutinou os anseios relativos à conformação de práticas de ensino da escrita, a partir da "racionalização higiênica" e da "homogeneização" (VIDAL; GVIRTZ, 1998) do processo de ensino da escrita, as autoras concluem:

---

<sup>51</sup> Segundo Pfromm Netto; Dib; Rosamilha (1974), Romão Puiggari diplomou-se pela Escola Normal de São Paulo, tendo atuado como professor em escolas paulistas e ocupado cargos administrativos neste estado. Além dessas funções, escreveu diversos livros didáticos, tendo publicado no ano de 1893 o livro *Coisas brasileiras* e, no ano de 1895 os livros de leitura da "Série Puiggari-Barreto", escrita com a colaboração do professor Arnaldo de Oliveira Barreto.

[...] a modernidade escolar foi um imperativo e um fato nesses dois países latino-americanos. Fica claro também que, na construção dessa modernidade, os métodos e as formas de ensino da escrita ocuparam um lugar central, uma vez que a escrita universalizava e homogeneizava práticas vinculadas ao universo do simbólico, mas também universalizava práticas vinculadas ao corpo, ao espaço e ao tempo escolares, debruçando-se sobre o espaço e o tempo sociais, especialmente na preocupação em preparar os alunos para uma sociedade que cada vez mais valorizava o pensamento objetivo e sucinto. (VIDAL; GVIRTZ, 1998, p. 28).

No texto intitulado "Produção de livros didáticos e expansão em São Paulo (1889-1930)", Razzini (2006) tem como objetivo apresentar aspectos relativos à produção didática da Livraria Francisco Alves. A partir da análise de dois documentos, um manuscrito sem data e um catálogo impresso, publicado em 1954, para comemorar o centenário da editora, a autora concluiu que a expansão da escola pública elementar, no estado de São Paulo, forneceu as condições favoráveis para a expansão editorial dessa Livraria neste estado, de que decorreu a intensa publicação de livros de leituras, especialmente, a partir das décadas finais do século XIX e iniciais do século XX.

No artigo "Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático", Boto (2004) tem como objetivo "[...] identificar o lugar social ocupado pela cartilha de primeira leitura nos usos e costumes da história da moderna escolarização primária." (p. 493), analisando, para isso, a cartilha portuguesa de Francisco Júlio Caldas Aulete<sup>52</sup> intitulada *Cartilha nacional*, cuja circulação ocorreu em meados do século XIX. A partir da análise realizada, a autora concluiu que nessa cartilha há um "[...] rascunho nítido de um projeto de país: civilidade, civismo e civilização [...]" (p.493) e ressalta que foi possível constatar que a relação estabelecida entre o crescimento do país e a escola primária, considerando que o civismo, a civilidade e a civilização sustentavam o ensino nesse modelo de escola.

No texto "Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910)", Bittencourt (2004) tem como objetivo "[...] caracterizar o processo de intervenções de diferentes sujeitos [...]" (p. 475) na produção dos primeiros escritores de livros didáticos, problematizando, para isso, a autoria do livro didático. Bittencourt (2004), afirma que "[...] a preocupação em traçar o perfil dos primeiros autores de livros didáticos, no decorrer de século XIX e início do XX, centrou-se na apreensão das articulações entre os diferentes sujeitos sempre presentes na produção didática,

---

<sup>52</sup> Segundo informações localizadas em Boto (2004), Francisco Júlio Caldas Aulete (1826-1878) foi um português que atuou como professor, político e autor de diversos livros didáticos, dicionário e gramática.

destacando a atuação do Estado e das editoras." (BITTENCOURT, 2004, p. 477) e conclui que:

A história dos autores de obras didáticas possibilita uma maior reflexão sobre a função do autor nessa produção específica e bastante diversa dos demais livros. O problema da autoria da obra didática não é recente, confluindo em sua confecção muitos sujeitos. A história do livro didático mostra as mudanças quanto ao grau de interferência entre os diversos sujeitos assim como as mudanças das políticas educacionais em relação a esse significativo objeto cultural, símbolo da escola moderna. (p.490).

No livro intitulado *Livro escolar e saber histórico (1810-1910)*<sup>53</sup>, Bittencourt (2008) tem como objetivo abordar o livro didático no processo de constituição do ensino escolar, no Brasil, nas primeiras décadas do regime republicano, entre 1810 e 1910.

A proposta é pensar o livro didático de forma ampla, acompanhando os movimentos que vão da sua concepção à sua utilização em sala de aula. É uma reflexão sobre o papel do livro didático na construção do saber escolar que, por sua natureza, deve necessariamente ser considerado em um conjunto mais geral no qual aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos se articulam, conferindo-lhe dimensões específicas. (BITTENCOURT, 2008, p. 13)

Embora esteja relacionado especificamente aos livros didáticos da disciplina de História, esse livro de Bittencourt (2008) apresenta importantes reflexões sobre a relação que se estabelece entre a criação do livro didático como parte de um conjunto e decisões que envolvem não somente o autor do livro, mas, também, o Estado, os editores e as concepções de ensino presentes no momento histórico de sua publicação. Essa autora conclui que:

Compêndios, cartilhas, catecismos, livros de leitura foram compondo o acervo didático das escolas, avolumando-se e circulando cada vez mais pelas mãos de professores e alunos. [...]  
Livros de leitura mesclaram-se a uma nascente literatura infantil e compêndios passaram a ser definidos como um gênero peculiar de produção literária, portadores das noções essenciais de uma ciência cujos textos deveriam obedecer aos programas escolares. (BITTENCOURT, 2008, p. 217)

Na dissertação de mestrado intitulada *A alfabetização na história da educação do Espírito Santo no período de 1924 a 1938*, Gomes (2008) tem como objetivo investigar a alfabetização na história do Espírito Santo. Mediante análise de documentos

---

<sup>53</sup> Esse livro resulta da tese de doutorado da autora, cuja defesa pública ocorreu em 1993.

oficiais, de artigos publicados em periódicos que circularam no período da pesquisa e das cartilhas que localizou, considerados *corpus* documental privilegiado da pesquisa, Gomes (2008) conclui que apesar de o método analítico para o ensino da leitura estar adotado nos documentos oficiais, nas salas de aula, isso não foi um impeditivo para serem utilizados os métodos sintéticos, principalmente nas cidades mais afastadas da capital do Espírito Santo.

No texto "As práticas de alfabetização no Espírito Santo na década de 1950", Campos (2008) tem como objetivo discutir resultados de pesquisa sobre a alfabetização nesse estado, na década de 1950. Mediante análise de entrevistas realizadas com professoras alfabetizadoras que atuaram e utilizaram cartilhas de alfabetização nesse período, a autora conclui que apesar de as propostas oficiais enfatizarem o método analítico como o oficial para o ensino, com ênfase para o método global com textos (CAMPOS, 2008), as práticas das professoras entrevistadas e as cartilhas que circulavam no período em questão, indicam a utilização de métodos sintéticos para o ensino da leitura.

Ao apresentar as sínteses dos textos que localizei, dos quais destaquei apenas os que dialogam mais diretamente com a pesquisa que resultou nesta dissertação, não tive por objetivo apresentar certo "estado do conhecimento" das pesquisas que abordam historicamente o ensino da leitura e da escrita e o livro didático. Decerto há diversas outras pesquisas que não mencionei, considerando que esse não era o objetivo da pesquisa, não reuni todos os textos resultantes de pesquisas desenvolvidas até o momento sobre o tema no Brasil, mas apenas apresentei uma breve revisão da bibliografia sobre o tema.

Em vista do exposto e considerando as pesquisas cujas sínteses apresentei, pude constatar que têm sido diversas as contribuições e as possibilidades investigativas com as quais pesquisadores brasileiros têm analisado essa "[...] fase de escolarização como rito de iniciação no mundo público da linguagem e da cultura, que consolida modelos e concepções de leitura e escrita [...]" (MORTATTI, 2000a, p. 17). Além disso, as pesquisas desenvolvidas no âmbito do Gphellb têm solidamente contribuído para a composição de um corpo de conhecimento sobre o tema, que vem ganhando abrangência no Brasil.

Após a delimitação do *corpus* privilegiado da pesquisa, da formulação do problema de investigação, da formulação da hipótese e da definição dos objetivos, passei a definir os conceitos operativos que utilizei para o desenvolvimento da pesquisa, os quais se referem a: "alfabetização"; "métodos de alfabetização"; "método de ensino intuitivo"; "livro de leitura"; "cartilha de alfabetização"; "séries graduadas de leitura"; "pesquisa histórica"; "documento"; e "configuração textual".

O termo "alfabetização" é aqui utilizado no sentido proposto por Mortatti (2000a, p. 17): "[...] ensino e aprendizagem da língua escrita na fase inicial da escolarização de crianças [...]".

Sobre esse conceito, destaco que, segundo Mortatti (2004), no caso paulista, o termo "alfabetização" foi "inaugurado" (MORTATTI, 2004, p. 60) no Relatório elaborado por Oscar Thompson<sup>54</sup> e publicado no *Anuário do ensino* do ano de 1918 (apud MORTATTI, 2004), quando esse professor, na condição de diretor da Instrução Pública, utiliza esse termo "[...] para designar 'oficialmente' o ensino inicial da leitura (e escrita), ao se referir ao 'insucesso da alfabetização' evidenciado pelos dados estatísticos relativos às taxas de reprovação no 1º. ano." (MORTATTI, 2004, p. 60).

Pelo motivo de abordar neste texto um momento histórico no qual há variações terminológicas para se referir ao processo de ensino da leitura na fase inicial de escolarização, em alguns momentos utilizo o termo "alfabetização", em outros, o termo "ensino da leitura" e, em outros, "ensino da leitura e da escrita". A fim de evitar os possíveis "anacronismos léxico-semânticos" (MORTATTI, 2000b, p. 51), busquei utilizar as "designações terminológicas" (MORTATTI, 2000b) de acordo com os momentos nos quais foram utilizadas, para com isso "[...] ser fiel à denominação da época em que se registra sua ocorrência" (MORTATTI, 2000b, p. 51).

Sobre os "métodos de alfabetização", segundo Grisi (1946), esses são divididos em três tipos, assim caracterizados:

**Método sintético** – Considerado historicamente como o primeiro – é o que consiste no ensino ou aprendizado da leitura e da escrita segundo a ordem de complexidade crescente do material gráfico, a partir dos "elementos" alfabéticos. [...] **Método analítico** – É o que consiste no ensino ou aprendizado da leitura e da escrita segundo a ordem de decomposição progressiva do material, a partir portanto de

---

<sup>54</sup> Segundo Gonçalves (2002), Oscar Thompson diplomou-se pela Escola Normal de São Paulo, tendo atuado na Escola-Modelo do Carmo até 1893, quando assumiu direção dessa escola. Nesse cargo permaneceu até 1898, ano em que passou a atuar na administração do magistério paulista. Nessa função, atuou intensivamente para a implementação de reformas, com destaque para a oficialização do método analítico para o ensino da leitura neste estado. A respeito da atuação profissional de Oscar Thompson, ver, especialmente, Gonçalves (2002).

"todos" gráficos, isto é, sentenças ou palavras. [...] **Método misto ou analítico-sintético** – [...] tende a reunir as simpatias gerais. Teoricamente, duas são as suas modalidades: a primeira consiste no ensino prévio das letras ou sílabas<sup>55</sup>, seguido imediatamente de suas combinações em palavras e sentenças; a segunda, na apresentação de frases e vocábulos que são imediatamente decompostos em sílabas e letras. (p. 3-4, grifos do autor)

Braslavsky (1971) classifica os métodos de alfabetização em dois tipos básicos — sintéticos e analíticos —, os quais define como apresentado a seguir.

[...] um desses métodos começa pelo estudo dos sinais ou pelos sons elementares; e o outro, pelo contrário, busca obter o mesmo resultado, colocando de repente a criança em face da linguagem escrita. O primeiro é geralmente conhecido com o nome de "método sintético", em razão do trabalho psicológico que demanda da criança para o ato de ler. Desde que tenha aprendido a ler cada sinal, a criança deve, com efeito, condensar essas diferentes leituras em uma leitura única que, geralmente, para cada agrupamento particular desses sinais, é diferente de sua leitura isolada [...] Trata-se, pois, de uma operação de síntese. O outro método parte dos agrupamentos mesmos. Parte das palavras. Chamar-se-á *analítico*, quando se deseje recordar o trabalho psicológico que se exige do menino ao aprender, segundo esses agrupamentos, as denominações de suas partes ou sonoridades de suas sílabas. A mesma maneira de proceder se designará sob o nome de método *global*, se deseje recordar unicamente a sua origem: pôr a criança em presença de frases, ou de palavras, tais como as lemos. (Th. SIMON apud BRASLAVSKY, 1971, p. 44, grifos do autor).

Assim como Braslavsky (1971), Mortatti (2004) define "método sintético" como a:

[...] maneira de se iniciar o ensino da leitura pelas partes ou elementos das palavras; no *método alfabético* ou *método da soletração* inicia-se esse ensino com a identificação das letras do alfabeto pelos seus nomes, formando-se depois sílabas e, com elas, palavras, até se chegar à leitura de sentenças ou histórias; no *método fônico*, enfatizam-se, inicialmente, as relações entre sons e símbolos gráficos, completando-se com a seqüência anteriormente descrita. (MORTATTI, 2004, p. 123, grifos da autora).

O "método analítico", por sua vez, é definido por Mortatti (2004) como a:

[...] maneira de se iniciar o ensino da leitura com unidades completas de linguagem, para posterior divisão em partes ou elementos menores; no *método da palavração* inicia-se esse ensino com palavras, que depois são divididas em sílabas e letras; no *método da sentençação* inicia-se com sentenças inteiras, que são divididas em palavras, e

---

<sup>55</sup> Por se tratar de pesquisa histórica, nesta e nas demais citações e títulos de livros mantivei a ortografia de época.

estas, em sílabas e letras; no *método das histórias* (ou de *contos* ou da *historieta*) inicia-se com histórias completas para depois se orientar a atenção para as sentenças, palavras, sílabas, letras; no *método global*, enfatiza-se inicialmente o imediato reconhecimento de palavras ou sentenças inteiras, e, ocasionalmente, pode ser identificado com os métodos da palavração, da sentencição ou das historietas. (p. 123, grifos da autora).

O "método de ensino intuitivo", ou "lição de coisas", como explica Valdemarin (2006b), surge em meados do século XIX, "[...] entendido por seus propositores europeus e americanos como um instrumento pedagógico capaz de reverter a ineficiência do ensino escolar [...]" (p. 103). De acordo com essa autora, com esse método de ensino é ordenada sequência gradativa de passos encaminhados para que a aprendizagem ocorra. Ainda segundo Valdemarin (2004)

O caminho a ser seguido é progredir da "percepção à idéia, do concreto ao abstrato, à inteligência por meio dos sentidos, ao julgamento por meio de provas." A lição intuitiva, posta em prática numa linguagem apropriada aos alunos, assume a forma de diálogo, com perguntas e respostas que provocam e dirigem a atividade das faculdades intelectuais. "Sua característica distintiva, que é a própria característica geral do método, é partir da observação direta e imediata, para fazer as crianças raciocinarem na presença do fato observado" [...] Imagens, desenhos ou moldes são materiais auxiliares que o método intuitivo emprega com bom proveito para realizar seus objetivos. (VALDEMARIN, 2004, p. 107).

Essa autora sintetiza que

[...] pode-se dizer que o método intuitivo em sua pretensão de ser racional, concreto e ativo, caracteriza-se pela tentativa de prescrever os passos metódicos para a formação das idéias, regulando com esse procedimento os sentidos e o intelecto, estabelecendo uma igualdade de propósitos entre o método filosófico e o método de ensino, desenvolvendo estratégias e meios de efetivá-los, balizados pelas características próprias da clientela escolar. Método de conhecimento e método de ensino confluem na busca da clareza das idéias obtidas e num conhecimento extensível e generalizável. (VALDEMARIN, 2004, p. 133).

No âmbito da prática pedagógica, segundo Valdemarin, isso significa o

[...] uso de objetos didáticos, conhecidos ou semelhantes àqueles conhecidos pelos alunos para promover a aprendizagem. Esta prática baseia-se numa concepção sobre o conhecimento humano segundo a qual todas as noções do espírito têm sua origem na percepção da existência de semelhanças e diferenças entre objetos proporcionada pelos sentidos, ou, dito de outro modo, o conhecimento das coisas que nos rodeiam é possível pelo fato de termos sentidos que fazem a ligação entre o objeto a ser conhecido e o sujeito que o conhece, criando idéias. (p. 171).

Mais especificamente sobre o ensino da leitura, com o método de ensino intuitivo as palavras são focalizadas como "unidades de sentido" (VALDEMARIN, 2004), nas quais estão centradas as ideias (VALDEMARIN, 2004) e a partir das quais o ensino da leitura deve partir. Considerando esses aspectos e relacionando-os com o método de marcha analítica, Valdemarin (2004) explica

Se é mais natural aprender primeiro o concreto e depois o abstrato e o todo antes das partes, como postula o método intuitivo, as palavras são consideradas aqui como sendo a unidade e os sons e as letras suas partes; os vocábulos impressos são sinais de objetos, atos e pensamentos, devendo ser associados à idéia que representam [...]. (VALDEMARIN, 2004, p. 137).

Sobre o conceito de "livro de leitura", segundo Mortatti (2000b) "um tipo particular de livro didático", é preciso considerar, como indica Chopin (2004; 2009), a diversidade de conceitos empregados para denominá-lo, que variam de acordo com o suporte, a função e a destinação. Para Chopin (2004), essa diversidade resulta, dentre outros aspectos, principalmente, da:

diversidade do vocabulário e da instabilidade dos usos lexicais. Na maioria das línguas, o "livro didático" é designado de inúmeras maneiras, e nem sempre é possível explicitar as características específicas que podem estar relacionadas a cada uma das denominações, tanto mais que as palavras quase sempre sobrevivem àquilo que elas designam por um determinado tempo. (p. 549).

Para Chopin (2009), todavia, essa diversidade não pode ser considerada como aspecto negativo para a pesquisa sobre o "livro didático", pois, segundo esse autor, "Como todo objeto de pesquisa, o livro escolar não é um dado, mas o resultado de uma construção intelectual: não pode então ter uma definição única. É, ao contrário, indispensável explicitar os critérios que presidem esta elaboração conceitual [...]" (CHOPIN, 2009, p. 74).

Essa "instabilidade" e "complexidade" (BATISTA, 1999) de conceitos sobre o livro didático é também indicada por Batista (1999), pois, ao problematizar a formulação do conceito de livro didático como objeto de investigação, esse autor ressalta que essa resulta de "[...] um conjunto de decisões controladas, tendo-se em vista aquelas dimensões do livro que se revelaram, ao longo da análise, problemáticas." (BATISTA, 1999, p. 567).

Para Batista (1999), para construir essa formulação, portanto, é preciso considerar diversos aspectos, a saber: os suportes materiais dos textos e impressos didáticos, o processo de produção e reprodução dos textos, suas finalidades, seus destinatários e usuários, suas diferentes dimensões e os diferentes interesses sociais em nome dos quais esses livros são produzidos, são veiculados, circulam e são pesquisados.

Apesar dessa complexidade de aspectos a serem considerados para a definição desse conceito, "cartilha de alfabetização", como um tipo de livro didático, é aqui compreendida no sentido apresentado por Mortatti (2000b), segundo a qual se trata de "[...] um tipo particular de livro didático [no] qual se encontram o método a ser seguido e a matéria a ser ensinada, de acordo com certo programa oficial estabelecido previamente". (MORTATTI, 2000b, p.42). Trata-se, portanto, de "[...] instrumento de concretizações de determinado método, ou seja, da seqüência necessária de passos predeterminados para o ensino e a aprendizagem iniciais de leitura." (MORTATTI, 2000b, p.48).

Sobre as "séries graduadas de leitura", segundo Oliveira e Souza (2000, p.27), essas são compostas por "[...] três, quatro e até cinco livros (primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto livros de leitura), nos quais estão distribuídos todos os conhecimentos a serem ensinados desde o primeiro até o último ano da escola primária". Ainda segundo Oliveira e Souza (2000, p.27), cada um dos livros de leitura "[...] equivale a um ano letivo. Os conteúdos estão divididos por lições ou títulos. As lições são apresentadas com grafias variadas nas formas e nos tamanhos e, geralmente, possuem gravuras".

Conforme analisa Oliveira (2004)

Na construção de um saber escolar específico, as séries graduadas de leitura ocupam um lugar de destaque. Para cada ano era utilizado um livro da série, de acordo com a idade e o grau de conhecimento da criança. Os assuntos nelas abordados seguiam-se gradualmente, de acordo com o nível de dificuldade. (p. 1-2).

Essa autora constata, portanto, que

[...] essas séries, pela sua constituição e forma de organização, podem ser consideradas como fator importante para o estabelecimento de práticas escolares e pedagógicas, para a instituição e implementação dos programas de ensino na escola primária do final do século XIX, início do século XX, tendo contribuído também para a regulamentação do tempo escolar, para o disciplinamento das crianças por intermédio das lições moralizantes. (OLIVEIRA, 2004, p. 4).

A essas contribuições, acrescento as de Valdez (2004), para quem "[...] os *Livros de leitura*, assim como outros livros didáticos, apresentam-se como parte essencial de uma determinada formulação política e de um determinado contexto cultural." (p. 7, grifos da autora). Por esse motivo, segundo essa autora, é preciso compreender os livros de leitura "[...] em suas várias dimensões para se perceber as análises sobre o imaginário escolar e suas representações políticas." (VALDEZ, 2004, p. 7).

Um dos aspectos a ser considerado quando da pesquisa sobre o livro didático, segundo Bittencourt (2004), é a questão da autoria. Para Bittencourt (2004)

A história dos autores de obras didáticas possibilita uma maior reflexão sobre a função do autor nessa produção específica e bastante diversa dos demais sujeitos. O problema da autoria da obra didática não é recente, confluindo em sua confecção muitos sujeitos. (p. 490).

Alem desses aspectos, essa autora indica, também, que a compreensão da produção didática de autores brasileiros "[...] possibilita identificar algumas das características das relações entre autor, editor e Estado. Permite constatar as especificidades do texto didático e a complexa teia de interferências a que o livro é submetido." (BITTENCOURT, 2004, p. 489). Essa autora ressalta a importância dos primeiros autores brasileiros de textos didáticos, os quais auxiliaram no processo de "[...] configuração de uma produção nacional, com características próprias. [...] que buscava atender as condições de trabalho dos professores das escolas públicas que se espalhavam pelo país." (p. 489).

Quanto ao método para o desenvolvimento da pesquisa, optei pela abordagem histórica, no âmbito da pesquisa em educação, com base principalmente em Mortatti (1999a), para quem a pesquisa histórica em educação:

[...] caracteriza-se como um tipo de pesquisa científica, cuja especificidade consiste, do ponto de vista teórico-metodológico, na abordagem histórica – no tempo – do fenômeno educativo em suas diferentes facetas. (p.73).

Pesquisas desse tipo vêm ganhando espaço e prestígio acadêmico nas últimas décadas e têm contribuído:

[...] tanto para a produção de certa mentalidade histórica e preservacionista quanto para a disponibilização de informações a respeito de seus limites e alcance e, por vezes, para a produção de valiosas obras de referência — guias, catálogos, repertórios, inventários, bibliografias comentadas, "estados da arte", entre outros —, que propiciam a ampliação dos sentidos, usos e funções dos documentos assim como da pesquisa de fundo histórico. (MORTATTI, 1999a, p. 14).

Sobre esse aspecto, são também importantes as considerações de Boto (1994), para quem:

[...] o trabalho historiográfico [é] objeto construído mediante um leque de questões apresentadas ao conjunto documental que, por meio desse filtro, será interpretado. Isso pressupõe, na interlocução do historiador acerca do tema, uma reconstituição do tema, perante critérios anteriores que circunscrevem sujeito e objeto de enunciação do discurso. Na ambivalência da relação entre passado e presente, há inevitavelmente a tensão entre distância e familiaridade. (p. 31).

Utilizo-me, também, de aspectos relacionados com a "história cultural" que, conforme indica Chartier (2002) "[...] tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler." (CHARTIER, 2002, p. 16-17). No que se refere especificamente à análise de fontes documentais, destaco também as contribuições de Chartier (2002), quando critica as abordagens que:

[...] consideram o acto de ler como uma relação transparente entre o "texto" — apresentado como uma abstração, reduzido ao seu conteúdo semântico, como se existisse fora dos objectos que o oferecem à decifração — e o "leitor" — também ele abstracto, com se as práticas através das quais ele se apropria do texto não fossem histórica e socialmente variáveis. (p. 25).

Especificamente sobre o tema "alfabetização", considerando-o sob a abordagem da história cultural, compreendo, assim como Chartier (2007)<sup>56</sup> que "De todas as obras escolares, a mais divulgada é aquela que faz os iniciantes entrarem nos 'rudimentos da leitura'" (p. 67), as quais são consideradas "Testemunhos privilegiados das evoluções institucionais, eles se situam no 'corredor da cultura, da pedagogia, da edição e da sociedade'". (p. 69).

Apesar de se referir especificamente ao caso francês, destaco as problematizações dessa pesquisadora a respeito dos livros utilizados para o ensino inicial da leitura e escrita.

Que vantagem documental específica o livreto de alfabetização fornece? Livro de iniciação cultural, ele colocava em cena o "mundo da escrita" proposto como referência aos leitores principiantes. Livro

---

<sup>56</sup> Além das contribuições de Anne-Marie Chartier para a história da alfabetização e da influência das pesquisas que vêm desenvolvendo e cujos resultados têm sido divulgados entre os pesquisadores brasileiros, destaco, especialmente as contribuições das pesquisas desenvolvidas sobre o tema na França por François Furet e Jacques Ozouf (1977), por Jean Hérbrard (1990), na Espanha, por Antonio Viñao Frago (1993), nos Estados Unidos, por Harvey Graff (1994) e em Portugal, por Justino Magalhães (1996; 2001) e por Rogério Fernandez (1994).

introdutório à língua escrita [...] apresentava um conjunto de saberes (mais ou menos explicitados) sobre as normas da língua e as relações entre a escrita e o oral. Ele impunha certa divisão silábica, regras de correspondência entre sons emitidos e signos escritos, mas legislava também sobre as pronúncias, as ligações, as marcas de pontuação e as regras ortográficas. Livro de uso, repertório ordenado de exercícios, ele pode ser considerado, ao lado dos livros de rezas e das partituras musicais para iniciantes, como um guia de trabalho mais para ser utilizado no dia-a-dia do que para ser lido. A principal dificuldade, para o pesquisador, é justamente a de reconstruir os gestos desaparecidos para compreender como o mestre e o aluno se serviam do mesmo livro. (CHARTIER, 2007, p. 69-70).

Além desses aspectos, para o desenvolvimento da abordagem histórica do fenômeno educativo, é necessária a utilização de fontes documentais, "[...] como mediadoras na produção do objeto de investigação." (MORTATTI, 1999a, p. 73), entendendo-se documento como:

[...] uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. (LE GOFF, 2003, p. 538).

A essas contribuições acrescento as de Starobinski (1976):

O recurso ao texto é, portanto, a melhor maneira de evitar o risco que apontamos, um pouco abstratamente, quando falamos na "fraqueza do objeto". O texto é um objeto vigoroso; ele provoca, em resposta, de nossa parte uma resposta vigorosa, perfeitamente distinta e independente, mesmo se o nosso desejo é de preencher e de aproximarmos daquilo que nos fala [...]. Um texto é uma totalidade relativamente limitada, cujos elementos constitutivos podem ser legitimamente relacionados uns com os outros: ele exige assim uma análise interna cujos resultados, ainda que muito variáveis segundo os fatores e níveis considerados, são sempre passíveis de um controle bastante preciso. (p. 139).

É preciso destacar, também, as contribuições de Foucault (2008), que indica que:

[...] as margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas: além do título, das primeiras linhas e do ponto final, além de sua configuração interna e da forma que lhe dá autonomia, ele está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede. [...] Por mais que um livro se apresente como um objeto que se tem na mão; por mais que ele se reduza ao pequeno paralelepípedo que o encerra: sua unidade é variável e relativa. Assim que a questionamos, ela perde a sua evidência; não se indica a si mesma, só se constrói a partir de um campo complexo de discursos. (p. 26).

Sobre esse aspecto, relacionado à pesquisa histórica, destaco as contribuições de Starobinski (1976):

A pesquisa histórica, se não for unicamente motivada pela atração do achado ocasional, tem essa consequência benéfica de aumentar a informação pela qual um mundo se acrescenta a uma obra – um mundo talvez exterior a ela, um mundo em que, face ao objetivo alcançado, multiplicam-se as palavras frustradas, as tentativas inacabadas: nesse terreno estranho a obra lança raiz e declara-nos a sua riqueza dependente; ela se revela por meio de suas ligações, e desarma a esperança de uma definição excessivamente fácil. (STAROBINSKI, 1976, p. 134).

Articuladamente à opção pela pesquisa histórica e pela utilização de fontes documentais, adoto, portanto, o método de análise que deriva do conceito de configuração textual proposto também por Mortatti (2000a), que o define como o:

[...] conjunto de aspectos constitutivos de determinado texto, os quais referem-se: às opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais-formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê?), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?) e logrando determinado tipo de circulação, utilização e repercussão. (p.31).

Para o desenvolvimento da pesquisa cujos resultados apresento nesta dissertação, coerentemente com o quadro teórico-metodológico apresentado, optei pela pesquisa documental e bibliográfica, desenvolvida mediante a utilização de procedimentos de: localização, recuperação, reunião, seleção, ordenação e análise de fontes documentais; e de leitura de bibliografia especializada sobre o tema, em especial com abordagem histórica, sobre alfabetização, métodos de alfabetização, cartilha de alfabetização, livro de leitura e aspectos correlatos, tais como, características do momento histórico-educacional, características das editoras dos livros em análise e sua relação com a expansão da instrução pública, dentre outros que se fizerem necessários para a análise da configuração textual.

Os livros didáticos que integram a série "Leituras Infantis" e o folheto mencionado, escolhidos como *corpus* da pesquisa, são considerados fontes documentais privilegiadas, aos quais apliquei o método de análise da configuração textual, que incide sobre os diferentes aspectos constitutivos de seu sentido: formação e atuação profissional do autor; momento histórico e lugar social em que foi publicada e utilizada;

forma e conteúdo nela expressos; o público a que se destinava; os objetivos e necessidades a que respondia e sua relação com o método analítico proposto por educadores das décadas iniciais do século XX.

Como fontes auxiliares para a análise, utilizei outros textos *de* Francisco Vianna e textos produzidos por outros autores que citam e/ou mencionam esse professor, sua produção escrita e atuação profissional. Para isso, ampliei o instrumento de pesquisa mencionado no início desta introdução, o qual consta como apêndice ao final desta dissertação.

Para a elaboração desta dissertação de mestrado, optei por apresentá-la com tom marcadamente descritivo, pois, conforme propõe Starobinski (1976),

[...] antes que se prolongue em interpretação, a análise [...] reestabelece o texto na plenitude de seu funcionamento, percebe-o em sua diferença própria e na sua existência completa; faz justiça a cada um de seus pormenores; esforça-se por formular as suas relações numa linguagem precisa (sendo o ideal conferir a essa linguagem descritiva uma instrumentação rigorosa). (p. 135).

Para apresentação dos documentos eleitos como *corpus* documental privilegiado da pesquisa, optei por manter a ortografia de época tanto nos títulos dos documentos, quanto nas citações que apresento.

[...] dado que o imprescindível esforço de síntese pode, por vezes, obscurecer o caráter mediador das fontes documentais para a compreensão, explicitação e interpretação do que foi o fazer e seu sentido em cada momento, utilizei-me, de maneira intensiva, do recurso às citações. Propiciando *também*, aos sujeitos de época o direito à voz, esse procedimento permite ao leitor melhor observar, na polifonia de versões, a tensão entre imposições e apropriações, especialmente no nível das concretizações [...]. (MORTATTI, 2000a, p. 32-33, grifo da autora)

Todo esse esforço por compreender os documentos que são "[...] portadores de uma intenção própria, que se declara mas não se integra inteiramente, provocando a obstinação de nossa espera, e o desejo dobrado de um melhor saber." (STAROBINSKI, 1976, p. 135) se caracterizam como uma tentativa de utilizar de modo mais rigoroso os procedimentos científicos para o desenvolvimento da pesquisa de mestrado cujos resultados aqui apresento.

Considero, todavia, que a forma com que lido com esses documentos e as escolhas que fiz na seleção e na descrição dos aspectos que considere relevantes para a compreensão do sentido dos textos não se caracterizam como totalmente distanciadas ou "neutras", mas se configuram como tais movidas por determinado modo de pensar, agir

frente ao documento e representá-lo, considerando, também, que: "A subjetividade do pesquisador está presente na seleção dos dados mas essa escolha não é arbitrária; ela resulta da relação entre a postura teórica do pesquisador e o objeto pesquisado." (VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 2005, p.49).

Considerando, por fim, a minha inexperiência como pesquisadora em formação e a ausência de conhecimentos necessários para pensar sobre muitos aspectos, destaco que, sobretudo as problematizações contidas nesta dissertação, resultam de elaboração apresentadas oralmente a mim por minha orientadora, cujo conhecimento acumulado e solidamente elaborado contribuiu decisivamente para me auxiliar a pensar sobre minha pesquisa no âmbito das pesquisas desenvolvidas até o momento pelos integrantes do Gphellb.

## **CAPÍTULO 2**

### **Apresentação da Série "Leituras Infantis"**

## 2.1 Publicação e circulação dos livros da Série "Leituras Infantis"

### 2.1.1 A editora da Série "Leituras Infantis"

Os livros da Série "Leituras Infantis" foram publicados pela Livraria Francisco Alves (RJ), editora de destaque na publicação nacional de livros didáticos. Hallewell (2005) indica a atuação pioneira e representativa dessa editora no âmbito da publicação de livros didáticos, pois, conforme esse autor, "[...] Francisco Alves foi o primeiro editor brasileiro a fazer dessa linha editorial o principal esteio de seu negócio." (p. 280).

Tendo iniciado suas atividades na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1854, como Livraria Clássica e dirigida por Nicolau Antonio Alves, publicando principalmente livros didáticos, essa editora, segundo Bragança (2004),

[...] começou modestamente com suas atividades voltadas para o atendimento do mercado escolar e veio a tornar-se uma das maiores editoras do país. Fundada na rua Gonçalves Dias (quando ainda se chamava dos Latoeiros), mudou-se posteriormente para a rua do Ouvidor. (p. 1).

Ainda segundo Bragança (2004), no ano de 1882, Nicolau Antonio Alves convidou seu sobrinho, Francisco Alves, para ser sócio da empresa. No ano de 1897, devido a problemas de saúde, Nicolau Antonio Alves vendeu sua parte da sociedade ao sobrinho, o qual se destacou como empresário no ramo livreiro.

Conforme afirma Bragança (2004, p.1):

Excetuando-se a Imprensa Régia, hoje Imprensa Nacional, a Francisco Alves é a editora mais antiga em funcionamento no país. Fundada como Livraria Clássica pelo imigrante português Nicolau Antonio Alves, voltada especialmente para o nascente público escolar da Corte, logo se tornaria uma livraria-editora de livros didáticos. Modesta em sua origem, a casa, sob a direção do sobrinho do fundador, Francisco Alves de Oliveira, transformou-se na primeira grande editora brasileira.

No ano de 1894, Francisco Alves abriu uma filial da livraria em São Paulo-SP, tendo adquirido a empresa N. Falcone, pela qual foi publicada uma das edições de *Terceiro livro de leituras infantis* que localizei.

No ano de 1902, Francisco Alves "[...] admitiu como sócio minoritário o seu auxiliar, engenheiro Manuel Pacheco Leão<sup>110</sup>, filho de Teófilo das Neves Leão<sup>111</sup>, um

<sup>110</sup> Segundo Razzini (2004) Manuel Pacheco Leão é "[...] filho de Teófilo das Neves Leão e de Rosalina Leonissa Pacheco da Silva, [...] [uma] importante família do Rio de Janeiro." (p. 6).

<sup>111</sup> Segundo Hallewell (2005), Teófilo das Neves Leão era secretário da Educação no governo de Prudente de Moraes, "[...] a maior autoridade em matéria de ensino [...]" (HALLEWELL, 2005, p. 283) e amigo de

velho professor e amigo, formando com ele uma parceria importante na expansão da editora." (p. 3).

No ano de 1907, "[...] fez uma outra sociedade com Júlio Monteiro Aillaud para assumir o controle da Aillaud, tradicional editora, livraria e tipografia francesa, de Paris [...]". Além disso, adquiriu, em 1908, "[...] a Livraria Bertrand, de Lisboa." (p. 3-4) e abriu filial em Minas Gerais (BRAGANÇA, 2004).

Segundo Hallewell (2005), o espaço e o prestígio que a Livraria Francisco Alves foi ganhando na publicação de livros didáticos se devem ao motivo de essa empresa ter passado a adquirir empresas rivais, a abrir filiais em diversos estados e a fazer impressão de um grande número de tiragens dos livros o que permitia o barateamento dos preços dos livros didáticos publicados (HALLEWELL, 2005).

Bittencourt (2004) também indica essa atuação representativa da Livraria Francisco Alves, ao analisar a relação entre o editor e o autor de livros didáticos entre as décadas finais do século XIX e iniciais do século XX.

A editora Francisco Alves acompanhou as inovações tecnológicas na fabricação dos livros, mantendo associações com empresas editoriais no exterior, sobretudo, para garantir impressões com menor custo. A visão empresarial do editor possibilitava colocar o livro no mercado a preços mais baixos, facilitando sua difusão e possibilitando uma "longa vida" para muitos dos seus *best-sellers*. Considerando esta outra importante característica do livro didático – o grande número de reedições – pode-se entender também o poder de interferência maior do editor nas adaptações e renovações da obra. (p. 489).

A respeito da importância dessa editora no mercado brasileiro, Bragança (2004) afirma que:

Sua importância em nossa história editorial faz dele o paradigma de livreiro-editor em nosso país. Francisco Alves lançou as bases modernas da edição escolar no Brasil e chegou a ser conhecido como o "Rei do Livro", mas a morte levou-o antes de completar 69 anos. (p. 4, grifos do autor).

Ao relacionar a expansão do mercado editorial com a expansão da escola pública no Brasil, Razzini (2004) afirma que o acerto da Livraria Francisco Alves no ramo dos livros didáticos no Brasil se deve justamente ao fato de Francisco Alves investir em um mercado seguro e de circulação perene. Por esse motivo, segundo

---

Francisco Alves, o que garantia a este a condição de ter Teófilo das Neves como seu maior leitor (HALLEWELL, 2005).

Bragança (2004, p. 2), "[...] criaram-se, timidamente, novas instituições escolares, tudo isso se refletiu, finalmente, num aumento do público leitor e do mercado para o livro."

Mesmo após o falecimento de Francisco Alves, no ano 1917, essa editora permaneceu "dominando" (HALLEWELL, 2005) o mercado editorial de livros didáticos, até pelo menos os anos finais da década de 1920, quando é fundada a Companhia Editora Nacional. Com o falecimento de Francisco Alves, sua herança foi destinada à Academia Brasileira de Letras e, de acordo com Hallewell (2005)

Como a Academia está estatutariamente, impedida de gerir qualquer tipo de negócio, vendeu a livraria a um grupo de velhos empregados de Francisco Alves, liderados por Paulo Ernesto Azevedo<sup>112</sup>, sucessor de Pacheco Leão na gerência da filial de São Paulo, e por Antônio de Oliveira Martins<sup>113</sup>. A nova firma adotou como razão social o nome "Paulo de Azevedo & Companhia", mas continuou a utilizar a marca "Francisco Alves". (p. 294).

No ano de 1972, os filhos de Paulo de Azevedo<sup>114</sup> juntamente com Álvaro Ferreira de Almeida<sup>115</sup>, Raul da Silva Passos<sup>116</sup> e Lélío de Castro Andrade<sup>117</sup>, os quais haviam sido admitidos como sócios da empresa, venderam-na para o Almirante José Celso de La Rocque Maciel Soares Guimarães<sup>118</sup>, o qual, segundo Hallewell (2005) "[...] tornou a modificar seu nome ara Livraria Francisco Alves Editora, enfatizando sua posição como a mais velha firma carioca com atividade ininterrupta no ramo editorial." (p. 296).

Apesar de eu não ter localizado informações que me auxiliariam a compreender de que modo se dava a relação de Francisco Vianna com os editores da Livraria Francisco Alves, é possível questionar qual era a participação desse professor na elaboração editorial dos livros da Série "Leituras Infantis". Esse questionamento decorre de informações que localizei no prefácio da 37ª. edição de *Terceiro livro de leituras infantis*, no qual Francisco Vianna afirma:

<sup>112</sup> Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da vida e da atuação profissional de Paulo Ernesto de Azevedo.

<sup>113</sup> Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da vida e da atuação profissional de Oliveira Martins.

<sup>114</sup> Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da vida e da atuação profissional dos filhos de Paulo de Azevedo.

<sup>115</sup> Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da vida e da atuação profissional de Álvaro Ferreira de Almeida.

<sup>116</sup> Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da vida e da atuação profissional de Raul da Silva Passos.

<sup>117</sup> Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da vida e da atuação profissional de Lélío de Castro Andrade.

<sup>118</sup> Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da vida e da atuação profissional do Almirante José Celso de La Rocque Maciel Soares Guimarães.

Quando, no anno de 1911, superintendi pessoalmente, em Pariz, á illustração e á revisão desta série, que, pelo menos no aspecto material, se manteve até 1918, como a melhor das nacionaes, foi-me impossível proceder, como já então pretendia, aos retoques de que este livro necessitava, pois fora elle o primeiro por mim publicado para as escolas primarias. Mais tarde, as difficuldades oriundas da guerra, impedindo a tiragem na Europa, forçaram-nos a fazer, para este e o *Segundo*, composições apressadas, que ora são substituidas por novas, nas quaes os expurguei de alguns efeitos, sendo que neste inclusive pela suppressão ou substituição de uma ou outra lição por demais pueril. Penso que, para os que já o apreciavam, sobrarão agora razões para adoptal-o.

Rio de Janeiro, 1927. (VIANNA, 1928a, p. 6).

Considerando que Francisco Vianna auxiliou no processo de seleção das ilustrações da série de livros de leitura, como ele afirma, é possível questionar o motivo de os editores da Livraria Francisco Alves o terem permitido superintender esse processo, ou seja, qual é autoria de Francisco Vianna na diagramação editorial dos livros? E, por que ele participou desse processo que, segundo Bittencourt (2004; 2008), era responsabilidade de técnicos e editores, por ser decisivo para a garantia de venda dos livros?

Além desse aspecto, é possível questionar, também, a forma com os editores da Livraria Francisco Alves conheceram os livros de leitura de Francisco Vianna: teria sido a partir da compra da Editora N. Falcone, no ano de 1894, pela qual Francisco Vianna publicou um de seus livros, que presumo corresponder ao terceiro livro da série de leituras? A partir desse conhecimento, os editores da Livraria Francisco Alves teriam procurado Francisco Vianna para, com isso, propor como uma estratégia editorial comum na época, que era a publicação de séries graduadas de leitura? Teriam os editores da Livraria Francisco Alves proposto a Francisco Vianna que elaborasse uma série de leituras, buscando com isso, aliar a experiência pedagógica desse professor e os cargos que ocupou e ocupava junto ao ensino à proposta de ampliar a atuação dessa editora no mercado brasileiro de livros didáticos para o ensino da leitura? Ou foi Francisco Vianna quem elaborou a série de livros de leituras e a apresentou aos editores da Livraria Francisco Alves os quais a aceitaram e publicaram? Em síntese: Francisco Vianna foi escolhido pela editora ou a editora que o escolheu, por ele representar o discurso do "novo" para o ensino da leitura?<sup>119</sup>

---

<sup>119</sup> Esses questionamentos são decorrentes de arguição da Prof<sup>a</sup>. Circe Maria Bittencourt na banca de qualificação de mestrado de Gazoli (2010).

Apesar de não ter localizado informações que me permitam responder aos questionamentos acima, eles auxiliam na problematização do "papel" desempenhado pela editora como auxiliar decisiva na difusão das "renovações pedagógicas" (BITTENCOURT, 2004) em um determinado momento e até que ponto as estratégias editoriais que têm por finalidade garantir maior vendagem podem prevalecer na diagramação dos livros se comparadas às propostas pedagógicas neles "concretizadas" por seus autores.

Certamente, a publicação da Série "Leituras Infantis" pela Livraria Francisco Alves, cuja atuação na publicação nacional de livros didáticos é pioneira e representativa para aquele momento histórico, indica que havia maiores condições de esses livros circularem nas escolas primárias, bem como de permanecerem sendo reeditados por um longo período de tempo, mesmo após o falecimento de seu autor e de "inadequações" em relação ao momento de publicação das 1<sup>as</sup>. e das últimas edições que localizei, publicadas praticamente após seis décadas.

### **2.1.2 Circulação dos livros da Série "Leituras Infantis"**

Série "Leituras Infantis" é composta por sete livros, dentre os quais dois, são cartilhas destinadas ao ensino inicial da leitura, a saber: *Cartilha: leituras infantis* [1912?] e *Primeiros passos na leitura* (1915); e cinco, são livros de leitura destinados ao ensino da "leitura corrente", conforme definidos por Francisco Vianna, a saber: *Leitura preparatória* (1908); *Primeiro livro de leituras infantis* (1908); *Segundo livro de leituras infantis* (1908); *Terceiro livro de leituras infantis* (1908); e *Quarto livro de leituras infantis (apanhados e factos históricos)* (1919).

Considerando as diferentes edições que localizei, constatei a longa circulação dos livros e a publicação de novas edições décadas após a publicação das 1<sup>as</sup>. edições. Além desse aspecto, destaco, também, que os livros da Série "Leituras Infantis" circularam em diversos estados brasileiros, nos quais foram aprovados e mandados circular, a saber: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Mato Grosso, Pará, Amazonas, Rio Grande do Norte, Bahia, Santa Catarina e Paraná.

No quadro abaixo, apresento os números dessas edições e os respectivos anos de publicação.

**Quadro 5 – Ano de publicação das edições localizadas dos livros da Série "Leituras Infantis"**

Nº. da edição	Ano da publicação						
	<i>Cartilha: leituras infantis</i>	<i>Primeiros passos na leitura</i>	<i>Leitura preparatória</i>	<i>Primeiro livro...</i>	<i>Segundo livro....</i>	<i>Terceiro livro...</i>	<i>Quarto livro...</i>
1ª.	[1912?]	1915	1908	1908	1908	1908	1919
2ª.	--	--	--	1909	1909	Sem data	--
3ª.	--	--	--	--	--	--	1923
5ª.	--	--	--	--	--	--	1928
37ª.	--	--	--	--	--	1928	--
42ª.	--	--	--	--	--	1937	--
44ª.	--	1958	--	--	--	1941	--
48ª.	1945	--	--	--	--	--	--
50ª.	--	--	--	--	1926	--	--
54ª.	1949	--	1937	--	--	--	--
60ª.	--	--	--	--	1941	--	--
62ª.	--	--	--	1958	--	--	--
69ª.	--	--	--	--	--	--	--
97ª.	--	--	1960	--	--	--	--
Sem edição	--	--	--	--	Sem data	--	--

Fonte: Oriani (2010a).

A partir das informações apresentadas no Quadro 5, afirmo que os livros da Série "Leituras Infantis" tiveram quantidade significativa de edições em um período correspondente a aproximadamente seis décadas. *Cartilha: leituras infantis* teve 54 edições publicadas em 33 anos, considerando que a 48ª. é publicada em 1945 e a 54ª. em 1949, isso significa que praticamente 40 anos após a publicação da 1ª. edição da cartilha, foram publicadas seis edições, no intervalo de quatro anos. *Primeiros passos na leitura* teve 44 edições publicadas em 43 anos. *Leitura preparatória* teve 97 edições publicadas em 52 anos; dentre as diferentes edições de todos os livros que integram a série que localizei, esse é o que foi publicado mais recentemente e do qual foram publicadas mais edições. *Primeiro livro de leituras infantis*, teve 62 edições publicadas em 50 anos; *Segundo livro de leituras infantis*, teve 60 edições publicadas em 33 anos; *Terceiro livro de leituras infantis* teve 44 edições publicadas em 33 anos; e *Quarto livro de leituras infantis (apanhados e factos históricos)* teve cinco edições publicadas em nove anos.

Mediante o exposto, observei que, no conjunto dos livros da Série "Leituras Infantis", as edições diminuíram à medida que os livros eram destinados às classes mais avançadas. *Cartilha: leituras infantis*, *Primeiros passos na leitura*, *Leitura preparatória*, *Primeiro livro de leituras infantis* e *Segundo livro de leituras infantis*

tiveram mais edições publicadas, com intervalo de tempo maior entre as 1<sup>as</sup>. edições e as últimas que localizei.

A partir dessa constatação, é possível problematizar se os livros destinados ao ensino da leitura circulavam com menor intensidade nas salas avançadas da escola primária graduada. Se sim, quais eram os livros utilizados nessas salas para o ensino da leitura?<sup>120</sup>

## **2.2 Aspectos gerais dos livros da Série "Leituras Infantis"**

### **2.2.1 Capa e quarta capa**

As capas dos livros da Série "Leituras Infantis" têm uma estrutura que se mantém: ilustração que ocupa toda a capa; informações a respeito do autor do livro; título do livro; vinculação à série de leituras; editora pela qual o livro foi publicado; e informações de que o livro havia sido avaliado e de que estava autorizado a ser utilizado nas escolas primárias.

Nas gravuras das capas das edições dos livros que localizei, são representadas situações relacionadas ao ambiente escolar, nas quais há crianças lendo ou estão próximas de uma escola. Em duas capas – das duas edições de *Cartilha: leituras infantis* e da 97<sup>a</sup>. edição de *Leitura preparatória* – há uma criança em um jardim e aspectos indicativos de um ambiente de fazenda ou sítio.

Nos casos das capas das edições que localizei de *Primeiros passos na leitura*, *Leitura preparatória*, *Segundo livro de leituras infantis* e *Terceiro livro de leituras infantis* a gravura das capas representa uma menina lendo a qual é observada por duas crianças. Apresento, abaixo, imagens das capas dessas edições.

---

<sup>120</sup> Apesar de pertinente, esses questionamentos não integram os objetivos da pesquisa de que resultou esta dissertação, por esse motivo, os deixo aqui registrados mais como possibilidade de reflexão posterior, do que como tentativa de elaboração de possíveis respostas.

Figura 1 – Capa da 44ª. edição de *Primeiros passos na leitura*



Capa da 44ª. edição de *Primeiros passos na leitura*, publicada em 1958  
Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb)

Figura 2 – Capa da 69ª. edição de *Leitura preparatória*



Capa da 69ª. edição de *Leitura preparatória*, publicada em 1937

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb)

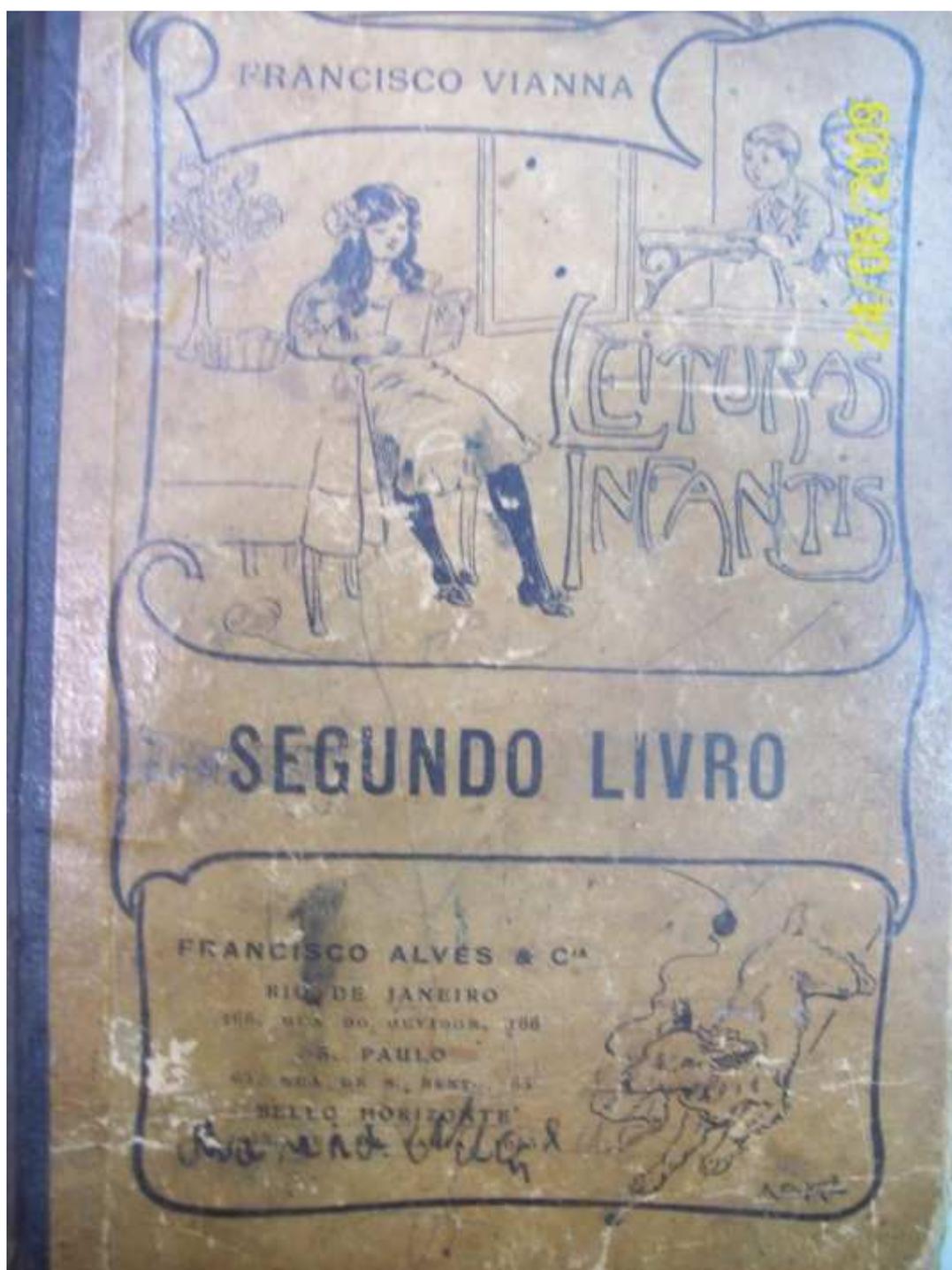
Figura 3 – Capa da 50ª. edição de *Segundo livro de leituras infantis*



Capa da 50ª. edição de *Segundo livro de leituras infantis*, publicada em 1926

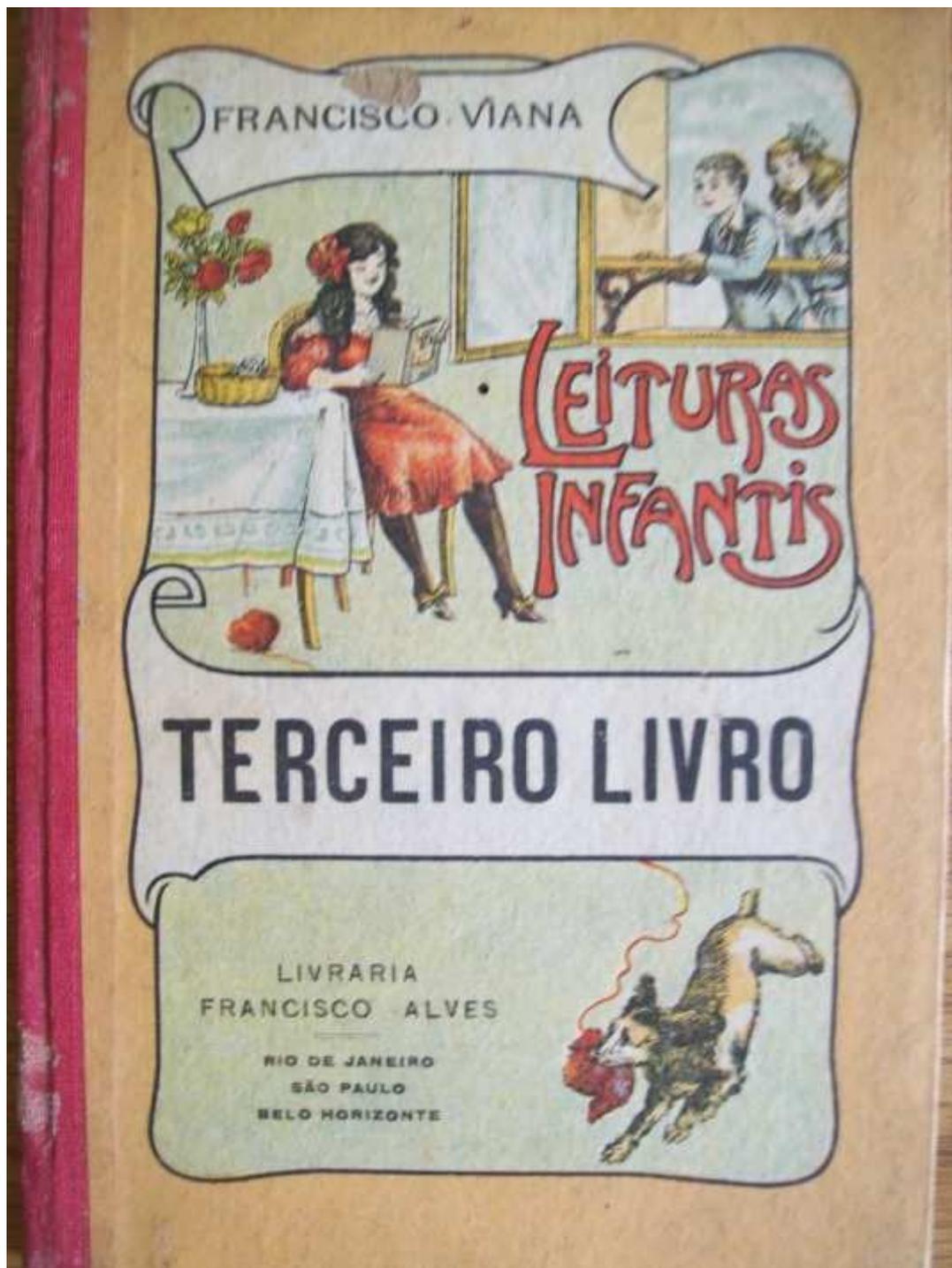
Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb)

Figura 4 – Capa de exemplar sem edição de *Segundo livro de leituras infantis*



Capa de exemplar sem edição de *Segundo livro de leituras infantis*, sem data de publicação  
 Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb)

Figura 5 – Capa da 42ª. edição de *Terceiro livro de leituras infantis*



Capa da 42ª. edição de *Terceiro livro de leituras infantis*, publicada em 1928

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb)

Como é possível observar, as gravuras apresentam crianças com vestimentas que se assemelham à europeia. A esse respeito, Bittencourt (2008) destaca a influência principalmente da cultura e padrões europeus que se concretizam e são mais visíveis nas ilustrações dos livros didáticos.

As ilustrações dos livros didáticos favoreciam, portanto, de acordo com as concepções de aprendizado, uma forma de o aluno ter contato com situações mais concretas não apenas para crianças, mas também para os jovens. Entretanto, pelas condições em que ocorreu o processo de construção da obra didática, as ilustrações serviram como instrumento a mais na veiculação da cultura européia.

A marca estrangeira nos textos didáticos é bastante visível pelas ilustrações, registrando-se cenários, vestimentas e animais europeus. Gestos e posturas "civilizadas" eram divulgadas pelos livros escolares, e tanto na forma quanto em relação aos conteúdos os livros didáticos se prestavam a difundir o "ideal" europeu como padrão a ser incorporado pela nossa juventude. As ilustrações reforçavam e impunham o consumo de um "estilo francês de ler", embora pudéssemos detectar algumas poucas resistências a tais imposições. (p. 198-199).

As quartas capas dos livros veiculam relação contendo títulos de livros, os respectivos nomes dos autores que estavam no catálogo de publicações da Livraria Francisco Alves e os preços de cada um dos livros anunciados. Segundo Bittencourt (2008), essa prática de divulgar o catálogo da editora era comum nas décadas finais do século XIX e iniciais do XX.

Outra forma de divulgação utilizada pelos editores era a apresentação de extratos de catálogos nos próprios livros didáticos, apresentando ao público escolar suas edições ou obras que se achavam à venda em suas livrarias. No final do século, os editores aproveitavam a contracapa dos livros para tal finalidade, limitando-se, por vezes, a divulgar obras de determinado autor e de determinada disciplina. (p. 86).

No caso de algumas das edições que localizei dos livros da Série "Leituras Infantis", há informação de que o catálogo da editora era enviado gratuitamente aos leitores que o solicitassem.

Apresento, abaixo, relação dos nomes de autores relacionados nas quartas capas das diferentes edições dos livros que localizei, de acordo com o livro.

- *Cartilha: leituras infantis*: Nas duas edições que localizei são mantidos os nomes dos autores, que são: Alaíde de Oliveira Lisboa<sup>121</sup>; Paulo Gustavo<sup>122</sup>; Malba Tahan<sup>123</sup>;

---

<sup>121</sup> De acordo com informações localizadas em *site* de busca na Internet, Alaíde de Oliveira Lisboa (1904-2006) atuou como pedagoga, jornalista e escritora. Mineira, essa professora atuou intensamente na produção de livros *de* literatura infantil e relacionados ao ensino. Informações disponíveis em: <<http://www.ufmg.br/online/arquivos/004615.shtml>>.

<sup>122</sup> Até o momento, não localizei informações a respeito da formação e atuação profissional desse autor, tendo localizado apenas informações relativas aos títulos de livros que ele teve publicados; tratam-se de: *História de um pintinho maluco* e *Aventuras de um palhacinho*, publicados pela Livraria Francisco Alves,

Olavo Bilac<sup>124</sup> e Coelho Neto<sup>125</sup>; Viriato Corrêa<sup>126</sup> e João do Rio<sup>127</sup>; Olavo Bilac; J. A. Mattos<sup>128</sup>; Antônio Trajano<sup>129</sup>; Felicíssimo Fernandes<sup>130</sup>; Henri de Lanteuil<sup>131</sup>; e Oswaldo Serpa<sup>132</sup> e Machado da Silva<sup>133</sup>.

---

cujas datas de publicação das 1<sup>as</sup>. edições não localizei. Informações disponíveis na quarta capa da 49<sup>a</sup>. edição de *Cartilha: leituras infantis*.

<sup>123</sup> Segundo informações localizadas em *site* de busca na Internet, Júlio César de Mello e Souza (1885-1974), conhecido pelo nome do personagem de seus livros, Malba Tahan, atuou como professor de matemática e escritor de livros destinados ao ensino dessa disciplina. Nos livros que teve publicados apresentava as aventuras do jovem árabe Malba Tahan que tinha por objetivo resolver problemas matemáticos a ele impostos nas situações que vivenciava. Informações localizadas em: < <http://www.tutomania.com.br/artigo/biografia-de-julio-cesar-de-mello-e-souza-pseudonimo-malba-tahan>>.

<sup>124</sup> Segundo Pfromm Netto; Dib; Rosamilha (1974), Olavo Bilac (1865-1918) foi jornalista e poeta brasileiro, tendo sido membro-fundador da Academia Brasileira de Letras. Atuou intensamente como escritor de literatura infantil, também escreveu e teve publicados diversos livros didáticos destinados às crianças, alguns dos quais em coautoria com Coelho Netto e Manoel Bonfim, dentre esses, destinados destacam-se: *Poesias infantis* (1904); os que escreveu em coautoria com Coelho Netto: *Contos pátrios* (1904); *Theatro infantil* (1905); e *Patria brasileira* (1909); e o que escreveu em coautoria com Manoel Bonfim *Através do Brasil* (1910).

<sup>125</sup> Segundo informações localizadas em *site* de busca da Internet, Henrique Maximiliano Coelho Netto (1864-1934) foi político, escritor e professor, tendo escrito livros em coautoria com Olavo Bilac, conforme mencionei na nota de rodapé acima. Informações localizadas em: < <http://www.projetomemoria.art.br/RuiBarbosa/glossario/c/coelho-neto.htm>>.

<sup>126</sup> Segundo Ferro (2000), Manuel Viriato Correia Baima do Lago Filho (1884-1967) atuou como jornalista e escritor de diversos livros, dentre os quais destaco os de literatura infanto-juvenil, especialmente, *Cazuza* (1938). A respeito desse livro, ver, especialmente, Ferro (2000).

<sup>127</sup> Segundo informações localizadas em *site* de busca na Internet, João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, cujo pseudônimo era João do Rio (1881-1921) atuou como cronista, tradutor, contista e teatrólogo; teve diversos livros publicados e também ocupou cadeira na Academia Brasileira de Letras. Informações localizadas em: < <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/joao-do-rio/joao-do-rio.php>>.

<sup>128</sup> Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da formação e atuação profissional desse autor, tendo localizado apenas na quarta capa da 49<sup>a</sup>. edição de *Cartilha: leituras infantis*, informação relativa ao título de livro que ele teve publicado; trata-se de: *Livro de palavras cruzadas*, publicado pela Livraria Francisco Alves, cuja data de publicação da 1<sup>a</sup>. edição não localizei.

<sup>129</sup> Segundo informações localizadas em *site* de busca na Internet, Antônio Bandeira Trajano (1843-1921) português que atou no Rio de Janeiro como professor de matemática e autor de livros didáticos para esse ensino. Informações localizadas em: < <http://www.mackenzie.com.br/10291.html>>.

<sup>130</sup> Até o momento, não localizei informações sobre a formação e atuação profissional de Felicíssimo Fernandes, tendo localizado na quarta capa da 49<sup>a</sup>. edição de *Cartilha: leituras infantis* títulos de dois livros didáticos de ciências que esse autor teve publicados, na década inicial do século XX; tratam-se de: *Sciencias naturaes e physicas*, cuja destinação era para o curso elementar e *Sciencias naturaes e physicas*, com destinação para o curso superior.

<sup>131</sup> Segundo Pietraróia (2008), Henri de Lanteuil foi um professor francês que atuou no Brasil como autor de livros didáticos para o ensino de francês.

<sup>132</sup> Até o momento, não localizei informações sobre a formação e atuação profissional de Oswaldo Serpa, tendo localizado na quarta capa da 49<sup>a</sup>. edição de *Cartilha: leituras infantis* títulos de três livros didáticos para o ensino de inglês que esse autor teve publicados em coautoria com Machado da Silva; tratam-se de: *A B C (direct method)*, *English for children* e *Paul e Mary*, cujas datas de publicação das 1<sup>as</sup>. edições não localizei, até o momento.

- *Primeiros passos na leitura*: Otelo Souza Reis<sup>134</sup>; Antônio Trajano; J. M. Lacerda<sup>135</sup>; Felicíssimo Fernandes; Henri de Lanteuil; Lígia de Moura Santos<sup>136</sup>; Máximo de Moura Santos<sup>137</sup>; Morel Marcondes Reis<sup>138</sup>; Rita Amil de Rialva<sup>139</sup>; Olavo Bilac; Olavo Bilac e Coelho Netto; Franklin Mendes<sup>140</sup>; e Nelson Costa<sup>141</sup>.
- *Leitura preparatória*:

---

<sup>133</sup> Até o momento, não localizei informações sobre a formação e atuação profissional de Machado da Silva, tendo localizado apenas títulos de três livros didáticos para o ensino de inglês que esse autor teve publicados em coautoria com Oswaldo Serpa, os quais mencionei na nota de rodapé anterior.

<sup>134</sup> Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da formação e atuação profissional desse autor, tendo localizado apenas informação de que foi professor de matemática e que publicou livros destinados ao ensino dessa disciplina.

<sup>135</sup> Segundo Oliveira (2007), Joaquim Maria de Lacerda (1838-1886) foi autor de livros didáticos destinados, especialmente ao ensino de história, tendo atuado nas primeiras décadas da república no Rio de Janeiro. A respeito do livro didático *Pequena historia do Brasil* (1880), ver, especialmente, Oliveira (2007).

<sup>136</sup> Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da formação e atuação profissional dessa autora, tendo localizado na quarta capa da 44ª. edição de *Primeiros passos na leitura* informação relativa ao título de série de livros destinados ao ensino da leitura que ela teve publicado; trata-se de *O bom colegial*, série composta por quatro livros os quais foram publicados pela Livraria Francisco Alves. Não localizei até o momento, entretanto a data de publicação da 1ª. edição dos livros que integram essa série.

<sup>137</sup> Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da formação e atuação profissional desse autor, tendo localizado na quarta capa da 44ª. edição de *Primeiros passos na leitura* informação relativa ao título de série "Moura Santos" composta por quatro livros destinados ao ensino da leitura e publicada pela Companhia Melhoramentos (SP), a saber: *O pequeno escolar* – 1º. Livro; *O pequeno escolar* – 2º. livro; *O pequeno escolar* – 3º. livro; e *O pequeno escolar* – 4º. livro. Não localizei, porém a data de publicação da 1ª. edição dos livros dessa série.

<sup>138</sup> Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da formação e atuação profissional desse autor, tendo localizado na quarta capa da 44ª. edição de *Primeiros passos na leitura* informação relativa ao título de série de livros destinados ao ensino da leitura que ele teve publicado; trata-se de *Contos brasileiros*, série composta por quatro livros os quais foram publicados pela Livraria Francisco Alves. Não localizei até o momento, entretanto, a data de publicação da 1ª. edição dos livros que integram essa série.

<sup>139</sup> Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da formação e atuação profissional dessa autora, tendo localizado na quarta capa da 44ª. edição de *Primeiros passos na leitura* informação relativa ao título de série de livros destinados ao ensino da leitura que ela teve publicado; trata-se de *Minhas lições*, série composta por cartilha de alfabetização e quatro livros os quais foram publicados pela Livraria Francisco Alves. Não localizei até o momento, entretanto a data de publicação da 1ª. edição dos livros que integram essa série

<sup>140</sup> Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da formação e atuação profissional desse autor, tendo localizado na quarta capa da 44ª. edição de *Primeiros passos na leitura* informação relativa ao título de livro para o ensino da Matemática que ele teve publicado; trata-se de *Rudimentos de geometria*. Não localizei até o momento, porém a data de publicação da 1ª. edição desse livro.

<sup>141</sup> Até o momento, não localizei maiores informações a respeito da formação e atuação profissional desse autor, tendo localizado na quarta capa da 44ª. edição de *Primeiros passos na leitura* informação relativa ao título de livro para o ensino da leitura que ele teve publicado; trata-se de *Leitura e exercícios*. Não localizei até o momento, porém a data de publicação da 1ª. edição desse livro.

- 69ª. edição: Hilário Ribeiro<sup>142</sup>; Thomaz Galhardo; Felisberto de Carvalho<sup>143</sup>; Arnaldo Barreto; Francisco Vianna (sendo que nesse local "Vianna" está grafado com dois "ns"); João Köpke; Maria Rosa Ribeiro<sup>144</sup>; e Rita de Macedo Barreto<sup>145</sup>;

- 97ª. edição: Alaíde de Oliveira Lisboa; Paulo Gustavo; Malba Tahan; Olavo Bilac; Viriato Correia e João do Rio; e Dr. Renato Kehl.

▪ *Primeiro livro de leituras infantis*: a 2ª edição desse livro foi restaurada, portanto, não é possível saber quais nomes de autores estão indicados.

- 62ª. edição: Paulo Gustavo; Renato Kehl; João Ribeiro; J. M. Lacerda; Felicíssimo Fernandes; Raja Gabaglia e João Ribeiro; Henri de Lanteuil; Oswaldo Serpa e Machado Silva.

▪ *Segundo livro de leituras infantis*:

- 2ª. edição: Francisco Vianna e Miguel Carneiro Júnior; Francisco Vianna; Puiggari-Barreto<sup>146</sup>; Arnaldo Barreto; Thomaz Galhardo; Felisberto de Carvalho;

- 50ª. edição: Olavo Freire<sup>147</sup>; Antonio Trajano; Duque Estrada<sup>148</sup>; O. de Souza Reis<sup>149</sup>; B. P. R<sup>150</sup>; Felicíssimo Fernandes; Arnaldo Barreto; Geikie<sup>151</sup>; João Ribeiro; Raja Gabaglia e João Ribeiro; Olavo Bilac e Coelho Netto; Olavo Bilac.

<sup>142</sup> Segundo Pfromm Netto; Dib; Rosamilha (1974), Hilário Ribeiro de Andrada e Silva (1847-1886) estudou Medicina e foi professor. Atuou como escritor de peças de teatro, poesias, livros didáticos e cartilhas, dentre os quais destaca-se a "Série Instrutiva" (1885), que teve grande circulação no Brasil. Além dessa série, publicou também: *Cartilha Nacional – Primeiro Livro/Silabário* (1880).

<sup>143</sup> Segundo Bittencourt (2004), Felisberto de Carvalho (1850-1898) foi professor, jornalista, músico e autor de diversos livros didáticos, sobre gramática, aritmética, geometria, redação e instrução moral e cívica. Destaca-se, também, a série composta por cinco livros de leitura que esse autor escreveu, os quais foram "[...] publicados inicialmente na década de 1880 com reedições até 1959." (BITTENCOURT, 2004, p. 488). A respeito dos livros didáticos escritos por esse autor, ver, especialmente, Oliveira (2004).

<sup>144</sup> Até o momento, não localizei informações mais precisas a respeito da formação dessa autora, tendo localizado na quarta capa da 69ª. edição de *Leitura preparatória* títulos de livros didáticos por ela escritos: *Leituras intermediárias* (1926); *Leitura para o 2º. anno*; *Leitura para o 3º. anno*; *Leitura para o 4º. anno*, sendo que dos três últimos não consegui localizar data de publicação da 1ª. edição.

<sup>145</sup> Até o momento, não localizei informações mais precisas a respeito da formação dessa autora, tendo localizado na quarta capa da 69ª. edição de *Leitura preparatória* títulos de série de livros didáticos por ela escritos, cuja publicação da 1ªs. edições datam de 1914 a 1916: *Corações de crianças – leituras preparatórias*; *Corações de crianças – primeiro livro*; *Corações de crianças – segundo livro*; *Corações de crianças – terceiro livro*; *Corações de crianças – quarto livro*.

<sup>146</sup> De acordo com Pfromm Netto; Dib; Rosamilha (1974), Puiggari-Barreto refere-se à série de leituras elaborada pelos professores Romão Puiggari e Arnaldo de Oliveira Barreto que circulou intensamente nas décadas iniciais do século XX. A série é constituída por quatro livros e sua 1ª. edição foi publicada em 1904; os títulos dos livros dessa série são: *Primeiro livro de leituras*, *Segundo livro de leituras*, *Terceiro livro de leituras* e *Quarto livro de leituras*.

<sup>147</sup> Segundo informações localizadas em Razzini (2006), Olavo Freire (1869-1941) foi professor e autor de livros didáticos.

- 60ª. edição: Paulo Gustavo; Renato Kehl<sup>152</sup>; João Ribeiro; J. M. de Lacerda; Felicíssimo Fernandes; Raja Gabaglia<sup>153</sup> e João Ribeiro<sup>154</sup>; Henri de Lanteuil; Oswaldo Serpa e Machado Silva.

▪ *Terceiro livro de leituras infantis:*

- 2ª. edição: João Köpke, seguido dos títulos da "Série Rangel Pestana<sup>155</sup>"; Dr. Arthur Thiré<sup>156</sup>; Arnaldo Barreto; Miguel Alves Feitosa<sup>157</sup>; Júlio Ribeiro<sup>158</sup>; "Série Puiggari-Barreto"; e Francisco Vianna.

---

<sup>148</sup> Segundo informações localizadas em *site* de busca na Internet, Joaquim Osário Duque Estrada (1870-1927) foi m poeta, crítico literário, professor e ensaísta brasileiro. No ano de 1909 teve seu poema oficializado como Hino Nacional Brasileiro. Além disso, atuou como Inspetor de ensino do Rio de Janeiro, tendo sido professor no Ginásio Fluminense e na Escola Normal do Rio de Janeiro, membro da Academia Brasileira de Letras e publicados livros didáticos para o ensino de história, sobre o militarismo, sobre poesia e gramática. Informações localizadas em: <[http://www.nossosaopaulo.com.br/Reg\\_SP/Barra\\_Escolha/B\\_DuqueEstrada.htm](http://www.nossosaopaulo.com.br/Reg_SP/Barra_Escolha/B_DuqueEstrada.htm)>.

<sup>149</sup> Até o momento, não localizei informações a respeito da formação e atuação profissional desse autor, tendo localizado, na quarta capa da 50ª. edição de *Segundo livro de leituras infantis* informações relativas aos títulos de livros que ele teve publicados; tratam-se de: *Previdência, Noções de historia do Brasil e Seiscentas expressões fracionárias*, publicados pela Livraria Francisco Alves, cujas datas de publicação das 1ªs. edições não localizei.

<sup>150</sup> Conforme presume Batista (2002) a sigla B. P. R. se refere aos nomes dos professores Arnaldo Barreto, Romão Puiggari e Ramon Rocca Dordal, pois, no verso da folha de rosto do livro *A leitura manuscrita*, de autoria de B. P. R. e publicado pela Livraria Francisco Alves (RJ) a partir da 9ª. edição, em 1909, são apresentados os títulos dos livros publicados por esses autores.

<sup>151</sup> Segundo Lorenz (2006), Archibald Geikie (1835-1924) foi um geólogo escocês que também atuou como professor de geologia e mineralogia na universidade de Edimburgo, localizada na Escócia. Esse professor escreveu *Physicalische geographie*, cuja tradução para português foi intitulada *Geographia Physica* e publicada no Brasil, pela Livraria Francisco Alves (RJ). Não localizei, até o momento, as datas de publicação das 1ªs. edições desses livros.

<sup>152</sup> Segundo Souza (2006), Renato Ferraz Kehl (1889-1974) foi um médico que atuou como defensor da eugenia e de temas correlatos sobre raça e hereditariedade.

<sup>153</sup> De acordo com Soares (2007), Eugênio de Barros Raja Gabaglia foi matemático e professor, tendo atuado no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, tendo escrito livros sobre português, história, geografia e matemática, em coautoria com João Ribeiro.

<sup>154</sup> Segundo informações que localizei na Internet, João Ribeiro foi professor e autor de livros didáticos, dentre os quais alguns escritos em coautoria com Raja Gabaglia e outros individualmente. Localizei menções aos livros que João Ribeiro escreveu nas quartas capas dos livros de Francisco Vianna os quais são destinados ao ensino da gramática da língua portuguesa para os níveis primário, médio e superior.

<sup>155</sup> Segundo Oliveira (2004), a Série "Rangel Pestana" é composta por cinco livros de leituras escritos por João Köpke, cuja 1ª. edição foi publicada na década final do século XIX. Essa série de livros foi publicada por diversas editoras, até o ano de 1908, quando passou a ser publicada pela Livraria Francisco Alves (RJ).

<sup>156</sup> De acordo com informações localizadas em *site* na Internet, Dr. Arthur Thiré (1856-1924) foi um professor francês que atuou em diversas escolas brasileiras, dentre as quais a Escola de Minas, em Ouro Preto e no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Além de sua atuação como professor, escreveu e teve publicados diversos livros destinados ao ensino de matemática, os quais foram publicados pela Livraria Francisco Alves (RJ). Informações localizadas em: <<http://www.lettras.ufmg.br/lourenco/banco/EH03.html>>.

<sup>157</sup> Até o momento, não localizei informações a respeito da formação e atuação profissional de Miguel Alves Feitosa, tendo localizado apenas informação de que esse autor teve publicados livros destinados ao ensino de gramática para os alunos no nível elementar, médio e superior.

- 37ª. edição: Olavo Freire; Antonio Trajano, Duque Estrada; O. de Souza Reis; B. P. R.; Felicíssimo Fernandes; Arnaldo Barreto; Geikie; João Ribeiro; Raja Gabaglia e João Ribeiro; Olavo Bilac e Coelho Netto; e Olavo Bilac.

- 42ª. edição: Arnaldo Barreto; Hilário Ribeiro; Thomaz Galhardo; Felisberto de Carvalho Francisco Vianna; João Köpke; Maria Rosa Ribeiro; e Rita de Macedo Barreto.

- 44ª. edição: Felicíssimo Fernandes, Raja Gabaglia e João Ribeiro Paulo Gustavo; Renato Kehl; João Ribeiro; J. M. de Lacerda; Henri de Lanteuil; Oswaldo Serpa e Machado da Silva.

▪ *Quarto livro de leituras infantis*: a 3ª. edição desse livro foi restaurada e não foi mantida a capa e a quarta capa.

- 5ª. edição: Olavo Freire; Antonio Trajano; Duque Estrada; O. de Souza Reis; B.P.R.; Felicíssimo Fernandes; Arnaldo Barreto; Geikie; João Ribeiro; Raja Gabaglia e João Ribeiro; Olavo Bilac e Coelho Neto; e Olavo Bilac.

Nas quartas capas dos livros da Série "Leituras Infantis", portanto, são divulgados os livros didáticos destinados à escola primária e secundária considerados adequados no momento histórico em que as edições foram publicadas. Os títulos dos livros relacionados nas quartas capas não se restringem a uma disciplina específica, por exemplo, livros destinados ao ensino da leitura, considerando que os livros de Francisco Vianna são destinados a esse ensino, mas estão relacionados livros para o ensino de diferentes disciplinas: matemática, história, língua inglesa e língua francesa.

Constatai, também, que os autores cujos livros são destinados ao ensino da leitura são professores que, assim como Francisco Vianna, propunham o método analítico para o ensino da leitura. Esse aspecto permite confirmar a atuação e participação representativas das editoras de livros didáticos na divulgação de livros baseados em propostas consideradas adequadas e adotadas oficialmente, como é o caso do método analítico para o ensino da leitura, oficializado por Oscar Thompson, no ano de 1910 (MORTATTI, 2000a).

---

<sup>158</sup> De acordo com informações localizadas em *site* na Internet, Júlio César Ribeiro Vaughan (1845-1890) foi escritor e teve publicado diversos livros, dentre os quais, destaco o destinado ao ensino da gramática portuguesa. Informações localizadas em: < <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JulioCRV.html>>.

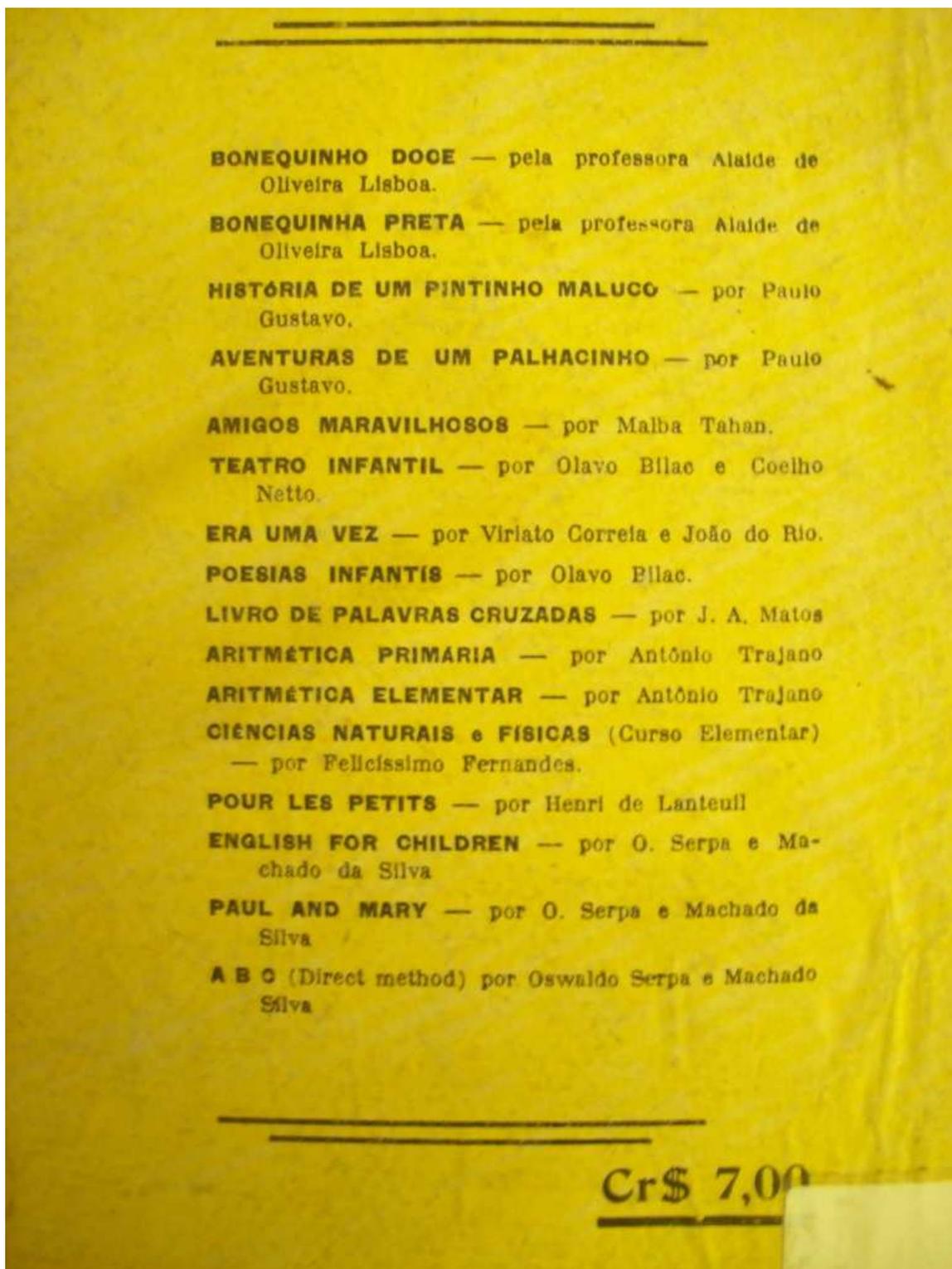
A título de exemplo, apresento abaixo, gravuras das quartas capas de *Terceiro livro de leituras infantis* e de *Cartilha: leituras infantis*.

Figura 6 – Quarta capa da 42ª. edição de *Terceiro livro de leituras infantis*

Extracto do Catalogo da Livraria Francisco Alves	
<b>HILARIO RIBEIRO:</b>	
Primeiro Livro de Leitura .....	1\$700
Cartilha Nacional .....	1\$700
Segundo Livro de Leitura (Novo) .....	1\$500
Terceiro Livro de Leitura (Novo) .....	1\$500
Quarto Livro de Leitura (Novo) .....	1\$500
<b>THOMAZ GALHARDO:</b>	
Cartilha da Infancia .....	1\$700
Segundo Livro de Leitura .....	1\$500
Terceiro Livro de Leitura .....	1\$500
<b>FELISBERTO DE CARVALHO:</b>	
Primeiro Livro de Leitura .....	2\$000
Segundo Livro de Leitura .....	2\$500
Terceiro Livro de Leitura .....	2\$000
Quarto Livro de Leitura .....	4\$000
Quinto Livro de Leitura .....	4\$000
<b>ARNALDO BARRETO:</b>	
Cartilha Analytica .....	2\$000
Cartilha das Mães .....	1\$200
Primeiras Leituras .....	2\$000
Leituras Moraes .....	2\$000
(Série Puiggari-Barreto:)	
Primeiro Livro de Leitura .....	2\$500
Segundo Livro de Leitura .....	2\$000
Terceiro Livro de Leitura .....	2\$000
Quarto Livro de Leitura .....	2\$500
<b>FRANCISCO VIANNA:</b>	
Primeiros Passos na Leitura .....	1\$500
Cartilha .....	2\$000
Leitura Preparatoria .....	2\$500
Leituras Infantis — Primeiro Livro .....	2\$500
" " — Segundo Livro .....	3\$000
" " — Quarto Livro .....	4\$000
<b>JOÃO KÖPKE:</b>	
(Série Rangel Pestana:)	
Primeiro Livro de Leituras Moraes .....	2\$000
Segundo Livro de Leituras Moraes .....	2\$500
Terceiro Livro de Leituras Moraes .....	2\$500
Quarto Livro de Leituras Moraes .....	3\$500
Leituras Praticas .....	2\$000
Fabulas (em verso) .....	1\$500
<b>MARIA ROSA RIBEIRO:</b>	
Leitura Intermediaria .....	2\$000
Leitura para o 2.º anno .....	2\$500
Leitura para o 3.º anno .....	2\$500
Leitura para o 4.º anno .....	3\$000
<b>RITA DE MACEDO BARRETO:</b>	
Corações de Creanças — Leituras Preparatorias .....	2\$500
" " " — Primeiro Livro .....	2\$500
" " " — Segundo Livro .....	3\$000
" " " — Terceiro Livro .....	3\$000
" " " — Quarto Livro .....	3\$500
Remettemos nosso catalogo gratis, a quem o pedir	

Quarta capa da 42ª. edição de *Terceiro livro de leituras infantis*, publicada em 1937.  
Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb)

Figura 7 – Quarta capa da 54ª. edição de *Cartilha: leituras infantis*



Quarta capa da 54ª. edição de *Cartilha: leituras infantis*, publicada em 1949.

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb)

### 2.2.2 Folha de rosto, medida dos livros e quantidade de páginas

Os aspectos apresentados nas folhas de rosto dos livros da Série "Leituras Infantis", além de informarem o leitor sobre o livro, têm função de apresentar, como uma propaganda, informações a respeito do livro em específico e da série a qual está vinculado, assim como da editora pela qual o livro foi publicado.

Nos livros de leitura da Série "Leituras Infantis" são apresentadas informações a respeito: do título do livro, em destaque na folha; do nome do autor, com informações a respeito da atuação profissional de Francisco Vianna e a indicação dos cargos que ocupou e/ou ocupava quando da publicação dos livros; de autorização para utilização do livro e os estados nos quais foi mandado adotar; da editora, com os endereços no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Belo Horizonte; e da data de publicação da edição.

Considerando as diferentes edições que localizei dos livros de leitura dessa série, constatei pequenas modificações, geralmente quanto à disposição com que os aspectos estão dispostos na página, do acréscimo do prefixo "ex" às indicações dos cargos que Francisco Vianna não ocupava mais e, no caso específico das edições modernizadas pelos filhos de Francisco Vianna, abaixo da relação dos cargos ocupados por esse professor e do número da edição, há a seguinte informação: "Modernizada pelos filhos do autor e aprovada pela Comissão de Livros da Secretaria Geral de Educação do Distrito Federal." (VIANA, 1958)<sup>159</sup>.

As medidas dos exemplares dos livros da Série "Leituras Infantis" que localizei variam entre 18 centímetros de altura por 13 centímetros de largura. Algumas edições apresentam variações ora alguns centímetros e décimos de centímetros maiores, ora menores.

A quantidade de páginas dos livros da Série "Leituras Infantis" aumenta progressivamente à medida que o livro é destinado às classes mais avançadas. Entre as diferentes edições dos livros dessa série, há, também, variação na quantidade de páginas. De modo geral, isso decorre da inclusão e/ou supressão de lições nas edições dos livros, ou da inclusão dos índices na contagem geral da quantidade de páginas nos livros. Apresento, abaixo, quadro contendo a medida dos exemplares que localizei e a quantidade de páginas, de acordo com a edição.

---

<sup>159</sup> Abordarei mais especificamente as edições dos livros da Série "Leituras Infantis" modernizadas pelos filhos de Francisco Vianna, no último tópico deste capítulo.

**Quadro 6 – Medida e quantidade de páginas dos exemplares dos livros da Série "Leituras Infantis"**

<b>Livro</b> <b>Edição</b>	<i>Cartilha: leituras infantis</i>	<i>Primeiros passos na leitura</i>	<i>Leitura preparatória</i>	<i>Primeiro livro de leituras infantis</i>	<i>Segundo livro de leituras infantis</i>	<i>Terceiro livro de leituras infantis</i>	<i>Quarto livro de leituras infantis...</i>
2ª.	--	--	--	172p. 18,5x12,5 cm	202p. 18,5x12,6 cm	192p. 18,5x12,6 cm	--
3ª.	--	--	--	--	--	--	350p. 17,2x11,2 cm
5ª.	--	--	--	--	--	--	350p. 17,2x11,2 cm
37ª.	--	--	--	--	--	188p. 18,7x12,6 cm	--
42ª.	--	--	--	--	--	190p. 18,7x12,6 cm	--
44ª.	--	73p. 18,1x14,1 cm	--	--	--	182p. 18,8x12,6 cm	--
48ª.	72p. 19,5x14,5 cm	--	--	--	--	--	--
50ª.	--	--	--	--	188p. 18,7x12,5 cm	--	--
54ª.	72p. 19,5x14,5 cm.	--	--	--	--	--	--
60ª.	--	--	--	--	188p. 18,8x12,6 cm	--	--
62ª.	--	--	--	176p. 18,2x12,6 cm	--	--	--
69ª.	--	--	128p. 20,5x15 cm	--	--	--	--
97ª.	--	--	126p. 20,5x15 cm	--	--	--	--

Fonte: Oriani (2010a).

A partir das informações contidas no Quadro 6, afirmo que todos os livros da série apresentam medidas adequadas considerando o público para o qual eram destinados. Os livros em tamanhos pequenos e com poucas páginas, se comparados a outros livros publicados naquele momento, sugerem certa adequação do material didático ao público infantil, tanto considerando o manuseio, quanto o transporte. Além disso, o material com que os livros eram feitos indica um processo de fabricação mais barateado. A forma com que os livros da Série "Leituras Infantis" estão editorados sugerem certo investimento da editora para garantir boas condições de vendagem dos livros, isso porque, conforme afirma Bittencourt (2008)

A questão da comercialização dos livros tornou-se um aspecto fundamental para a garantia de sucesso do livro, não bastando o aval do governo. Era necessário que o livro didático fosse acessível a alunos e professores em preço e possibilidade de aquisição nos vários recantos do país. Aperfeiçoaram, por exemplo, técnicas de capas do tipo brochado e, geralmente as editoras adotaram o padrão in-8º introduzido pela Garnier, cujo tamanho possibilitava a venda por preços mais acessíveis. Assim, uma obra erudita era normalmente encadernada e seu preço variava entre 5\$000 a 10\$000 réis, enquanto os livros didáticos eram cartonados, em papel de pior qualidade, possibilitando preços entre \$500 a 2\$000 réis. (p. 85-86).

Nas quartas capas dos exemplares dos livros que localizei, como informei, estão relacionados títulos do catálogo da Livraria Francisco Alves e os respectivos preços dos livros. De modo geral, os preços dos livros didáticos aumentam progressivamente à medida que os livros são destinados às classes mais avançadas, a saber: o preço das cartilhas relacionadas varia entre \$700<sup>160</sup> e 2\$000 réis e o preço dos livros de leituras relacionados varia entre 2\$500 e 4\$000 réis.

Especificamente a respeito dos livros de Francisco Vianna, os valores apresentados na quarta capa da 37ª. edição de *Terceiro livro de leituras infantis* são: *Cartilha: leituras infantis*, 2\$000; *Primeiros passos na leitura*, 1\$500; *Leitura preparatória*, 2\$500; *Primeiro livro de leituras infantis*, 2\$5000; *Segundo livro de leituras infantis*, 3\$000; e *Quarto livro de leituras infantis...*, 4\$000. Apesar de o preço de *Terceiro livro de leituras infantis* não estar relacionado, presumo que seu custo seja 3\$500.

### 2.2.3 Organização dos livros e das lições

Os livros da Série "Leituras Infantis" estão organizados em uma estrutura que é comum: orientação aos professores; lições e índice.

As orientações aos professores, de autoria de Francisco Vianna, contêm alguns dos princípios a partir dos quais esse professor se baseou quando elaborou o livro, além de conter considerações relativas aos procedimentos metodológicos que o professor primário deveria utilizar em sala de aula para que, juntamente com o livro didático, configurasse efetivamente a proposta desse autor para o ensino da leitura.

---

<sup>160</sup> Apenas *Cartilha Nacional* e *Primeiro livro de leitura*, de Hilário Ribeiro e *Cartilha da Infância*, de Thomaz Galhardo custam \$700 réis; os outros livros e cartilhas relacionados custam geralmente, 1\$500 ou 2\$000 réis.

Essas orientações aos professores, dispostas, geralmente, em três a cinco páginas, precedem as lições e, em apenas alguns exemplares dos livros que localizei as sucedem; todavia, constatei que esse aspecto se relaciona a uma reorganização editorial, pois, ao comparar as diferentes edições dos exemplares nos quais essas orientações estão remanejadas para o fim do livro, observei que o conteúdo não foi alterado, mas apenas a disposição que se encontra no livro.

Em *Cartilha: leituras infantis*, além de orientações destinadas aos professores, há, também, orientações aos pais das crianças que utilizarão a cartilha. Além desse aspecto, como complemento às orientações contidas no prefácio dessa cartilha, Francisco Vianna elaborou um folheto o qual foi veiculado e divulgado gratuitamente aos professores.

Em *Primeiros passos na leitura*, as orientações aos professores se referem à forma com que essa cartilha está organizada complementarmente à *Cartilha: leituras infantis*, assim como às orientações metodológicas relativas ao ensino da leitura e as lições da cartilha.

As orientações aos professores contidas em *Primeiro livro de leituras infantis*, *Segundo livro de leituras infantis* e *Terceiro livro de leituras infantis* são idênticas e mantidas nas diferentes edições desses livros que localizei. Nessas orientações, Francisco Vianna apresenta as especificidades de sua série de livros de "leitura corrente" (VIANNA, 1909), comparativamente às séries as quais teve acesso até aquele momento. As orientações de *Quarto livro de leituras infantis...* se diferenciam das orientações dos outros livros e estão mais direcionadas à finalidade de informar o professor a importância de ensinar a leitura às crianças a partir de "fatos históricos" (VIANNA, 1923).

As lições dos livros da Série "Leituras Infantis" são organizadas em histórias nas quais são abordados aspectos relativos às atividades infantis, a saber: brincadeiras e jogos de crianças, como brincar com bola, com peão, com boneca e pescar; ações comuns ao cotidiano das crianças, como ir à escola, desenhar, colher frutas em árvores, brincar com animais; e situações nas quais há o relacionamento entre os adultos e as crianças, nas quais é explorado, principalmente, o aprendizado que esse relacionamento pode propiciar para as crianças.

Nas lições são apresentados, também, princípios do que seriam ações consideradas adequadas de acordo com as situações apresentadas nas lições, como, por

exemplo, a importância de não roubar, de não maltratar os animais e de fazer o bem ao colega. Além disso, ao final das lições de alguns dos livros da série, especialmente os destinados ao ensino inicial da leitura, há sentenças destacadas que têm por finalidade sintetizar moralmente o conteúdo das lições e que estão apresentadas sob a forma de poesia, pois, a meu ver, facilitaria a memorização das sentenças por parte das crianças.

As lições dos livros são acompanhadas por gravuras nas quais são abordados os aspectos das lições. Nas lições dos livros da Série "Leituras Infantis", as gravuras têm por finalidade congregar os aspectos abordados nas lições e permitir que, a partir do questionamento do professor, as crianças consigam elaborar sentenças que descrevam as gravuras e se assemelhem às sentenças das lições, no caso das cartilhas e às histórias, no caso dos livros de leituras.

Nas 1<sup>as</sup>. lições de *Cartilha: leituras infantis* e *Primeiros passos na leitura* são apresentadas sentenças mais descritivas e a gravura ocupa a maior parte da página. À medida que as lições avançam, aumenta gradativamente a quantidade de sentenças e, por esse motivo, as gravuras e as sentenças passam a dividir equitativamente a página das lições. As últimas lições dessas cartilhas apresentam histórias e não mais sentenças.

As lições dos livros de leitura não são apresentadas sob a forma de sentenças, mas são histórias, cuja disposição nos livros aumenta progressivamente à medida que as lições do livro avançam e à medida que os livros são destinados às classes mais avançadas. Nas lições dos livros de leitura há diversas gravuras, todavia, em menor quantidade e ocupando espaço menor se comparada à quantidade de gravuras e à disposição por elas ocupada nas cartilhas.

As lições dos livros da Série "Leituras Infantis" são compostas apenas por histórias e não há exercícios que as acompanham para "treino" ou "fixação" dos aspectos abordados nas lições.

#### **2.2.4 Edição modernizada pelos filhos de Francisco Vianna**

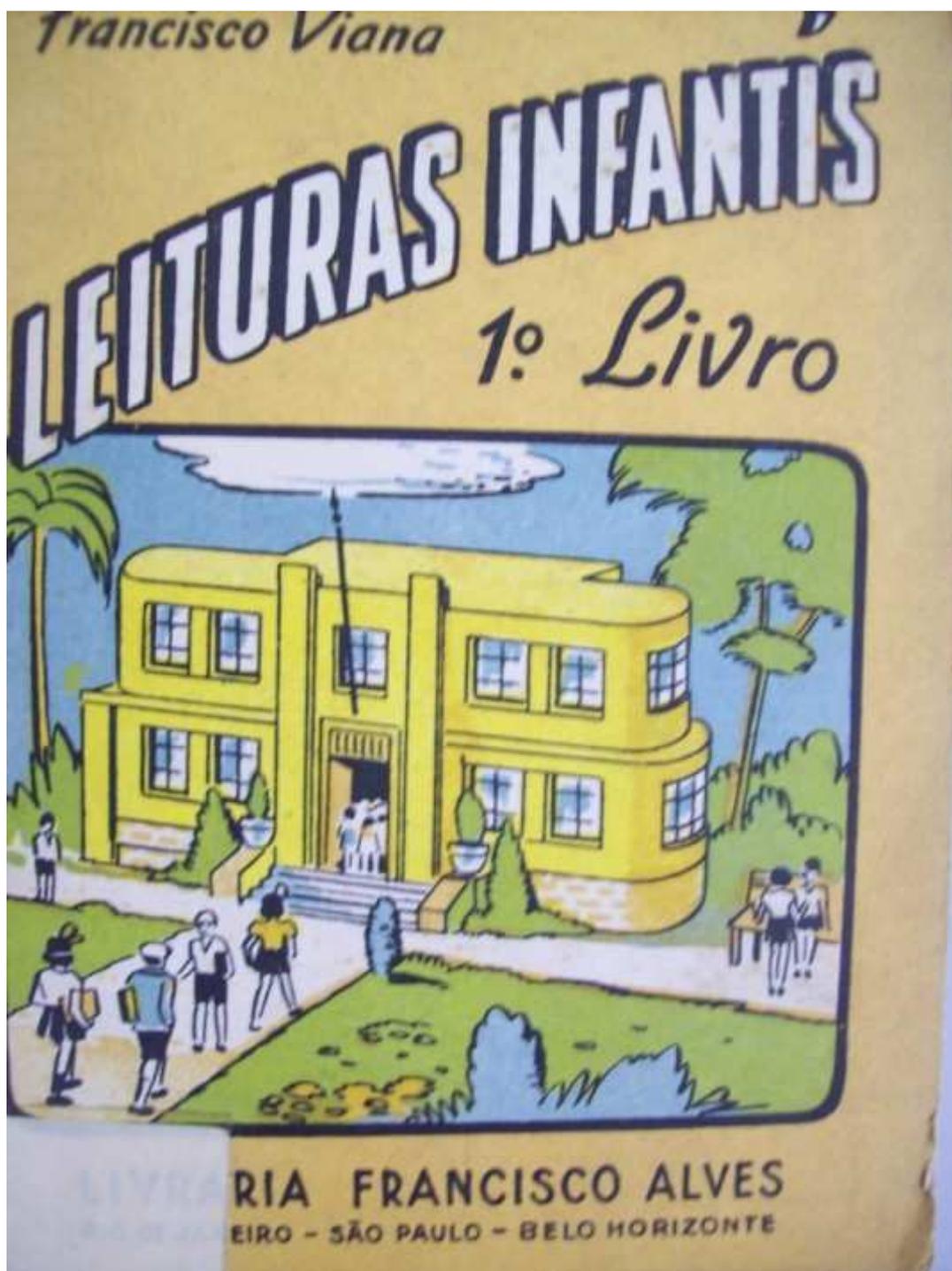
Na década de 1940, cinco anos após Francisco Vianna ter falecido, seus filhos Paulo Mendes Vianna e Euclides Mendes Vianna modernizaram os livros da Série "Leituras Infantis". Até o momento, localizei apenas as edições modernizadas de *Primeiro, Segundo e Terceiro livro de leituras infantis*; não tendo localizado edições modernizadas de *Cartilha: leituras infantis*, de *Primeiros passos na leitura*, de *Leitura preparatória* e de *Quarto livro de leituras infantis*.

As edições modernizadas que localizei se referem: à 62ª. edição de *Primeiro livro de leituras infantis*, publicada em 1962; à 60ª. edição de *Segundo livro de leituras infantis*, publicada em 1958; e à 44ª. edição de *Terceiro livro de leituras infantis*, publicada em 1941.

Nas edições modernizadas foram modificados os seguintes aspectos em relação às edições elaboradas por Francisco Vianna: as capas dos livros; a inclusão de apresentação intitulada "Queridos leitores", de autoria dos filhos de Francisco Vianna; a inclusão, ao final de cada lição, de "vocabulário"; a inclusão de um parágrafo ao prefácio escrito por Francisco Vianna; e a atualização de palavras e a modernização de termos utilizados nas lições, em decorrência de mudanças ortográficas oficiais.

Apresento, abaixo, ilustração das capas dos exemplares que localizei referentes às edições modernizadas pelos filhos de Francisco Vianna.

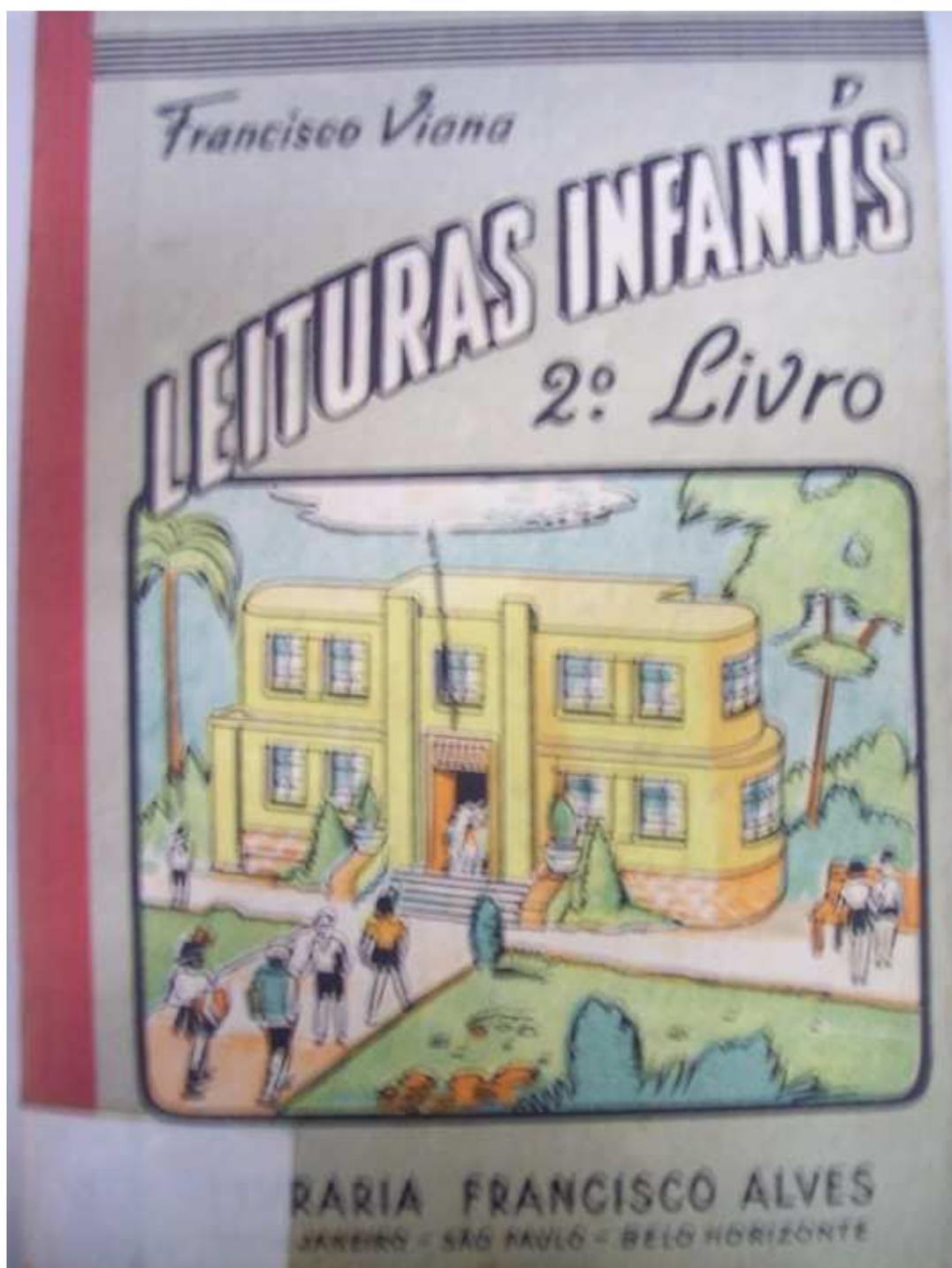
Figura 8 – Capa da 62ª. edição de *Primeiro livro de leituras infantis*



Capa da 62ª. edição de *Primeiro livro de leituras infantis*, publicada em 1958.

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb).

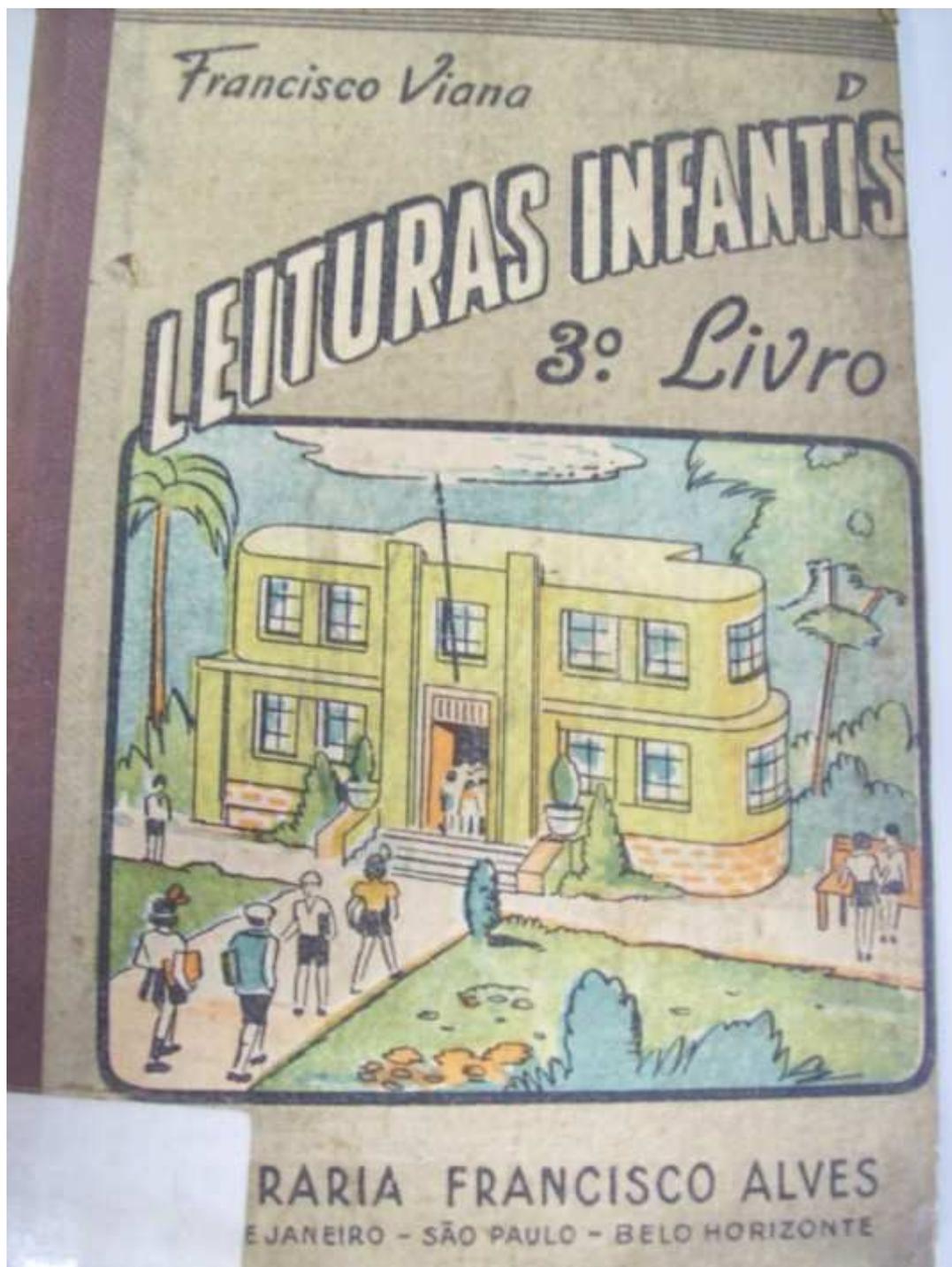
Figura 9 – Capa da 60ª. edição de *Segundo livro de leituras infantis*



Capa da 60ª. edição de *Segundo livro de leituras infantis*, publicada em 1941.

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb).

Figura 10 – Capa da 44ª. edição de *Terceiro livro de leituras infantis*



Capa da 44ª. edição de *Terceiro livro de leituras infantis*, publicada em 1941.  
Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb).

É possível observar que nas capas das edições modernizadas é representado um prédio escolar bastante moderno, crianças que se dirigem ao prédio com vestimentas mais modernas e árvores típicas de um ambiente tropical, como palmeiras, por exemplo. Se comparada às capas de *Leitura preparatório*, *Segundo livro de leituras infantis* e

*Terceiro livro de leituras infantis*, que apresentei anteriormente, as capas dessas edições modernizadas apresentam um ambiente escolar e, portanto, destinado ao ensino; no caso das edições mais antigas, o ambiente representado se assemelha a uma casa. Além disso, o ambiente representado nessas edições modernizadas se relaciona mais à situação brasileira, tanto na "paisagem" representada, quanto nas vestimentas das crianças. As capas das edições mais antigas além de representarem uma situação mais "caseira", apresenta crianças cujas vestimentas se assemelham à européia, como mencionei. Presumivelmente, as gravuras das capas das edições mais antigas foram elaboradas no exterior e as gravuras das capas das edições mais recentes foram elaboradas no Brasil e, por esse motivo, a ambientação da gravura é modificada.

Na apresentação da edição modernizada, que data de dezembro de 1940, os filhos de Francisco Vianna justificam os motivos das alterações e modernizações que realizaram no livro de leitura. Paulo e Euclides Mendes Vianna (1940 apud VIANA, 1962) explicam que as modificações que realizaram no livro não seriam necessárias, caso "[...] o progresso não mudasse, todos os dias, em torno de nós, as cousas, os costumes e até as idéias." (p. 4). Informam que: "Foi essa contínua mudança que nos levou a fazer, no presente livro, algumas modificações, com o fim de atualizá-lo.". Por fim, destacam:

Se estivesse vivo, o próprio autor faria tais modificações, impostas pela marcha da civilização, e foi nessa certeza que nós as fizemos, pensando nêle e em vocês.

Quando crescerem, bons amiguinhos, procedam da mesma forma com aquilo que lhes legarem os seus papás. Porque é assim — velando pelo que nos deixam os antepassados, procurando aperfeiçoar o que eles realizaram — que contribuimos para a grandeza da nossa Pátria e preparamos o futuro da nossa gente. (VIANA; VIANA, 1940 apud VIANA, 1958b, p. 4).

Ao final de cada lição foi incluído um "vocabulário", que decorre da opção dos filhos de Francisco Vianna por modernizar os livros de leituras, conforme está indicado, em nota de rodapé, na 1ª. lição do livro, na qual o vocabulário aparece pela 1ª. vez: "O **Vocabulário**, que acompanha cada lição, traz apenas o significado da palavra no texto, cuja compreensão por parte do aluno visa facilitar." (VIANA; VIANA, [s. d], apud VIANA, 1962, p. 8, grifo dos autores). Apesar de não apresentar autoria expressa, presumo, a partir das informações disponíveis no livro, que essa nota de rodapé é de autoria dos filhos de Francisco Vianna. Nesses vocabulários há cerca de 14 a 16

palavras indicadas e seus respectivos significados, sendo que a palavra retirada do texto, está indicada no vocabulário, em destaque, seguida de travessão e sua acepção.

No parágrafo incluído ao final do prefácio, não localizei informações sobre a data de publicação e o número da edição em que esse trecho foi incluído; presumo que tenha sido incluído na última edição elaborada por Francisco Vianna. Abaixo, transcrevo o parágrafo inteiro do prefácio, destacando, porém, o trecho inserido.

Cumpre-me, por fim, lembrar que mesmo os excelentes livros de leitura (e estes não se presumem tais) não eximem o mestre do mais largo comentário, sem o qual muitas vezes ficariam ineficazes suas melhores páginas. *Por outro lado é preciso não esquecer que as lições de leitura oferecem, direta ou indiretamente, a oportunidade para a ministração de conhecimentos de toda ordem.* (VIANA, 1941, p. 186, grifos meus).

As modificações que constatei nas edições modernizadas se referem às alterações realizadas devido ao acordo ortográfico de 1931, de que decorre a acentuação de algumas palavras as quais não recebiam acento nas edições anteriores, ou a supressão de acentos de palavras<sup>161</sup>. A título de exemplo, cito títulos de duas lições de *Primeiro livro de leituras infantis*, cuja acentuação foi modificada: "As bôlhas de sabão" e "O incontentavel" (2ª. edição), passaram respectivamente a ser intituladas "Bolhas de sabão" e "O incontentável" (62ª. edição).

Observei, também, que na 62ª. edição, foram modernizadas algumas palavras, cuja grafia foi modificada. Para exemplificar, apresento sete palavras cuja grafia foi modificada e duas cuja palavra foi substituída: "fructas" para "frutas"; "quasi" para "quase"; "chamal-o" para "chamá-lo"; "cahir" para "cair"; "bicycleta" para "bicicleta"; "aquelle" para "aquele"; "gymnasticos" para "ginásticos"; "carroção" foi substituído por "caminhão"; e "graphophone" foi substituída por "rádio".

---

<sup>161</sup> Segundo informações que localizei na Internet, no ano de 1931 foi assinado entre Brasil e Portugal o 1º. Acordo Ortográfico para unificar a língua portuguesa falada nos dois países. Informações disponíveis em: <<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=acordo-historia>>.

## **CAPÍTULO 3**

### **Apresentação das cartilhas da Série "Leituras Infantis"**

### 3.1 *Cartilha: leituras infantis*

Localizei informações distintas a respeito da data de publicação da 1ª. edição de *Cartilha: leituras infantis*. De acordo com a referência que localizei no *site* do Centro de Referência Educacional (CRE) "Mário Covas" a data da primeira edição da cartilha é 1895; entretanto, a informação que localizei em instruções aos professores em exemplar da 97ª. edição de *História para pequeninos: leitura preparatória da série "Leituras Infantis"*, de Francisco Vianna, publicada em 1960, é que essa cartilha teria sido publicada no final de 1911, tendo sido elaborada alguns anos após *Primeiro livro de leituras infantis, Segundo livro de leituras infantis e Terceiro livro de leituras infantis* da Série "Leituras Infantis". Conforme indicou Francisco Vianna:

A série *Leituras infantis* foi escrita e publicada a partir do terceiro Livro para os inferiores. Quando em fins de 1908, publiquei o presente livro, conquanto reconhecesse a necessidade de uma cartilha pela sentençação, não pensava ainda em escrevê-la eu próprio, pois aguardava que o fizessem outros de maior competência no assunto e que eu sabia estarem na mesma corrente de idéias. Como, porém, as cartilhas aparecidas posteriormente deixaram de satisfazer a condições que reputo capitais, resolvi completar a série, elaborando a *Cartilha*, cuja publicação se deu em Dezembro de 1911. (p. 121).

Localizei, também, em catálogo da Livraria Francisco Alves<sup>161</sup>, publicado em 1954 e disponível no *site* do Núcleo de Pesquisa sobre Livro e História Editorial no Brasil (Lihed), a informação de que essa cartilha foi publicada em 1912.

Frente ao exposto, presumo até o momento que a publicação da 1ª. edição da cartilha data de 1912, conforme constam nas menções que localizei no livro *História para pequeninos: leitura preparatória da Série "Leituras Infantis"*, de Francisco Vianna (1960) e no catálogo da Livraria Francisco Alves. Para indicar, porém essa imprecisão em relação à data de publicação da 1ª. edição da cartilha, utilizo-me de recurso, conforme consta no documento NBR-6023, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), de indicar a data presumida entre colchetes seguida de parênteses.

O exemplar que analisei de *Cartilha: leituras infantis* é da 48ª. edição, publicada em 1945; trata-se de uma cópia *fac-símile* do original.

*Cartilha: leituras infantis* está organizada em: indicações aos professores, escritas pelo autor contendo orientações aos pais dos alunos e aos professores; 41

---

<sup>161</sup> Esse catálogo foi publicado em 1954, em comemoração ao centenário da Livraria Francisco Alves, fundada em 1854. Nesse catálogo, estão apresentados histórico dessa editora e relação contendo os títulos dos livros publicados desde sua fundação (LIVRARIA FRANCISCO ALVES, 1954).

lições<sup>162</sup>, distribuídas da página 1 a 67, seguidas de alfabeto, que apresenta as letras maiúsculas e minúsculas em letra de imprensa e manuscrita; e duplicata das lições da página 1 a 13 na qual são sugeridas sentenças e palavras para que o professor transcreva no quadro negro.

### 3.1.1 Diferentes edições

Localizei dois exemplares de *Cartilha: leituras infantis*: da 48ª. edição, publicada em 1945 — a mais antiga localizada até o momento; e da 54ª. edição, publicada em 1949. As capas dos dois exemplares que localizei são idênticas e, por esse motivo, apresento, abaixo, apenas a capa da 48ª. edição dessa cartilha.

---

<sup>162</sup> Compreendo o termo "lição" na análise de *Cartilha: leituras infantis*, assim como Mortatti (2000a), como o "[...] conjunto de sentenças precedidas ou sucedidas de gravuras que estabelecem relação semântica entre si, com uma sentença e/ou palavras em destaque, sendo que cada uma das lições propõe o estudo de uma consoante do alfabeto." (p. 124). Segundo Mortatti (2000a), essas sentenças das lições mantêm "[...] nexos lógico-gramaticais entre si: o objeto lógico da sentença anterior deve coincidir com o sujeito da sentença imediatamente seguinte." (p. 124).

Figura 11 – Capa da 48ª. edição de *Cartilha: leituras infantis*



Capa da 48ª. edição de *Cartilha: leituras infantis*, publicada em 1945.

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb).

Nos dois exemplares que localizei, as modificações que constatei se referem:

- às gravuras<sup>163</sup> coloridas;

Nas gravuras coloridas da 45<sup>a</sup>. edição da cartilha há maior utilização de cores, os traços são menos delineados, porém mais suaves e os tons das cores são mais pastéis e claros<sup>164</sup>. As gravuras dessa edição da cartilha indicam um processo de elaboração no qual foram utilizadas técnicas mais "artesanais", com desenhos mais aperfeiçoados no sentido de riqueza de detalhes, no qual seu autor procurou se manter bastante fiel aos objetos e situações representadas. O vestuário das personagens nas gravuras coloridas são, também, mais "arcaicos", o que indica que essas gravuras sejam mais antigas, que tenham sido incluídas na cartilha no momento de publicação de suas primeiras edições, nos anos iniciais do século XX, e que não teriam sido alteradas ao longo das sucessivas edições<sup>165</sup>.

Nas gravuras coloridas da 54<sup>a</sup>. edição da cartilha há apenas a cor laranja para diferenciar as gravuras coloridas das gravuras em preto e branco. Nessa edição, os traços das gravuras são bem definidos e concisos e as cores das gravuras são bem intensas. As gravuras dessa edição da cartilha indicam um processo de elaboração mais industrial, no qual foram empregadas técnicas mais aperfeiçoadas de ilustração e de diagramação da gravura na página. Além desse aspecto, os vestuários das personagens nas gravuras coloridas são mais "modernos" e, considerando o conjunto das gravuras da cartilha, as coloridas destoam, tanto pelos aspectos relativos às técnicas empregadas das quais decorre a forma das gravuras, quanto pela disposição e representação das personagens e vestimentas.

---

<sup>163</sup> Quando me referir às ilustrações da cartilha e dos livros de leitura em análise, utilizarei o termo "gravura", porque é o termo utilizado por seu autor.

<sup>164</sup> Para a impressão das ilustrações nas cartilhas e nos livros de leitura foi utilizado o sistema de impressão tipográfico. Segundo Vieira (1975), esse sistema de impressão do tipo *offset* foi inventado no ano de 1904 e deriva da litografia, cuja técnica reproduz o que havia sido gravado ou desenhado sobre uma pedra calcária, chamada litográfica (VIEIRA, 1975), no papel. Com o processo de impressão em *offset*, a pedra litográfica foi substituída por uma chapa de metal que é flexível e se adapta aos cilindros da impressora. Ainda segundo Vieira (1975), o tipo *offset* reduziu sensivelmente os custos da impressão, tornando os livros menos dispendiosos. A esse respeito, e considerando principalmente a história da técnica utilizada na impressão da gravura, no Brasil, ver, especialmente, Costella (1984) e Ferreira (1994).

<sup>165</sup> Presumo que pelo motivo de a elaboração das gravuras coloridas e impressão tipográfica serem mais "trabalhosas" e encarecerem o material na qual foram empregadas, os editores de *Cartilha: leituras infantis* optaram por um processo mais econômico e rápido de elaboração e inclusão de gravuras nas edições seguintes dessa cartilha.

- à informação na capa do exemplar da 54<sup>a</sup>. edição relativa à autorização para utilização do livro pelo Ministério da Educação e o número do registro dessa autorização;

A informação de que o livro teve seu uso autorizado pelo Ministério da Educação, consta na capa do exemplar da 54<sup>a</sup>. edição da cartilha e está disposta na parte inferior direita da capa, acima do nome da editora.

- ao preço na quarta capa da cartilha.

Na quarta capa da 54<sup>a</sup>. edição, de 1949, há a informação referente ao preço da cartilha, o que não há na 48<sup>a</sup>. edição, de 1945. O valor indicado nesse local é Cr\$ 7,00.

Apesar das modificações apresentadas em relação às gravuras, à informação acrescentada na capa da cartilha e ao preço indicado, as lições da 54<sup>a</sup>. edição se mantiveram inalteradas em relação às da 48<sup>a</sup>. edição.

Constato, portanto, que nas diferentes edições dessa cartilha, não houve alterações no conteúdo da cartilha, mas apenas algumas modificações editoriais, relativas às gravuras. No caso da informação indicada na capa e na quarta capa da cartilha, é possível constatar a articulação entre a preocupação dos editores de enfatizar a adequação da cartilha às normas estabelecidas pelas comissões avaliadoras de livros didáticos – e a decorrente ostentação dessa autorização –, o atendimento dos editores a essa norma quando inseriram essa informação na capa da cartilha e a padronização do valor a ser cobrado pela cartilha.

### 3.1.1 Lições e gravuras

*Cartilha*: leituras infantis contém 41 lições que têm regularidade em relação à estrutura: gravura, sentenças que compõem a lição e sentenças ou palavras em destaque. Há, na cartilha, 45 gravuras, dentre as quais dez, são coloridas e 35 são em preto e branco, das quais em 12 é possível identificar a assinatura do ilustrador T. Tarquínio<sup>166</sup> e em quatro é possível identificar a assinatura do ilustrador Louis Maîtrejean<sup>167</sup>. Nas

<sup>166</sup> Até o momento, não consegui localizar informações a respeito do ilustrador T. Tarquínio.

<sup>167</sup> Segundo informações localizadas em *site* de busca na Internet, Louis Maîtrejean (1895-1947) foi um ilustrador francês que atuou na França nas décadas iniciais do século XX, tendo elaborado ilustrações para jornais e revistas francesas e livros para crianças e adultos. Informações localizadas em: <<http://www.bookinerie.com/pages/goodrech.php3?titres=illustrateur&Tri=Jour&Ordre=DESC>>.

gravuras coloridas, não há informação ou assinatura que permitam identificar o ilustrador.

As sentenças que compõem as primeiras lições da cartilha são elaboradas de modo mais descritivo, sendo indicadas ações simples de personagens: "Vovô vê a ave", "O dado é do Vovô", "Ovídio move a moeda". Nas sete primeiras lições da cartilha, essas variam entre cinco e oito sentenças, com uma ou duas das sentenças em destaque em letra manuscrita e/ou com palavras do texto em destaque abaixo de suas respectivas gravuras. Considerando esses aspectos, apresento abaixo, a título de exemplo, ilustração da 1ª. lição dessa cartilha nas duas edições que localizei.

**Figura 12 – 1ª. lição da 48ª. edição de *Cartilha: leituras infantis***



1ª. lição da 48ª. edição de *Cartilha: leituras infantis*, publicada em 1945.

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb).

Figura 13 – 1ª. lição da 54ª. edição de *Cartilha: leituras infantis*

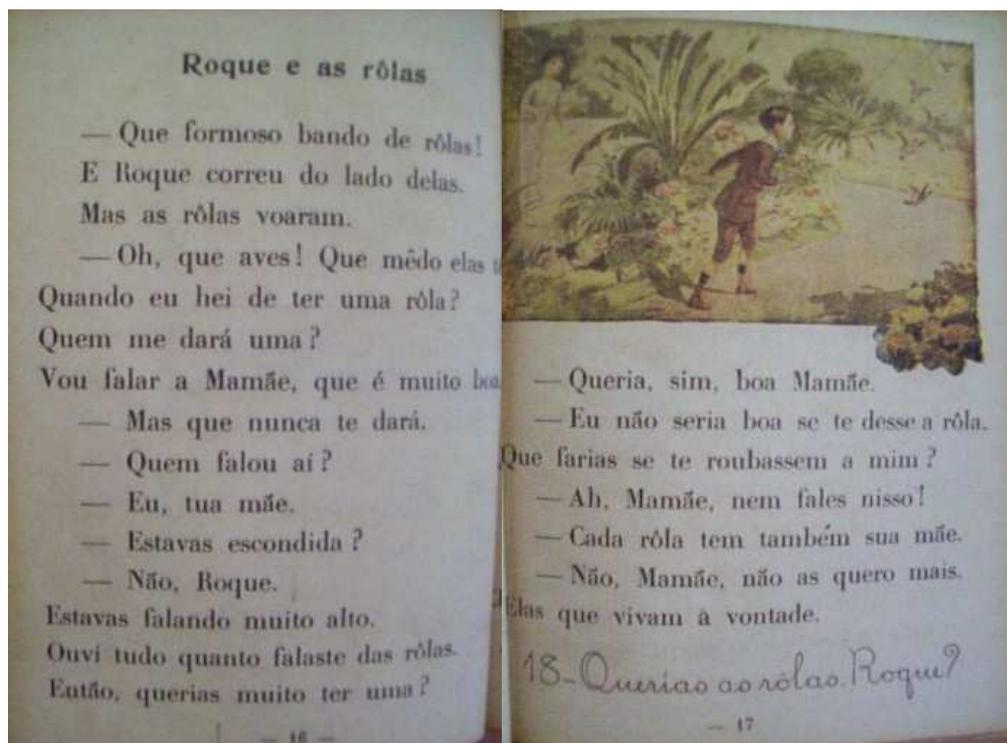


1ª. lição da 54ª. edição de *Cartilha: leituras infantis*, publicada em 1949.

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb).

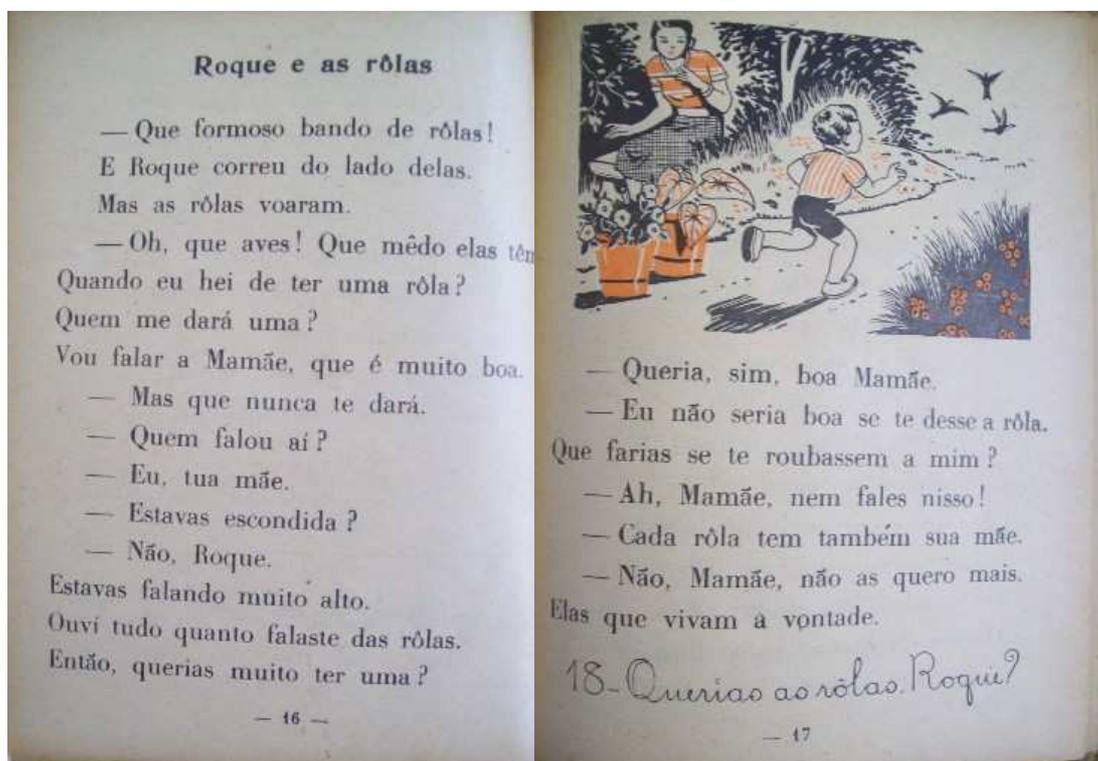
Até a 13ª. lição, cada lição ocupa uma página da cartilha, na qual estão contidas as gravuras, as sentenças e as sentenças ou palavras em destaque. A partir da 14ª. lição, todavia as lições ocupam duas páginas e a quantidade de sentenças é ampliada, variando entre 17 e 25 sentenças, por lição. Observei que as 13 primeiras lições da cartilha são apresentadas sentenças com construção mais simples e mais descritivas e a partir da 14ª. lição até a última, as sentenças vão gradativamente sendo mais elaboradas, não sendo mais tão marcante o tom descritivo. A título de exemplo, apresento, abaixo, ilustração da 15ª. lição da cartilha nas duas edições que localizei.

Figura 14 – 15ª. lição da 48ª. edição de *Cartilha: leituras infantis*



15ª. lição da 48ª. edição de *Cartilha: leituras infantis*, publicada em 1945.  
Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb).

Figura 15 - 15ª. lição da 54ª. edição de *Cartilha: leituras infantis*



1ª. lição da 54ª. edição de *Cartilha: leituras infantis*, publicada em 1949.  
Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb).

As sentenças destacadas em letra manuscrita ao final das sentenças, que variam entre três e nenhuma por lição, na maioria dos livros têm função de sintetizar o conteúdo abordado nas sentenças ou nas histórias das lições.

Ao final da cartilha, após as lições, há uma duplicata das lições da página três a 13 e palavras novas para as lições 14 a 30. A função dessa duplicata é complementar as lições da cartilha com sentenças e palavras novas para o professor copiar no quadro-negro. Considerando que cada lição está organizada em torno de uma consoante, um encontro entre vogal e consoante e/ou consoante e consoante, às palavras e às sentenças que são apresentadas das lições 3 a 13, são acrescentadas e complementadas novas palavras e sentenças para serem escritas no quadro-negro pelo professor.

### **3.1.3 Orientações aos professores**

No prefácio da cartilha, assinado por Francisco Vianna e disposto no início da cartilha precedendo as lições, são apresentadas, brevemente, as opções adotadas pelo autor para a elaboração de sua cartilha e os encaminhamentos a partir dos quais propõe sua aplicação para que sejam alcançados os resultados esperados.

Essas indicações são divididas em duas partes, sendo uma destinada aos pais dos alunos usuários da cartilha e outra aos professores. As indicações aos pais têm por finalidade esclarecer aspectos que podem interferir no processo de ensino que ocorre na escola. Francisco Vianna solicita, portanto, que a cartilha fique na escola até que sejam encerrados os estudos das 15 primeiras páginas da cartilha; que os pais não busquem auxiliar o professor e ensinar a leitura em casa; e que a criança não se ausente da escola, além de casos de extrema necessidade.

As indicações destinadas aos professores são divididas em duas partes. Na primeira parte, Francisco Vianna apresenta a sua proposta de encaminhamento metodológico a partir do qual o professor deve utilizar a cartilha. Na segunda parte das indicações aos professores, Francisco Vianna apresenta indicações complementares para a aplicação da cartilha e orienta detalhadamente, por meio de um exemplo, o modo de encaminhar o estudo da 1ª. lição da cartilha, com o diálogo, a forma de condução do professor e as respostas dos alunos. Após o exemplo do diálogo, Francisco Vianna apresenta, também, alguns exercícios transcritos do folheto "A leitura analytica", de Teodoro de Moraes, para auxiliar no processo de ensino da leitura.

Francisco Vianna compreende que a sentenciação é o processo mais adequado e racional para o ensino da leitura. Conforme esse autor, a "[...] superioridade da sentenciação sobre os outros processos está exatamente em exigir e permitir maior atividade por parte da criança." (VIANA, 1945, p. VI). Dessa opção pela sentenciação no processo inicial do ensino da leitura, decorre sua compreensão de que esse ensino teria como ponto de partida o conhecimento das sentenças das lições, que seriam decompostas em palavras e depois em sílabas.

Mediante a exposição do que considera ser o processo adequado para o ensino inicial da leitura às crianças, Francisco Vianna apresenta as fases a partir das quais a "marcha" deve ser seguida pelo professor. A proposta desse autor é a de que há três fases para cada lição: "[...] *diálogos* sobre o assunto; *leitura* no quadro-negro de suas sentenças, ou de outras construídas com os elementos até então empregados e, finalmente, *leitura* no próprio livro." (VIANA, 1945, p. II, grifos do autor).

Para Francisco Vianna, porém, a utilização das três fases no ensino da leitura deve ser diferenciada nas seis primeiras lições e quando da passagem para a 7ª. lição. Conforme indica o autor, as seis primeiras lições devem ser consideradas em conjunto quando da utilização das três fases. É importante mencionar que apenas após o término da 2ª. fase é que os alunos deveriam receber a cartilha, que estaria guardada; antes dessa fase, as atividades seriam feitas no quadro-negro.

As indicações desse autor são para que ao final do conjunto das seis primeiras lições, as três fases devam ser utilizadas em cada uma das lições: "[...] em vez de as aplicar [as três fases do ensino] a um novo grupo de seis lições, devermos aplicá-las a cada lição de per si." (p. IV). As formas de utilização das três fases do ensino, porém, a partir da 7ª. lição, segundo Francisco Vianna (1945), são diferentes.

As indicações de Francisco Vianna são de que à medida que as lições forem avançando e os diálogos do professor forem sendo reduzidos, as crianças iriam observando que em cada lição há um aspecto novo, "[...] um novo som cuja representação lhe compete descobrir, sem que tenha sido preciso explicar-lhe isto explicitamente." (VIANA, 1945, p. V).

### **3.2 Primeiros passos na leitura**

Conforme informação que localizei em "Advertência da 25ª. edição" (VIANA, 1958, p. III), no exemplar que analisei da 44ª. edição de *Primeiros passos na leitura*, as

lições da 1ª. edição dessa cartilha, publicada em 1915, eram organizadas de modo que as sentenças para decomposição precediam as sentenças da lição, aspecto alterado, segundo Francisco Vianna, na 25ª. edição da cartilha.

Publicado em 1915, êste livrinho teve por objetivo facilitar aos professores que adotavam os processos fônicos a transição destes para a sentencição. Foi êle, pois constituído com o mesmo texto da CARTILHA, apenas precedida cada lição da decomposição de uma das frases em vocábulos e destes em sílabas.

Ora, já estando hoje a sentencição largamente disseminada pelo Brasil, resolví, ao ter de publicar esta edição na grafia oficial, introduzir duas ligeiras modificações, que, a meu vêr, constituem vantagem real, já prevista na 1.ª edição: 1.ª passar para o fim de cada lição a parte da decomposição; 2.ª levar esta apenas aos vocábulos, aproveitados, claro é, quando possível, os monossílabos. (p. III).

*Primeiros passos na leitura* não se diferencia de *Cartilha: leituras infantis* no que se refere às lições; essas são as mesmas nas duas cartilhas. Na página seguinte à folha de rosto do exemplar de *Primeiros passos na leitura*<sup>168</sup>, referente a descrições das duas cartilhas, há a seguinte descrição:

**Cartilha** (pela sentencição subordinada à introdução gradual das consoantes). [...]

**Primeiros Passos** (Cartilha que só difere da anterior por haver em cada lição uma parte nova que permite aplicar a silabação, si assim o julgarem necessário os professores ainda não convencidos das vantagens da sentencição). (VIANA, 1958, p. II).

As duas cartilhas são, portanto, idênticas no que se refere ao conteúdo das lições, sendo alterados apenas alguns aspectos, a saber: em *Primeiros passos na leitura* é alterado o conteúdo das indicações aos professores, assinadas por Francisco Vianna; há uma "pré-lição", disposta na sequência das indicações aos professores, na qual são abordadas as vogais; em *Primeiros passos na leitura* são incluídos em cada lição exercícios para a utilização da decomposição, a partir da seleção de uma sentença a qual é decomposta em palavras e, na sequência, em monossílabos, a partir dos quais haverá formação de novas palavras; não há gravuras coloridas nessa cartilha, sendo que todas são em preto e branco; é alterada apenas uma gravura da cartilha, sendo que até mesmo as que eram coloridas em *Cartilha: leituras infantis* são mantidas em *Primeiros passos na leitura*, sendo que as cores foram alteradas para preto e branco.

<sup>168</sup> Essa informação também está incluída nos dois exemplares de *Cartilha: leituras infantis* que localizei, até o momento.

*Primeiros passos na leitura* está organizada em: advertência da 25ª. edição, indicações escritas pelo autor contendo orientações aos professores; 43 lições, distribuídas da página 1 a 67, seguidas de alfabeto, que apresenta as letras maiúsculas e minúsculas em letra de imprensa e manuscrita; e duplicata das lições da página 1 a 13 na qual são sugeridas sentenças e palavras para que o professor transcreva no quadro negro.

### 3.2.1 Lições e gravuras

*Primeiros passos na leitura* contém 43 lições<sup>169</sup> que têm regularidade em relação à estrutura: gravura; sentenças que compõem a lição; sentenças em letra manuscrita; sentença em destaque e a decomposição dessa em palavras e/ou sílabas; e palavras formadas a partir da união de sílabas.

Apesar de *Primeiros passos na leitura* ter 43 lições, duas a mais, se comparada à *Cartilha: leituras infantis*, nenhuma lição nova foi acrescentada, sendo que duas lições foram subdivididas em duas.

Nessa cartilha, há 45 gravuras, todas em preto e branco, como informei, sendo que em algumas lições há mais de uma gravura. Do total das gravuras, há 13 nas quais é possível identificar a assinatura do ilustrador T. Tarquínio e há quatro gravuras nas quais é possível identificar a assinatura do ilustrador Louis Maîtrejean.

Apesar de *Primeiros passos na leitura* e *Cartilha: leituras infantis* serem idênticas no que se refere ao conteúdo das lições optei por apresentá-la, mesmo que alguns dos aspectos sejam semelhantes em relação aos da outra cartilha. Optei por esse encaminhamento, para evitar o possível silenciamento de algum aspecto necessário para a compreensão do sentido dessa cartilha.

Antecedendo a primeira lição da cartilha, há uma "pré-lição"<sup>170</sup> na qual são apresentadas as vogais. Nessa "pré-lição" há duas gravuras que representam as três sentenças apresentadas, das quais são destacadas as palavras com vogais, a saber: "Eva", "uva", "Ivo", "ave", "ovo". Abaixo, essas palavras são repetidas com as iniciais em letra minúscula e maiúscula e, abaixo, são apresentadas apenas as vogais, em letras

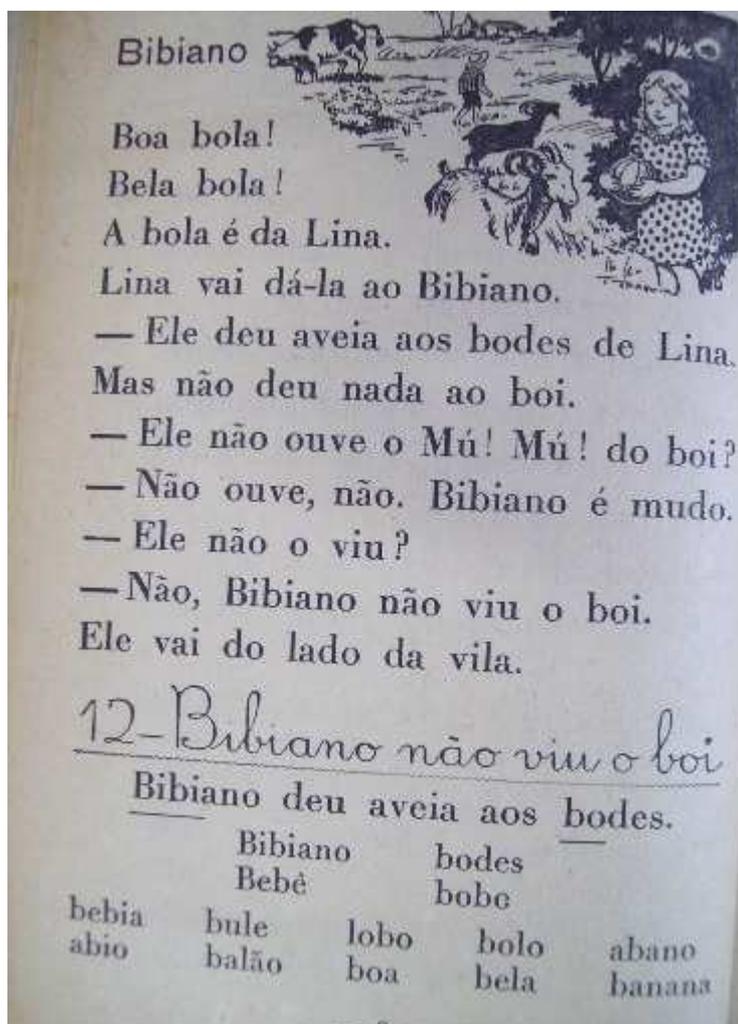
<sup>169</sup> Assim como em *Cartilha: leituras infantis*, as lições de *Primeiros passos na leitura* não são numeradas pelo autor da cartilha, tendo eu as enumerado para os fins deste texto apenas para facilitar quando da indicação e menção das lições.

<sup>170</sup> Optei por denominá-la "pré-lição", apesar dessa não ter sido esse o termo utilizado por Francisco Vianna, pelo motivo de ter sido contabilizada numericamente na sequência das indicações desse autor aos professores e não na sequência das lições, o que, a meu ver, indica não se tratar de lição, como as que a sucedem.

de imprensa e manuscrita, minúsculas e maiúsculas. Ao final da página, são apresentadas gravuras representando as palavras destacadas, as quais são repetidas novamente, com as iniciais em letra minúscula e maiúscula.

Nas lições de *Primeiros passos na leitura*, abaixo das sentenças manuscritas, é destacada uma sentença para cada lição, da qual são sublinhadas palavras e/ou sílabas. Abaixo da sentença, são repetidas as palavras que foram sublinhadas e as sílabas sublinhadas. Na sequência, abaixo das palavras e das sílabas, são apresentadas outras palavras formadas a partir da união das sílabas apresentadas. Considerando essa forma de encaminhamento das lições de *Primeiros passos na leitura*, apresento, abaixo, a título de exemplo, ilustração da 8ª. lição intitulada "Bibiano", em que a consoante "b" é abordada:

**Figura 16 – 8ª. lição da 44ª. edição de *Primeiros passos na leitura***



8ª. lição da 44ª. edição de *Primeiros passos na leitura*, publicada em 1958.

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb).

A partir da figura acima é possível observar que da sentença — o todo a ser decomposto — são destacadas palavras e sílabas. As palavras destacadas são repetidas na sequência e decompostas em sílabas, que servem de ponto de partida para a formação de novas palavras.

No conjunto das 43 lições, em 12 delas, não há sentença destacada para decomposição, em 29 delas há uma sentença destacada para decomposição e há duas lições nas quais há duas sentenças para decomposição. A quantidade de palavras formadas a partir da união de sílabas, por lição, varia entre quatro e 19.

Além desse aspecto, há seis lições nas quais em decorrência da consoante abordada na lição, há além da decomposição das sentenças em palavras e dessas em sílabas e a formação de palavras, também a indicação de como se pronuncia as sílabas. Apresento, abaixo, ilustração da lição "A fita", como exemplo de lição na qual há essa indicação.

**Figura 17 – Lição "A fita" da 44ª. edição de *Primeiros passos na leitura***



Lição "A fita" da 44ª. edição de *Primeiros passos na leitura*, Publicada em 1958

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb).

Ao final de *Primeiros passos na leitura*, assim como em *Cartilha*: leituras infantis, após as lições, há o alfabeto escrito em letras de forma e manuscrita, maiúsculas e minúsculas e, na sequência, uma "duplicata" na qual o autor apresenta

palavras, sentenças e "palavras novas" que o professor deveria copiar no quadro negro após as lições para auxiliar os alunos na leitura das sentenças.

Assim como em *Cartilha: leituras infantis*, em *Primeiros passos na leitura*, é possível observar que as sentenças destacadas em letra manuscrita ao final das sentenças das lições, têm função de sintetizar o conteúdo das lições. No conjunto das lições, a quantidade de sentenças manuscritas varia entre três e nenhuma.

### 3.2.2 Orientações aos professores

Em "Indicações sobre o ensino" (VIANA, 1958) assinadas por Francisco Vianna e dispostas no início da cartilha, precedendo as lições, são apresentadas, brevemente, as opções adotadas pelo autor para a elaboração de *Primeiros passos na leitura* e os encaminhamentos a partir dos quais propõe a sua aplicação para que sejam alcançados os resultados esperados.

Destinadas aos professores, nessas indicações, Francisco Vianna (1958) apresenta seu objetivo ao elaborar *Primeiros passos na leitura*:

Conquanto este livro possa facilmente, e até com vantagem, ser aplicado para a articulação, a silabação ou a palavração, foi êle organizado com o objetivo de preparar a disseminação do ensino da leitura pela *sentencição*. Ora, nesta, partindo-se de sentenças facilmente compreensíveis e já conhecidas oralmente pelos alunos (as quais eles nas lições iniciais começam a decorar pelo simples aspecto), decompomo-las em palavras, pelas quais fazemos chegar, mediante a utilização dos monossílabos, ao conhecimento do valor dos fonemas. (p. III grifo do autor).

Francisco Vianna (1958) apresenta, também, explicações sobre a utilização do método para o ensino da leitura, apesar de informar que possivelmente, "[...] para a maioria dos professores seja dispensável qualquer explicação do método a adotar [...]" (p. III). Suas orientações, assim como contidas em *Cartilha: leituras infantis* se organizam em torno da observação das gravuras, acompanhadas do diálogo estabelecido entre professor e alunos, elaboração de sentenças, oralmente e depois por escrito, para, serem decompostas em partes menores.

Além dessas indicações, Francisco Vianna orienta, também, que as seis lições iniciais da cartilha, são estudadas em conjunto, a partir do desenvolvimento das três fases do ensino: "[...] palestra, leitura e estudo no quadro-negro e leitura no livro [...]" (VIANA, 1958, p. V) e que, nas lições que sucedem, as três fases são utilizadas a cada lição.

Para o ensino da escrita, Francisco Vianna propõe que o aluno deve copiar as sentenças da cartilha em um caderno, quando esse não tiver o *Caderno de escrita auxiliar da cartilha*, cuja publicação, de sua autoria, tem por objetivo ter local adequado para a cópia das lições. Para o caso de os alunos não disporem desse caderno, Francisco Vianna, orienta a utilização de "[...] caderno branco de pauta dupla [...]" (VIANA, 1958, p. IV).

Francisco Vianna defende, por fim, a necessidade de o professor avançar com calma no ensino da leitura, de esse não se desanimar quando das dificuldades dos alunos e de saber que as inseguranças dos alunos serão, paulatinamente, eliminadas.

### **3.3 Considerações gerais sobre a aprendizagem da leitura**

O folheto intitulado *Considerações gerais sobre a aprendizagem da leitura* [1912], de Francisco Vianna é veiculado como complemento às indicações aos professores contidas no prefácio de *Cartilhas: leituras infantis*. Nesse folheto esse autor "tematiza" a proposta de aplicação do método analítico "concretizada" nessa cartilha e em *Primeiros passos na leitura*. Esse folheto, de distribuição gratuita, era adquirido junto com os editores da Série "Leituras Infantis" (VIANA, 1958).

Em relação à data da 1ª. edição desse folheto, destaco que localizei duas informações distintas. No Catálogo da Livraria Francisco Alves, publicado em 1954 e disponível sob a forma digitalizada no site do Lihed – Núcleo de Pesquisa "Livro e história editorial no Brasil" está indicada a informação de que *Considerações gerais sobre a aprendizagem da leitura* teria sido publicada em 1916.

Na 3ª. edição desse folheto, todavia, a qual localizei, está informado, em nota de rodapé, que a 1ª. edição do folheto foi publicada em março de 1912. Considerando, portanto, a divergência de informações relativas às datas em que a 1ª. edição desse folheto foi publicada, optei por apresentar a data entre colchetes, de acordo com as indicações do documento NBR-6023 (2002), da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Até o momento, não localizei informações sobre a trajetória editorial de *Considerações gerais sobre a aprendizagem da leitura*, todavia, a partir da pesquisa documental que realizei, localizei, além das informações relativas à 1ª. edição, um

exemplar da 3ª. edição do folheto, conforme mencionei, publicada em 1925, de que pude presumir se tratar da edição mais recente desse folheto.

Analisei esse exemplar da 3ª. edição do folheto, publicada em 1925, único que localizei até o momento. Esse exemplar está encadernado com capa flexível, tem 16 páginas e mede 14,5x20,3 cm.

A 3ª. edição de *Considerações geraes sobre a aprendizagem da leitura* está organizada em duas partes: na primeira, intitulada "Considerações geraes sobre a aprendizagem da leitura. Complemento das indicações 'Aos Professores' da Cartilha de Francisco Vianna", estão contidos os fundamentos teóricos a partir dos quais esse autor elaborou a cartilha da Série "Leituras Infantis"; e, na segunda, intitulada "Aos Snrs. leitores que não possuam a 'Cartilha'", está "reproduzida" parte das indicações que constam no prefácio de *Cartilha: leituras infantis*, seguido das três primeiras lições da cartilha.

Destaco, porém, que "Aos Snrs. leitores que não possuam a 'Cartilha'" foi inserido apenas na 3ª. edição do folheto, conforme explica Francisco Vianna, no parágrafo inicial dessa parte.

O folheto publicado em 1912, tendo sido destinado às pessoas que já possuíssem a CARTILHA, era constituído apenas pelas paginas que ficam atrás. Podendo, todavia, succeder que elle venha a cair frequentemente em mãos de mestres que não possam ou que simplesmente para conhecer o processo por mim seguido, não queiram adquirir a CARTILHA, resolvi, nesta 3.ª Edição, reproduzir aqui, seguindo-as tres primeiras lições, as explicações que se acham nas paginas IV e V da ultima. (VIANNA, 1925, p. 12).

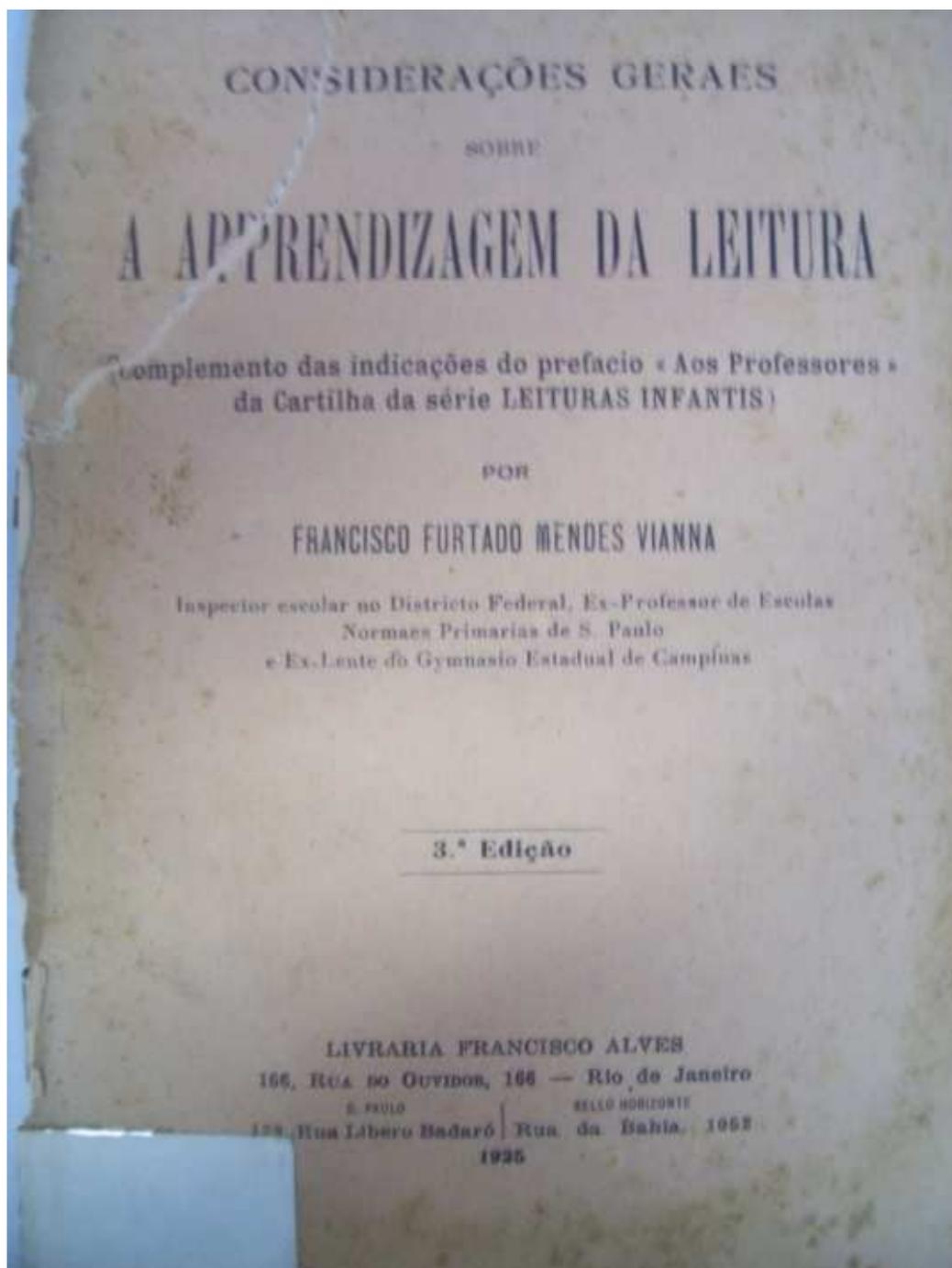
Considero, para efeito desta dissertação que, apesar de na 1ª. edição do folheto não ser incluída essa parte, optei por apresentá-la considerando que o exemplar dessa edição analisado está organizado desse modo.

Além disso, em nota de rodapé no folheto, Francisco Vianna informa que o texto contido da página 1 até a 8 é transcrição de artigo por ele escrito na cidade francesa Vichy<sup>171</sup>, no dia 27 de setembro de 1911, intitulado "Sobre o Anuario de Ensino de 1909-1910", cuja publicação também ocorreu no jornal *Estado de S. Paulo*, o que permite afirmar que parte do texto do folheto não é inédita<sup>172</sup>. Apresento, abaixo, a capa da 3ª. edição desse folheto que localizei.

<sup>171</sup> Vichy está situada no centro da França, na região de Auvergne.

<sup>172</sup> Não localizei informações a respeito dessa publicação.

**Figura 18 – Capa da 3ª. edição de *Considerações geraes sobre a  
apprendizagem da leitura***



Capa da 3ª. edição de *Considerações geraes sobre a aprendizagem da leitura*, publicada em 1925. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb).

### 3.3.1 Orientação aos professores

Em *Considerações geraes sobre a aprendizagem da leitura*, Francisco Vianna (1925) tem por objetivo "[...] estabelecer os fundamentos do que adotei na *Cartilha* de minha série para leitura corrente – *Leituras Infantis*." (p. 1), apresentando, para isso, os fundamentos do método e da marcha que adotou para o ensino inicial da leitura.

As explicações de Francisco Vianna para a publicação do folheto são de que, movido pela necessidade de orientar os professores sobre a aplicação de um método "pouco conhecido" e de uma "marcha ainda não adotada" (VIANNA, 1925, p. 1) teria escrito o prefácio de *Cartilha: leituras infantis*, no qual apresenta alguns encaminhamentos que considerava adequados para a utilização da cartilha, mas que, nesse prefácio, não teria conseguido abordar — devido à extensão que isso ocuparia e, em decorrência, o alto custo para aqueles que a comprariam — os "[...] fundamentos, as razões que me levaram a adoção de tal marcha [...]" (VIANNA, 1925, p. 1).

Considerando, portanto, a importância de esclarecer esses aspectos aos professores que buscavam compreender o método por ele adotado, Francisco Vianna (1925) informa: "Resolvi, portanto, publicar-as á parte [as indicações sobre o método], para serem enviadas gratuitamente aos professores que quizessem esclarecer-se melhor, aprofundando o assumpto afim de serem mais conscienciosos na applicação." (p. 1).

Francisco Vianna justifica, então, que quando assumiu cargo de diretor de escola primária passou a se interessar pelo ensino inicial da leitura, de que decorreu certa tendência pelo método da sentencição, considerando-o "[...] mais consentaneo com a constituição psychica da creança." (VIANNA, 1925, p. 1).

Francisco Vianna (1925) explica que

[...] por dispor de mais longa prática [e] [...] pelos esclarecimentos secundários, ainda que preciosos, fornecidos por alguns de meus mais illustrados collegas, se me firmou a convicção de que a sentencição é o methodo de que a creança pode auferir mais seguros e mesmo mais rápidos resultados. (p. 1).

Ciente da adequação do método da sentencição para o ensino da leitura, Francisco Vianna afirma ter aguardado a publicação de outras cartilhas, nas quais seus autores proporiam a aplicação desse método para o ensino da leitura; indica que, por esse motivo, não se preocupou em escrevê-la. Suas expectativas em relação à forma de processar a sentencição, porém não foram alcançadas a partir das cartilhas as quais teve acesso. Esse autor explica que, mediante essa situação, considerou relevante organizar e publicar uma cartilha, na qual pudesse concretizar seus anseios em relação à forma de processar a sentencição. Passou a estudar o método e encomendou cerca de 50 cartilhas nos Estados Unidos buscando compreender o método proposto por seus autores.

Levado por princípios de ordem geral [...], estabeleci o plano a que deveria obedecer minha futura Cartilha, cuja definitiva organização

só logrei realmente obter á proporção que, sob minha direcção, iam avançando a illustração e composição typographica do livro, realizadas em fins de 1911, em Pariz. (VIANNA, 1925, p. 1).

Nos planos de elaboração da cartilha, Francisco Vianna, informa ter considerado como essencial conhecer, em primeiro lugar, a "alma da creança" (VIANNA, 1925), pois a partir disso, segundo esse autor, seria possível compreender as propostas de ensino adequadas às crianças. A partir dessa primeira aproximação, Francisco Vianna constata: "[...] o methodo da *sentenciação* (tambem chamado *analytico*) é superior aos anteriormente adoptados." (p. 2, grifos do autor) e justifica que esse método caminha de modo favorável às leis que regem o funcionamento e constituição orgânica das crianças.

Francisco Vianna aponta a importância do sentimento e das funções que ele ocupa na formação da "alma humana", de que decorre a educação e o impulsionamento das ações altruístas ou egoístas, sendo estas contidas "[...] a fim de que se possa dar a indispensavel subordinação do individuo á sociedade." (VIANNA, 1925, p. 6).

Do exposto resultam duas conseqüências da maior transcendência para o ensino: 1.<sup>a</sup>, que nunca se deve perder o ponto de vista moral, isto é, de que somos sempre impulsionados pelo sentimento; 2.<sup>a</sup>, que, sobretudo, para a creança (como aliás tambem para a mulher), é necessario deixar as theorías, os estudos, os trabalhos, etc., intimamente ligados á nossa vida moral, para que ella não perca o estímulo e o interesse. (p. 6).

A partir desses aspectos, é possível compreender que para Francisco Vianna a formação de sentimentos era fundamental, quando do ensino e da educação para a formação da "alma humana". Sobre isso, esse autor ressalta:

Eis porque deve ser condemnada toda instrução que não fale ao sentimento, ao elemento fundamental da alma, principalmente da creança; todo livro que lhe pretender dar instruções puramente pratica ou scientifica. Trate-se de seus pendores, contem-se-lhe historias nas quaes sua própria vida palpita, mostrando-lhe, por exemplos adequados, a acção perurbadora e maléfica dos instinctos egoístas mal soffreados ou regulados e, principalmente, sem se appellar para um calculo de conveniências pessoaes, como infelizmente ainda se constata muito nos livros didacticos, especialmente entre os francezes, mas para a belleza de tudo quanto é grande, generoso, deinteressado, exaltem-se, pelos mesmos processos, os sentimentos sociaes, isto é, o apego, a veneração e a bondade; e, no commentario que todas as historias deste gênero, não muito medfocres, comportam, procure-se ir introduzindo em seu espírito as noções, as idéas, apropriadas para a educação especial da intelligencia e das quaes Ella necessitará mais tarde para sua vida pratica. (VIANNA, 1925, p. 6).

Considerando, portanto as funções intelectuais, Francisco Vianna (1925) destaca a importância da expressão, sendo essa "[...] apenas um instrumento e não um fim, e, como tal, deve estar continuamente subordinada áquella [concepção]." (p. 6). Francisco Vianna afirma, portanto, que:

[...] além desta função de ordem puramente intellectual, a expressão da qual resulta a linguagem, tem ainda importantissima e mesma inicial de tornar possível a manifestação de todos os nossos sentimentos. É esta exactamente a que mais interessa a creança cuja linguagem se exerce principalmente para exprimir as suas sensações, os seus desejos, os seus prazeres e as suas contrariedades. Há de ser, pois, nestes determinantes habituaes da linguagem infantil que se devem ir procurar os assumptos para o desenvolvimento da própria expressão. (p. 7).

Aliado a esse modo de compreensão da linguagem como expressão do pensamento, está a forma de conceber a linguagem escrita como representação da linguagem oral. A advertência de Francisco Vianna (1925) é, porém, para que não seja confundida a aprendizagem da leitura com a simples capacidade de corresponder a forma gráfica e a fônica, mas, sim, com a de "[...] bem traduzir os pensamentos e sentimentos proprios sob a fórma graphica e a do bem interpretar os de outrem quando apresentados sob esta mesma fórma." (p. 7).

Para Francisco Vianna (1925), portanto, a leitura, mesmo que na fase inicial, não deve ser compreendida como enunciação dos sons escritos, sendo que "[...] só há verdadeiramente tal ensino quando estes sons vão corresponder em nosso cérebro a idéas, pensamentos e sentimentos bem nítidos. Tal é a função explicita da leitura." (p. 8).

Para o aprendizado correto e adequado da leitura, considerando a forma com que compreende esse processo, Francisco Vianna (1925) afirma que a fase inicial desse processo deve ser acompanhada da cartilha e que nessa fase, não é preciso avançar com pressa no ensino, ou preocupar-se demais com a leitura correta ou enunciação fonética de todas as palavras e sentenças adequadamente. O professor precisaria se preocupar com as formas de garantir que as crianças compreendessem aquilo que estariam lendo. Para tanto, conforme Francisco Vianna justifica a sua proposta e a forma de compreender o ensino da leitura, é somente a partir de sentenças que esse ensino pode ocorrer, pois somente essas contêm pensamentos e sentimentos.

Para Francisco Vianna (1925), a sentencição é definida como:

[...] methodo que, partindo da leitura de sentenças ou phrases completas, sem decomposição das palavras em syllabas e letras, leva, no entanto, o alumno ao conhecimento da correspondência entre a fôrma graphica e a oral. Nelle o que impressiona fundamentalmente o alumno é o pensamento expresso pela sentença, mas tanto os elementos com que se representam os pensamentos graphicamente vão sendo repetidos, que, ao fim de algum tempo, se estabelece no espírito do alumno o conhecimento de que a cada signal corresponde um som determinado. (p. 9).

Dessa definição, decorrem as vantagens desse método, que são:

[...] 1.<sup>a</sup>, a de exigir maior e mais aproveitável actividade intellectual por parte da creança, o que determina, bem considerado o objectivo do ensino, uma economia de tempo; 2.<sup>a</sup>, a de habituar-nos, desde tenra idade, a ver na linguagem, oral ou escripta, um meio, um instrumento para as manifestações de que pensamos e sentimos, evitando-nos assim uma das causas da pura verbiagem; 3.<sup>a</sup>, a de despertar na creança vivíssimo interesse, pois desde logo vae verificando a importancia não para destinos puramente utilitários da vida de adulto, mas para as próprias tendências, os seus desejos, etc., do estudo da leitura, como da escripta; 4.<sup>a</sup>, a de acostumar-as a exporem os seus pensamentos e sentimentos de fôrma integral e correcta; 5.<sup>a</sup>, por fim, vantagem mais technica, a de não levar ao detestável habito de syllabar para ler, porque em tal methodo se exige que a leitura de cada sentença seja sempre feita de uma vez. (VIANNA, 1925. p. 8-9).

Mediante esse modo de compreender a sentencição e suas vantagens, o autor complementa:

Admittido que o methodo da sentencição, por permittir desde logo a enunciação dos pensamentos e sentimentos de fôrma integral, é o mais conveniente para o ensino da leitura, é muito claro que se deverão escolher assumptos ao alcance daquellas intelligencias ainda por demais rudimentares, assumptos, que, por sua natureza, não exijam além do esforço natural para a traducção phonica, nenhum outro para a compreensão. Elles têm, pois, de consistir, com relação ao fundo, no que as creanças sentem, desejam, brincam, pensam, em uma palavra, comprehendem e, com relação á fôrma, no emprego de palavras e constucções, cuja significação já lhes seja conhecida ou facilmente assimilável. (VIANNA, 1925, p. 9)

Francisco Vianna (1925) destaca a influência das investigações de professores norte-americanos, de suas formas de compreender a sílaba como "[...] a unidade phonica" (VIANNA, 1925, p. 9) e da opção desses pelo método da sentencição para o ensino da leitura. Esse autor argumenta que, de acordo com o seu ponto de vista, somente nas cartilhas norte-americanas e em *Cartilha: leituras infantis* que as sílabas no

corpo das palavras que formam a sentença estão abordadas de modo adequado para a compreensão das crianças e indicando que:

[...] as poucas cartilhas pela sentencição que conheço em portuguez pretenderam seguir as americanas, porém empregaram, para a constituição das sentenças iniciais, palavras até de três syllabas, sem absolutamente se incomodarem com a natureza e a diversidade das consoantes. Foi aliás o que anteriormente já havia feito o traductor da cartilha de Miss Sarah Arnold, segundo se verifica do cotejo entre o original inglez e a versão ou adaptação portugueza. (VIANNA, 1925, p. 10).

Conforme explica esse autor, quando da elaboração de sua cartilha, ele preocupou-se em processuar a sentencição, decompondo as sentenças em palavras, das quais se chegava às sílabas, movimento necessário para a aprendizagem da leitura.

Pelo conhecimento da sentença elle descerá ao dos vocábulo e pelo destes ao das syllabas. Phonicamente considerados os vocábulo não passam de associações de syllabas e estas, por seu turno, de puras vogaes ou de vogaes modificadas por uma ou mais consoantes. D'ahi resulta que não pode haver leitura sem que se conheçam pelo menos as syllabas. Mas, si é indispensável que este conhecimento se estabeleça, não o é que se faça a decomposição explicita dos vocábulo em syllabas e das syllabas em letras. A criança, por si só a fará, sem que para isto seja necessário dar-lhe o nome das letras. (VIANNA, 1925, p. 9).

Para Francisco Vianna (1925), considerando que a ortografia da língua portuguesa é "[...] essencialmente fonética." (p. 10) e que sua natureza permite que sejam introduzidas várias sílabas numa mesma lição, a opção desse autor foi pela combinação de consoantes, o que a seu ver permitiria, por meio da repetição de sons, a descoberta de que cada voz corresponde a um determinado sinal ou letra; assim, a cada nova lição, o aluno descobriria sentenças novas com palavras novas e sons novos.

Esses aspectos permitem afirmar que para Francisco Vianna, a utilização de muitos sons diferentes em uma mesma lição, dificulta a percepção da criança sobre a relação entre o fonema e o grafema, sendo esse aspecto criticado por ele em outras cartilhas que haviam sido publicadas anteriormente a dele e sendo enfatizadas as reclamações que ouviu dos professores que se utilizavam do método da sentencição. Conforme o autor, a partir da introdução gradual das consoantes, é possível simplificar o processo de aprendizagem da leitura e incentivar o aluno a querer continuar a aprender sozinho, pois isso "[...] satisfaz as tendências de nosso espírito de achar regras para todos os fenômenos" (VIANNA, 1925, p. 11).

Francisco Vianna (1925) finaliza essa primeira parte do folheto apresentando, brevemente, em comparação com as cartilhas as quais teve contato, a proposta de sua cartilha.

Assim, muito mais cedo do que o permitem as cartilhas já existentes, o estudo da leitura por ella [*Cartilha: leituras infantis*], dará ao alumno um estado de verdadeira consciência (ainda que elle não seja capaz de enunciar-o explicitamente) que lhe permittirá descobrir onde está a difficuldade de cada lição e qual o meio que tem para vencel-a. (VIANNA, 1925, p. 11).

Na sequência, inicia-se a segunda parte do folheto, intitulada "Aos snrs. leitores que não possuam a cartilha", na qual estão transcritas as indicações aos professores contidas no prefácio de *Cartilha: leituras infantis*.

Nessa parte do folheto são apresentadas as propostas metodológicas a partir das quais Francisco Vianna propõe para a utilização da cartilha de sua autoria com o objetivo de ensinar a leitura pela sentencição e as fases que considera necessárias de serem adotadas para o sucesso desse ensino.

As explicações de Francisco Vianna se referem à utilização das três fases para o ensino da leitura (observação da gravura, diálogo do professor com os alunos, elaboração de sentenças orais e leitura das sentenças na cartilha) nas seis primeiras lições da cartilha, considerando a utilização das três fases será feita compreendendo essas seis lições agrupadas em conjunto. A partir da 7ª. lição, todavia, Francisco Vianna explica que as três fases devem ser seguidas para cada lição, isoladamente.

Para exemplificar a forma de processar a sentencição que adotou na cartilha que teve publicada, Francisco Vianna apresenta as três primeiras lições de *Cartilha: leituras infantis*. É importante mencionar que as gravuras das lições são diferentes das gravuras das edições que localizei, o que permite presumir que ao longo da trajetória editorial dessa cartilha, conforme já mencionei anteriormente neste capítulo, as gravuras foram, presumivelmente, o único aspecto alterado entre as edições.

As páginas nas quais estão apresentadas as lições da cartilha têm gravuras em preto e branco e abaixo, ao final da página, consta a informação: "Na Cartilha a gravura desta pagina e as de varias outras são coloridas." (VIANNA, 1925, p. 12). Há então cópias das três primeiras lições, mas sem os respectivos títulos. Destaco, também, que as lições não têm títulos, assim como têm nas edições analisadas de *Cartilha: leituras infantis*, o que permite problematizar se nas 1ªs. edições da cartilha não estavam incluídos títulos nas lições e se esses aspectos foram alterados nas edições posteriores,

dentre as quais as edições que localizei; ou se os títulos não foram incluídos nos exemplos de lição do folheto, apesar de constarem na cartilha.

## **CAPÍTULO 4**

**Apresentação dos livros de leitura da Série "Leituras Infantis"**

#### 4.1 *Leitura preparatória*

*Leitura preparatória* foi escrito por Francisco Vianna, com a colaboração de Miguel Carneiro Júnior. Sobre a colaboração de Miguel Carneiro Junior, como informei no Capítulo 1 desta dissertação, esses dois professores atuaram no mesmo período na Escola Modelo "Prudente de Moraes", de que decorre a posterior elaboração em coautoria desse livro.

Miguel Carneiro Júnior diplomou-se pela Escola Normal de São Paulo no ano de 1893, tendo atuado como diretor do Grupo Escolar "Dr. Moraes Barros"<sup>174</sup>, do qual foi exonerado, no ano de 1901, e sido nomeado professor adjunto da Escola Modelo "Prudente de Moraes", em São Paulo-capital.

No início do mês de abril de 1907, Miguel Carneiro Júnior criou o grupo escolar da cidade paulista de Caçapava, tendo o instalado ao final desse mês e o dirigido até junho desse ano. No ano de 1908, atuou como inspetor escolar, tendo elaborado em coautoria com Theodoro de Moraes e Carlos Alberto Gomes Cardim um parecer, intitulado "Livros didacticos" e publicado no *Anuario do Ensino do Estado de São Paulo*, no qual foram apresentados os resultados de avaliação de livros didáticos, cadernos e materiais de ensino com o objetivo de recomendarem, ou não, sua aprovação pela Diretoria Geral da Instrução Pública deste estado, para uso nas escolas públicas. No ano de 1911, também elaborou em coautoria com João Pinto e Silva<sup>175</sup>, Mariano de Oliveira e Theodoro de Moraes, o documento oficial *Como ensinar leitura e linguagem*, que foi expedido pela Diretoria Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo.

Destaco, porém, que o nome de Miguel Carneiro Júnior está indicado apenas na folha de rosto dos exemplares localizados; sendo que na capa dos livros, é apresentado apenas o nome de Francisco Vianna. Além desse aspecto, o prefácio é assinado por Francisco Vianna e, em todos os exemplares dos livros da Série "Leituras

---

<sup>174</sup> Conforme informações localizadas no *site* do CRE "Mário Covas", esse grupo escolar foi criado "[...] por meio de decreto, no dia 5 de março de 1900, tendo sido nomeado 'Segundo Grupo Escolar de Piracicaba'. No dia 15 de junho desse mesmo ano, esse grupo recebeu o nome 'Moraes Barros', como homenagem realizada a esse senador, um dos propagadores da instrução pública nessa cidade."

Informações disponíveis em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1897-1903/1900-Segundo\\_Grupo\\_Escolar\\_de\\_Piracicaba.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1897-1903/1900-Segundo_Grupo_Escolar_de_Piracicaba.pdf)>.

<sup>175</sup> Segundo informações localizadas em *site* na Internet, João Francisco Pinto e Silva formou-se pela Escola Normal de São Paulo no ano de 1897, tendo sido professor do grupo escolar "Luís Leite", na cidade paulista de Amparo e, também, diretor desse grupo entre 1895 e 1899. Esse professor também atuou como escritor de livros didáticos, dentre os quais alguns para o ensino primário: *Minha pátria* (2º. e 3º. anos), *Meus deveres* (2º., 3º. e 4º. anos), *Cartilha do lar*, *Cartilha escolar*, e outros para o ensino secundário *Novo manual de língua portuguesa*. Informo que não localizei informações a respeito da data de publicação das 1ªs. edições desses livros. Informações localizadas em: <<http://amparonews.spaceblog.com.br/r5682/Tunel-do-Tempo/>>.

Infantis" que localizei, quando da menção a *Leitura preparatória*, na relação dos títulos de livros publicados por esse autor, está informação de que esse livro foi escrito "[...] de colaboração com **Miguel Carneiro Júnior.**" (VIANNA, 1928; 1937a).

O exemplar que analisei de *Leitura preparatória* é da 69ª. edição, publicado em 1937, está organizado em: prefácio, intitulado "Aos Snrs. Professores"; 60 lições, distribuídas da página 3 a 125; "Observação final" e índice

#### **4.1.1 Diferentes edições**

Localizei dois exemplares de *Leitura preparatória*: 69ª. edição, publicada em 1937 — o mais antigo — e o da 97ª. edição, de 1960. Apresento, abaixo, ilustração da capa da 97ª. edição de *Leitura preparatória*.

Figura 19 – Capa da 97ª. edição de *Leitura preparatória*



Capa da 97ª. edição de *Leitura preparatória*, publicada em 1960.

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb).

Nos dois exemplares que localizei, as modificações que constatei no exemplar da 97ª. edição em relação à 69ª, se referem:

- à alteração do título do livro;

Na 69ª. edição, o título do livro de leituras é *Leitura preparatória* e na 97ª. edição desse livro, o título está alterado para *História para pequeninos: leitura preparatória* da série "Leituras Infantis"<sup>176</sup>. Destaco, porém, que não localizei até o momento, informações sobre a data de publicação e a edição na qual esse aspecto foi alterado. As informações que localizei, as quais podem auxiliar na aproximação da data em que o título foi alterado, estão na relação dos livros publicados por Francisco Vianna nos exemplares da 42ª. e 44ª. edição de *Terceiro livro de leituras infantis*, publicados, respectivamente, em 1937 e 1941; quando são indicados os títulos dos livros publicados por Francisco Vianna, no exemplar mais antigo, de 1937, o título do livro está apresentado *Leitura preparatória* e, no exemplar mais recente, de 1941, o livro está apresentado como *História para pequeninos*.

Esse aspecto permite afirmar que a partir da década de 1940, 32 anos após a publicação da 1ª. edição desse livro, o título do livro de leituras foi alterado, tornando-se mais descritiva, em seu título, sua destinação e sua vinculação à Série "Leituras Infantis".

- à alteração da quantidade total de lições no livro, à alteração de títulos de 12 lições, à supressão de oito lições e à inclusão de seis lições;

Sobre a alteração da quantidade de lições no livro de leituras, apresento, no Quadro 7, os títulos das lições alterados, os títulos das lições suprimidas e os títulos das lições incluídas.

---

<sup>176</sup> Apesar da modificação no título desse livro de leituras, sempre que mencioná-lo, nesta dissertação, indicarei *Leitura preparatória*.

**Quadro 7 – Títulos alterados e títulos das lições suprimidas ou incluídas na 97ª. edição de *Leitura Preparatória*, comparativamente à 69ª. edição**

Títulos das lições alterados		Títulos das lições suprimidas	Títulos das lições incluídas
69ª. edição	97ª. edição	"Só pode apanhar o caldo"	"Um recado a navegar"
"O cocheiro"	"Upa! Upa! Cavalinhos!"	"Que dois!"	"Agora é tarde, Sr. Moreira"
"A criada"	"A criada ingênua"	"O chapéu"	"A vendedeira de frutas"
"Não foi esta"	"Não foi essa"	"Cássio"	"O ninho do Pintassilgo"
"A gravata"	"Era uma vez uma gravata"	"O jardimzinho de Gustavo"	"Minha casa"
"No telefone"	"O Mauro no telefone"	"O níquel"	"Resultado de uma esperteza"
"O colchão"	"Nem sempre é bom ser carregado"	"O louco"	—
"O Totó"	"O Lulú na escola"	"A amiguinha dos bichos"	—
"A amabilidade"	"Amabilidade salgada"	—	—
"O doce"	"O sovina roubado"	—	—
"A meia"	"A meia desleixada"	—	—
"Modificações da semana"	"A semana de um vadio"	—	—
"A tartaruga"	"A tartaruga e o equilibrista"	—	—

Fonte: *Leitura preparatória* (VIANA; CARNEIRO JÚNIOR, 1937a; 1960)

A partir das informações contidas no Quadro 7, é possível observar que duas lições que foram suprimidas na 97ª. edição em comparação com a 69ª; nesta há 60 lições, enquanto que naquela há 58. Ainda sobre esse aspecto, observa-se, também, a alteração de 12 títulos de lições, a supressão de oito lições e a inclusão de seis lições.

Apesar de o conteúdo das lições incluídas na 97ª. edição não destoar do conteúdo das lições da 69ª. edição, sendo abordados temas relativos ao comportamento adequado das crianças e, sendo incluídos, também os adultos e as relações de ambos com seus pares e com os animais, destaco que a inclusão de novas lições buscava adequar o os aspectos relativos a brincadeiras e a apelos normativos de cunho moralístico ao momento no qual as novas edições foram publicadas.

- à supressão de letras manuscritas nas cinco lições que eram assim organizadas;

Sobre as alterações nas letras manuscritas, é possível observar que há cinco lições na 69ª. edição de *Leitura preparatória*, nas quais as letras das lições são manuscritas; na 97ª. edição desse livro, porém não há lição com letra manuscrita, sendo todas em letras de imprensa. De que é possível problematizar se no momento de publicação da 97ª. edição desse livro, já não era tão enfatizada a necessidade de ensinar letra manuscrita ou de incentivar a utilização da letra manuscrita na escola.

- à diferença de 25 gravuras no total das lições da 69ª. edição em relação à 97ª. e à alteração na disposição das gravuras nas páginas das lições;

Na 69ª. edição desse livro de leituras há 143 gravuras no total das 60 lições; na 97ª. edição, porém, há 118 gravuras no total das 58 lições, o que significa uma diferença de 25 gravuras no total, comparando as duas edições.

- à alteração da disposição do prefácio intitulado "Aos Snrs. Professores" do início do livro, antecedendo as lições, para o final do livro, sucedendo-as;

Sobre a alteração do prefácio, destaco que o conteúdo permanece o mesmo, sendo alterada apenas sua disposição no livro. Na 69ª. edição, está localizado no início do livro de leituras, antecedendo as lições; e na 97ª. edição, está localizado ao final do livro, sucedendo as lições.

- à indicação de *Copyright* na folha de rosto em nome de Francisco Vianna e à supressão da indicação "Em ortografia oficial"; e

Na 97ª. edição desse livro de leituras foi suprimida a indicação de que o livro estava escrito na ortografia oficial; além disso, nessa edição foi acrescentada a informação de *Copyright* em nome de Francisco Vianna, seguido de relação contendo 14 títulos de livros escritos por esse autor.

#### **4.1.2 Lições e gravuras**

*Leitura preparatória* tem 60 lições que têm regularidade em relação à estrutura: gravuras, histórias e duas estrofes de poemas com função de sintetizar moralmente o conteúdo da lição. Todas as lições ocupam duas páginas do livro de leituras.

Há, no livro de leituras, 143 gravuras, todas em preto e branco. As gravuras se destacam nas páginas das lições, sendo variada a forma e o tamanho com que estão dispostas nas lições. Há indicação autoria das ilustrações em dez gravuras nos exemplares da 69<sup>a</sup>. e 97<sup>a</sup>. edição de *Leitura preparatória*, contudo não é possível identificar o nome grafado.

As gravuras e as histórias das lições têm relação entre si e os aspectos abordados nas histórias são representados nas gravuras. Além desse aspecto, as gravuras de *Leitura preparatória*, acompanham sequencialmente o enredo das histórias das lições, sendo nessas representadas situações narradas nas lições, crianças, animais, adultos, plantas e objetos. A esse respeito, no tópico "Observação final" de *Leitura preparatória*, os autores do livro informam: "Todos os desenhos foram feitos especialmente para este livrinho." (VIANA; CARNEIRO JÚNIOR, 1937a, p. 126).

Das 60 lições do livro, em 55, o conteúdo é apresentado sob a forma de narrativa e, em cinco, o conteúdo é apresentado sob a forma de poema.

Não estão indicadas nas histórias das lições se elas foram escritas em co-autoria de Francisco Vianna e Miguel Carneiro Júnior, se são apenas de um ou de outro autor. A única informação disponível a respeito do ineditismo das histórias da lição está localizada no tópico "Observação final", das 60 lições, 44 são "[...] completamente originais e 16 que o não são de todo." (VIANA; CARNEIRO JÚNIOR, 1937a, p. 126).

Sobre esse aspecto, nesse tópico do livro, Francisco Vianna e Miguel Carneiro Júnior (1937a) explicam que:

A falta de originalidade nos livros didáticos para crianças não constitui defeito, atendendo-se a que, na maioria dos casos, tudo é para elas original. Nesse sentido, todas as lições deste livrinho o são, pois nenhum dos assuntos é encontrado em livros congêneres.

Mas é verdade que isso não pôde desmerecer a obra, outrotanto não sucede para com os autores, quando o não declaram. [...]

Assim é que as histórias — *Os amiguinhos de Julita, As duas vacas, A criada, Contas bem feitas, Só pode apanhar o caldo, Depois do presente, O lambe-sêlos, As botinas, Não vale a pena comer, O tostão perdido e A boneca quebrada* — são baseadas em assuntos conhecidos.

As lições — *O Negrinho e o Vigilante, A gravata, Um elevador interessante, Que dois e Um banho*, são baseadas em histórias mudas. (p. 126).

Além desse aspecto, destaco a forma com que as lições são organizadas. As histórias são conduzidas por um narrador em terceira pessoa que conta as histórias de diversos personagens, na grande maioria crianças, mas há também o caso de três lições

cujos personagens das histórias são animais. A título de exemplo, apresento abaixo, ilustração de uma lição desse livro intitulada "O papagaio logrado".

**Figura 20 – Lição "O papagaio logrado" da 69ª. edição de *Leitura preparatória***



Lição "O papagaio logrado" da 69ª. edição de *Leitura preparatória*

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb).

Constatei, portanto, que é marcante o tom moralizante nesses poemas que sintetizam as histórias das lições, de que decorre o questionamento a respeito da opção por esse tipo de texto para concretizar essas sínteses, considerando que por esses textos serem rimados, tendem a apresentarem maior facilidade quando da leitura e da memorização dos ensinamentos morais abordados nas histórias das lições.

#### 4.1.3 Orientações aos professores

No prefácio, disposto em duas páginas, intitulado "Aos Snrs. Professores" e assinado por Francisco Vianna são apresentados alguns dos fundamentos a partir dos quais elaborou a sua proposta para o ensino da "leitura corrente" (VIANNA; CARNEIRO JÚNIOR, 1937a), em continuidade ao que propôs para o ensino inicial da leitura na cartilha da Série "Leituras Infantis".

Nesse prefácio, Francisco Vianna (1937 apud VIANA; CARNEIRO JÚNIOR, 1937a) define que, a seu ver, "Ensinar a ler é, sobretudo, ensinar a *compreender*." (p. 3, grifo do autor), mas que no período em que a criança está aprendendo a ler utilizando a

cartilha, é mais comum a presença da leitura dos sinais gráficos e fônicos representados e que esse aspecto preponderante é eliminado à medida que a criança passa a ler a idéia contida no texto, caracterizando, assim, a "leitura corrente" (VIANA, 1937).

Entre a leitura realizada na cartilha e a leitura realizada no livro de leituras, porém há um período de transição. Considerando esse período de transição, portanto, Francisco Vianna explica aos professores que, além de utilizar o livro de leituras, é preciso considerar o encaminhamento do ensino da leitura a partir de cinco etapas: "explicação prévia do professor"; "leitura prévia pelo professor"; "leitura pelos alunos"; "exposição socrática"; "reprodução da história pelos alunos" (VIANA, 1937, apud VIANA; CARNEIRO JÚNIOR, 1937a).

Francisco Vianna (1937) finaliza o prefácio afirmando que "[...] nenhuma lição deve passar sem o respectivo comentário moral, a menos que o não comporte." (VIANA, 1937, apud VIANA; CARNEIRO JÚNIOR, 1937a, p. 5).

Ao final de *Leitura preparatória*, após as lições, é apresentado um tópico intitulado "Observação final", no qual Francisco Vianna e Miguel Carneiro Júnior apresentam informações relativas à originalidade das lições de *Leitura preparatória*, indicando, para tanto, a quantidade de histórias que o são e que não o são completamente. Esses autores apresentam ainda, a informação de que todas as gravuras que compõem o livro foram elaboradas especialmente para ele.

Por fim, os autores apresentam a seguinte informação: "A partir da 61<sup>a</sup>. edição, sai este livrinho sensivelmente melhorado no texto, com algumas historietas substituídas ou modificadas e com gravuras ou inteiramente novas ou mais nítidas do que as anteriores." (VIANA; CARNEIRO JÚNIOR, 1937z, p. 126). Observa-se, portanto, que houve alterações nas edições desse livro de leituras, as quais ocorreram quando da publicação da 61<sup>a</sup>. edição, conforme informam os autores e também nas edições posteriores a 70<sup>a</sup>., conforme mencionei, quando apresentei as diferentes edições do livro que localizei, até o momento.

#### **4.2 Primeiro livro de leituras infantis**

*Primeiro livro de leituras infantis*, escrito por Francisco Vianna, destinava-se ao ensino da "leitura corrente" (VIANNA, 1909a; VIANA, 1958) a crianças nos anos iniciais de escolarização, sendo a sua utilização feita após o término de *Leitura preparatória*.

Dedicado "À memória de seus paes" (VIANNA, 1909a), o exemplar analisado da 2ª. edição, de 1909, de *Primeiro livro de leituras infantis* está organizado em: prefácio; 61 lições, distribuídas da página 7 a 170 e índice.

Esse exemplar foi restaurado e tanto a capa, quanto a quarta capa do livro não foram mantidas, quando da restauração; por esse motivo, não é possível saber quais são as gravuras que as compõem ou de que forma estão organizados os aspectos relativos à informação de autoria, título do livro, da série, data de publicação e nome da editora, ou extrato do catálogo da editora.

#### **4.2.1 Diferentes edições**

Localizei dois exemplares de *Primeiro livro de leituras infantis*: da 2ª. edição, publicada em 1909 — o mais antigo até o momento; e da 62ª. edição, publicada em 1968.

Nesses dois exemplares, as modificações que constatei no exemplar da 62ª. edição em relação à 2ª, se referem:

- à alteração da quantidade total de lições no livro, à alteração de títulos de 25 lições, à supressão de 22 lições e à inclusão de 12 lições; e

Apresento, no Quadro 8, os títulos das lições alterados, os títulos das lições suprimidas e os títulos das lições incluídas.

**Quadro 8 – Títulos alterados e títulos das lições suprimidas ou incluídas na 62ª. edição de *Primeiro livro de leituras infantis*, comparativamente à 2ª. edição**

Títulos das lições alterados		Títulos das lições suprimidas	Títulos das lições incluídas
2ª. edição	62ª. edição		
		"A talha"	"Remédio para não crescer"
"As bôlhas de sabão"	"Bolhas de sabão"	"Por causa da bola"	"Dois pianistas"
"O incontentável"	"O incontentável"	"O aniversário de Lúcia I"	"Bigode traidor"
"Como cae um gato ... e um menino"	"Como caem os gatos e os meninos"	"O aniversário de Lúcia II"	"O aniversário de Mauro"
"O graphophone I"	"Cante, senhor rádio!"	"O aniversário de Lúcia III"	"Sem médico"
"O graphophone II"	"Faça o favor de cantar"	"Ao deitar-se"	"Um discurso bisado"
"A corrida I"	"Três amigos treinando"	"O claque"	"Canetas de ouro e de madeira"
"A corrida II"	"Três amigos correndo"	"Os cartõezinhos I"	"Na bicicleta"
"A corrida III"	"Três amigos premiados"	"Os cartõezinhos II"	"Foi ficando pequeno"
"A engommadeira"	"A pequena engommadeira"	"A velhinha"	"Carolina aprende a ler I"
"Curiosidade"	"Pixe e curiosidade"	"O doce de banana I"	"Carolina aprende a ler II"
"O lanche I"	"Comilona... que não comia I"	"O doce de banana II"	"Eu queria ser um pato"
"O lanche II"	"Comilona... que não comia II"	"O doce de banana III"	—
"A boneca"	"Dentista para bonecas"	"A carta de Raymundo"	—
"A viagem I"	"Um dorminhoco vai viajar"	"Resposta a Raymundo"	—
"A viagem II"	"Um dorminhoco ia viajar"	"O sabiá"	—
"Eu queria ter cinco e cinco"	"Eu queria ter cem e cem"	"Uma troca I"	—
"O surdo"	"Mais prudência e menos campainha"	"Uma troca II"	—
"Galopim"	"Um doutor em apuros"	"O annuncio I"	—
"No balanço"	"O Marcelo é todo amável"	"O annuncio II"	—
"O Valente"	"Valente"	"Que pó de arroz!"	—
"O paravento"	"Que pai bravo!"	"Tolice?"	—
"O cesto de fructas"	"Provador de frutas"	—	—
"As balas"	"Repartindo balas"	—	—
"Medroso? I"	"Medroso! I"	—	—
"Medroso II"	"Medroso! II"	—	—

Fonte: *Primeiro livro de leituras infantis* (VIANNA, 1909a; 1958b)

A partir das informações contidas no Quadro 8, é possível observar que dez lições que foram suprimidas na 62ª. edição, se comparada com a 2ª.; nesta há 61 lições e naquela há 51. Ainda sobre esse aspecto, observa-se também a alteração de 25 títulos de lições, a supressão de 22 lições e a inclusão de 12 lições.

Apesar de o conteúdo das lições incluídas na 62ª. edição não destoar do conteúdo das lições da 2ª. edição, é possível problematizar se são alterados os aspectos relativos ao comportamento adequado das crianças: a moral que a criança de 1909 deveria aprender tratava-se da mesma moral que a criança de 1958 deveria aprender?

- à diferença de 31 gravuras na quantidade total de gravuras no livro e à alteração na disposição e tamanho das gravuras nas páginas das lições;

Na 2ª. edição desse livro há 79 gravuras no total das 61 lições; na 62ª. edição, há 48 gravuras no total das 51 lições, o que significa uma diferença de 31 gravuras no total, comparando as duas edições.

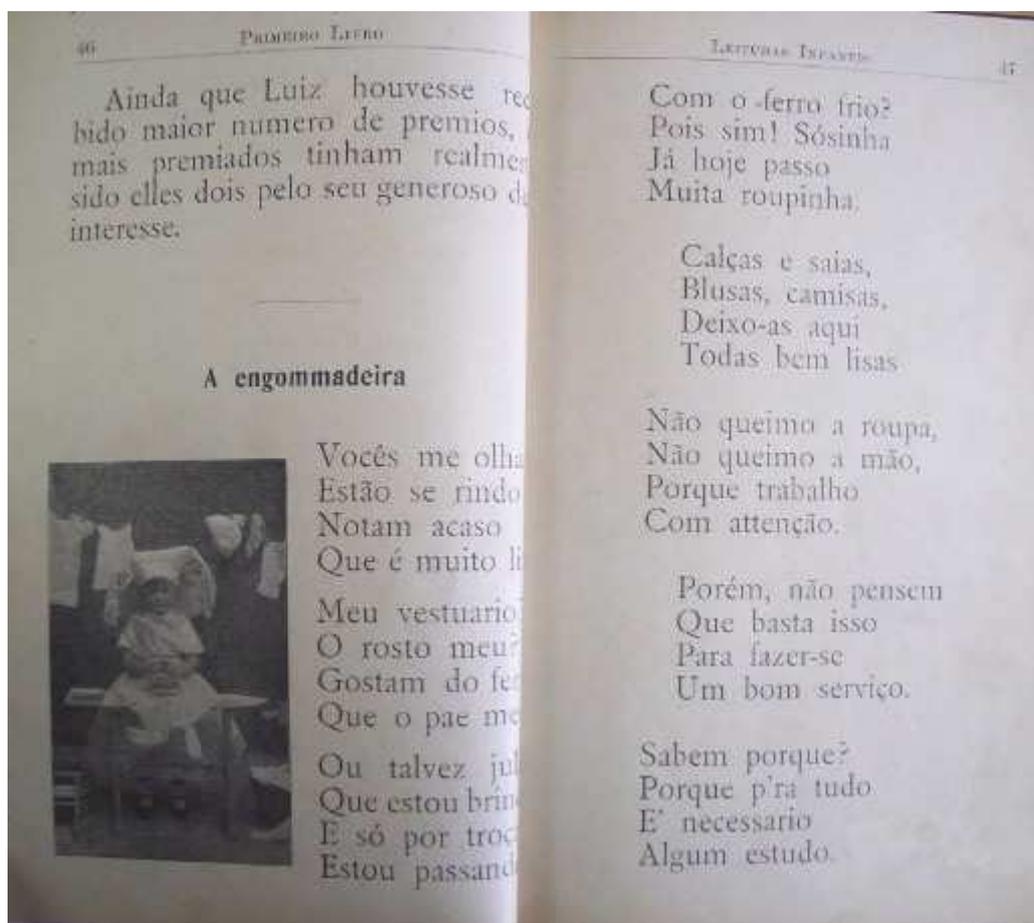
#### **4.2.2 Lições e gravuras**

*Primeiro livro de leituras infantis* contém 61 lições que têm regularidade em relação à estrutura: gravuras e histórias. De modo geral, grande parte das lições ocupa duas páginas do livro de leituras.

Há no livro de leituras, 79 gravuras, todas em preto e branco, dentre as quais 23 são "fotografias". As gravuras se destacam nas páginas das lições, sendo variada a forma com que elas estão dispostas nas lições. Do conjunto das gravuras, não é possível identificar a assinatura de ilustrador ou de autoria das fotografias.

As gravuras que são "fotografias" têm relação com as histórias das lições, sendo os aspectos abordados nas histórias representados nessas fotografias: crianças brincando com outras crianças ou com animais e/ou em outras situações diversas narradas nas histórias. As gravuras que não são fotografias, entretanto, não têm relação com as histórias das lições de *Primeiro livro de leituras infantis* e, nessas são representados pássaros, flores, pequenos anjos e paisagens retratando o mar, um campo e um farol. A título de exemplo, apresento abaixo, ilustração da lição "A engommadeira", cuja gravura é uma fotografia.

**Figura 21 – Lição "A engommadeira" da 2ª. edição de *Primeiro livro de leituras infantis***



Lição "A engommadeira" da 2ª. edição de *Primeiro livro de leituras infantis*, publicada em 1909.  
 Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb).

Além desses aspectos, é possível observar que há 16 lições, nas quais o enredo de uma lição é retomado em outra(s) lição(ões), que a sucedem, como ocorre, por exemplo, com a 2ª. lição, intitulada "As bolhas de sabão I", que tem continuidade na 3ª. lição, intitulada "As bolhas de sabão II"; ou, para o caso de três lições sequenciais nas quais é mantido o mesmo enredo, como 13ª. lição, intitulada "A corrida I", que tem continuidade na 14ª. lição, intitulada "A corrida II" e na 15ª. lição, intitulada "A corrida III".

#### 4.2.3 Orientação aos professores

No prefácio de *Primeiro livro de leituras infantis*, que está disposto em duas páginas e é assinado por Francisco Vianna, são apresentados alguns dos fundamentos a partir dos quais ele elaborou a sua proposta para o ensino da "leitura corrente" (VIANNA, 1909a).

Nesse prefácio, Francisco Vianna (1909a) define que, quando da elaboração de sua série de livros de leitura corrente, distanciou-se "[...] de toda a preocupação commum de aproveitá-las para ir ministrando ás creanças algumas das noções habitualmente chamadas scientificas e praticas." (p. V). Esse autor enfatiza as suas opções ao elaborar o livro de leituras, pois, conforme sua análise, os livros de leituras nos quais a preocupação maior de seus autores é ensinar essas noções

[...] falham duplamente ao seu destino: 1.º porque as creanças aproveitam muito pouco das noções que elles contêm, a ponto de ser-lhes, em geral, mais proveitosa a menos perfeita explicação do mestre que a mais lucida exposição do livro de leitura; 2.º, e principalmente, porque as creanças, quer por não acharem attractivo algum em taes assumptos, quer por não poderem apreendel-os immediatamente, fazem uma leitura fria, sem a menor attenção e compreensão, d'onde uma falta total de expressão. (p. V).

Mediante essa argumentação, Francisco Vianna (1909a) conclui que "Taes livros, pouco applicaveis mesmo a outras aulas, devem, segundo meu modo de ver, ser banidos das aulas de leitura corrente, sobretudo nos três primeiros annos." (p. V). Esse autor ressalta, porém, que apesar de suas constatações sobre os livros de leituras, a sua proposta não poderia deixar de se centrar nas histórias e nos contos (VIANNA, 1909a), pois, conforme justifica, esses tipos de textos permitem atingir as crianças justamente por lidarem no âmbito das manifestações dos sentimentos e da imaginação. Nas explicações de Francisco Vianna (1909a):

Assim foi e, na verdade, são estes assumptos, que, em geral, por mais accessiveis á rudimentar intelligencia daquelles a que se destinam e, mormente, por se acharem mais de acordo com as propensões infantis, melhor se prestam ao ensino da leitura corrente, porque exprimimos bem aquillo que conhecemos e sentimos bem. A creança realmente faz seu mundo consistir em puras manifestações do sentimento. Levadas por uma imaginação ainda não soffreada por falta de observações e theorias, que a subordinem ao mundo exterior, manifestam desde a mais tenra idade, uma enorme predilecção pelas historias, pelos contos, por mais absurdos e phantasticos que sejam. (p. V).

Apesar de compreender a importância de articular a leitura, principalmente na fase inicial de aprendizagem, ao gosto das crianças, Francisco Vianna (1909a) destaca que "[...] ao escrevermos taes livros, não podemos e nem devemos subordiná-los exclusivamente ao gosto das creanças." (p. V) e complementa justificando a sua proposta de ensino da leitura:

Toda a leitura, qualquer que seja, exerce uma certa reacção sobre quem a faz, pois como demonstrou A. Comte, nada ha de indifferente ao

sentimento. Assim, sendo, convem aproveitar em taes lições de assumptos que concorram para a formação de seus sentimentos e de seu character, em summa, de seu moral.

Isto só se pode obter desenvolvendo o altruísmo e comprimindo o egosímo.

Esta orientação é seguida por varios livros de leitura. A forma, porém, que elles apresentam, resultante de uma preocupação excessiva de dar preceitos moraes, torna com frequencia taes obras contraproducentes.

A creança deve, tanto quanto possível, adquirir a moral pelo exemplo, pela pratica, sobretudo no lar, e nunca formulada em preceitos, cuja abstracção e laconismo repugnam e geral ao espírito infantil. (p. VI).

Mediante essa exposição sobre o que considera adequado para o ensino da "leitura corrente", para o qual é necessária a presença e atuação do professor, Francisco Vianna (1909a) conclui:

Foi, portanto, subordinando-me a este modo de pensar, tentando dar a moral por factos e não por preceitos, em historias nas quaes procurei ser bem parco de conselhos formulados explicitamente, comquanto o mais abundante possivel de ensinamentos implicitos, que escrevi estes despreziosos livrinhos. (p. VI).

Constata-se, portanto, que no prefácio de *Primeiro livro de leituras infantis*, Francisco Vianna argumenta em favor de uma proposta para o ensino da "leitura corrente" (VIANNA, 1909a) pautada na formação do sentimento da criança e orientada por histórias nas quais ações e manifestações de exemplos de boas condutas propiciariam o aprendizado do aspecto abordado na história.

### **4.3 Segundo livro de leituras infantis**

*Segundo livro de leituras infantis*, escrito por Francisco Vianna, destinava-se ao ensino da "leitura corrente" (VIANNA, 1909b; 1926; VIANA, 1941) a crianças nos anos iniciais de escolarização, sendo a sua utilização feita após o término de *Primeiro livro de leituras infantis*.

O exemplar que analisei, da 2ª. edição publicado em 1909, está organizado em: prefácio, escrito por Francisco Vianna; 60 lições, distribuídas da página 7 a 200; e índice; e informações sobre a Série "Leituras Infantis".

#### **4.3.1 Diferentes edições**

Localizei quatro exemplares de *Segundo livro de leituras infantis*: da 2ª. edição publicada em 1909 — o mais antigo até o momento; da 50ª. edição, publicada em 1926; um exemplar sem data e sem edição; e da 60ª. edição, de 1941.

Observei que os exemplares da 50ª. edição e o sem edição são semelhantes em todos os aspectos; a única diferença entre os dois exemplares é que a gravura da capa da 50ª. edição é colorida e a da capa sem edição é em preto e branco. Os outros aspectos relativos às lições no livro, gravuras, prefácio e disposições desses no livro não são alterados. Devido a essa constatação, as informações que apresentar relativas à 50ª. edição são as mesmas para o exemplar sem edição. Destaco também que nesse livro sem data não há "Índice", presumo que esse tenha sido "arrancado" por algum usuário do livro ou que esse tenha se desprendido, considerando seu estado de conservação bastante precário.

A análise que realizei, portanto, considerando a semelhança entre os exemplares da 50ª. edição e o sem edição, a partir da qual pude constatar modificações é relativa às 50ª. e 60ª. edições em relação à 2ª.. Apresento, abaixo, ilustração da capa da 2ª. edição de *Segundo livro de leituras infantis*.

Figura 22 – Capa da 2ª. edição de *Segundo livro de leituras infantis*



Capa da 2ª. edição de *Segundo livro de leituras infantis*, publicada em 1909.

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb)

Nos exemplares que localizei desse livro, constatei modificações que se referem:

- à alteração das dimensões das edições.

A 2ª. edição de *Segundo livro de leituras infantis* mede 18,5x12,6cm, a 50ª. edição e o exemplar sem edição medem 18,7x12,5cm e a 60ª. edição mede 18,8x12,6cm;

- à modificação na folha de rosto;

A folha de rosto da 50ª. edição difere da 2ª. edição apenas em dois aspectos: quando da indicação dos cargos que Francisco Vianna ocupa ou ocupou; e na informação a respeito dos estados brasileiros nos quais esse livro foi aprovado e mandado adotar.

- à alteração da quantidade total de lições no livro, à alteração de títulos de lições, à supressão de lições e à inclusão de lições;

No Quadro 9, apresento os títulos das lições alterados, os títulos das lições suprimidas e os títulos das lições incluídas nas três edições.

**Quadro 9 – Títulos alterados e títulos das lições suprimidas ou incluídas na 2ª., 50ª. e 60ª. edição de *Segundo livro de leituras infantis***

Títulos das lições alterados			Títulos das lições suprimidas da 2ª. edição em relação à 50ª.	Títulos das lições suprimidas da 50ª. edição em relação à 60ª.	Títulos das lições incluídas na 60ª. edição
2ª. edição	50ª. edição	60ª. edição			
—	—	—	"Elles não falaram"	"O carro em disparada"	"A conta do padeiro"
—	"O brinquedo das tabuinhas"	"O brinquedo das taboinhas"	"Aventuras de um roceiro I"	"O lampeão"	"Os livros ilustrados"
—	"O bule do comandante"	"O bule do capitão"	"Aventuras de um roceiro II"	"Um discurso bisado"	"O aniversário de Lúcia I"
"O elephante amavel"	"Elephante amavel"	"Elefante amável"	"O pastel mágico"	"O sapo"	"O aniversário de Lúcia II"
"Os pasteis de Santa Clara"	"Os pastéis de Santa Clara"	—	"Às notas falsas"	"Na mina"	"O aniversário de Lúcia III"
"A caixa dos ovos"	"A caixa de óvos"	"A caixa de ovos"	"Os ladrões e a machina photographica"	"Que lôgro!"	"No lago"
"Um heróe"	"O heróe"	"O herói"	—	"Projectos"	"Os trapos e papéis velhos"
"Um pequeno <i>Note-Bem</i> "	"Um pequeno 'Note-Bem'"	"Um pequeno 'note bem'"	—	"Comprou o que já era seu"	"A velhinha"
"O cartão postal"	"Cartão postal"	—	—	"Cartão postal"	"Os cartõezinhos I"
—	"O relógio"	"O relógio"	—	"O 'Nosso Vôsinho I'"	"Os cartõezinhos II"
—	"Um caçador no matto"	"Um caçador no mato"	—	"O 'Nosso Vôsinho II'"	"O prestidigitador"
—	—	—	—	"Patriotadas I"	"Um prestidigitador desastrado"
—	—	—	—	—	—
—	—	—	—	"Patriotadas II"	"A carta de Raymundo"
—	—	—	—	"As botinas velhas"	"Aprovação com louvor"
—	—	—	—	"Sempre se póde fazer o bem"	—
—	—	—	—	"O velho mestre"	—
—	—	—	—	"A tinta mágica I"	—
—	—	—	—	"A tinta mágica II"	—
—	—	—	—	"Hymno á Pátria"	—
—	—	—	—	"O pelintra I"	—
—	—	—	—	"O pelintra I"	—

Fonte: *Segundo livro de leituras infantis* (VIANNA, 1909b; 1926; 1941).

A partir das informações contidas no Quadro 9, é possível observar que comparando a 50<sup>a</sup>. edição com a 2<sup>a</sup>., observa-se a alteração de seis títulos de lições e a supressão de sete lições. Comparando a 50<sup>a</sup>. edição com a 60<sup>a</sup>., observa-se a alteração de oito títulos de lições, a supressão de 18 lições e a inclusão de 11 lições.

Destaco que, algumas das lições que foram suprimidas da 60<sup>a</sup>. edição de *Segundo livro de leituras infantis* foram incluídas na 62<sup>a</sup>. edição de *Primeiro livro de leituras infantis* e outras lições que foram que foram incluídas na 60<sup>a</sup>. edição de *Segundo livro de leituras infantis* foram suprimidas de *Primeiro livro de leituras infantis*.

- à diferença na quantidade de gravuras no total das lições e à alteração na disposição e tamanho das gravuras nas páginas das lições;

Na 2<sup>a</sup>. edição desse livro de leituras há 47 gravuras no total das 60 lições; na 50<sup>a</sup>. edição há 49 gravuras no total das 53 lições; e na 60<sup>a</sup>. edição desse livro, há 41 gravuras, no total das 43 lições, o que significa, respectivamente, uma diferença de duas e oito gravuras entre as três edições. Sobre esse aspecto é importante mencionar que nenhuma das gravuras da 2<sup>a</sup>. edição foi mantida na 50<sup>a</sup>. edição; e que na 60<sup>a</sup>. edição foram mantidas nove gravuras da 50<sup>a</sup>. edição, tendo sido alteradas 19 gravuras e incluídas, juntamente com as lições, 13 gravuras. Sobre as gravuras, observa-se que as gravuras alteradas na 60<sup>a</sup>. edição são mais modernizadas no que se refere ao processo de elaboração, sendo que as crianças nelas representadas estão vestidas com roupas mais atuais e usuais à época de publicação dessa edição do livro — 1941 —, se comparadas às gravuras da 50<sup>a</sup>. edição, publicada em 1926.

- à inclusão de informações sobre local e data no prefácio e sobre os livros que integram Série "Leituras Infantis", ao final da 50<sup>a</sup>. edição;

Na 50<sup>a</sup>. edição, ao final do prefácio, há indicação de local e data: "S. Paulo, 1908" (VIANNA, 1926, p. VI), Francisco Vianna apresenta em um parágrafo as indicações de que alterou alguns aspectos editoriais do livro da série de leituras.

Procurando corresponder ao favorável acolhimento que esta serie tem merecido, resolvi, de accôrdo com os seus dignos e esforçados editores, com grande sacrificio de parte a parte, vir illustral-a na Europa, estreatypopando-a também, afim de evitar os erros typographicos, tão inconvenientes nos livros escolares infantis. Paris, 1911. (VIANNA, 1926, p. VI).

Ainda na 50ª. edição, ao final do livro, dispostas em duas páginas, há informações a respeito da Série "Leituras Infantis" e dos livros que a integram e, separado por um traço, há informações sobre *Pequena historia do Brazil*, livro que Francisco Vianna escreveu com a colaboração de seu filho, Euclides Mendes Vianna.

Informo que não há indicação no livro que permita afirmar se a autoria dessa apresentação é de Francisco Vianna ou dos editores da série. Presumo, considerando os aspectos mencionados nesse texto, como, por exemplo, as informações a respeito das adequações dos livros às condições psicológicas das crianças, que ele tenha sido escrito por Francisco Vianna, ou que esse autor tenha tido participação na autoria desse texto.

Na parte superior central dessa página, há o nome do autor da série, "Francisco Vianna", grafado com letras em tamanho pequeno; abaixo do nome do autor, em letras em tamanho grande e destacadas, há o nome da série, "Leituras Infantis", seguem-se, então, a apresentação da proposta do autor para a elaboração da série de livros de leitura e abaixo, acompanhando a sequência didática que são propostos, estão as apresentações de cada um dos livros que integram a série: as cartilhas e os livros de leitura. Nessas apresentações, os títulos dos livros estão destacados em letras maiúsculas e negritas e, na sequência, abaixo dos títulos estão as informações sobre cada um dos livros.

Sobre a série, há a seguinte apresentação:

Os livros desta série [...] foram escriptos visando satisfazer as necessidades reaes dos primeiros annos escolares, necessidades por vezes mal comprehendidas por certos autores. É que alguns destes, por preocupações literarias, acabam produzindo obras que servem para adultos e que, por isso mesmo, attrahen professores insufficientemente orientados. (VIANNA, 1926, p. 191).

São apresentados, então, os aspectos considerados, quando da elaboração da série de livros de leitura:

Assumptos de accordo com a psycologia infantil, vivos, alegresm que concorram para o apuramento dos sentimentos e para a formação da intelligencia e do character, linguagem clara e correcta, na qual, comquanto proporcionando elementos para o desenvolvimento desta, nos apoiemos principalmente nas fórmias mais simples e correntes, conveniente dosagem e graduação das lições, impressão clara, em typo grande, e para mais aguçarem a curiosidade, gravuras bem feitas, taes foram as preocupações dominantes na organização dos seis primeiros livros desta série. (VIANNA, 1926, p. 191).

Na sequência são informadas as alterações as quais foram submetidos os livros de leitura para o aperfeiçoamento da proposta de Francisco Vianna:

As dificuldades resultantes da conflagração universal determinaram tiragens provisórias. As novas edições foram melhoradas não só no tipo de impressão, nas gravuras e no papel, como ainda no texto, de forma que ora devem satisfazer os mais exigentes. (VIANNA, 1926, p. 191).

Abaixo, na sequência da apresentação da Série "Leituras Infantis", há informações a respeito de cada um dos livros que a integram<sup>177</sup>. Ao final dessa página, separado por um traço, são apresentadas informações sobre *Pequena historia do Brazil*; sobre esse livro, tem-se:

Organizada sob moderna orientação, a historia de nossa pátria é aqui apresentada de forma muito acessível, simples e atractiva, sem exaggeros de factos e datas. Cada lição é seguida de uma leitura destinada a prender a atenção do alumno sobre o seu assumpto principal a desenvolver esse ou a esclarecel-o. Contem vários mappas e abundantemente illustrada. (VIANNA, 1926, p. 192).

#### 4.3.2 Lições e gravuras

*Segundo livro de leituras infantis* contém 60 lições que têm regularidade em relação à estrutura: gravuras e histórias. Há, no livro de leituras, 87 gravuras, todas em preto e branco, sendo variada a forma com que elas estão dispostas nas lições. Do total das gravuras, há 31 em tamanho pequeno, 42 em tamanho médio e 14 em tamanho grande. Além desse aspecto, sete gravuras das lições são "fotografias" e não ilustrações; e as 80 restantes são gravuras. Do total das gravuras, em dez é possível identificar autoria do ilustrador: seis são do ilustrador Alfredo Norfini<sup>178</sup>; duas são do ilustrador Bauerco<sup>179</sup>; e duas são do ilustrador "A. Pavan"<sup>180</sup>. Nas outras gravuras não há indicação de autoria do ilustrador.

<sup>177</sup> Informo que transcrevi essa apresentação dos livros da Série "Leituras Infantis" quando da apresentação da Bibliografia de Francisco Vianna, no Capítulo 1 desta dissertação de mestrado.

<sup>178</sup> Segundo informações localizadas em *site* na Internet Alfredo Norfini (1867-1944) nasceu em Florença-Itália e faleceu em São Paulo-capital no ano de 1944. Atuou como desenhista, aquarelista, pintor e professor. Informações localizadas em:

<<http://www6.ufrgs.br/acervoartes/modules/wiwimod/index.php?page=NORFINI,+Alfredo>>.

<sup>179</sup> Até o momento, não localizei informações a respeito desse ilustrador.

<sup>180</sup> A respeito do nome desse ilustrador, informo que sua assinatura na gravura está bastante ilegível, o que dificultou bastante o processo de leitura. Presumo que essa seja a forma com que está escrito, porém não é possível ser precisa a esse respeito. Além desse aspecto, informo também que até o momento, não localizei informações a respeito desse ilustrador.

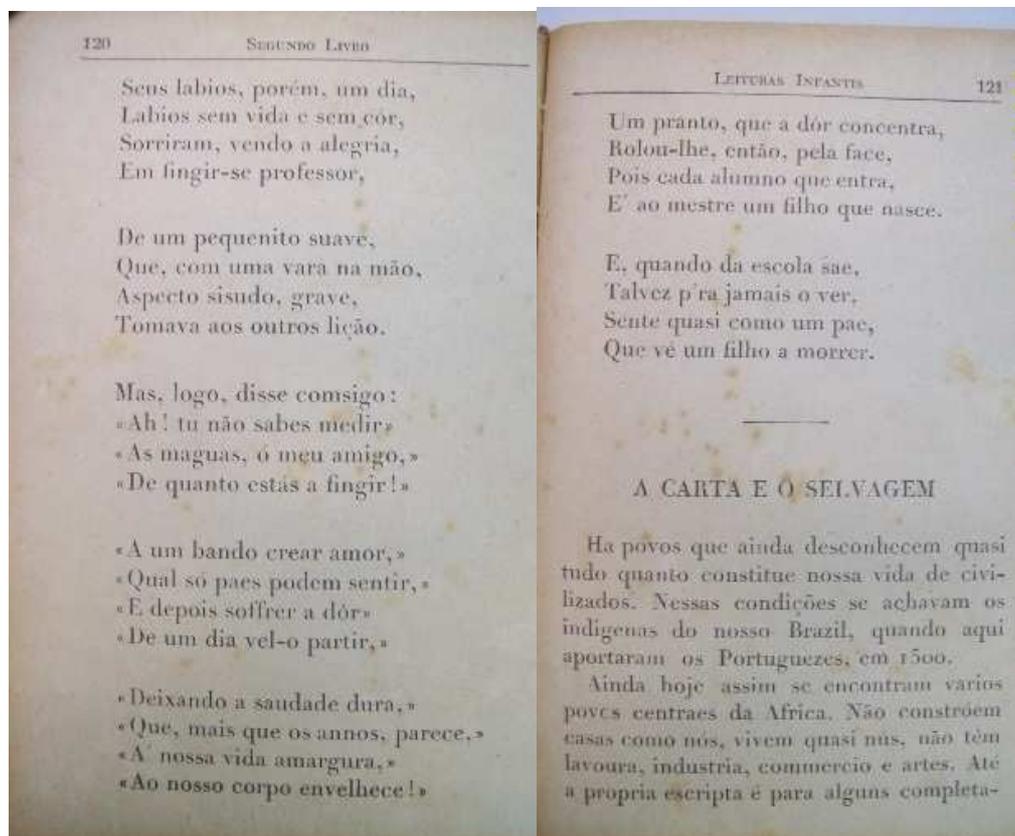
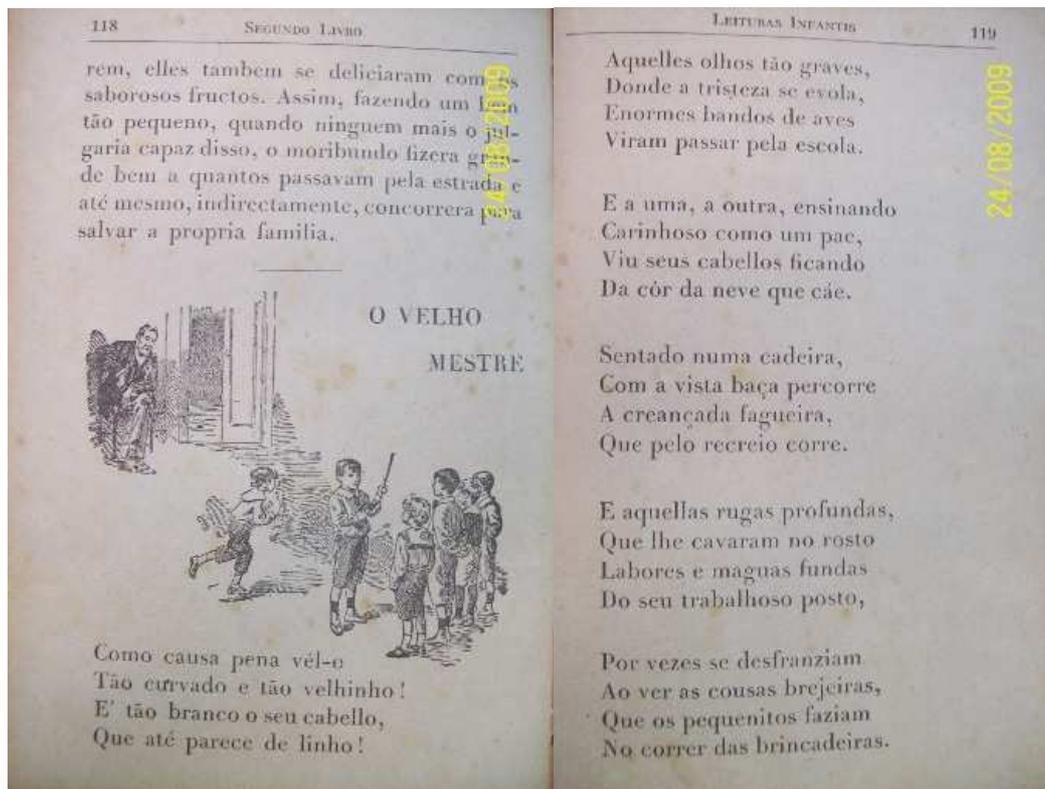
A disposição das gravuras nas páginas da lição também varia; porém, de modo geral, é mantida certa regularidade: uma gravura no início da história e uma ao final. Há lições, todavia, nas quais há três gravuras e essas estão dispostas uma no início, uma próxima à metade da história e uma ao final, sendo que as gravuras "dividem" o espaço da página com o texto.

Observei que as gravuras que são "fotografias" e as gravuras de tamanho grande têm relação com as histórias das lições e os aspectos nessas abordados são representados nessas gravuras: crianças brincando com outras crianças ou com animais e/ou em outras situações diversas narradas nas histórias. As gravuras que não são "fotografias" e as gravuras de tamanho médio e pequeno, entretanto, não têm relação com as histórias das lições de *Segundo livro de leituras infantis* e nessas são representados pássaros, flores, pequenos anjos e paisagens retratando o mar, um campo e um farol.

Além desse aspecto, destaco que das 60 lições, em 50, o conteúdo é apresentado sob a forma de narrativa e em dez o conteúdo é apresentado sob a forma de poema.

Sobre as lições de *Segundo livro de leituras infantis*, é preciso destacar que há uma — sob a forma de poema —, intitulada "O velho mestre", que foi publicada no periódico *Revista de ensino*, no ano de 1904. Sobre esse poema que foi incluído no livro de leituras, destaco que apesar de o enredo do poema não ter sido modificado, muitas das palavras, das expressões neles utilizadas e quantidade de estrofes foram modificadas. Apresento, abaixo, ilustração da lição "O velho mestre" na 50ª. edição de *Segundo livro de leituras infantis*.

Figura 23 – Lição "O velho mestre" da 50ª. edição de *Segundo livro de leituras infantis*



Lição "O velho mestre" da 50ª. edição de *Segundo livro de leituras infantis*, publicada em 1926.  
Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb).

### 4.3.3 Orientações aos professores

O prefácio de *Segundo livro de leituras infantis* tem as mesmas características que o de *Primeiro livro de leituras infantis* e está disposto em duas páginas. É assinado por Francisco Vianna, que apresenta alguns dos fundamentos a partir dos quais elaborou a sua proposta para o ensino da "leitura corrente" (VIANA, 1926).

### 4.4 Terceiro livro de leituras infantis

*Terceiro livro de leituras infantis* foi escrito por Francisco Vianna com destinação prevista para o ensino da "leitura corrente" (VIANA, 1928a; 1937b; 1941; VIANNA, [s. d.]) a crianças nos anos iniciais de escolarização, sendo a sua utilização feita após o término de *Segundo livro de leituras*.

O exemplar que analisei da 37ª. edição publicada em 1928, está organizado em: prefácio, escrito por Francisco Vianna; 52 lições, distribuídas da página 7 a 188; índice; e informações sobre a Série "Leituras Infantis".

#### 4.4.1 Diferentes edições

Quando da realização da pesquisa documental, localizei em loja de sebo cujo acervo estava disponível na Internet exemplar da 2ª. edição de livro, sem data, intitulado *Leituras Infantis*, de Francisco Vianna, o qual foi publicado pela N. Falcone Editora<sup>181</sup>.

Mediante análise relativa à estrutura e à forma com que esse livro está organizado, bem como as lições que há nele, pude presumir que esse exemplar é semelhante ao *Terceiro livro de leituras infantis*, cuja 1ª. edição foi publicada em 1908. *Leituras infantis*, porém se trata de livro isolado que Francisco Vianna escreveu e teve publicado pela editora N. Falcone, anteriormente aos livros da Série "Leituras Infantis" e nesse não há menção a alguma série de leituras escrita por esse autor ou a qualquer livro da série.

Aliado a esse aspecto, quando da apresentação da série de leituras, no prefácio aos professores contido no livro *Leitura preparatória* (1937a), Francisco Vianna afirma que "A série *Leituras Infantis* foi escrita e publicada a partir do Terceiro Livro para os inferiores." (p. 3, grifos do autor), o que permite presumir que esse exemplar localizado refere-se a livro, cuja 1ª. edição foi publicada anteriormente a 1908, contendo uma

---

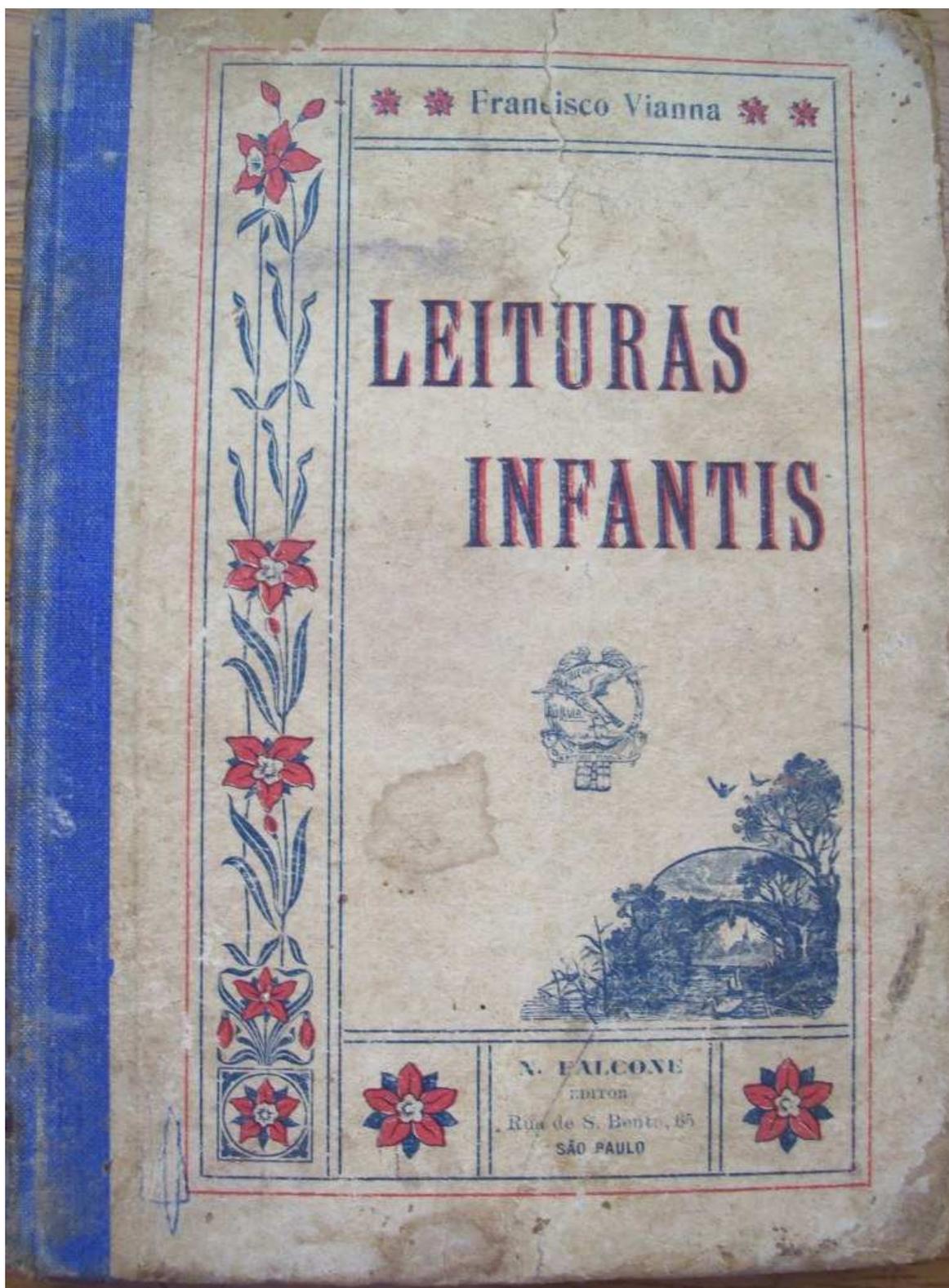
<sup>181</sup> Até o momento de encerramento deste texto, não localizei informações a respeito dessa editora. A única informação localizada na folha de rosto dessa edição do livro refere-se ao local onde se localizava a sede dessa editora, na Rua São Bento, 65, na em São Paulo-capital.

proposta inicial de livro de leitura único elaborada por Francisco Vianna, sendo que conforme é possível observar, esse autor não o havia elaborado como parte de uma série de livros de leitura.

Considerando esses aspectos, optei por incluir esse livro no *corpus* documental privilegiado dessa pesquisa, compreendendo que a estrutura e a forma desse livro são idênticas as de *Terceiro livro de leituras infantis*. Informo, porém que quando disponho de várias edições de um mesmo livro, opto por analisar aquele exemplar cuja edição ou data de publicação seja mais antiga; nesse caso, apesar de o exemplar da 2ª. edição de *Leituras Infantis* ser o mais antigo, esse não foi publicado integrando a série de leituras e, portanto optei por utilizá-lo como complementar à análise realizada no exemplar mais antigo que foi publicado pela Livraria Francisco Alves integrando a Série "Leituras Infantis".

A partir dessa opção, analisei exemplar da 37ª. edição de *Terceiro livro de leituras infantis*, publicada em 1928, a mais antiga que localizei até o momento e, para complementar a análise, utilizei exemplares da 42ª. edição, publicada em 1937, da 44ª. edição, publicada em 1941 e da 2ª. edição, sem data de publicação. Apresento, abaixo, ilustração da capa da 2ª. edição de *Leituras infantis*.

Figura 24 – Capa da 2ª. edição de *Leituras Infantis*



Capa da 2ª. edição de *Leituras Infantis*, sem data de publicação  
Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb).

Nos quatro exemplares que localizei desse livro, constatei modificações na 42ª., 44ª. 2ª. edição em relação à 37ª, as quais se referem:

- à supressão da dedicatória no livro;

A dedicatória na sequência do prefácio é suprimida apenas na 44ª. edição de *Terceiro livro de leituras infantis* em relação à 37ª., mas a permanência da dedicatória nas 42ª. e 2ª. edições desse livro, que se manteve, nas diferentes edições às mesmas pessoas;

- à alteração da quantidade total de lições no livro, à alteração de títulos de lições, à supressão de lições e à inclusão de lições;

Apresento, no Quadro 10, os títulos das lições alterados, os títulos das lições suprimidas e os títulos das lições incluídas.

**Quadro 10 – Títulos alterados e títulos das lições suprimidas ou incluídas na 42ª. edição de *Terceiro livro de leituras infantis*, comparativamente à 37ª. edição**

Títulos das lições alterados		Títulos das lições suprimidas	Títulos das lições incluídas
37ª. edição	42ª. edição	"Um amigo de doces"	"7 de setembro"
"Photographo sem machina"	"Fotógrafo sem máquina"	"O doce de côco"	—
"Na bicycleta"	"Na bicicleta"	—	—
"A intelligencia ds animaes"	"A inteligência dos animais"	—	—
"O cão do engraxador"	"O cão do engraxate"	—	—
"O bom collegial"	"O bom colegial"	—	—
"O anniversario de Mario"	"O aniversário de Mário"	—	—
"O bôlo"	"O bolo"	—	—
"Um jantar de vintem"	"Um jantar de vintém"	—	—
"Sonhos oppostos"	"Sonhos opostos"	—	—
"Os premios de desenho"	"Os prêmios de desenho"	—	—
"Gallinhas mágicas"	"Galinhas mágicas"	—	—
"Quatro provas para um emprêgo"	"Quatro provas para um emprego"	—	—
"Canção de um orpham"	"Canção de um órfão"	—	—
"Um equivoco"	"Um equívoco"	—	—
"José Bonifacio"	"José Bonifácio"	—	—

Fonte: *Terceiro livro de leituras infantis* (VIANNA, 1928a; 1937b).

A partir das informações contidas no Quadro 10, é possível compreender que das 52 lições da 37ª. edição, duas foram suprimidas na 42ª. edição, uma foi acrescentada e 15 lições tiveram seus títulos alterados. Destaco, porém, que a lição acrescentada, não estava indicada apenas no "Índice" da 37ª. edição do livro de leituras, mas constava como lição do livro.

A 44ª. edição desse livro, todavia, em relação à 37ª. foi bastante alterada no que se refere à quantidade de lições no livro de leituras. Apresento, no Quadro 11, os títulos das lições alterados, os títulos das lições suprimidas e os títulos das lições incluídas.

**Quadro 11 – Títulos alterados e títulos das lições suprimidas ou incluídas na 44ª. edição de *Terceiro livro de leituras infantis*, comparativamente à 37ª. edição**

Títulos das lições alterados		Títulos das lições suprimidas	Títulos das lições incluídas
37ª. edição	44ª. edição		
		"Lição infantil"	"Uma pilhéria de mau gosto "
"Photographo sem machina"	"Fotógrafo sem máquina"	"Na laguna"	"Índios a bordo"
"O cão do São João"	"O cão do S. João"	"A borboleta e as flores"	"Origem do milho e da mandioca"
"A intelligencia ds animaes"	"A inteligência dos animais"	"A chegada de Carlos"	"Sempre se pode fazer o bem"
"O cão do engraxador"	"O cão do engraxate"	"Jogos de bordo"	"O tratado de Iperói"
"O bôlo"	"O bolo"	"Na bicycleta"	"Anchieta em S. Paulo"
"Um jantar de vintem"	"Um jantar de vintém"	"O bom collegial"	"Gratidão de Tabajara"
"Sonhos oppostos"	"Sonhos opostos"	"O prestidigitador"	"O velho mestre"
"Gallinhas mágicas"	"Galinhas mágicas"	"Um prestidigitador desastrado"	"Henrique Dias"
"Quatro provas para um emprêgo"	"Quatro provas para um emprego"	"O aniversario de Mario"	"Jaguarari"
"Canção de um orpham"	"O órfão"	"Sem medico"	"Plantadores de cidades"
"Um equivoco"	"Um equívoco"	"Um amigo de doces"	—
"José Bonifacio"	"José Bonifácio"	"O doce de côco"	—
—	—	"Bancos de carne e osso"	—
—	—	"Os beijos da Mamãe"	—
—	—	"O melado"	—
—	—	"No Rio de Janeiro"	—
—	—	"O jacaré"	—
—	—	"Dó infantil"	—
—	—	"A batalha das flores"	—
—	—	"Um banho inesperado"	—
—	—	"Precoce"	—

Fonte: *Terceiro livro de leituras infantis* (VIANNA, 1928a; 1941b).

A partir das informações contidas no Quadro 11, é possível compreender que na 37ª. edição há 52 lições e na 44ª. há 43, portanto nove lições foram suprimidas. Ainda sobre esse aspecto, observa-se, também, a alteração de 12 títulos de lições, a supressão de 22 lições e a inclusão de 11 lições.

Destaco que, algumas das lições que foram acrescentadas na 44ª. edição de *Terceiro livro de leituras infantis* foram suprimidas da 60ª. edição de *Segundo livro de leituras infantis*. Assim, as lições cujos títulos são: "O velho mestre" e "Sempre se pode fazer o bem" faziam parte da 50ª. edição de *Segundo livro de leituras infantis*, tendo sido suprimidas quando da modernização elaboradas pelos filhos de Francisco Vianna, em 1940 e inseridas no *Terceiro livro de leituras infantis*, conforme constatei a partir da análise do exemplar da 44ª. edição do livro que localizei.

Em relação ao conteúdo das lições incluídas na 44ª. edição, destaco que foram incluídas diversas lições abordando a questão do índio, seus costumes e sua história junto à formação do povo brasileiro, presumivelmente em decorrência das necessidades do momento em que essa edição foi modernizada pelos filhos de Francisco Vianna.

A 2ª. edição desse livro não é muito diferente em relação à 37ª. no que se refere à quantidade de lições no livro de leituras. Apresento, no Quadro 12, os títulos das lições alterados, os títulos das lições suprimidas e os títulos das lições incluídas.

**Quadro 12 – Títulos alterados e títulos das lições suprimidas ou incluídas na 2ª. edição de *Leituras infantis*, comparativamente à 37ª. edição de *Terceiro livro de leituras infantis***

Títulos das lições alterados		Títulos das lições suprimidas	Títulos das lições incluídas
37ª. edição	2ª. edição		
		"Na laguna"	"Uma pilhéria de mau gosto "
"Lição infantil"	"Licção infantil"	"O bom collegial"	"Índios a bordo"
"O cão do São João"	"O cão de São João"	"O bôlo"	"Origem do milho e da mandioca"
"A borboleta e as flores"	"A borboleta e as flôres"	—	"Sempre se pode fazer o bem"
"Jógos de bordo"	"Jogos de bordo"	—	"O tratado de Iperoi"
"O cão do engraxador"	"O cão do engraxate"	—	"Anchieta em S. Paulo"
—	—	—	"Gratidão de Tabajara"
—	—	—	"O velho mestre"
—	—	—	"Henrique Dias"
—	—	—	"Jaguarari"
—	—	—	"Plantadores de cidades"

Fonte: *Terceiro livro de leituras infantis* (VIANNA, 1928a); *Leituras infantis* (VIANNA, [s. d.]).

A partir das informações contidas no Quadro 12, pude compreender que na 37ª. edição há 52 lições e na 2ª. há 55, portanto três lições foram acrescentadas. Ainda sobre esse aspecto, observei, também, a alteração de cinco títulos de lições, a supressão de três lições e a inclusão de seis.

Outro aspecto que constatei alteração apenas na 44ª. edição desse livro se refere à ausência da observação, ao final do "Índice", sobre o ineditismo de sete das lições do livro. Em todos os exemplares das edições analisadas há essa observação, apenas na 44ª. edição não há, apesar de as lições mencionadas como não inéditas terem permanecido nessa edição.

Além desse aspecto, observei, também, que as duas lições que foram incluídas na 44ª. edição de *Terceiro livro de leituras infantis*, intituladas "O velho mestre" e "Sempre se pode fazer o bem", que integravam a 50ª. edição de *Segundo livro de leituras infantis*, as quais foram suprimidas na 62ª. edição desse livro, foram inseridas nessa edição de *Terceiro livro de leituras infantis* juntamente com as gravuras as quais as acompanhavam naquela edição de *Segundo livro de leituras infantis*.

- à alteração na disposição e tamanho das gravuras nas páginas das lições.

Na 37ª. edição desse livro de leituras há 42 gravuras no total das 52 lições; na 42ª. edição desse livro é mantida a quantidade de 42 gravuras, no total das 53 lições; na 44ª. edição desse livro há 36 gravuras, o que significa uma diferença de seis gravuras no total, comparando essa edição com a mais antiga; na 2ª. edição de *Leituras infantis* há 130 gravuras, o que significa uma diferença de 88 gravuras no total.

Na 2ª. edição desse livro, 119, do total das gravuras, não têm relação com as histórias das lições, sendo nessas gravuras representados pássaros, cachorros, plantas, barcos, faróis, vasos com flores, casas e paisagens. Do total das gravuras, apenas 11 delas têm relação com as histórias das lições. Destaco, também, que do total das gravuras, há três que são "fotografias", nas quais são abordados os aspectos das histórias das lições.

- à alteração do prefácio;

Sobre a alteração do prefácio da 44ª. edição, destaco que o conteúdo permanece o mesmo, sendo alterada apenas o título desse e sua disposição no livro. Na 37ª. e 42ª. edições, intitulado "Prefácio", esse tópico está localizado no início do livro de leituras. Na 42ª. edição de *Terceiro livro de leituras infantis*, há a inclusão de um

parágrafo. Não localizei informações, porém, sobre a data de publicação e o número da edição em que esse parágrafo foi incluído. Nesse parágrafo, Francisco Vianna informa:

Aproveitando a passagem desta série para a ortografia oficial, modernizei várias lições e melhorei sensivelmente o aspecto material de todos os livros que a constituem. (VIANA, 1937b, p. 6).

Na 44ª. edição desse livro, o conteúdo do prefácio não é alterado em relação à 37ª. edição, apesar de ter sido modificada apenas a quantidade de páginas desse livro e aumentado de duas páginas para duas e meia, decorrendo do aumento do tamanho da letra utilizada.

O "Prefácio" da 2ª. edição de *Leituras Infantis* é bastante semelhante ao "Prefácio" de *Terceiro livro de leituras infantis*, sendo que os aspectos que diferem ambos estão relacionados à menção da série de leituras. Nesse, Francisco Vianna também aborda os aspectos que considerou fundamentais para a elaboração desse livro.

No "Prefácio" de *Leituras Infantis*, há apenas três trechos diferentes de *Terceiro livro de leituras infantis*. Em um deles Francisco Vianna cita Montaigne.

Assim foi e, na verdade, são estes assumptos, que, em geral, por mais accessíveis á rudimentar intelligencia d'aquelles a que se destinam e, mormente, por se acharem mais de accordo com suas propensões, melhor se prestam ao ensino da leitura corrente, pois que, como o disse Montaigne, *on dit bien ce qu'on sait bien*. (VIANNA, [s. d.], p. 6, grifos do autor).

É importante destacar que em *Terceiro livro de leituras infantis*, esse trecho está indicado como a seguir: "[...] melhor se prestam ao ensino da leitura expressiva, porque exprimimos bem aquillo que concebemos e sentimos bem." (VIANNA, 1928a, p. 5).

Sobre o que considera adequado para a formação do caráter da criança, Francisco Vianna apresenta em *Leituras Infantis* que:

[...] convem aproveitar em taes licções de assumptos que concorram para a formação de seu moral e de seu character. Isto só se pode obter desenvolvendo o altruísmo e comprimindo o egoísmo. Esta orientação é muito seguida nos livros de leitura. A forma, porem, resultante de uma preocupação excessiva de dar preceitos moraes, torna com freqüência taes obras contra-producentes. A creança deve, tanto quanto possível, aprender a moral pelo exemplo, pela pratica, sobretudo no lar, e nunca formulada em preceitos, em regras, cuja abstracção e synthetismo repugnam, em geral, a seu espírito ainda por demais concreto e analytic. (VIANNA, [s. d.], p. 6-7).

Em *Terceiro livro de leituras infantis*, essa indicação está formulada como a seguir:

Isto só se póde obter desenvolvendo o altruísmo e comprimindo o egoísmo. Esta orientação é muito seguida por variso livros de leitura. A fórma, porém, que alguns apresentam, reusltante da excessiva preocupação de dar preceitos Moraes, torna-os pouco interessantes e neutraliza em boa parte a reacção visada.

A creança, deve, tanto quanto possível, adquirir a moral pelo exemplo, pela pratica, sobretudo no lar, e nunca formulada em preceitos, cuja abstracção e laconismo repugnam em geral ao espirito infantil. (VIANNA, 1928a, p. 5).

No outro trecho, encerrando o prefácio, Francisco Vianna questiona a pertinência de seu livro para as escolas primárias: "Poderá elle com vantagem ser usado em nossas escolas? É o que nos dirá a acceitação que tiver." (VIANNA, [s. d.], p. 7).

#### 4.4.2 Lições e gravuras

*Terceiro livro de leituras infantis* contém 52 lições que têm regularidade em relação à estrutura: gravuras e histórias. Há 42 gravuras no livro de leituras, todas em preto e branco, das quais é possível identificar em 15 gravuras o nome do ilustrador: seis delas são de autoria de F. Tarquínio; cinco delas são de autoria de Louis Maîtrejean; e três delas são de autoria de "R. Sola Nizine". Destaco, também, que quatro gravuras alteradas na 42ª. edição desse livro em relação à 37ª. eram de autoria de Louis Maîtrejean e foram substituídas por gravuras de autoria do ilustrador F. Tarquínio.

Sobre as lições de *Terceiro livro de leituras infantis*, destaco que há uma que não é de autoria de Francisco Vianna; trata-se de poema de Viennet que Francisco Vianna verteu para o português. A versão em português desse poema, a qual Francisco Vianna intitulou "O ninho das andorinhas"<sup>182</sup> foi publicada também, no ano de 1904, no periódico *Revista de ensino*, de modo idêntico ao qual está apresentado nesse livro de leituras infantis.

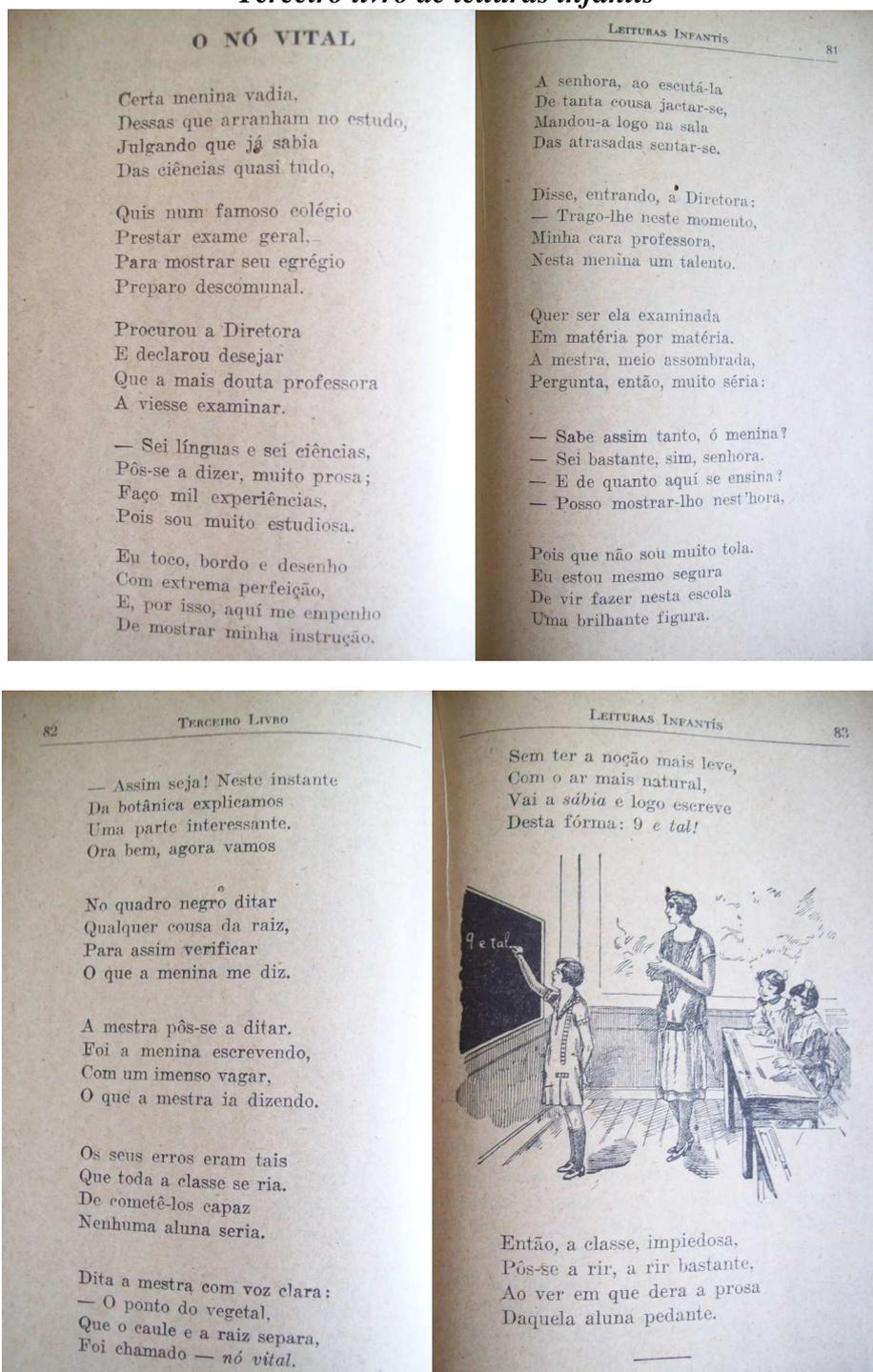
Além de "O ninho das andorinhas", há também cinco lições — sob a forma de poema — que também foram publicadas no periódico *Revista de ensino*, todas no ano de 1904. Sobre esses poemas que foram incluídos no livro de leituras, destaco que apenas um deles foi mantido idêntico ao que foi publicado no periódico; trata-se de "Dó infantil". Sobre os quatro poemas que foram publicados no periódico e posteriormente

---

<sup>182</sup> Não localizei até o momento, informações a respeito da versão original desse poema que Francisco Vianna verteu para o português.

incluídos no livro de leituras, destaco que, apesar de os enredos dos poemas não terem sido modificados, muitas das palavras, das expressões neles utilizadas e quantidade de estrofes foram modificadas. Os títulos desses poemas são: "Lição infantil"; "Sem médico"; "O bom collegial"; e "Precoce". Apresento, abaixo, lição "O nó vital" da 42ª. edição de *Terceiro livro de leituras infantis*.

**Figura 25 - Lição "O nó vital" da 42ª. edição de *Terceiro livro de leituras infantis***



Lição "O nó vital" da 42ª. edição de *Terceiro livro de leituras infantis*, publicada em 1937.  
Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb)

#### 4.4.3 Orientações aos professores

O prefácio de *Terceiro livro de leituras infantis* tem as mesmas características que o de *Primeiro livro de leituras infantis* e *Segundo livro de leituras infantis*: está disposto em duas páginas e assinado por Francisco Vianna. Nesse tópico, o autor apresenta alguns dos fundamentos a partir dos quais elaborou a sua proposta para o ensino da "leitura corrente".

No prefácio de *Terceiro livro de leituras infantis*, Francisco Vianna argumenta em favor de uma proposta para o ensino da leitura corrente pautada na formação do sentimento da criança e orientada por histórias nas quais ações e manifestações de exemplos de boas condutas propiciariam o aprendizado do aspecto abordado na história.

Por fim, após o término do prefácio, que tem local e data indicados: "S. Paulo, 1908" (VIANNA, 1928a, p. VI), Francisco Vianna apresenta em um parágrafo as indicações de que alterou alguns aspectos editoriais do livro da série de leituras.

Quando, no anno de 1911, superintendi pessoalmente, em Pariz, á illustração e á revisão desta série, que, pelo menos no aspecto material, se manteve até 1918, como a melhor das nacionaes, foi-me impossível proceder, como já então pretendia, aos retoques de que este livro necessitava, pois fora elle o primeiro por mim publicado para as escolas primarias. Mais tarde, as difficuldades oriundas da guerra, impedindo a tiragem na Europa, forçaram-nos a fazer, para este e o *Segundo*, composições apressadas, que ora são substituidas por novas, nas quaes os expurguei de alguns efeitos, sendo que neste inclusive pela suppressão ou substituição de uma ou outra lição por demais pueril. Penso que, para os que já o apreciavam, sobrarão agora razões para adoptal-o.

Rio de Janiero, 1927. (VIANNA, 1928a, p. 6).

Ao final do livro, dispostas em duas páginas, há informações a respeito da Série "Leituras Infantis" e dos livros que a integram e, separado por um traço, há informações sobre *Pequena historia do Brazil*, livro que Francisco Vianna escreveu com a colaboração de seu filho, Euclides Mendes Vianna.

#### 4.5 *Quarto livro de leituras infantis*

*Quarto livro de leituras infantis* (Apanhados e factos históricos)<sup>183</sup> foi escrito por Francisco Vianna com destinação prevista para o ensino da leitura para os anos finais de escolarização após o término de *Terceiro livro de leituras*.

O exemplar analisado, da 3ª. edição de *Quarto livro de leituras infantis...*, foi publicado em 1923, tendo sido restaurado. Por esse motivo, tanto a capa, quanto a quarta capa desse livro não foram mantidas, quando da restauração. Esse livro está organizado em: prefácio, escrito por Francisco Vianna; 10 unidades<sup>184</sup>; e 57 lições, distribuídas da página 9 a 350.

##### 4.5.1 Diferentes edições

Localizei dois exemplares de *Quarto livro de leituras infantis...*: da 3ª. edição, publicada em 1923 e da 5ª. edição, publicada em 1928. Observei que os dois exemplares são semelhantes em todos os aspectos. Há apenas três diferenças entre os dois exemplares: pelo motivo de a 3ª. edição ter sido restaurada, não há como confirmar se as capas são semelhantes; não há "Índice" na 3ª. edição do livro, o qual presumo ter sido "arrancado" por algum usuário do livro, se desprendido, considerando seu estado de conservação bastante precário, ou retirado, quando da restauração desse exemplar; e a indicação do título de uma lição na página em que ela se inicia foi suprimida na 3ª. edição. Todos os outros aspectos relativos às lições no livro, gravuras, prefácio e disposições desses no livro não são alterados.

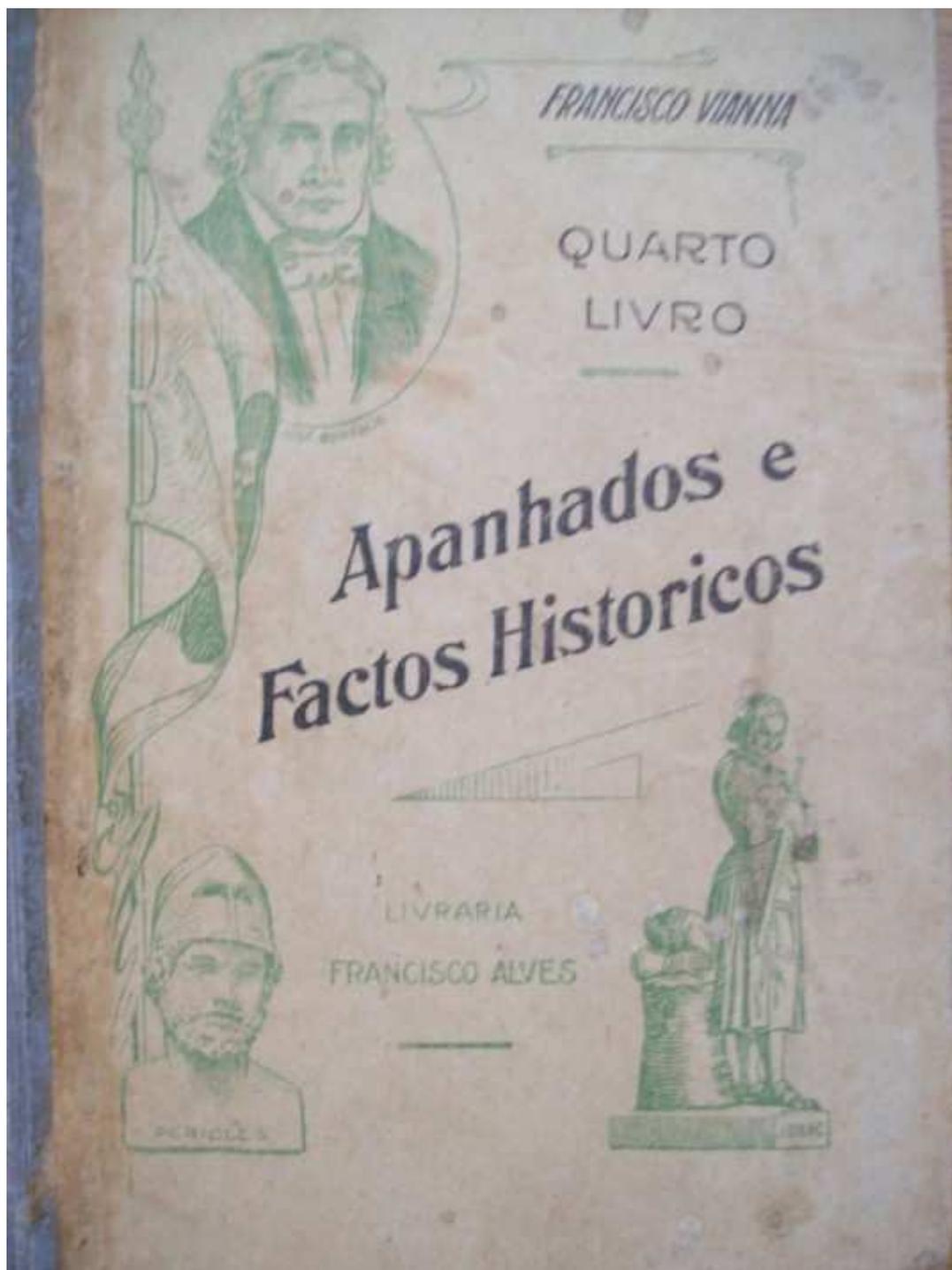
Apresento, abaixo, ilustração da capa da 5ª. edição de *Quarto livro de leituras infantis...*

---

<sup>183</sup> Devido ao título extenso, todas as vezes que mencioná-lo neste texto utilizarei o recurso *Quarto livro de leituras infantis...*

<sup>184</sup> Destaco que essa denominação não foi feita por Francisco Vianna e que eu a elaborei a partir do que pude observar quando da análise de alguns dos aspectos da configuração textual desse livro de leituras.

Figura 26 – Capa da 5ª. edição de *Quarto livro de leituras infantis...*



Capa da 5ª. edição de *Quarto livro de leituras infantis...*, publicada em 1928.

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb)

É possível observar que na capa de *Quarto livro de leituras infantis...*, diferentemente das capas dos outros livros da Série "Leituras Infantis", são apresentados aspectos relativos à história e à civilidade, como a bandeira, o busto e a estátua de personagens da história mundial e brasileira.

#### 4.5.2 Lições e gravuras

Devido à forma com que as lições estão organizadas, presumo que o livro está dividido em dez unidades, as quais são compostas por 57 lições no total. Essas unidades estão numeradas com algarismos romanos, seguidos de seus títulos e dos títulos das lições que as compõem.

Há, no livro de leituras, 47 gravuras, todas em preto e branco. As gravuras se destacam nas páginas das lições e, de modo geral, são de tamanho grande. A forma com que as gravuras estão dispostas nas lições varia, mas, geralmente, estão dispostas a partir da segunda página das lições, "dividindo" a página com o texto. Informo que não há indicação de autoria de ilustrador.

Algumas das lições de *Quarto livro de leituras infantis...* sob a forma de poema, tratam-se de transcrições de poemas de outros autores e não são, portanto, de autoria de Francisco Vianna. No Quadro 13 apresento os nomes dos autores e os títulos desses poemas, que intitulam, também, as lições.

**Quadro 13 – Autor e título de lições da 3ª. edição de *Quarto livro de leituras infantis...***

<b>Autor</b>	<b>Título do texto</b>
Antonio Gonçalves Dias	"Y-Juca Pyrama"; "Canto do Piaga"; "Idéa de Deus"
Luiz de Camões	"A vida nos campos"; "Jacob"; "Lealdade de Egas Moniz"; "Os doze da Inglaterra"
Homero	"Tempestade"
Bocage	"Resignação do sabio"
Virgílio	"Tempestade"
Almeida Garret	"A nau Cathrineta"
Machado de Assis	"À Carolina"
Castro Alves	"Vozes d'África"; "O navio negreiro"
Guerra Junqueiro	"A fome no Ceará"
João Montenegro Cordeiro	"A Danton"
Guilherme de Azevedo	"As machinas"

Fonte: *Quarto livro de leituras infantis...* (VIANNA, 1923; 1928b).

Das 57 lições que integram o livro analisado, 17 são de outros autores, como se pode observar no Quadro 13, e 40 delas correspondem a textos de autoria de Francisco

Vianna. Dentre os textos de autoria de Francisco Vianna, um é poema e 39 são textos expositivos.

Dos poemas dos outros autores: três são de autoria do poeta maranhense Antônio Gonçalves Dias (1823-1864); quatro são de autoria do poeta português Luís Vaz de Camões (1524-1580); um de autoria do poeta grego Homero ([700 a.C?]-[s d.]); um do poeta português Manuel Maria de Barbosa du Bocage (1765-1805); um do poeta romano Públio Virgílio Marão (70 a. C-19 a.C.); um de autoria do escritor e dramaturgo português João Baptista da Silva Leitão de Almeida, conhecido como Visconde de Almeida Garret (1799-1854); um do romancista, dramaturgo, contista, jornalista, cronista e teatrólogo carioca Joaquim Machado de Assis (1839-1908); duas do poeta baiano Antônio Frederico de Castro Alves (1847-1871); um do deputado, jornalista e escritor português Abílio Manuel Guerra Junqueiro (1850-1923); um de João Montenegro Cordeiro, cujas informações até o momento, não localizei; e um do poeta e jornalista português Guilherme de Azevedo (1839-1882).

Além desse aspecto, destaco que há um poema e uma transcrição de discurso de autoria de Francisco Vianna, os quais integram o conjunto das lições desse livro de leituras.

O poema de Francisco Vianna, intitulado "Salvação de Lygia", foi publicado no periódico *Revista de ensino*, no ano de 1903; comparando as duas versões do poema, a que foi publicada no periódico e a que foi incluída no livro de leituras, constatei que, apesar de o enredo do poema não ter sido modificado, muitas das palavras, das expressões neles utilizadas, dos versos e a quantidade total de versos foram modificados. No periódico, por exemplo, o poema é composto por 84 versos e, no livro de leituras, o poema é composto por 93 versos.

O discurso de Francisco Vianna intitula-se "Allocução á Bandeira" e, conforme informações disponíveis no livro de leituras trata-se de palestra "Pronunciada pelo autor deste livro, como orador official, na festa da Prefeitura do Districto Federal, a 19 de Novembro de 1918." (VIANNA, 1923, p. 331), cujo texto foi publicado e "Trascripto do *Jornal do Commercio* de 20 de Novembro de 1918." (VIANNA, 1923, p. 343), tendo sido incluído no livro de leituras. Nesse discurso, Francisco Vianna apresenta algumas reflexões sobre o fim da guerra e, defende, exaltando grande nacionalismo, um dos principais símbolos da pátria: a bandeira.

Ao encerrar seu discurso, que foi destinado ao "Snrs. Presidente da Republica e Ministros de Estado; Snrs. Prefeito; Snrs. Membros do Conselho Municipal; Minhas Senhoras e Meus Senhores; Creanças." (VIANNA, 1923, p. 331), Francisco Vianna proclama:

Agora, creanças que me ouvistes, sabeí que em geral só podemos servir á Humanidade através de nossa propria pátria. Desenvolvei, portanto, cada vez mais, em vossos coraçõezinhos, o mais acendrado civismo, a dedicação a mais pura, intensa e enérgica, pela terra que vos viu nascer. Cultivae-lhe com carinho a memória dos typos eminentes e prepara-e-vos para estar sempre promptas a tudo sacrificarpor aquella que tudo vos dá: quem não souber servir sua patria, não poderá pretender servir á Humanidade. No passado da nossa Terra encontrareis os mais acrisolados exemplos de civismo; mas, si preferides os actuaes, vereis cada bandeira alliada pejada de fulgurações divinas do patriotismo o mais ardente e o mais digno, porque seus filhos souberam pôr tudo quanto possuíam de energias, de vigor, de fortuna, de saúde, a vida e até as famílias, ao serviço incondicional de suas pátrias, para que ellas não sossobrassem. Sabei em todos os momentos da vossa vida praticar outro tanto, para que o Brazil seja digno, feliz e prospero! (VIANNA, 1923, p. 343).

Nas lições de *Quarto livro de leituras...*, que estão dispostas em geralmente quatro a seis páginas, são abordados temas relativos à atuação do homem em diferentes momentos da história. Para tanto, são apresentadas fases temporalmente sequenciais, que têm início e são delimitadas a partir dos títulos das lições.

Os títulos das lições e os aspectos nelas abordados são: "Tempos prehistoricos", no qual são apresentadas as formas a partir das quais viviam e sobreviviam os homens "primitivos" (VIANNA, 1923); "Polytheismo", cuja abordagem enfoca algumas das práticas e crenças dos homens "Egypcios", "Assyrios e Babylonios", "Medas e Persas", "Hebreus", "Phenicios", "Gregos" e "Romanos"; "Monotheísmo ocidental", em que são apresentadas as histórias de alguns personagens que defenderam o monoteísmo e os momentos de discussão sobre a religião; "Idade media", cuja apresentação enfoca a forma com que eram conduzidas as práticas e formas de organização social que eram comuns naquele momento histórico; "Renascença, Reforma, grandes invenções e grandes descobrimentos" em que são apresentados aspectos relativos à renovação em decorrência do movimento renascentista no âmbito das ciências e das artes; o surgimento da reforma, como movimento contrário ao catolicismo<sup>185</sup>, as invenções, como, por exemplo, a imprensa, o papel, a pólvora e a

<sup>185</sup> É importante mencionar a afirmação veiculada com a opinião de Francisco Vianna na lição na qual é abordado o tema da reforma protestante: "A Reforma foi necessaria, para desafogar, mesmo nos paizes

bússola, o que propiciou, por sua vez, a exploração por parte do homem de outros lugares, dentre os quais são destacadas as missões de Cristovão Colombo e Vasco da Gama; "Idade moderna" em que são apresentadas histórias de personagens que atuaram nesse momento; "Idade contemporânea" em que também são apresentadas histórias de personagens que atuaram nesse momento histórico e são enfatizados os aspectos relativos ao povo brasileiro, aos símbolos e aos "heróis" que são representativos dessa história; e "O porvir" em que são apresentadas algumas considerações finais escritas pelo autor e destinadas aos alunos leitores sobre a necessidade de se pensar sobre a "Humanidade" (VIANNA, 1923) e sobre aquilo que se fazia necessário, à época, para a civilização avançar.

A 1ª. lição do livro, intitulada "Aos pequenos leitores", apesar de ser contabilizada como lição do livro, conforme é possível observar no "Índice" da 5ª. edição de *Quatro livros de leituras infantis...*, trata-se de texto com caráter de diálogo entre Francisco Vianna e os alunos futuros leitores desse livro.

Nessa lição, disposta em 11 páginas, Francisco Vianna apresenta sua visão sobre a guerra que estava acontecendo no momento em que ele elaborava esse livro. Suas observações são aliadas a questionamentos sobre o "progresso" e a "evolução" (VIANNA, 1923) da humanidade que acompanhando sequência de aperfeiçoamento, deveria encaminhar-se para a paz e não para a guerra.

[...] a humanidade não pára nem retrograda. As gerações actuaes são melhores, mais conscientes e capazes de maior actividade do que as anteriores e a de nossos filhos será felizmente melhor do que a nossa. A virtude vae sendo cada vez mais fácil e mais commum, em consequência desse aperfeiçoamento geral da natureza humana e dos progressos materiaes realizados. (VIANNA, 1923, p. 12).

Considerando esses aspectos, Francisco Vianna informa aos alunos leitores do livro:

Este livrinho propõe-se a mostrar ás creanças que a Humanidade se tem tornado cada vez menos imperfeita, tendendo para um regimen de felicidade relativa de que todos partilhem, que o homem sempre manifestou bons sentimentos e que a pratica das boas acções, daquellas que redundam em beneficio de outrem, se vae tornando accessível a um numero de homens progressivamente maior, de maneira que os bons se tornam cada vez melhores e os mais menos maus. (VIANNA, 1923, p. 12-13).

---

que permaneceram catholicos e que organizaram a contra-reforma, o mundo ocidental da opressão da Igreja. Este grande serviço da Reforma não nos deve impedir de reconhecer que o protestantismo foi uma retrogradação e não um progresso, quer intellectual, quer moral." (VIANNA, 1923, p. 234).

Citando a frase de Sócrates, que dizia: "*Dize-me com quem andas, dir-te-ei quem és*" (VIANNA, 1923, p. 13, grifos do autor), Francisco Vianna explica que a formação do caráter e da moral ocorre quando da imitação de bons exemplos, seja a partir do compartilhamento de experiências com aqueles considerados bons, ou, a partir do conhecimento da vida ou do estudo da "grandeza de alma" (VIANNA, 1923). Mediante essa argumentação, esse autor indica que se torna possível parodiar Sócrates e afirmar: "*Dize-me o que lêes, dir-te-ei quem és.*" (VIANNA, 1923, p. 14, grifos do autor). Sobre a importância de se conhecer a vida desses "exemplos", Francisco Vianna indica:

[...] conquanto nesta obrinha não se encontrarão biographias, acharão as crianças muitos factos relativos á vida de typos eminentes da nossa espécie, os quaes demonstrarão de fôrma irrefutável que, em todas as épocas, os sentimentos nobres, austeristas, sempre existiram. Mas, como estes sentimentos evoluíram, isto é, se desenvolveram, faz-se mistér, para bem comprehendel-os, conhecer a época, as idéas, a fôrma de sentir, os hábitos, etc., que prevaleciam então. [...] Eis porque foi necessário fazer um rápido esboço do modo de pensar, sentir e agir para as phases mais características da historia da Humanidade. É claro que essas apreciações muito succintas da marcha da civilização atravez dos tempos não podem ser muito fáceis. [...] Assim, comquanto a simples leitura da parte histórica, convenientemente explicada e commentada pelo mestre, as crianças adquirem a convicção de que o aperfeiçoamento moral, intellectual e mesmo physico, é uma realidade. (VIANNA, 1923, p. 14-15).

Para esse autor, portanto, quando as crianças conhecem alguns dos "apanhados" e "factos históricos" (VIANNA, 1923; 1926), elas têm a possibilidade de compreender "[...] a soberba magestade da evolução da espécie humana, a principio apenas uma das innumerables espécies animaes que povoam o globo terráqueo." (VIANNA, 1923, p. 16). Mediante essas explicações, o autor apresenta a forma com que está organizado o livro de leituras:

Neste livro encontrarei, em primeiro lugar, apanhados gerés referentes ás principaes phases da historia da Humanidade; em segundo, resumos do papel de certos povos na antiguidade ou de certas épocas modernas; em terceiro, factos da vida dos grandes homens, e, em quarto, finalmente, poesias relativas ás concepções de cada época. (VIANNA, 1923, p. 17).

Francisco Vianna (1923) conclui:

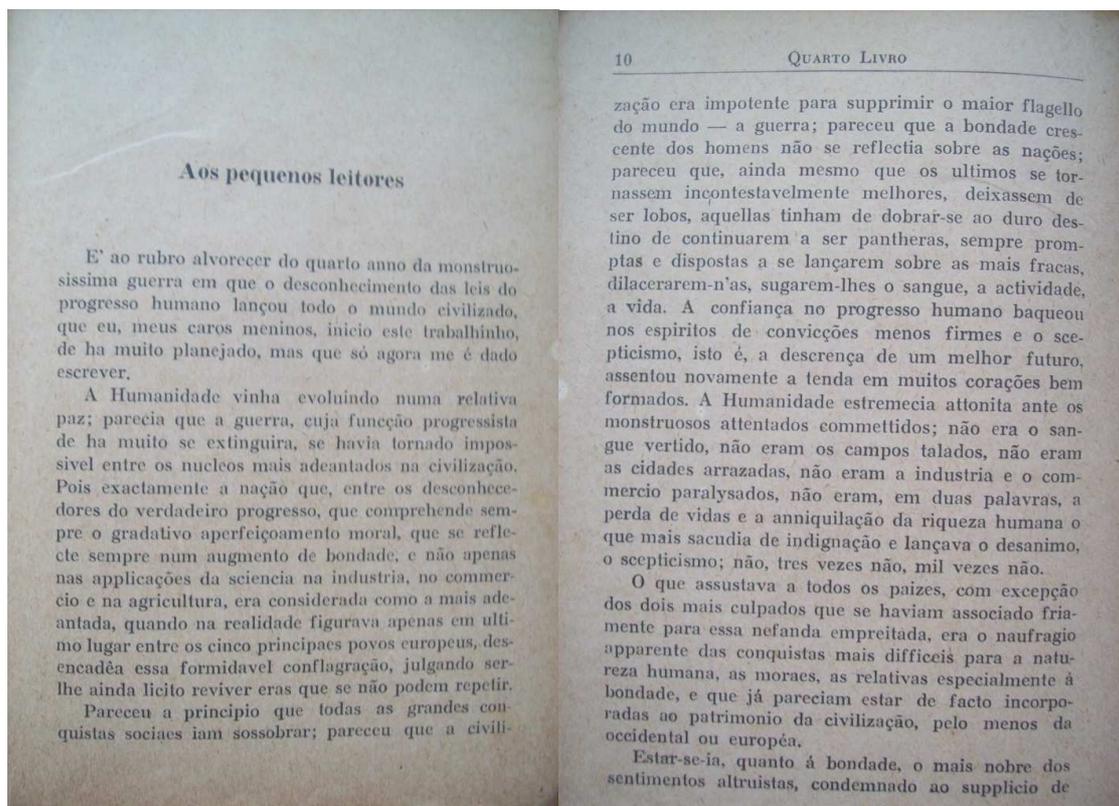
Que as lições deste livrinho vos despertem o entusiasmo pelo que é nobre, a veneração e o desejo de imitar os typos mais notáveis da nossa espécie; que ellas fomentem em todos vós o desejo de conhecel-os melhor, quer pelas respectivas biographias, quer atravez de suas

obras, desde já, quando se tratar de escriptores que vos sejam accessiveis. Varias destas obras representam fantasias, porém fantasias uteis, porque elevam o homem, desenvolvem os seus sentimentos nobres e comprimem os grosseiros. As creanças de vossa idade não se devem limitar ao unico livro de leitura da escola: vossos paes deverão proporcionar-vos boas leituras, isto é, de obras que possaes entender e que, além de uteis para o vosso coração, para o vosso espírito e a vossa futura vida pratica, vos dêem também prazer. É na idade em que vos achaes que se adquirem o habito e o prazer da leitura. Si a deixardes passar, mais tarde difficilmente, pelos menos para a maioria, os obtereis. (p. 18-19).

Essa lição é finalizada com trecho de *Os lusíadas*, de Camões, seguido de local e data, "Rio de Janeiro, julho de 1917" e a indicação do nome do autor, "Francisco Vianna".

Apresento, abaixo, a título de exemplo, a lição intitulada "Aos pequenos leitores" da 3ª. edição de *Quarto livro de leituras infantis...*

**Figura 27 – Lição "Aos pequenos leitores" da 3ª. edição de *Quarto livro de leituras infantis...***



Lição "Aos pequenos leitores" da 3. edição de *Quarto livro de leituras infantis...*, publicada em 1923. Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa "História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil" (Gphellb)

#### 4.5.2 Orientações aos professores

O prefácio de *Quarto livro de leituras infantis...*, assinado por Francisco Vianna, tem uma proposta de apresentação do livro diferente se comparado aos três livros de leituras que integram Série "Leituras Infantis". O prefácio da 3ª. edição desse livro é o mesmo que foi publicado juntamente com a 1ª. edição, conforme indica o título: "Prefácio da 1ª. edição".

No prefácio de *Quarto livro de leituras infantis...*, disposto em quatro páginas e escrito com letras em tamanho pequeno, Francisco Vianna apresenta alguns dos aspectos que considerou importantes quando da elaboração desse livro e os encaminhamentos de sua proposta, considerando as especificidades do ensino da leitura a partir do 4º. livro da série de leituras que escreveu e teve publicada.

O primeiro aspecto abordado por Francisco Vianna se refere aos motivos a partir dos quais esse autor se pautou quando da elaboração dos livros da série de leituras e, especialmente, desse livro e as dificuldades com as quais lidou, quando de sua proposta de elaboração. Esse autor argumenta que, no ano de 1908, quando teve publicada a 1ª. edição de *Leitura preparatória*, afirmou que em sua proposta de série de leituras, o 4º. livro seria elaborado considerando que nesse deveriam "[...] ser cultivados os sentimentos civicos e de fraternidade universal em sua quase plena generalidade, por meio de exemplos historicos bem caracteristicos." (VIANNA, 1923, p. V).

Esse autor explica, então, que

Os trabalhos de revisão de edições, que se succediam rapidamente, levaram-me em 1911 á Europa com o fim de refundir e estereotypar esta serie. Pretendia, entçao, aproveitar minha longa estadia por lá, onde me não escasseariam as precisas fontes, para organizar este Quarto Livro. Circumstancias especiaes fizeram-me desistir de tal intento, para occupar-me com a Cartilha.

Algum tempo depois planejava inteiramente os detalhes deste livro, mas, não só vários trabalhos supervenientes, públicos e privados, que me absorviam os curtos lazeres de uma vida afanosa, como também perturbações de saúde, não me permittiram cuidar de sua execução. Em Junho de 1917, iniciei-o na esperança de dal-o a lume no principio do anno que ora finda. Outras perturbações, em particular as péssimas disposições em que a guerra deixava a quantos têm preocupações de ordem social, e trabalhos resultantes de haver sido forçado a imprimir meus livrinhos no Brasil, obrigaram-me novamente a suspender a organização deste, a qual só pude reencetar agora, em fins de 1918. (VIANNA, 1923, p. V).

Sobre os livros de leituras aos quais as crianças têm acesso, Francisco Vianna analisa que, apesar de não ser possível ensinar a leitura a partir das "obras primas da

literatura universal" (VIANNA, 1923), é necessário que se adotem nas escolas, livros cuja leitura permita a "[...] elevação, para a cultura moral, numa palavra, para a educação do espírito e do coração." (VIANNA, 1923, p. VI).

A argumentação de Francisco Vianna sobre os livros de leitura utilizados nas escolas primárias refere-se a dois aspectos que esse autor considera importantes: os assuntos abordados nesses livros e os objetivos a partir dos quais esses eram elaborados. Da análise que realizou, em decorrência de indicação para escolher os livros de leituras que seriam adotados nas escolas, resultou a constatação de que os livros existentes não atendiam a esses dois aspectos que, segundo ele seriam necessários para a formatação do livro. Sobre esse aspecto, Francisco Vianna (1923) afirma:

Quanto aos assumptos, porque me parecia imprescindível dar-lhes um caracter mais accentuadamente educativo, moral, porém, de accôrdo com a índole, a compreensão e as propensões infantis; quanto ao objectivo final, porque pareciam todos organizados menos com o fim fundamental de educar o espírito e o coração do que com o de proporcionar directamente os recursos de expressão, encarada quase que apenas quanto á correção e á elegancia. (p. VI).

Francisco Vianna complementa afirmando que, apesar de considerar importante a aprendizagem da leitura a partir de histórias "belas, elegantes e com estilo" (VIANNA, 1923), a seu ver, o ensino inicial da leitura deve incidir sobre a capacidade de compreender as ideias abordadas no texto, as quais podem ser mais singelas, no que se refere aos aspectos estruturais, porém, mais eficazmente conseguem concretizar os anseios de fazer com que as crianças compreendam a função da comunicação: compreender as ideias alheias, veiculadas nesses textos.

A proposta desse autor é de que "O ideal é o assunto nobre bellamente descripto. É o que sabem fazer os grandes escriptores, cõnscios, porém de que todo o instrumento se subordina ao uso." (VIANNA, 1923, p. VII). Observa-se, portanto, que para Francisco Vianna, é preciso considerar que o objetivo do ensino da leitura deve ser o de auxiliar a criança no processo de compreender a linguagem e suas utilizações como "instrumento de expressão", cuja dimensão se amplia, também, quando permite: "ampliar os conhecimentos", "melhorar a natureza moral" e de "tornar os sentimentos mais claros e intensos", a partir da relação que se estabelece entre "linguagem e concepção" (VIANNA, 1923).

Sobre esse último aspecto, esse autor explica:

Seja como fôr, uma vez que a expressão tem de estar sempre subordinada á concepção, é a esta que compete o papel de elemento

coordenador. Ainda que se pretenda desenvolver a capacidade de expressão, não se poderá fazel-o attendendo apenas á forma: é mistér, ainda assim, cuidar mais da concepção, porque só as idéas elevadas e bellas podem ir permittindo a assimilação do estylo apropriado a realçal-as. [...] é preciso que todos se capacitem de que as fórmás bellas em assumptos medióces ou em excerptos, cortados a tesoura, tendo em vista sómente a linguagem, perdem toda a efficacia para a fecunda formação de um estylo útil.

Para Francisco Vianna, portanto, o assunto abordado no texto destinado às crianças é mais importante do que a sua forma. Considerando essa concepção sobre os textos utilizados para a leitura escolar, Francisco Vianna orienta que, quando dos comentários dos professores em sala de aula, é necessário destinar ao assunto da lição a parte mais concisa e substancial do ensino, considerando, para isso, a ordem que estabelece:

[...] 1.º, quanto aos sentimentos, pensamentos e idéas; 2.º, quanto ás cicumstancias de espaço e de tempo; 3.º, quanto ás imagens. Só depois de passará a conisderar o estylo, no qual serão examinadas, de accôrdo com o valor decrescente, as tres qualidades — clareza, correção e belleza. (VIANNA, 1923, p. VII).

Sua proposta é a de que a leitura escolar, pautada na compreensão dos assuntos abordados nos textos, permite que sejam identificados os ensinamentos que esses comportam (VIANNA, 1923).

Por fim, Francisco Vianna (1923) justifica que, por considerar os poetas "[...] ou precusores dos philosophos, ou propagadores das idéas, das theorias, das interpretações de cada época, ou idealizadores de eras que já se foram." (p. VIII), optou por incluir poesias em seu livro, pois essas completam "[...] a concepção das épocas ás quaes se referem os capítulos correspondentes." (p. VIII). Utilizá-las no ensino, por isso, exige que o professor as aborde "[...] como applicações estheticas dos themas já tratados." (VIANNA, 1923, p. VIII).

Ao final do prefácio, está a indicação do local e data em que foi escrito: "Rio de Janeiro, Novembro de 1918." e o nome do autor, "Francisco Vianna" (VIANNA, 1923, p. VIII).

## **CAPÍTULO 5**

**Série "Leituras Infantis" e o método analítico para o ensino da leitura nas décadas iniciais do século XX**

### 5.1 História do ensino inicial da leitura no Brasil: principais características de seu "segundo momento crucial"<sup>186</sup>

Publicados nas décadas iniciais do século XX, os livros da Série "Leituras Infantis", de Francisco Vianna, estão situados no momento histórico considerado por Mortatti (2000a) como o "segundo momento crucial" na história do ensino inicial da leitura no Brasil.

Como se sabe, nas décadas finais do século XIX no Brasil, ocorreram mudanças significativas no que se refere à educação e aos princípios filosóficos e pedagógicos nos quais ela era compreendida, especialmente em decorrência da passagem do regime político da Monarquia para a República.

Segundo Mortatti (2000b), nesse momento, o ensino inicial da leitura acompanhou

[...] *pari passu* o anseio de organização republicana da instrução pública [...] tomado como problema estratégico, tornando-se um importante índice para medir a eficácia da escola em relação ao cumprimento da promessa com que acena às novas gerações e que a caracteriza e justifica: o acesso ao mundo público da cultura letrada. (p. 42, grifos da autora).

Conforme analisa Mortatti (2000a), esses aspectos conferiram novos encaminhamentos ao ensino inicial da leitura tendo caracterizado o que essa autora considera a "[...] fundação do segundo momento crucial no movimento de constituição da alfabetização como objeto de estudos, no Brasil [...]" (MORTATTI, 2000a, p. 78).

Ainda segundo Mortatti (2000a), esse momento se relacionou com a reforma da instrução pública

[...] iniciada em 1890, pelo Dr. Antonio Caetano de Campos, e, a partir de 1892, aperfeiçoada por Gabriel Prestes (ambos enquanto diretores da escola) e executada por Cesário Motta Júnior, Secretário de Estado dos Negócios do Interior no governo de Bernardino de Campos. (p. 78)

Com a reforma, foram alterados os encaminhamentos em relação à educação, considerando que, segundo Mortatti (2000a),

---

<sup>186</sup> As informações e, sobretudo as problematizações contidas neste capítulo foram apresentadas oralmente pela minha orientadora em sessões de orientação e em arguição durante meu exame de qualificação de mestrado. Além disso, destaco que neste capítulo apresento resultados de algumas pesquisas que me auxiliaram a compreender meu objeto de pesquisa, aos quais recorri para alcançar os objetivos formulados para a pesquisa que resultou nesta dissertação e que por esse motivo neste capítulo é recorrente o uso de citações literais, com as quais busquei refletir mais especificamente sobre meu objeto de pesquisa.

O "espírito da reforma" veio oficializar, institucionalizar e sistematizar um conjunto de aspirações educacionais amplamente divulgadas no final do Império brasileiro. Enfeixadas pela filosofia positivista, essas aspirações convergiam para a busca da cientificidade – e não mais o empirismo – na educação da criança e delineavam a hegemonia dos métodos intuitivos e analíticos para o ensino de todas as matérias escolares, especialmente a leitura.

A partir de então, uma "nova bussola" deveria orientar a preparação não apenas teórica mas sobretudo prática de um novo professor sintonizado com os progressos da "pedagogia moderna", o qual deveria deduzir da psicologia da infância e suas bases biológicas os modos de ensinar a criança. (p. 78-79).

Com um sistema de ensino "pretendidamente modelar" (MORTATTI, 2000a) para o estado de São Paulo e para o restante do país, a Escola Normal da Capital, segundo Mortatti (2000a), foi o

[...] pólo produtor, propulsor e irradiador das novas idéias pedagógicas, seja mediante o processo de formação – teórica e prática – dos novos professores, seja mediante a posterior atuação dessa geração de normalistas que se assumem como "especialistas". (p. 85).

Como afirma Mortatti (2000a, p. 84, 85, 134), à medida que esse método foi ganhando "adeptos nessa escola", foram se "diversificando as apropriações" e as propostas de "concretização" do método, conferindo disputas em torno de qual era a "melhor forma de processuar o método".

A partir dessa "diversidade de apropriações do método analítico" (MORTATTI, 2000a, p. 28, 108), os professores iniciaram debate sobre a forma mais adequada de ensinar a ler pelo método analítico, gerando, com isso, uma "disputa entre os modernos e os mais modernos", ou seja, a disputa entre os professores se trava sobre o "[...] modo de processar o método analítico – a palavrção, a sentencição ou a "historieta" – de acordo com a biopsicologia da criança [...]".

Como afirma Mortatti (2000a), com a finalidade de amenizar essas disputas e "sistematizar as possíveis divergências", Oscar Thompson como Diretor Geral da Instrução Pública, "institucionalizou o método analítico como oficial para o ensino da leitura nas escolas primários da capital e do interior paulista.". Em concomitância a esse processo de institucionalização, segundo Mortatti (2000a), foram expedidos dois documentos elaborados por inspetores escolares: *Como ensinar leitura e linguagem nos diversos annos do curso preliminar* (1911), elaborado por Miguel Carneiro Júnior, J. Pinto e Silva, Mariano de Oliveira e Theodoro de Moraes; e *Instrucções praticas para o*

*ensino da leitura pelo methodo analytico – modelos de lições* [1914], elaborado por Mariano de Oliveira, Ramon Roca Dordal e Arnaldo de Oliveira Barreto<sup>187</sup>.

Como necessidade posterior à institucionalização do método analítico e com a finalidade de respaldar as atividades do professor primário, novos materiais didáticos foram elaborados para atingir certa adequação e adaptação das cartilhas e livros de leituras tanto aos "[...] moldes lingüísticos e culturais brasileiros [...]" (MORTATTI, 2000a, p. 86), quanto à reforma da instrução pública.

Além de baseado em "métodos antigos", o material didático impresso produzido por brasileiros era incipiente do ponto de vista quantitativo, em vista das novas necessidades de expansão e organização do ensino. [...] É apenas entre o final da década de 1890 e início da década de 1900, que começam a ser publicadas cartilhas brasileiras afinadas com o novo método para o ensino da leitura. [...] Muitas outras se seguiram, escritas por professores normalistas atuantes no magistério, os quais partilhavam dos progressos pedagógicos e, muitas vezes, do "círculo do poder" educacional do Estado de São Paulo. Mediante pareceres de "comissões de especialistas", essas cartilhas eram indicadas às autoridades educacionais e, uma vez aprovadas, passavam a ser adotadas – entendendo-se a "adoção" como oficialização e aquisição – pelo Estado, para uso nas escolas primárias paulistas, com a finalidade de uniformizar o ensino da leitura. (MORTATTI, 2000a, p. 86-87).

Tendo acompanhado essa necessidade de produzir materiais didáticos, segundo Mortatti (2000a), ganhou destaque nesse "segundo momento crucial" na história do ensino inicial da leitura no Brasil, o papel desempenhado pelas editoras, algumas das quais se dedicaram apenas a produção desse tipo de material e, também, a atuação de alguns professores como autores de livros didáticos. Como afirma Mortatti (2000b)

Embora já na segunda metade do século XIX encontrem-se cartilhas produzidas por brasileiros, o impulso nacionalizante nessa área se faz sentir, especialmente em alguns estados, a partir da década de 1890, solidificando-se nas primeiras décadas do século XX, quando se observa o engendramento de fenômenos correlatos: apoio de editores e especialização de editoras na publicação desse tipo de livro didático; surgimento de um tipo específico de escritor didático *profissional* — o professor; e processo de institucionalização da cartilha, mediante sua aprovação, compra e distribuição às escolas públicas, por parte de órgãos dos governos estaduais. (MORTATTI, 2000b, p. 42, grifos da autora).

---

<sup>187</sup> Mortatti (2000a) apresenta resultados da análise desses documentos. Na dissertação de mestrado de Pereira (2009), essa autora apresenta resultados de análise da configuração textual de *Como ensinar leitura e linguagem nos diversos annos do curso preliminar* (1911), de autoria de Miguel Carneiro Júnior, J. Pinto e Silva, Mariano de Oliveira e Theodoro de Moraes.

No âmbito dessa produção de livros didáticos, segundo Mortatti (2000a), destacaram-se os professores paulistas Theodoro de Moraes, Arnaldo de Oliveira Barreto, Carlos Alberto Gomes Cardim e Mariano de Oliveira. Esses professores, assim como constata Mortatti (2000a, p. 134), tiveram suas cartilhas publicadas e aprovadas nas décadas iniciais do século XX e, como inspetores de ensino neste estado, tiveram apoio aos livros didáticos que escreveram a partir da "[...] carreira construída no magistério e na [...] administração da instrução pública paulista."

Quando Francisco Vianna disputou espaço no âmbito da produção didática para o ensino da leitura, tinha acumulada experiência profissional como professor primário e secundário e diretor de grupo escolar, todavia, não ocupou cargo de liderança na instrução pública neste estado – Francisco Vianna ocupou o cargo de inspetor do ensino secundário no Rio de Janeiro presumo que a partir dos anos finais da segunda década do século XX – e, se comparado aos inspetores escolares especialmente os que mencionei acima, esse professor foi pouco conhecido<sup>188</sup>.

Presumo que por esse motivo, o espaço ocupado pelos livros de Francisco Vianna foi menor em comparação aos livros escritos pelos outros professores. Além desse aspecto, como mencionei anteriormente, considerando que a Francisco Vianna teve influência das idéias positivistas por intermédio de seu tio Godofredo Jose Furtado, presumivelmente esse aspecto em sua formação pode ter prevalecido e, por esse motivo, nos livros escritos por esse professor o aspecto pedagógico pode não ter sido tão preponderante levando a menor aceitação de seus livros por parte dos professores primários, considerando que esses buscavam materiais didáticos nos quais o método analítico para o ensino da leitura estivesse tecnicamente "concretizado" (MORTATTI, 2000a).

Considero, também, que os inspetores escolares tiveram maior contato com os professores primários à medida que, segundo Mortatti (2000a), realizavam visitas periódicas às escolas e podiam ter conhecimento de aspectos almejados e de algumas das necessidades específicas dos professores primários em relação à aplicação pedagógica do método analítico nos livros didáticos. Francisco Vianna, apesar de ter tido experiência profissional como professor, atuou nas escolas na década final do século XIX e na 1ª. década do século XX; quando elaborou os livros da Série "Leituras Infantis" se situava temporalmente em um momento e buscava soluções de acordo com

---

<sup>188</sup> Este parágrafo contém uma das principais problematizações apresentadas oralmente por minha orientadora.

as referências de que dispunha naquele momento tanto em relação ao método em si, quanto em relação aos aspectos pedagógicos envolvidos na aplicação prática do método.

Presumo que pelo motivo de Francisco Vianna não ter tido uma convivência mais sistemática e perene com os professores primários que pudesse ter-lhe auxiliado no aperfeiçoamento de seus livros de acordo com as necessidades que surgiam, seus livros se tornaram menos adequados ao método analítico adotado oficialmente nas escolas públicas paulistas em comparação aos livros de Theodoro de Moraes, Arnaldo de Oliveira Barreto, Carlos Alberto Cardim e Mariano de Oliveira, por exemplo, que, segundo Mortatti (2000a), estavam em maior consonância e sintonizados às necessidades dos professores primários no momento em que foram publicados.

No *Anuário do ensino do Estado de São Paulo*<sup>189</sup>, publicado no ano de 1918, está apresentado relatório contendo avaliação de livros didáticos o qual foi elaborado por Antonio Sampaio Dória, Americo de Moura e Plínio Barreto. No parecer, Americo de Moura apresenta suas avaliações a respeito das cartilhas da Série "Leituras Infantis", de Francisco Vianna, quando aborda a questão das cartilhas destinadas ao ensino da leitura:

Nas actuaes condições das boas escolas publicas de S. Paulo, em que se reflectem os mais recentes progressos pedagogicos, o primeiro problema, a questão fundamental da mecânica da leitura, o primeiro e agigantado passo da sua aprendizagem consise na integração de cada um dos núcleos de representações verbaes já existentes no espírito da criança pelo domínio da forma escripta do seu vocabulário oral, escoimado, entende-se, de grosseiras imperfeições. Por ser principalmente de assumpto e de linguagem esse problema não o discutirei aqui, embora elle seja capital para o methodo, quer se applique á analyse, quer á synthese, tanto nos processos da sentença e da palavra como nos de base phonetica. Todavia, creio que poderei dar solução parcial ao problema, adoptando de preferênciã a marcha analytica, exigindo que o ponto de partida sejam phrases ou palavras oralmente familiares. E como não preenchem essa condição, entendo, que são rejeitáveis as seguintes cartilhas:

N.º 49. Francisco Vianna, PRIMEIROS PASSOS  
 N.º 64. Thomaz Galhardo, CARTILHA DA INFÂNCIA  
 N.º 83. L. Cardoso, ARTE DE LEITURA  
 N.º 84. N. Martins LIVRO DOS PRINCIPIANTES  
 N.º 198. Locio E. Seilbiz, CARTILHA BRASILEIRA  
 N.º 236. Sylvio Teixeira, CARTILHA MODERNA.

---

<sup>189</sup> Destaco que a análise desse relatório é realizada por Mortatti (2000a). A partir da leitura que realizei de Mortatti (2000a), tive conhecimento dos anuários de ensino e da análise dos títulos de livros publicados nos anuários que essa autora realiza, a qual utilizei como referência para localizar alguns exemplares dos anuários na Biblioteca da FFC-Unesp-Marília, que consultei para localizar informações e menções a respeito de Francisco Vianna e/ou de sua atuação profissional.

Menos condenável, aparentemente é o processo da "Cartilha" da série "Leituras Infantis" (N.º 50) em que se encontra em forma destinada à análise o mesmo texto dos "Primeiros passos"; mas se me fosse lícito admitir a conciliação de processos numa forma tão accentuadamente fonética, sem dúvida eu preferiria a "Cartilha das Mães", de Arnaldo Barreto (N.º 18) a qual francamente envereda pela syllabação, ou as cartilhas de palavrção de Ramon Roca (N.º 32, Cartilha Moderna) e de Marianno de Oliveira (N.º 27, Nova Cartilha, Ensino Rapido). (ANNUÁRIO DO ENSINO..., 1918, p. 178-179).

Para o ensino da escrita, também no *Anuário de ensino* do ano de 1918, Americo de Moura propõe dentre diversos livros, que seja eliminado o caderno de caligrafia americana de Francisco Vianna, a seu ver, incompatível com os processos de ensino adotados oficialmente nas escolas paulistas.

A partir desses aspectos, pude presumir que apesar de terem circulado e sido reeditados durante várias décadas após a publicação das primeiras edições, os livros da Série "Leituras Infantis", especialmente os destinados ao ensino inicial da leitura, como *Primeiros passos na leitura* não tiveram plena aprovação por parte dessa comissão de avaliação dos livros didáticos que apresentei, cuja publicação se deu no *Annuário do ensino* referente ao ano de 1918.

Além desses aspectos, também no "segundo momento crucial" da história do ensino da leitura no Brasil, segundo Mortatti (2000a, p. 123, 133, 134), aliado à "[...] busca pela cientificidade e pela racionalidade em educação", mediante a defesa da utilização do método de ensino intuitivo<sup>190</sup> e da "institucionalização do método analítico para o ensino da leitura", o "grupo de intelectuais republicanos responsáveis pela instrução pública paulista" tomou outra medida visando à renovação educacional: a criação dos grupos escolares no ano de 1893.

Como analisa Souza (1998), os grupos escolares surgiram como grande inovação na organização do ensino primário, que, segundo Souza (1998), introduziu uma série de modificações nesse ensino e também agiu na atribuição de sentidos simbólicos para a população, dentre eles, a "consagração da República" (SOUZA, 1998, p. 30).

Souza (2006) afirma que:

Os grupos escolares foram criados no estado de São Paulo em 1893, a partir da reunião de escolas isoladas agrupadas pela proximidade, ficando obrigados a adotar o tipo de organização e método de ensino das escolas-modelo do estã. À medida que tais escolas-modelo foram

<sup>190</sup> Abordarei a questão do método de ensino intuitivo no tópico seguinte deste capítulo.

consolidando-se e os grupos escolares começaram a funcionar nos centros urbanos, eles foram diferenciando-se cada vez mais das outras escolas primárias existentes no estado. Nesse processo, a construção de uma representação exaltadora das vantagens dos grupos escolares, considerando-os escolas modelares, ocorreu sobre uma representação negativa das escolas isoladas e escolas reunidas. As primeiras como representantes do passado e as segundas como uma modalidade transitória, ambas medíocres e fadadas ao desaparecimento. (p. 113-114).

Essa organização da escola primária paulista em grupos escolares, segundo Souza (2006), ao congregar aspectos do modelo de organização da "[...] escola graduada em países europeus e nos Estados Unidos utilizados como meio de difundir a educação popular" (SOUZA, 2006, p. 113), ganhou muitos adeptos paulistas justamente pelo motivo de ter reunido diversos aspectos do ensino graduado, os quais eram considerados "modernos e cientificamente adequados" (SOUZA, 2006, p.113). Segundo Souza (2006):

A escola graduada fundamentava-se essencialmente na classificação dos alunos pelo nível de conhecimento em agrupamentos supostamente homogêneos, implicando a constituição de classes. Pressupunha, também, a adoção do ensino simultâneo, a racionalização curricular, controle e distribuição ordenada dos conteúdos e do tempo (gradação dos programas e estabelecimento dos horários), a introdução de um sistema de avaliação, a divisão do trabalho docente e um edifício escolar compreendendo várias salas de aula e vários professores. O modelo colocava em correspondência a distribuição do espaço com os elementos da racionalização pedagógica – em cada sala de aula uma classe referente a uma série; para cada classe, um professor. (p. 114).

A respeito da escola graduada e do processo de gradação para o aprendizado da leitura, Francisco Vianna informa em outra nota de rodapé no livro *Leitura preparatória*:

Em cada um dos livros desta série — *Leituras Infantis* — procurou-se atender ao desenvolvimento progressivo dos alunos. Por isso, êles apresentam pequenas diferenças, devidas á desigual intensidade das funções cerebrais da criança, segundo a idade.

Assim, enquanto este livro é essencialmente banal, referindo-se quase exclusivamente á vida dos mais verdes anos, os outros já se preocupam de desenvolver, sempre sob a forma de histórias, os sentimentos propriamente sociais, em relações que se vão tornando cada vez menos restritas.

No 4º. livro, finalmente, são cultivados, por meio de exemplos históricos bem característicos, os sentimentos cívicos e de fraternidade universal em sua quasi plena generalidade. (VIANA, 1937, apud VIANA; CARNEIRO JÚNIOR, 1937a, p. 5).

Mediante os aspectos que apresentei e, segundo Mortatti (2000a), foi possível constatar o diálogo que Francisco Vianna teve com seus contemporâneos e a grande sintonia que estabeleceu em seu momento histórico movido presumivelmente pelo propósito de contribuir para a educação das crianças brasileiras e para a construção e o aperfeiçoamento da República.

Apesar de ter sido publicada no "segundo momento crucial" da história do ensino da leitura no Brasil, os livros da Série "Leituras Infantis" continuaram a ser reeditados também no "terceiro momento crucial". Segundo analisa Mortatti (2000a):

Embora o método analítico continue a ser considerado o "melhor" e "mais científico", sua defesa apaixonada e ostensiva vai-se diluindo, à medida que se vai secundarizando a própria questão dos métodos de alfabetização, em favor dos novos fins, para a consecução dos quais, se respeitadas tanto a maturidade individual necessária na criança quanto a necessidade de rendimento e eficácia, podem ser utilizados outros métodos, em especial o método analítico-sintético – misto ou eclético –, e se obterem resultados satisfatórios. (p. 145).

## **5.2 Método de ensino intuitivo nas décadas finais do século XIX e iniciais do século XX**

Tendo sido elaborado nas décadas finais do século XIX, segundo Valdemarin (2006a), como uma proposta de tornar o ensino menos "abstrato e mnemônico" (VALDEMARIN, 2006a), o método de ensino intuitivo surgiu especialmente em países europeus e nos Estados Unidos, como uma renovação educacional que acompanhou movimento correlato de expansão gradativa da escola à população e vinculação direta entre a escola e a formação do cidadão para a república.

Segundo Valdemarin (2006a), o método de ensino intuitivo se situou em um ambiente de intensa defesa em favor de práticas pedagógicas mais renovadas, tendo sido apresentado como conjunto de conhecimentos aos professores e veiculado, especialmente sob a forma de manuais de ensino. No Brasil, dentre os manuais que circularam, segundo analisa Valdemarin (2006a), o mais divulgado e utilizado na formação de professores foi *Primeiras lições de coisas*, escrito pelo norte-americano Norman Allison Calkins e publicado no ano de 1861. Esse manual, segundo Valdemarin

(2006a), foi "[...] apresentado na Exposição Universal de Filadélfia<sup>191</sup> em 1876, sendo recomendado por Ferdinand Buisson em seu relatório ao governo francês como a melhor coleção de lições de coisas já elaborada, motivando inúmeras traduções [...]" (p. 89). A tradução desse manual para o português foi elaborada por Rui Barbosa, tendo sido publicada, segundo Valdemarin (2006a), no ano de 1886.

Com o método de ensino intuitivo é proposto o desenvolvimento do "espírito da criança" (BIANCO, 1999, p. 50) por meio da observação que exercita os sentidos da visão, audição, tato, paladar, olfato. Por esse motivo, com esse método foram propostos novos materiais didáticos, que compreendiam, segundo Valdemarin (2006a), caixas para o ensino de cores e formas e livros didáticos com gravuras e conteúdos articulados a essa forma de conhecer a partir da observação. Sobre esse aspecto, Valdemarin (2006a) afirma: "[...] a chave para desencadear a pretendida renovação é a adoção de um novo método: concreto, racional e ativo, denominado *ensino pelo aspecto, lições de coisas ou ensino intuitivo* [...]" (p. 91, grifos da autora).

Ainda segundo Valdemarin (2006a), em *Primeiras lições de coisas*, Calkins considera que:

[...] todas as noções do espírito têm sua origem na percepção da existência de semelhanças e diferenças entre os objetos proporcionada pelos sentidos, e a atividade educativa consiste justamente na sugestão de exercícios para aprimorar essas faculdades, adequados às sucessivas etapas do desenvolvimento humano. Dada a peculiaridade da infância, essas atividades devem ser associadas à recreação e ao prazer, estratégias para obter a atenção e o aguçamento da curiosidade conseguindo-se assim formar o hábito de atenção firme, necessário à educação intelectual. (p. 101).

Dada a importância da observação, os sentidos, nessa perspectiva, são "as janelas e portas do espírito" (CALKINS, 1950, apud VALDEMARIN, 2006a, p. 102) e

[...] permitem a comunicação com o mundo, produzindo sensações geradoras de percepções que, por sua vez, produzem concepções que são retidas pela memória. É sobre esse material que operam o raciocínio e a imaginação, produzindo juízos. A atenção sobre as percepções possibilita a observação acurada que, aliada à comparação e à classificação das experiências e dos fatos, produz o conhecimento, decorrendo daí a proposição de que a escola elementar deve dedicar-se ao cultivo do hábito da observação cuidadosa. (VALDEMARIN, 2006a, p. 102).

---

<sup>191</sup> Segundo Valdemarin (2006a), as exposições universais pedagógicas podem ser compreendidas no âmbito desse movimento de renovação pedagógica, como meio de divulgar práticas, materiais e aplicações renovados para o ensino. Essa autora informa também os locais e datas nos quais foram realizadas essas exposições: Londres (1862); Paris (1867), Viena (1873); Filadélfia (1876); e no Brasil (1883) (VALDEMARIN, 2006a).

Considerando o desenvolvimento da criança, Valdemarin (2006a) explica que no manual de Calkins, o ensino está prescrito gradualmente e mediado pela linguagem, de forma que

Durante os dois anos iniciais de escolaridade, são praticados exercícios destinados a formar o hábito de pensar e dizer com "desembaraço e correção", descrevendo as sensações experimentadas no contato com objetos existentes, isto é, traduzindo por meio da linguagem as sensações provenientes da visão, da audição, do paladar, do olfato e do tato, com o objetivo de garantir que as idéias adquiram um símbolo falado, a palavra que as designa. Esses exercícios são também utilizados para nomear ações, lugares, modos, desejos, roupas etc., devendo ser praticados diariamente para exercitar a atribuição de significados àquilo que já é conhecido, mas não era até então adequadamente qualificado. (VALDEMARIN, 2006a, p. 103).

A linguagem, nesse sentido, é o meio em torno do qual o ensino é efetivamente organizado:

No início do programa escolar, o estudo da língua confunde-se com as lições de coisas e as regras gramaticais só devem ser estudadas após os exercícios práticos de expressão e redação do pensamento, de composição e estilo, levando o aluno a adquirir o hábito da enunciação pronta, clara, apropriada e fiel. Todos os trabalhos escolares confluirão para o ensino da língua, evitando-se as abstrações e as definições, que sucederão o conhecimento ao invés de precedê-lo, transformando-se a observação e a experimentação em práticas produtivas, voltadas para a descrição dos fenômenos numa linguagem precisa e clara, que evidencia a compreensão. (VALDEMARIN, 2006a, p. 104).

Quando explica os fundamentos das "lições de coisas", Valdemarin (2006b) apresenta também a definição de Ferdinand Buisson contida no *Nouveau dictionnaire de pédagogie et d'Instruction primaire* (1911, apud VALDEMARIN, 2006b), na qual estão abrangidos três aspectos:

[...] a) colocar um objeto concreto aos olhos do aluno a título de exemplo, a fim de levá-lo a adquirir uma idéia abstrata; b) fazer ver, observar, tocar e discernir as qualidades de certos objetos por meio dos cinco sentidos (educação dos sentidos) e c) conhecer objetos e fatos através da natureza e da indústria, de modo que sejam aprendidos uma coisa e seu nome, um fato e sua expressão, um fenômeno e o termo que o designa.

Nas três acepções, evidencia-se que as lições de coisas ou método de ensino intuitivo têm os objetos como suporte didático e os sentidos como os atributos humanos que possibilitam a produção de idéias – a princípio concretas e que ascendem à abstração – e que a educação deve focalizar elementos presentes no dia-a-dia, próximos à criança,

para levá-la à compreensão das coisas comuns, unindo-se, na mesma definição, proposições sobre o que ensinar e como ensinar.

As lições de coisas têm por objetivo educar os sentidos para a obtenção do conhecimento, de modo que passe para a intuição intelectual fazendo uso de objetos comuns, conhecidos pelas crianças que freqüentam a escola, lançando mão também de outros objetos criados especificamente para o ensino, os objetos didáticos. (VALDEMARIN, 2006b, p. 173, grifos da autora).

No caso brasileiro, especialmente o paulista, como afirma Bianco (1999) foi na Escola Normal que os professores aprenderam os fundamentos do método de ensino intuitivo e, quando assumiram cargos como professores e/ou diretores de escolas primárias, passaram a divulgá-lo e aplicá-lo.

Como afirma Valdemarin (2006b), as lições de coisas conforme proposta por Calkins (1950, apud VALDEMARIN, 2006b) são exemplos

[...] do pensamento caracterizador do século XIX, "o tempo das certezas", que, em conformidade com a filosofia moderna, chega à escola, instituição também moderna, para ser difundido às gerações mais jovens na forma de conteúdos, exercícios e atividades. O conteúdo escolar é estabelecido em continuidade com episódios cotidianos, tendo a natureza como objeto a ser compreendido; pauta-se por objetos que pretendem descrever exata e facilmente os fenômenos; parte-se dos fatos e objetos para compreender as razões e as causas não evidentes; a generalização é buscada a todo custo, pois só ela permite o estabelecimento de ligações entre os fatos e, portanto, a compreensão universalizante e segura. A preocupação com a linguagem e com as palavras intenta, ao mesmo tempo, torná-la expressão de idéias claras e vinculadas aos fatos cotidianos, que são, assim, explicados. O método e o conteúdo de ensino apresentados nessas *lições de coisas* soa primordialmente classificatórios, já que são baseados numa concepção de natureza homogênea e harmônica cujas leis se aplicam do maior ao menor, aos reinos animal, vegetal e mineral. Mas são acima de tudo uma concepção utilitária da ciência que estabelece similaridade entre encontrar uma utilidade e encontrar uma razão. (VALDEMARIN, 2006b, p. 181, grifos da autora).

De modo geral, os encaminhamentos metodológicos propostos nesse manual de ensino

[...] priorizam a aquisição de algo que poderíamos chamar de raciocínio científico típico do século XIX, isto é, a preocupação incide mais sobre a passagem do raciocínio concreto (proveniente dos próprios objetos) para o raciocínio abstrato, que é a generalização dos objetos particularmente conhecidos. Toda a seqüência das lições está voltada para a passagem de um raciocínio a outro, pois ele se detém nas diferentes mediações que vão do objeto conhecido, sua classificação e diferenciação até chegar, em último lugar, à definição ou ao conceito, que consiste numa interferência de todos os dados aprendidos. (p. 180).

A esse respeito, em *Considerações geraes sobre a aprendizagem da leitura*, para fundamentar a sua argumentação em favor da sentencição, Francisco Vianna (1925) cita o estudo de Augusto Comte, considerado por ele "[...] o maior philosopho de todos os tempos, o imortal [...]" (p. 2), contendo a "[...] extraordinaria analyse das funcções cerebraes, a decomposiçõ da alma humana em seus elementos irreductiveis [...]" (VIANNA, 1925).

A partir da apresentação de quadro contendo estudo de Augusto Comte sobre a alma humana, intitulado "Classificação positiva. Das 18 funcções interiores do cérebro ou quadro systematico da alma", Francisco Vianna (1925) argumenta:

Com relação ás funcções do espírito, todos verificam facilmente que a creança em seu raciocino segue a mesma marcha que o adulto, isto é, contempla primeiramente, adquirido idéas sobre os seres e seus phenomenos e depois medita, isto é, pensa, induzindo (adquirindo princípios) e deduzindo (tirando consequencias), tendo depois a tendência de comunicar os resultados de suas concepções intellectuaes. (p. 3).

Para Francisco Vianna, portanto, a capacidade de compreensão do ser humano e, especialmente da criança, segue uma sequência que é encaminhada a partir da observação de seres e de fenômenos, o que permite elaborar idéias sobre o que se observou (induz o que seria e pensa sobre após a exposição ao fenômeno) e deduz (elabora suas idéias sobre o observado), o que, por sua vez, tem de ser comunicado, exposto de algum modo.

A partir dessa constatação, Francisco Vianna (1925) complementa:

No emtanto, constatamos que nella [na criança] a contemplação é incomparavelmente muito mais intensa que a meditação, que a primeira se exerce mais com relação aos seres do que com os phenomenos, isto é, que sua contemplação é mais concreta do que abstracta, mais synthetica do que analytica e que, com relação á meditação, ella apresenta mais tendência para as generalizações do que para as systematizações. (p. 5).

Constatai, portanto, que os princípios nos quais Francisco Vianna se baseou quando elaborou os livros da Série "Leituras Infantis" se articulam ao método de ensino intuitivo divulgado no Brasil e, especialmente, na Escola Normal da Capital paulista, local onde presumo que Francisco Vianna conheceu os fundamentos do método.

Além desse aspecto, nas "Orientações aos professores" contidas em *Cartilha: leituras infantis*, Francisco Vianna apresenta as "fases" (VIANA, 1945), que, a seu ver, deveriam ser seguidas para o ensino da leitura às crianças com a utilização da cartilha.

Sobre a 1.<sup>a</sup> fase, Francisco Vianna (1945) propõe:

1.<sup>a</sup> FASE. — Sucessivamente da 1.<sup>a</sup> à 6.<sup>a</sup> lição o professor mostrando a gravura que encima cada uma, entabolará com seus alunos uma conversa pela qual, com paciência e habilidade, levará os mesmos a não só compreenderem o texto, com até a ficarem com as respectivas sentenças quasi decoradas. (p. II).

A partir da elaboração oral das sentenças, o professor passará para a 2.<sup>a</sup> fase:

2.<sup>a</sup> FASE. — Depois de recordá-las oralmente, o professor irá escrevendo as sentenças da 1.<sup>a</sup> lição, com maiúsculas, minúsculas e respectiva pontuação. Lendo-as clara e lentamente, á proporção que as grafar no quadro, procurará fazer com que os discípulos as reconheçam. [...] Nesta fase, depois do tipo de impressão, dar-se-á, no quadro-negro, o manuscrito, começando por escrevê-lo abaixo do primeiro sentenças manuscritas da lição, irá acompanhando o da leitura. Quando estiver a turma estiver mais ou menos apta a reconhecer a maioria das sentenças das seis primeiras lições, e depois de feita uma ligeira recapitulação, passar-se-á á terceira fase. (VIANA, 1945, p. III).

Por fim, a 3.<sup>a</sup> fase, Francisco Vianna (1945) indica que:

3.<sup>a</sup> FASE. — Por ocasião de ser iniciada cada aula de leitura, o professor entregará as cartilhas, que então haviam ficado guardadas. Pedirá que êles examinem a primeira lição dando-lhe o tempo necessário para que a percorram. Indagará qual será capaz de lê-la. Alguns conseguirão realmente ler; outros, porém, mesmo dos que se hajam julgado capazes, manifestarão ainda um estado de grande confusão. Não desanime o mestre e de preferência a lê-lhe, êle próprio, a sentença procure lembrar-lhes o assunto, resolvendo depois qualquer dificuldade encontrada no quadro-negro, mediante a decomposição das sentenças em vocábulos. A escolha adequada dêstes, especialmente dos monossílabos, permitirá não só o conhecimento das vogais, como, sem que seja preciso mencionar os nomes das letras ou mesmo pretender ensinar a articulação respectiva, o valor de cada novo elemento fônico introduzido. Recorrendo quando possível á decomposição do mesmo vocábulo para cada lição, como *vovô, dado, moeda, viola*, etc., obterá facilmente que os discípulos leiam quaisquer outras frases ou mesmo palavras isoladas.

Atingida á sexta lição, em vez de passar adiante, o mestre procurará fazer lêr no quadro-negro, á proporção que as fôr grafando [...]. (p. III-IV).

Na [fase] do diálogo já não deve levar o aluno á decoraçã das frases, mas tão-somente á compreensão do texto. Para isso, o mestre, conquanto utilizando-se de seus vocábulos e muito especialmente dos que contiverem a consoante introduzida nessa lição, enunciará as sentenças de fôrma um pouco diversa da do texto. [...] No mesmo dia

o mestre já escreverá no quadro-negro algumas das sentenças da lição, fará com que as leiam tentando quanto possível lêr as palavras formadas pelos elementos que figuram nas lições anteriores, decompô-las-á e dará frases e mesmo palavras novas. No dia imediato fará lêr no próprio livro, dando, em seguida a respectiva duplicata. (p. IV).

As indicações desse autor são para que ao final do conjunto das seis primeiras lições, as três fases devam ser utilizadas em cada uma das lições: "[...] em vez de aplicar [as três fases do ensino] a um novo grupo de seis lições, devermos aplicá-las a cada lição de per si." (p. IV). As formas de utilização das três fases do ensino, porém, a partir da 7ª. lição, segundo Francisco Vianna (1945), são diferentes.

Na [fase] do diálogo já não deve levar o aluno á decoração das frases, mas tão-somente á compreensão do texto. Para isso, o mestre, conquanto utilizando-se de seus vocábulos e muito especialmente dos que contiverem a consoante introduzida nessa lição, enunciará as sentenças de fôrma um pouco diversa da do texto. [...] No mesmo dia o mestre já escreverá no quadro-negro algumas das sentenças da lição, fará com que as leiam tentando quanto possível lêr as palavras formadas pelos elementos que figuram nas lições anteriores, decompô-las-á e dará frases e mesmo palavras novas. No dia imediato fará lêr no próprio livro, dando, em seguida a respectiva duplicata. (p. IV).

As indicações de Francisco Vianna são de que à medida que as lições forem avançando e os diálogos do professor forem sendo reduzidos, as crianças iriam observando que em cada lição há um aspecto novo, "[...] um novo som cuja representação lhe compete descobrir, sem que tenha sido preciso explicar-lhe isto explicitamente." (VIANA, 1945, p. V).

A partir desses aspectos, compreendi que os encaminhamentos metodológicos propostos por Francisco Vianna, especialmente para a utilização de *Cartilha: leituras infantis* e também de *Primeiros passos na leitura*, indicam sua articulação com o método de ensino intuitivo, que se fundamenta nas lições de coisas. No que se refere às lições de coisas, Valdemarin (2006b) afirma que "[...] nas *lições de coisas*, a atividade do aluno é falar, responder perguntas desenhar, pintar, expressar-se oralmente e por escrito, emitindo sua compreensão da atividade proposta e esperada pelo professor." (VALDEMARIN, 2006b, p. 194, grifos da autora). Considerando as afirmações de Valdemarin (2006a) a respeito das lições de coisas, pude compreender que as "fases" indicadas por Francisco Vianna, como mencionei acima, apresentam a proposta desse

autor como "concretização" (MORTATTI, 2000a) metodológica do método de ensino intuitivo nos livros da Série "Leituras Infantis".

Outro aspecto que destaco é a opção de Francisco Vianna pelo método analítico para o ensino da leitura. Segundo Valdemarin (2004), o ensino da leitura de acordo com o método de ensino intuitivo, especialmente considerando as proposições de Calkins (1950, apud VALDEMARIN, 2004), tem nas palavras

[...] a unidade da linguagem e das idéias nelas simbolizadas, já que a aprendizagem engloba a idéia, o som ou palavra falada e sua forma escrita e, portanto, aprender a ler implica o conhecimento sobre os sons ouvidos, falados e o reconhecimento das letras usadas em sua escrita. (p. 141).

Valdemarin complementa descrevendo, sinteticamente, a sequência dos procedimentos metodológicos propostos por Calkins (1950, apud VALDEMARIN, 2006a) para o ensino da leitura:

A aprendizagem deve caminhar do concreto para o abstrato, do simples para o complexo, dos fatos para as regras. A sequência das lições, portanto, deve estar voltada para o reconhecimento de palavras, frases e sentenças pela audição; para seu uso ou significado na fala e na escrita, considerando, portanto, a idéia, o som ou a palavra falada e sua forma escrita. Para aprender as palavras grafadas a criança precisa reconhecer os sons que ouve quando fala e reconhecer as letras que usa quando as escreve, distinguindo umas das outras. Assim, os processos mentais envolvidos na atividade de aprendizagem da leitura englobam o reconhecimento da forma visível das palavras, a descoberta do que as palavras expressa em sua combinação de letras ou como componente de um grupo de palavras e a associação delas às idéias, síntese do que se pretende atingir tanto com a leitura quanto com a escrita. (p. 142).

Segundo Valdemarin (2006a), portanto, a forma com que o método intuitivo foi proposto e divulgado no Brasil e, principalmente no estado de São Paulo, nas décadas finais do século XIX e iniciais do XX, fornece os referenciais necessários para justificar a importância do método analítico para o ensino da leitura e sua articulação direta com o "movimento de renovação educacional" (VALDEMARIN, 2006a) que encontra em São Paulo o terreno adequado para a disseminação da "modernidade pedagógica" (VALDEMARIN, 2006b).

### 5.3 Método analítico para o ensino da leitura nos livros da Série "Leituras Infantis"<sup>192</sup>

Como informei, os livros da Série "Leituras Infantis" foram publicados no que Mortatti (2000a) considera "segundo momento crucial" na história do ensino da leitura no Brasil. No âmbito desse momento, destacaram-se as "normatizações", "tematizações" e "concretizações" (MORTATTI, 2000a) em relação a esse ensino por meio do método analítico.

Caracterizaram esse momento, a "institucionalização do método analítico para o ensino da leitura" (MORTATTI, 2000a) e a publicação dos documentos *Como ensinar leitura e linguagem nos diversos annos do curso preliminar* (DIRECTORIA..., 1911, apud MORTATTI, 2000a) e *Instruções praticas para o ensino da leitura pelo methodo analytico – modelos de lições* (DIRECTORIA..., 1915, apud MORTATTI, 2000a), com a finalidade de orientar os professores na utilização do método analítico em sala de aula.

Nos livros da Série "Leituras Infantis", Francisco Vianna "concretizou" sua proposta para o ensino da leitura por meio do método analítico. Constatei as indicações de Francisco Vianna em relação a esse método especialmente em *Cartilha: leituras infantis* tanto nas orientações aos professores, quanto na forma com que as lições estão organizadas.

Situado nesse "segundo momento crucial" (MORTATTI, 2000a), Francisco Vianna elaborou sua proposta para o ensino da leitura por meio do método analítico e disputou espaço com outras propostas de professores que tiveram seus livros didáticos publicados. Em relação à forma com que *Cartilha: leituras infantis* está organizada, a partir dos resultados da análise que localizei em Mortatti (2000a), Pasquim (2009), Bernardes (2006), Pereira (2009), Sobral (2007) e Gazoli (2010), compreendi que se assemelha em muitos aspectos às outras cartilhas publicadas no mesmo momento histórico, como por exemplo: *Cartilha infantil* (1908), de Carlos Gomes Cardim; *Cartilha analytica* (1909?), de Arnaldo de Oliveira Barreto; *Meu livro* (1909), de Theodoro de Moraes; *Nova cartilha analítico-sintética* (1916), de Mariano de Oliveira; *Cartilha Proença* (1927), de Antonio Firmino de Proença<sup>193</sup>.

Além desse aspecto, a forma com que os livros da Série "Leituras Infantis" estão organizados, indica certa semelhança com as séries graduadas de leitura

<sup>192</sup> As informações e, sobretudo as problematizações contidas neste tópico foram apresentadas a mim por minha orientadora durante sessões de orientação e durante meu exame de qualificação de mestrado.

<sup>193</sup> Como informei, tratam-se de pesquisas que foram desenvolvidas no âmbito do Gphellb e sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria do Rosário Longo Mortatti.

publicadas naquele momento. Um dos aspectos que a diferencia das demais é a quantidade de livros: na série de Francisco Vianna há sete livros, dos quais dois são cartilhas, um é livro intermediário e quatro são livros de leituras. De modo geral, as séries graduadas eram compostas por quatro livros, uma cartilha e três livros de leituras, considerando que um livro correspondia e era utilizado em um ano da escola primária. É possível questionar, portanto, qual o motivo de a Série "Leituras Infantis" ter uma grande quantidade de livros; seriam utilizados mais de um livro por ano?

Além desses aspectos, os livros da Série "Leituras Infantis" terem sido publicados durante um período de praticamente sete décadas e editados em formato, medida e custo adequados ao público escolar ao qual se destinavam. A forma com que a série, os livros e as lições estão organizados indica certa gradação para o ensino da leitura, decorrente da adequação dessa série ao ensino primário graduado e, também, da concepção teórica na qual Francisco Vianna se fundamentou quando da elaboração dos livros.

A respeito da sequência dos livros, problematizo o grau de "autonomia" de cada um dos livros: teriam eles sido utilizados apenas no conjunto da série de livros, de modo sequencial, ou teriam sido utilizados isoladamente, e, por esse motivo que alguns dos livros tiveram mais edições publicadas do que outros?

Além disso, as poucas edições que pude localizar até o momento de *Quarto livro de leituras infantis...* podem ser atribuídas à distância temporal de 11 anos de sua publicação em relação à *Terceiro livro de leituras infantis*, o que teria deslegitimado a importância desse último livro, considerando que os professores primários tiveram que improvisar um livro didático para o ensino da leitura, enquanto não havia sido publicado o dessa série que se destinava a essa classe mais adiantada; ou então, nessas classes mais adiantadas, os livros de séries de leitura não eram mais utilizados, mas sim outros tipos de livros didáticos ou materiais para o ensino?

Considerando, também, os livros cujas edições foram modernizadas pelos filhos de Francisco Vianna ficam questões para reflexão, especialmente a respeito da relação de Euclides e Paulo Mendes Vianna com as questões relativas à educação: seriam seus filhos professores e, por compreenderem a importância dos livros que o pai teve publicados e conseguirem se situar no âmbito pedagógico, modernizaram os livros da série? A opção por publicar essa edição modernizada partiu de uma iniciativa dos filhos do autor, ou foi uma proposta da editora a qual foi aceita pelos filhos? Teriam

sido modernizados apenas alguns dos livros da série, cujos exemplares localizei, ou todos os livros da série?

Outro aspecto que a diferencia das demais é o título da série; de modo geral, as séries graduadas de leitura eram intituladas pelos nomes de seus autores: Série "Puiggari-Barreto", de Romão Puiggari e Arnaldo de Oliveira Barreto; Série "Thomaz Galhardo", de Thomaz Galhardo; Série "Oliveira e Dordal", de Mariano de Oliveira e Ramon Roca Dordal<sup>194</sup>.

A série escrita por Francisco Vianna, porém, se intitula "Leituras Infantis", o que pode ser compreendido também como decorrente do desconhecimento dos professores primários a respeito de Francisco Vianna. Enquanto Romão Puiggari, Arnaldo de Oliveira Barreto, Mariano de Oliveira, Ramon Roca Dordal e Thomaz Galhardo dispunham, segundo Mortatti (2000a, p. 78, 134), de "carreiras prestigiosas" e ocupavam "cargos na administração da instrução pública", especialmente paulista ou no interior deste estado, o que fazia com que esses professores fossem conhecidos, as séries de livros de leitura eram legitimadas à medida que eram intituladas com seus nomes. Francisco Vianna, todavia, não ocupou cargo de liderança, o que presumivelmente não o tornou conhecido entre os professores primários, e, por esse motivo a opção por não indicar seu nome como título da série tenha sido tomada, considerando que esse aspecto poderia não legitimar e tornar vendável os livros da série escrita por esse professor.<sup>195</sup>

A questão do título da série foi um aspecto que Francisco Vianna participou da decisão ou foi uma decisão editorial que não teve participação desse autor. Destaco, porém, que o livro que localizei que presumo se tratar de uma 1ª. versão de *Terceiro livro de leituras infantis*, publicada pela N. Falcone Editora se intitula *Leituras Infantis*, o que permitiu que eu presumisse que quando a Livraria Francisco Alves comprou a N. Falcone Editora e adquiriu os direitos desse livro de Francisco Vianna optou, juntamente com Francisco Vianna, por manter o título "Leituras Infantis" para os livros da série e, também para a série.

Especificamente no que se refere à compreensão de Francisco Vianna a respeito do método analítico para o ensino da leitura, nas orientações aos professores contidas em *Cartilha: leituras infantis*, esse professor afirma que:

Todas as fórmulas de ensinar a lêr podem ser classificadas em dois tipos, conforme a preocupação dominante é a simples tradução fônica ou a

<sup>194</sup> A análise a respeito do título da série de livros de leitura se assemelha à análise elaborada por Gazoli (2010), quando essa autora analisa os livros de leitura escritos por Antonio Firmino de Proença.

<sup>195</sup> A esse respeito, ver, especialmente Mortatti (2010).

compreensão. As do primeiro se reduzem fundamentalmente á soletração e á silabação e as do segundo á palavração e á sentençação. A análise de tais processos conduz facilmente á convicção de que só são de fato racionais a silabação e a sentençação. A vantagem desta sobre a pura silabação consiste em instituir na criança, desde cedo, o habito de procurar entender o texto. Mas sendo as sentenças constituídas por vocábulos e estes por puros agregados de sílabas, é indispensável que se encaminhe finalmente o discípulo para o conhecimento da relação entre as fórmulas gráficas e os sons, o que só pôde ser obtido mediante a sílaba, único elemento fônico que têm existência distinta. (p. I).

Francisco Vianna complementa, argumentando que:

Na sentençação, por muitos impropriamente denominada *método analítico*, vários autores iniciam o ensino por sentenças em que aparecem simultaneamente grande número de consoantes e de que os vocábulos, depois de bem repetidos e decorados, só muito mais tarde são decompostos em sílabas. Essa fórmula, originária de traduções estreitamente literais de cartilhas americanas, tem, a meu vêr, o grave defeito de deixar o espírito da criança, durante largo trato da aprendizagem, sem perceber que a leitura resulta fundamentalmente da existência de sinais fixos (letras) para determinados sons. Além disto, o ensino se torna por demais árduo e moroso. (p. I, grifos do autor).

Considerando esses aspectos, o autor indica que

[...] ao organizar esta Cartilha, não tive por objetivo ensinar depressa a leitura, porém o de ensiná-la bem, pois só com esta preocupação se virá a não perder tempo, cuidei e muito de tornar a marcha, a mais lógica e racional possível, adaptando-a ás condições da língua portuguesa cuja grafia, fundamentalmente fonética, permite reduzir sobremaneira as dificuldades, mediante a introdução de mais de um som a cada lição. [...] Todavia, mesmo coordenando as lições segundo a introdução gradual das consoantes, não é necessária a decoração prévia de sílabas isoladas ou mesmo a silabação explícita dos vocábulos. (p. I, grifos do autor).

Para tanto, o autor adverte os professores

A princípio poderá parecer um pouco mais difícil (se é que ha dificuldade em aplicar marcha tão simples) *ensinar* pela sentençação, mesmo subordinada á introdução gradual das consoantes, do que pela silabação ou pela soletração. Em compensação, *para quem aprende*, isto é, para o elemento que deve ser preponderante na escolha do processo a aplicar é *exatamente o inverso que se dá*. Além disto, o aluno que aprender pela sentençação, sempre forçado a preocupar-se mais com o sentido do que com os meios intermediários de interpretá-lo, lê sempre com grande expressão e vivacidade. (p. II, grifos do autor).

O processo inicial de ensino da leitura, portanto, conforme proposto por Francisco Vianna em *Cartilha: leituras infantis* tem como "marcha" (VIANA, 1945, p. II) a observação das gravuras, acompanhada dos questionamentos do professor, leitura e escrita das sentenças das lições no quadro-negro e também na cartilha, seguidas de decomposição das sentenças em palavras e destas em sílabas. Nesse âmbito, destacam-se também as atividades de leitura e escrita no quadro-negro. Sobre esse aspecto, conforme Francisco Vianna (1945)

A verdadeira aprendizagem, isto é, a assimilação de novos elementos para a leitura deverá, para que aproveite toda a classe, ser sempre feita por meio do quadro-negro, pelas razões seguintes: 1.º cada sentença póde ir surgindo gradativamente; 2.º as sentenças podem ser escritas, apagadas e reescritas tantas vezes quanto convier; 3.º Podem ser colocadas em todas as ordens imagináveis, afim de que as crianças não as decorem pela situação; 4.º as várias palavras de cada sentença podem ser dispostas em linha horizontal ou em coluna vertical; 5.º as sentenças podem ser colocadas em face para que as crianças descubram a sua dissemelhança ou a sua identidade ou ainda das palavras que as compõem; 6.º finalmente, só nele poderemos proceder com vantagem á decomposição das sentenças em palavras e ao conhecimento destas. (p. IX).

Sobre a utilização desses procedimentos, Francisco Vianna (1958) orienta:

Começaremos, em relação a cada lição, por levar o aluno a observar a gravura e, por meio de perguntas adequadas, daremos em palestra, quase da mesma fôrma por que se acham no texto, as sentenças que a constituem. Destacaremos a sentença do alto da página e a escreveremos no quadro-negro, fazendo com que os alunos (nunca em côro) a leiam e, pouco a pouco, a decomponham em palavras. Uma vez reconhecidas as palavras que contenham o fonema novo, tiraremos por elas o valor das sílabas, convindo principalmente as que constituem por si só um vocábulo. Não descaremos, porém, além dos monossílabos, visto como não há necessidade de obrigar a criança ao conhecimento dos fonemas isolados, ainda mesmo que eles sejam apenas dados como meras articulações, sem a denominação das letras correspondentes. (p. III-IV).

Sobre esse aspecto, Francisco Vianna argumenta:

À medida que o ensino avança, as indecisões vão desaparecendo e o trabalho se torna gradativamente mais fácil, já porque as palestras podem ser muito resumidas, já porque, na maioria dos casos, o sentido e a quantidade de letras conhecidas permitem ao aluno descobrir por si só e rapidamente o novo fonema introduzido. Irá, assim, se desfazendo de todo a impressão (inevitável em quantos pela primeira vez aplicam o sistema, especialmente, quando adotam a sentencição pura), de que os alunos nada aprendem, impressão que irá sendo substituída pela do grande interesse que as lições novas provocam. E logo se manifestarão ao mestre não só a maior

compreensão da leitura, como também, em consequência, a vivacidade e a propriedade da expressão. (1958, p. V).

Nas orientações aos professores contidas em *Leitura preparatória*, Francisco Vianna (1937 apud VIANA; CARNEIRO JÚNIOR, 1937a) define que, a seu ver, "Ensinar a ler é, sobretudo, ensinar a *compreender*." (p. 3, grifo do autor) e que, independente do processo adotado no ensino inicial da leitura, durante o período em que está sendo utilizada a cartilha:

[...] por maior que seja o empenho do professor em não dar [...] nenhum vocábulo sem a respectiva significação, as dificuldades que a criança encontra para estabelecer a correlação entre o *elemento fônico*, que corresponde á idéia, e o *elemento gráfico*, que a representa, são tais, que absorvem em grande parte a atividade mental da mesma. (VIANNA, 1937, apud VIANA; CARNEIRO JÚNIOR, 1937a, p. 3, grifos do autor).

Dessa compreensão do autor, decorre a sua forma de encaminhar sua proposta "concretizada" (MORTATTI, 2000a) nos livros da leitura.

[...] o *verdadeiro ensino da leitura corrente* só começa depois que a criança deixa a cartilha e quando em seu espírito já se tenha definitivamente estabelecido uma íntima e perfeita conexão entre o elemento fônico e o elemento gráfico que o representa. Desde que a criança não encontre dificuldade na *leitura de palavras* ela não se preocupa mais com a representação gráfica e póde atender principalmente ao sentido. (VIANNA, 1937, apud VIANA; CARNEIRO JÚNIOR, 1937a, p. 3, grifos do autor).

A leitura "verdadeira" para Francisco Vianna ocorre quando não é tão marcante, no processo de leitura, a preocupação excessiva com os sinais representados, o que ocorre no período de utilização da cartilha. A transição entre esses períodos — passagem do momento em que a criança se detém na "forma" gráfica representada e não na "leitura de idéias" (VIANA, 1937, apud VIANA; CARNEIRO JÚNIOR, 1937a) — deve ser considerada com bastante cuidado, quando da escolha do livro a ser utilizado, pois a leitura, antes de assumir a função a qual esse autor compreende como adequada, pode se tornar "mecânica" (VIANA, 1937, apud VIANA; CARNEIRO JÚNIOR, 1937a) e a finalidade da leitura — a compreensão da idéia — pode ser eliminada do processo.

Considerando esse período de transição, Francisco Vianna explica aos professores que, além de utilizar o livro de leituras, é preciso considerar o encaminhamento do ensino da leitura a partir de cinco etapas:

a) **Explicação prévia do professor.** — Antes de iniciar a lição de leitura, o professor deve explicar cuidadosamente a significação de todas as palavras que os alunos possam desconhecer, bem como o sentido próprio ou figurado das diversas expressões e sentenças do texto.

b) **Leitura prévia pelo professor.** — Desde que os alunos estejam, por uma explicação prévia, aptos a compreender o sentido, o professor deve ler, para eles ouvirem, a história que vai servir de assunto para a lição do dia. Esta leitura tem uma importância capital, pois só por ela é que o aluno pode aprender a dar a intonação e a fazer as pausas exigidas pelo assunto e pela pontuação. Assim, as crianças aprendem a dar á leitura a *expressão* conveniente.

c) **Leitura pelos alunos.** — Depois da leitura pelo professor, os alunos devem ler por pequenos trechos. O professor exigirá pronúncia clara e correta e intonação de voz correspondente ao assunto e aos sinais de pontuação.

d) **Exposição socrática.** — Lida a lição várias vezes, o professor fará com que os alunos exponham parcialmente cada trecho, interrogando-os sobre o assunto respectivo e encaminhando sua inteligência para a mais perfeita compreensão do mesmo. Fará, em suma, a interpretação resultar, tanto quanto possível, de uma elaboração mental dos próprios alunos.

e) **Reprodução da história pelos alunos.** — Feita a exposição socrática, o professor, mandando fechar os livros, deve exigir, por um ou mais alunos, a reprodução completa da história lida. Neste caso os alunos farão uma exposição *conciente, compreendida, própria*, e não uma pura repetição de palavras quase decoradas. Somos mesmo de parecer que, nesta exposição, o professor só deve exigir as minúcias que forem indispensáveis á compreensão da história. (VIANA, 1937, apud VIANA; CARNEIRO JÚNIOR, 1937a, p. 4-5).

Na sequência, Francisco Vianna explica o processo de elaboração de *Cartilha*: leituras infantis:

O processo de sentencição é, a meu ver, o mais racional, o mais atraente para a criança e o único que lhe permite desde logo apreender o verdadeiro objetivo da leitura e que nunca se afasta d'ele. Além de tudo, bem considerada a questão de tempo, vem a ser também o mais rápido.

A *Cartilha* desta série, cuja ilustração e composição eu mesmo superintendi em Paris, contém cerca de 70 páginas de lições muito acessíveis e curtas, mas que, bem estudadas, permitirão ai aluno passar sem dificuldade para êste livro.

Escrevendo-a nada tive a modificar no prefácio que se vai ler, vindo a lume com a 1ª edição e escrito em plena comunhão de idéias com o Sr. Carneiro Júnior, o competente inspetor escolar do Estado de S. Paulo, a cuja colaboração deve êste livro grande parte das qualidades

que se dignam apontar-lhe. (VIANA, 1937, apud VIANA; CARNEIRO JÚNIOR, 1937a, p. 4).

A partir desses aspectos, portanto, compreendi que para Francisco Vianna a "leitura corrente" sucede a etapa inicial do ensino da leitura e que se caracteriza como uma leitura em que a criança lê as idéias contidas na história e não as palavras ou "sinais gráficos" (VIANA, 1945) nela contidos. Considerando esse aspecto, a "leitura corrente" na concepção de Francisco Vianna seria a finalidade principal do ensino da leitura na escola primária; era antecedida por um ensino inicial no qual a criança aprendia a decifrar as sentenças, as palavras e os vocábulos para, com isso, compreender que tais elementos constituíam e representavam uma idéia. Na proposta desse professor para o ensino da "leitura corrente", a criança estaria "verdadeiramente" (VIANA, 1937) lendo à medida que fosse capaz de conseguir ler uma história sem a necessidade de decifrar os sinais gráficos, mas compreendendo as idéias nela representadas.

A partir do que compreendi, para Francisco Vianna, o método analítico era o mais adequado e racional para o ensino da leitura e no processo inicial desse ensino "concretizado" nas cartilhas da Série "Leituras Infantis", a leitura era aprendida como "decifração", para o que utilizava a sentencição como forma de processar o método analítico. O ensino da leitura, conforme proposto por Francisco Vianna, em continuidade ao término das cartilhas e "concretizado" nos livros de leitura tinha por finalidade ensinar a "leitura corrente", para o que as questões relativas ao método não eram mais tão visíveis, considerando que a leitura deveria permitir a compreensão das idéias contidas nas lições.

#### **5.4 Francisco Vianna: formação, atuação profissional e produção escrita no entre séculos<sup>196</sup>**

Tendo-se diplomado como professor pela Escola Normal da capital do Estado de São Paulo no ano de 1895, com 19 anos de idade, Francisco Vianna iniciou suas atividades no magistério na Escola Modelo em 1895; atuou como diretor de Grupo

---

<sup>196</sup> As problematizações contidas neste tópico foram elaboradas por minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria do Rosário L. Mortatti, e apresentadas durante sessões de orientação individuais e em minha banca de exame geral de qualificação de mestrado. Além disso, destaco que em Mortatti (2010) e Mortatti; Pereira; Gazoli; Oriani; Messenberg (2009) são apresentadas as reflexões que serviram de referência para eu elaborar as que apresento nesta dissertação, tendo eu acrescentado a essas reflexões as relativas a Francisco Vianna.

Escolar na cidade de Botucatu; foi professor no ginásio do estado em Campinas; e supervisor de ensino no então Distrito Federal.

A atuação de Francisco Vianna indica certa consonância com o que, segundo Mortatti (2010), era comum a grande parte dos professores paulistas ou que atuavam neste Estado naquele momento histórico. Além da atuação profissional, também é o grupo de professores com que Francisco Vianna se relacionou que indica com quem esse professor dialogou: René Barreto, Carlos Alberto Gomes Cardim, Miguel Carneiro Júnior, Arnaldo Barreto e Theodoro de Moraes, conforme localizei menções nos livros de autoria de Francisco Vianna.

Concomitantemente às atividades como professor, teve publicados artigos no periódico pedagógico *Revista de ensino*, assim como livro para o ensino de Matemática, de História, cadernos de caligrafia e livros destinados ao ensino inicial da leitura.

Quando em 1908, com 32 anos, Francisco Vianna teve publicada a série de livros de leituras que elaborou já havia adquirido experiência profissional a partir da atuação no âmbito escolar, o que conferiu conhecimento filosófico e pedagógico necessários para a elaboração dos livros e certo *status* e credibilidade aos livros de leitura por ele escritos, conquistados mediante carreira construída no magistério<sup>197</sup>.

A formação que Francisco Vianna recebeu de seu tio, a Escola Normal na qual se formou como professor, o grupo de professores com os quais se relacionou, direta ou indiretamente são indicativos do diálogo que esse professor estabeleceu com seus contemporâneos os quais, assim como ele, estavam movidos pela necessidade de oferecer soluções aos problemas relacionados, principalmente, ao ensino inicial da leitura neste país.

A partir das experiências que vivenciou como sobrinho de um positivista, segundo Monarcha (1999) bastante "ortodoxo", como normalista da Escola Normal na capital paulista — ambiente no qual, segundo Mortatti (2000a, p. 83, 85, 101), as influências das discussões em torno do método analítico como o mais adequado para o ensino da leitura foram mais representativas —, Francisco Vianna agregou e

---

<sup>197</sup> A título de comparação, ao considerar as idades dos outros professores que elaboraram suas propostas de livros para o ensino da leitura no mesmo período em que Francisco Vianna as quais foram analisadas no âmbito do Gphellb, tem-se: segundo Pereira (2009), Theodoro de Moraes contava 32 anos quando teve publicado *Meu livro*: primeiras lições de accôrdo com o methodo analytico (1909); segundo Bernardes (2006), Arnaldo de Oliveira Barreto contava 40 anos quando teve publicada *Cartilha analytica* (1909), segundo Pasquim (2009), Carlos Alberto Gomes Cardim contava 33 anos quando teve publicada *Cartilha infantil pelo método analítico* (1908); segundo Sobral (2007), Mariano de Oliveira contava 46 anos quando teve publicada *Nova cartilha analytico-synthetic* (1915); segundo Gazoli (2010), Antônio Firmino de Proença contava 46 anos quando teve publicada *Cartilha Proença* (1926).

"concretizou" o método analítico que considerava o mais adequado para o ensino inicial da leitura nos livros da Série "Leituras Infantis" e, mais especificamente, em *Cartilha: leituras infantis* e em *Primeiros passos na leitura*.

Apesar de não ter participado visivelmente da discussão em torno dos métodos para esse ensino, assim como foi comum para outros professores com os quais se relacionou, como afirma Mortatti (2000a), Francisco Vianna se situou nesse ambiente de disputas, no qual elaborou sua proposta. Ainda que esse professor não tenha participado de um embate mais "acirrado" quando defendia o método analítico para ensino da leitura, sua constatação era de que, apesar de pertinentes, as propostas de aplicação desse método nas cartilhas disponíveis naquele momento, não apresentavam solidamente o que ele considerava como a verdadeira aplicação do método, para o que justificava e legitimava sua série de livros de leitura como singular e concisa proposta de ensinar leitura para as crianças por meio do método analítico.

Por esse motivo a atuação de Francisco Vianna, como professor e autor de livros didáticos, é representativa no que Mortatti (2000a) considera como "segundo momento crucial" na história da alfabetização neste país. Francisco Vianna se situou em um meio, no qual se entrecruzaram, segundo Mortatti (2000a, p. 78, 82, 83, 133, 134): a "[...] formação de professores baseada em princípios do 'ensino moderno' [...] que tinha como defesa o método analítico para o ensino da leitura [...]"; uma "[...] ocupação gradativa dessa geração de professores de cargos tanto na administração da instrução pública brasileira, quanto em escolas primárias, secundárias e normais na capital e no interior paulista [...]"; e a publicação de livros didáticos escritos por esses professores, "[...] nos quais estavam 'concretizadas' as tentativas de soluções por eles apresentadas para o ensino inicial da leitura".

Especialmente mediante a atuação de Francisco Vianna como autor de livros didáticos — os quais foram reeditados praticamente após sete décadas da publicação da 1ª. edição — que foi possível conhecer a atuação desse professor. Apesar de ter estado envolvido direta ou indiretamente no âmbito da instrução pública, Francisco Vianna é pouco conhecido se comparado aos outros professores autores de cartilhas de alfabetização que foram publicadas no mesmo momento histórico — para o que considero a leitura dos textos desenvolvidos até o momento no âmbito do Gphellb — mas seus livros são conhecidos, especialmente ao considerar as sentenças da 1ª. lição de

*Cartilha: leituras infantis*: "Eva vê a uva. Vovô vê o ovo. Vovô viu a ave. A ave voa. O Ivo viu a uva." (VIANNA, 1945).

Apesar do "silenciamento" dos aspectos relativos à sua vida e atuação profissional, os livros que esse professor teve publicados continuaram a circular durante muitas décadas e a partir deles que esse professor pôde ser conhecido assim como a partir da menção pioneira de Mortatti (2000a) à produção desse professor relativa ao ensino da leitura.

Em síntese, pelo motivo de Francisco Vianna ter-se diplomado como professor nas décadas finais do século XIX e ter tido influência de uma formação mais positivista, cujas ideias haviam sido apresentadas pelo seu tio, Godofredo José Furtado, a compreensão desse professor a respeito do método analítico para o ensino da leitura, segundo Mortatti (2000a), se situava nesse âmbito, considerando que naquele momento essas questões eram vistas, sobretudo a partir dessa fundamentação.

Ainda segundo Mortatti (2000a), a partir das décadas iniciais do século XX, as questões relativas ao método analítico para o ensino da leitura passaram a ser pensadas especialmente do ponto de vista pedagógico e tanto os professores que se formaram nesse momento, quanto as discussões a esse respeito que circulavam entre os professores primários tinham, segundo essa autora, tom marcadamente procedimental como uma tentativa de auxiliar tecnicamente o trabalho pedagógico dos professores primários que buscavam compreender o método analítico em suas aplicações nas salas de aula.

Considerando, portanto, que Francisco Vianna se formou no século XIX, mas atuou como professor e teve seus livros publicados no século XX, é possível problematizar se Francisco Vianna ao "concretizar" sua proposta para o ensino da leitura, teria conseguido situá-la no âmbito no pedagógico.

Ainda em relação a isso, considero-o concomitantemente aos seguintes aspectos: na Série "Leituras Infantis" há duas cartilhas destinadas ao ensino inicial da leitura, as quais foram publicadas com um intervalo de três anos; e *Primeiros passos na leitura* é idêntica à *Cartilha: leituras infantis*, tendo sido acrescido apenas a proposta de aplicação detalhada do método analítico em cada uma das lições.

A partir desses aspectos, é possível problematizar se *Cartilha: leituras infantis* foi criticada ou não-aceita pelos professores primários, os quais alegaram que ela apresentava lições de forma menos explicativas em relação ao método, para o que

Francisco Vianna elaborou nova proposta de cartilha, idêntica à anterior, mas na qual incluiu explicações didáticas e exercícios nas lições de modo a apresentar estruturadamente a operação e o "funcionamento" do método nas lições da cartilha? Teria sido proposta de Francisco Vianna elaborar outra cartilha ou teria sido uma estratégia editorial? Além disso, com qual objetivo o título de *Primeiros passos na leitura* não indica o termo "cartilha", apesar de apresentar que se trata dos primeiros passos, por qual motivo esse termo teria sido suprimido desse livro?

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesta dissertação de mestrado, apresentei resultados de pesquisa histórica sobre o ensino da leitura no Brasil, com o objetivo de compreender a proposta apresentada por Francisco Vianna para esse ensino por meio do método analítico, tendo focalizado, para isso, os livros de leitura que integram a Série "Leituras Infantis".

Por meio da utilização dos procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção, ordenação e análise das fontes documentais e da bibliografia especializada, busquei compreender a atuação profissional de Francisco Vianna no âmbito da história do ensino da leitura no Brasil. Mediante essa proposta bastante ousada, penso que não consegui abordar todos os aspectos necessários para uma compreensão mais aprofundada e, portanto, mais concisa do ponto de vista da elaboração de problemas teóricos pertinentes.

Para os encaminhamentos durante o período em que desenvolvi a pesquisa cujos resultados apresentei nesta dissertação, ressalto que me auxiliaram decisivamente a relação com minha orientadora, em sessões de orientação e a leitura dos textos que ela teve publicados, assim como a leitura dos textos resultantes de pesquisas desenvolvidas pelos integrantes do Gphellb.

O conjunto de conhecimentos já elaborado e solidamente constituído a partir do desenvolvimento de pesquisas pelos integrantes do Gphellb contribuiu para que eu pudesse pensar em minha pesquisa e nos objetivos específicos dela como parte desse conjunto de conhecimentos e para que eu pudesse utilizá-lo como referência quando do desenvolvimento de minha pesquisa e apresentação dos resultados.

Considerando esses motivos, minha contribuição foi bastante modesta à medida que permitiu reunir a produção escrita de Francisco Vianna e deu a conhecer os livros da série de leituras que ele elaborou. As reflexões efetivamente minhas foram elaboradas com base no acúmulo de conhecimentos produzidos pelos integrantes desse grupo.

Em diversos momentos nesta dissertação, deixei indicadas questões para reflexões posteriores e problematizações, sobretudo as que foram apresentadas oralmente a mim por minha orientadora, como informei. Apesar de não elaborar possíveis respostas a essas questões, pois não integravam os objetivos da pesquisa que resultou nesta dissertação, considereei pertinente deixá-las registradas como indicação de problematizações pertinentes que podem servir para elaborar outras reflexões sobre o *corpus* da pesquisa.

Devo destacar também, que durante o desenvolvimento da pesquisa que resultou nesta dissertação me deparei com diversas dificuldades tanto relativas à localização e recuperação de fontes documentais e de informações a respeito desse professor, quanto de conseguir desenvolver paciência para me auxiliar a ser menos ansiosa no trabalho científico; muitas vezes, movida pela minha inexperiência como pesquisadora, deixei de problematizar aspectos importantes que teriam contribuído para a compreensão do problema de investigação.

Por fim, a dissertação ora apresentada trata-se de apenas uma versão da atuação de Francisco Vianna na história do ensino da leitura no Brasil; há diversas outras possibilidades investigativas que podem aprofundar a questão, bem como as várias lacunas que ficaram sem preenchidas podem propiciar a elaboração de outras questões, as quais certamente contribuirão para o tema em questão, considerando, principalmente, que não consegui analisar todos os aspectos da configuração textual dos livros da Série "Leituras Infantis" com a mesma profundidade.

## **REFERÊNCIAS**

AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros. *Ensino de leitura e grupos escolares: Mato Grosso 1910-1930*. Cuiabá: Editora UFMT, 2008.

\_\_\_\_\_. Métodos de ensino da leitura em Mato Grosso no início do século XX: uma contribuição para a história. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO – ANPEd, 25., Caxambu, Minas Gerais. *Anais...*, 2002. p. 1-15. 2002. Disponível em: <[www.anped.org.br/reunioes/25/.../lazarananciamanciot10.rtf](http://www.anped.org.br/reunioes/25/.../lazarananciamanciot10.rtf)>. Acesso em: 25 mar. 2010.

\_\_\_\_\_. Ensino de leitura e escrita em Mato Grosso: aspectos de uma trajetória (séculos XVIII e XIX). In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO – ANPEd, 28., Caxambu, Minas Gerais. *Anais...*, 2005. p. 1-17 <[www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt10/gt101176int.rtf](http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt10/gt101176int.rtf)>. Acesso em: 25 mar. 2010.

\_\_\_\_\_. *Ensino de leitura na escola primária no Mato Grosso: contribuição para o estudo de aspectos de um discurso institucional no início do século XX*. 2000. 2v. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2000. (v.1, 264f.; v.2 Apenso, 155f.)

AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros; CARDOSO, Cancionila J. Circulação de cartilhas e ensino de leitura em Mato Grosso: uma contribuição à história da alfabetização (1927-1977). In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., [S. l.]. 2006. Disponível em: <[http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/365LazaraAmancio\\_e\\_Cancionila.pdf](http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/365LazaraAmancio_e_Cancionila.pdf)>. Acesso em 25 mar. 2010.

AMPARO NEWS. Disponível em: <<http://amparonews.spaceblog.com.br/r5682/Tunel-do-Tempo/>>. Acesso em: 25 jun. 2010.

ANA LUIZA BUSTAMANTE SMOLKA. *Currículo Lattes*. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=B6245>>. Acesso em: 28 jun. 2010.

ANNUARIO DO ENSINO do Estado de São Paulo. Livros Didacticos. São Paulo: Typographia do “Diário oficial”, 1908.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Typographia do “Diário oficial”, 1918.

ANTONIO BANDEIRA TRAJANO. Disponível em: <<http://www.mackenzie.com.br/10291.html>>. Acesso em: 18 jun. 2010.

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Normas Técnicas. *NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração*. Rio de Janeiro, 2002.

AUGUSTO COMTE. *Biografia*. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.pro.br/comte.htm>>. Acesso em: 17 mai. 2010.

BARRETO, René. Elementos de trigonometria. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno II, n. 1, p.66-67, abr. 1903, São Paulo.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Leituras de formação. CORAÇÃO, de Edmundo de Amicis (1886). In: SEMINÁRIO BRASILEIRO LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1., 2004, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: Lihed – Núcleo de Pesquisa sobre livro e história editorial no Brasil, 2009b. p. 1-21. Disponível em: <<http://www.uff.br/lihed/primeiroseminario/pdf/mariahelenacoracao.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2010.

\_\_\_\_\_. *Pro Patria Laboremus*: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897). Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2002.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999, p. 529-575.

\_\_\_\_\_. Um gênero de manual escolar: os paleógrafos ou livros de leitura manuscrita. In: MEMÓRIA DA LEITURA. Campinas, 2002. p. 1-10. 2002. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema3/3127.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2010.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria; KLINKE, Karina. Livros escolares de leitura: uma morfologia (1866-1956). *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n. 20, p. 27-47, Maio/Jun./Jul./Ago. 2002. Disponível em: <[http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE20/RBDE20\\_04\\_ANTONIO\\_\\_ANA\\_MARIA\\_E\\_KARINA.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE20/RBDE20_04_ANTONIO__ANA_MARIA_E_KARINA.pdf)>. Acesso em: 25 mar. 2010.

BENJAMIN CONSTANT. *Biografias*. Disponível em: <[http://www.e-biografias.net/biografias/benjamin\\_constant.php](http://www.e-biografias.net/biografias/benjamin_constant.php)>. Acesso em: 15 mai. 2010.

BERNARDES, Vanessa Cuba. Um estudo sobre *Cartilha analytica*, de Arnaldo de Oliveira Barreto (1969-1925). *Revista de Iniciação Científica da FFC*. Marília, v. 8, n. 1, p. 1-17, 2008. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/viewFile/181/166>>. Acesso em: 17 mar. 2010.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 2003. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *Lourenço Filho e a alfabetização: um estudo de Cartilha do povo e da Upa, cavalinho!*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

\_\_\_\_\_. *Cartilha do povo e Upa, cavalinho!*: o projeto de alfabetização de Lourenço Filho. 1997. 129f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 1997.

BIANCO, Judite Elide Romero. *As lições de coisas no projeto republicano paulista (1890-1920)*. 1999. 132f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 1999.

BIOGRAFIA DE JÚLIO CÉSAR DE MELO E SOUZA. Disponível em: <<http://www.tutomania.com.br/artigo/biografia-de-julio-cesar-de-mello-e-souza-pseudonimo-malba-tahan>>. Acesso em: 18 jun. 2010.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Livro didático e saber escolar (1810-1910)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

\_\_\_\_\_. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, p. 475-491. set./dez. 2004. Também disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a08v30n3.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2010.

\_\_\_\_\_. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. 383 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

BOTO, Carlota. Nova história e seus velhos dilemas. *Revista USP*. São Paulo, n.23, p. 23-33. set./nov. 1994.

\_\_\_\_\_. Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, p. 493-511, set./dez. 2004. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/veiculos\\_de\\_comunicacao/EDP/EDP30N3/EDP30N3\\_07.PDF](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/veiculos_de_comunicacao/EDP/EDP30N3/EDP30N3_07.PDF)>. Acesso em: 25 mar. 2010.

BRASLAVSKY, Berta P. de. *Problemas e métodos no ensino da leitura*. Tradução Agostinho Minicucci; Prefácio: Lourenço Filho. [São Paulo]: Melhoramentos; editora da USP, [1971].

CAMPOS, Dulcinéia. As práticas de alfabetização no Espírito Santo na década de 1950. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO – ANPEd, 25., Caxambu, Minas Gerais. *Anais...*, 2009. p. 1-18. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT10-5664--Int.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2010.

CATANI, Denice Bárbara. *Educadores à meia-luz*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2002.

CEALE. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/index.php>>. Acesso em: 25 jun. 2010.

CHARTIER, Anne-Marie. Dos abecedários aos métodos de leitura: gênese do manual moderno antes das leis Ferry (1881). In: \_\_\_\_\_. *Práticas de leitura e escrita: história e atualidade*. Tradução Ana Maria de Oliveira Galvão; Ceres Leite Prado; Flávia Sarti; Maria Rita Toledo; Ricardo Casco; Ruth Siliviano Brandão; Teresa Van Acker. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007, p. 67-119.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Tradução Maria Manuela Galhardo. Portugal: Difel, 2002.

CHOPPIN, Alain. O manual escolar: uma falsa evidência histórica. *História da educação*, Pelotas, v. 13, n. 27, jan./abr. 2009. p. 9-75.

\_\_\_\_\_. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, set./dez. 2004. p. 549-566.

COELHO NETTO. Disponível em:

<<http://www.projetomemoria.art.br/RuiBarbosa/glossario/c/coelho-neto.htm>>. Acesso em: 17 jun. 2010.

COLÉGIO CULTO À CIÊNCIA. In: *Centro de Referência em Educação "Mário Covas"*. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1825-1896/1874\\_Colegio\\_Culto\\_a\\_Ciencia.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1825-1896/1874_Colegio_Culto_a_Ciencia.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2010.

COSTELLA, Antonio. *Introdução à gravura e história da xilografia*. São Paulo: Mantiqueira de Ciência e Arte Ltda., 1984.

DIETZSCH, Mary Julia Martins. *Alfabetização: propostas e problemas para uma análise do seu discurso*. 1979. 122p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Universidade de São Paulo, 1979.

DONATO, Hernâni. *100 anos da Melhoramentos: 1890-1990*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

ESCOLA COMPLEMENTAR DE GUARATINGUETÁ. In: *Centro de Referência em Educação "Mário Covas"*. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/18971903/1903Escola\\_Complementar\\_de\\_Guaratingueta.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/18971903/1903Escola_Complementar_de_Guaratingueta.pdf)>. Acesso em: 17 mai. 2010.

ESCOLA MODELO DA LUZ. In: *Centro de Referência em Educação "Mário Covas"*. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/18251896/1895\\_Escola\\_Modelo\\_da\\_Luz.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/18251896/1895_Escola_Modelo_da_Luz.pdf)>. Acesso em: 5 ago. 2009.

ESPÓSITO, Yara Lúcia. Alfabetização em revista: uma leitura. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 80, p. 21-27, fev. 1992. Também disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/312.pdf>>

FERNANDEZ, Rogerio. *Os caminhos do ABC: sociedade portuguesa e ensino de primeiras letras (do Pombalismo a 1820)*. Porto: Porto Editora, 1994.

FERREIRA, Orando da Costa. *Imagem e letra: introdução à bibliografia brasileira: a imagem gravada*. 2. ed. São Paulo: Editora USP, 1994.

FERRO, Maria do Amparo Borges. *Literatura escolar e a história da educação: cotidiano, ideário e práticas pedagógicas*. 2000. 278f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2000.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Livros de leitura de Abílio César Borges: ideário pedagógico, produção e circulação. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2008, Portugal. *Anais eletrônicos*. Disponível em: <[http://web.letras.up.pt/7clbheporto/trabalhos\\_final.aspx](http://web.letras.up.pt/7clbheporto/trabalhos_final.aspx)>. Acesso em: 21 mar. 2010.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MACIEL, Francisca Isabel Pereira (Org.). *História da alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT – Séc. XIX e XX)*. Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2006a.

\_\_\_\_\_. Cartilhas/impressos: perspectivas teórico-metodológicas de análise do texto e do paratexto e suas contribuições para a história da alfabetização e do livro. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. *Anais...*, 2006b, Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia - MEC, 2006. p. 3107-3122. Também disponível em: <[http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/279IsabelSilvaFrade\\_e\\_FranciscaPereiraMaciel%20.pdf](http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/279IsabelSilvaFrade_e_FranciscaPereiraMaciel%20.pdf)>. Acesso em: 27 jun. 2009.

FRAGO, Antonio Viñao. *Alfabetização na sociedade e na história: vozes, palavras e textos*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Álvaro Moreira Hypolito; Helena Beatriz M. de Souza. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FRANCISCO VIANA. In: COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: 1882-1982*. São Paulo: Quiron, 1983.

FURET, François; OZOUF, Jacques. *Lire et écrire: l'alphabétisation des français de Calvin a Jules Ferry*. Paris: Minuit, 1977. 2v.

GAZOLI, Monalisa Renata. *O método analítico para o ensino da leitura em Série de leitura Proença (1926-1928), de Antonio de Firmino Proença*. 2010. 209f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

\_\_\_\_\_. *O método analítico para o ensino da leitura em Cartilha Proença (1926), de Antonio Firmino Proença*. 2007. 92f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

GODOI, Lidiany Cristina de Oliveira. *Botucatu e a expansão do ensino na Primeira República: história do Grupo Escolar Dr. Cardoso de Almeida (1895-1920)*. 2009. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

GOMES, Sílvia Cunha. *A alfabetização na história da educação do Espírito Santo no período de 1924 a 1938*. 2008. 209f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

GONÇALVES, Gisele Nogueira. *A trajetória profissional e as ações de Oscar Thompson sobre a instrução pública em São Paulo (1889-1920)*. 121f. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

GRAFF, Harvey J. *Os labirintos da alfabetização: reflexões sobre o passado e o presente da alfabetização*. Tradução Tirza Myga Garcia. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GRISI, Rafael. O ensino da leitura: o método e a cartilha. *Educação*, São Paulo, v.32, 36-90, 1946. (Separata da revista *Educação*).

GRUPO DE PESQUISA ALFALE - Alfabetização e letramento escolar. *Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil*. Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=03327085JKR5TU>>. Acesso em: 15 mai. 2010.

GRUPO DE PESQUISA HISALES - História da alfabetização, leitura, escrita e dos livros escolares. *Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil*. Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0045708Z55FDBD>>. Acesso em: 15 mai. 2010.

GRUPO ESCOLAR DR. MORAES BARROS. In: *Centro de Referência em Educação "Mário Covas"*. Disponível em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1897-1903/1900-Segundo\\_Grupo\\_Escolar\\_de\\_Piracicaba.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1897-1903/1900-Segundo_Grupo_Escolar_de_Piracicaba.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2010.

HALLEWELL, *O livro no Brasil: sua história*. Tradução Maria da Penha Villalobos e Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

HEITLINGER, Paulo. A evolução da escrita escolar: manuais e outras propostas. *Cadernos de tipografia e design*. Escolar: uma fonte contemporânea para aprender a escrever e a ler. [S. l.], n. 14, mar. 2009, p. 30-48. Disponível em: <<http://tipografos.net/cadernos/CT14-Escolar.pdf>>.

HÉRBRARD, Jean. A escolarização dos saberes elementares na época moderna, *Teoria e Educação*, Porto Alegre, n. 2, p. 65-110, 1990.

HISTÓRIA da ortografia do Português. Disponível em: <<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=acordo-historia>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

INFORMAÇÕES SOBRE CAMPINAS, SÃO PAULO. Disponível em: <[http://www.mapasruasestradas.com/S%C3%A3o\\_Paulo/Campinas/](http://www.mapasruasestradas.com/S%C3%A3o_Paulo/Campinas/)>. Acesso em 28 jun. 2010.

INSTITUTO CAETANO DE CAMPOS. *Atas das reuniões da Congregação (1894-1919)*. São Paulo, [1919]. (Manuscrito).

INSTRUÇÃO PÚBLICA: nomeações de professores (provisórios, adjunctos, nocturnos, preliminares) 1894-1895, São Paulo, [1896]. (Manuscrito).

JOÃO DO RIO. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/joao-do-rio/joao-do-rio.php>>. Acesso em: 18 jun. 2010.

JOAQUIM OSÓRIO DUQUE ESTRADA. Disponível em:  
<[http://www.nossosaopaulo.com.br/Reg\\_SP/Barra\\_Escolha/B\\_DuqueEstrada.htm](http://www.nossosaopaulo.com.br/Reg_SP/Barra_Escolha/B_DuqueEstrada.htm)>.  
Acesso em: 19 jun. 2010.

JÚLIO CÉSAR RIBEIRO VAUGHAN. Disponível em:  
<<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JulioCRV.html>>. Acesso em: 12 jun. 2010.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão [et. al.]. 5.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES. Editôra Paulo de Azevedo Ltda. 1854-1954. Rio de Janeiro. 1954. Disponível em:  
<[http://issuu.com/lihed/docs/lihed\\_cat\\_logo\\_do\\_centen\\_rio\\_1954?mode=embed&layout=http%3A//skin.issuu.com/v/light/layout.xml&showFlipBtn=true](http://issuu.com/lihed/docs/lihed_cat_logo_do_centen_rio_1954?mode=embed&layout=http%3A//skin.issuu.com/v/light/layout.xml&showFlipBtn=true)>. Acesso em: 15 mar. 2010.

LORENZ, Karl. Inovações no ensino de ciências na escola primária brasileira na década de 1880: Rui Barbosa e a biblioteca do ensino intuitivo. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., [S. 1.]. 2006. Disponível em:  
<<http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/445KarlLorenz.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2010.

LOUIS MAÎTREJEAN. Disponível em:  
<<http://www.bookinerie.com/pages/goodrech.php3?titres=illustrateur&Tri=Jour&Ordre=DESC>>. Acesso em: 17 mar. 2010.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. *Lúcia Casasanta e o método global de contos: uma contribuição à história da alfabetização em Minas Gerais 2001*. 179f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

MAGALHÃES, Basílio. *O estado de S. Paulo e o seu progresso na actualidade* (Notas históricas, estatísticas e críticas sobre a organização político-administrativa e os principais factores da prosperidade, — material, intellectual e moral, — dados bandeirantes terra). Rio de Janeiro: Typographia do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & Comp., 1913.

MAGALHÃES, Justino Pereira. *Alquimias da escrita: alfabetização, história, desenvolvimento no mundo ocidental do Antigo Regime*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

\_\_\_\_\_. Linhas de investigação em História da Alfabetização em Portugal: um domínio do conhecimento em renovação. *Revista Brasileira de Educação*. Campinas, n. 2, p. 42-60, 1996. Também disponível em:  
<[http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE02/RBDE02\\_06\\_JUSTINO\\_PEREIRA\\_MAGALHAES.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE02/RBDE02_06_JUSTINO_PEREIRA_MAGALHAES.pdf)>. Acesso em: 17 mai. 2008.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Os sentidos da alfabetização: a "questão dos métodos" e a constituição de um objeto de estudo* (São Paulo: 1876/1994). 1997. 389f.

Tese (Livre-Docência em Metodologia do Ensino de 1º Grau: Alfabetização) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 1997a.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. Testes ABC e a fundação de uma tradição: alfabetização sobre medida. In: MONARCHA, Carlos (Org.). *Lourenço Filho: outros aspectos*, mesma obra. Campinas: Mercado de Letras; Marília: Ed. Unesp, 1997b. p. 59-90.

MELLO, Luis Correa. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: [s.n], 1954. (Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo).

MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. *Emilia Ferreiro e a alfabetização no Brasil: um estudo sobre a Psicogênese da língua escrita*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

\_\_\_\_\_. *Um estudo sobre o pensamento construtivista de Emilia Ferreiro sobre a alfabetização*. 2003. 172f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 2003.

MESSEMBERG, Cyntia G.. *Um estudo sobre Na roça: cartilha rural para alfabetização rápida (1935), de Renato Sêneca Fleury*. 2008, 78f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

MONARCHA, Carlos. *Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

MORAES, Carmem Sylvia Vidigal. *O ideário republicano e a educação: uma contribuição à história das instituições*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2006.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Antonio Firmino de Proença na história da alfabetização no Brasil. In: RAZZINI, Marcia Paula Gregório. (Org.). *Antonio Firmino de Proença: professor, formador e autor (Sorocaba, 1880 – São Paulo, 1946)*. São Paulo: Porto de Ideias, 2010, p. 117-140.

MORTATTI, Maria do Rosário; PEREIRA, Bárbara C.; GAZOLI, Monalisa Renata; ORIANI, Angélica; MESSEMBERG, Cyntia G. Cartilhas de professores paulistas do início do século XX e a conformação de práticas de alfabetização no Brasil. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 2., 2009, Niterói. *Anais eletrônicos....* Niterói: Lihed – Núcleo de Pesquisa sobre livro e história editorial no Brasil, 2009. p. 1-15. Disponível em: <[http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii\\_pdf/M\\_R\\_Mortatti.pdf](http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii_pdf/M_R_Mortatti.pdf)>.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. A “querela dos métodos” de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate. *Acolhendo a alfabetização em países de língua portuguesa (ACOALFAPLP)*, v. III, p. 91-114, 2008a. Disponível em: <[http://www.acoalfaplp.net/0005acoalfaplp/0005acoalfaplp\\_tx/3fundaeducalfab/302metodomortatti.pdf](http://www.acoalfaplp.net/0005acoalfaplp/0005acoalfaplp_tx/3fundaeducalfab/302metodomortatti.pdf)>. Acesso em: 29 dez. 2008a.

\_\_\_\_\_. Notas para uma história da formação do alfabetizador no Brasil. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 89, p. 467-476, 2008b.

\_\_\_\_\_. Letrar é preciso, alfabetizar não basta... mais?. In: SCHOLZE, Lia; RÖSING, Tania M. K. *Teoria e prática do letramento*. (Org.). Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007. p. 155-168.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Educação e letramento*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Ensino de língua e literatura no Brasil: repertório documental republicano*. Marília, 2003 (digitado).

\_\_\_\_\_. *Os sentidos da alfabetização: São Paulo – 1876/1994*. São Paulo: Editora Unesp, 2000a.

\_\_\_\_\_. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. *Cadernos CEDES*, São Paulo, ano 19, n. 52, p. 41-54, nov. 2000b. Também disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622000000300004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622000000300004&script=sci_arttext)>. Acesso em: 15 mar. 2008.

\_\_\_\_\_. Notas sobre linguagem, texto e pesquisa histórica em educação. *História da Educação*. Pelotas, v. 6, p. 69-77, out. 1999a.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Método analítico, cartilhas e escritores didáticos: ensino da leitura em São Paulo (1890- 1920). *História da Educação*, Pelotas, v. 3, n. 5, p.123-140, abr. 1999b.

NORFINI, Alfredo. Disponível em:

<<http://www6.ufrgs.br/acervoartes/modules/wiwimod/index.php?page=NORFINI,+Alfredo>>. Acesso em: 16 jun. 2010.

NEPALES - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Alfabetização, Leitura e Escrita do Espírito Santo. Disponível em: <<http://www.ce.ufes.br/nucleos/nepales.asp>>. Acesso em: 16 mai. 2010.

OLIVEIRA, Cátia Regina Guidio de; SOUZA, Rosa Fátima de. As faces do livro de leitura. *Cadernos Cedes*, São Paulo, ano 20, n.52, p.26-40, nov. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n52/a03v2052.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2008.

OLIVEIRA, Cátia Regina Guidio de. *As séries graduadas de leitura na Escola Primária Paulista (1890-1940)*. 2004. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade e Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2004.

OLIVEIRA, Itamar Freitas de. História do Brasil para crianças: o livro escolar nos primeiros anos da República e a iniciativa de Joaquim Maria de Lacerda. *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, n. 6, jan./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/viewFile/277/284>> Acesso em 7 maio 2010.

ORIANI, Angélica Pall. *Bibliografia de e sobre Francisco Vianna: um instrumento de pesquisa*. Marília, 2010a (digitado).

ORIANI, Angélica Pall. O método analítico para o ensino da leitura em *Cartilha: leituras infantis* [1912?], de Francisco Vianna. In: In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 8., *Anais....*, 1 CD-Rom, São Luís-MA, 2010b, p. 1-15.

ORIANI, Angélica Pall. Contribuições da produção escrita de Francisco Vianna (1876-1935) para a história do ensino da leitura e da escrita no Brasil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE HISTÓRIA DO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA, 1 CD-Rom, Marília-SP, 2010c. p. 1-6.

ORIANI, Angélica Pall. O ensino da leitura e escrita em Série "Leituras Infantis" (1908-1919), de Francisco Vianna. In: COLÓQUIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 7., *Anais...* 1 CD-Rom, Belo Horizonte-MG, 2010d, p. 1-13.

ORIANI, Angélica Pall. Francisco Furtado Mendes Vianna ([187-]-1935) e o ensino da leitura pelo método analítico. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17., 2009. *Anais...* Campinas: ALB, 2009a. p. 1-10.

ORIANI, Angélica Pall. *Cartilha: leituras infantis* (1911), de Francisco Furtado Mendes Vianna, e a história do ensino de leitura e escrita no Brasil. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA SOCIEDADE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO LATINOAMERICANA: Universidade e independência na América Latina: tradições, tempos e territórios, 7. São Paulo, [s. l.], 2009b, p. 1-11. 1 CD-ROM.

\_\_\_\_\_. *A abordagem histórica na produção acadêmica sobre alfabetização no Brasil (1979-2007): um instrumento de pesquisa*. Marília, 2008a (digitado).

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Revista de Iniciação Científica da FFC*. Marília, v. 8, n. 2, 2008b, p. 163-173. Disponível em:  
<<http://www.portalppgci.marilia.unesp.br/ric/viewarticle.php?id=165&layout=abstract>>

OS TRIÂNGULOS ESFÉRICOS. Disponível em:  
<<http://www.mat.ufrgs.br/~portosil/passa2a.html>>. Acesso em: 15 jun. 2010.

PANIZZOLO, Cláudia. *João Köpke e a escola republicana: criador de leituras, escritor da modernidade*. 2006. 358f. Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 2006.

PAULA, Carlos Francisco de. *Monografia histórica do Colégio Culto à Ciência*. Campinas, 1946. 58f. Disponível em:  
<[http://www.francisco.paula.nom.br/Culto/pag\\_monografia.htm](http://www.francisco.paula.nom.br/Culto/pag_monografia.htm)>. Acesso em: 15 fev. 2010.

PAULA, Luzia de Fátima. *O ensino de Língua Portuguesa no Brasil, segundo João Wanderley Geraldi*. 2004. 144f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2004.

PAULA, Luzia de Fátima. *Ideias linguísticas constitutivas do pensamento de João Wanderley Geraldi sobre o ensino de língua portuguesa*. 2010, 245f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Câmpus de Marília, 2010.

PASQUIM, Franciele Ruiz. R. R. Dordal e C. A. Gomes Cardim e o ensino da leitura pelo método analítico. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17., Campinas, *Anais...*, p. 1-10, 2009. Disponível em: <[http://www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem12/COLE\\_3670.pdf](http://www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem12/COLE_3670.pdf)>.

PEREIRA, Bárbara Cortella. *Theodoro de Moraes (1877-1956): um pioneiro no ensino da leitura pelo método analítico no Brasil*. 2009. 219f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

PERES, Eliane. Autoras de obras didáticas e livros para o ensino da leitura no Rio Grande do Sul: contribuições à história da alfabetização (1950-1970). *Educação Unisinos*, Rio Grande do Sul, v. 12, n., 2, p. 111-121, maio/ago. 2008. Disponível em: <[http://www.unisinos.br/publicacoes\\_cientificas/images/stories/pdfs\\_educacao/vol12n2/05.pdf](http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_educacao/vol12n2/05.pdf)>. Acesso em: 25 mar. 2010.

PFROMM NETO, Samuel; DIB, Carlos Z.; ROSAMILHA, Nelson. Cartilhas, gramáticas, livros de texto. In: \_\_\_\_\_. *O livro na educação*. Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974. p. 153-204.

PIETRARÓIA, Cristina Casadei. A importância da língua francesa no Brasil: marcas e marcos dos primeiros períodos de ensino. *Estudos linguísticos*, São Paulo, n. 37, v. 2, p. 7-16, maio-ago. 2008. Disponível em: <[http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL\\_V37N2\\_01.pdf](http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N2_01.pdf)>. Acesso em: 28 jun. 2010.

PRIMEIRO GRUPO ESCOLAR DE CAMPINAS. In: *Centro de Referência em Educação "Mário Covas"*. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/18971903/1897Primeiro\\_Grupo\\_Escolar\\_de\\_Campinas.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/18971903/1897Primeiro_Grupo_Escolar_de_Campinas.pdf)>. Acesso em: 15 mar. 2010.

PROFESSORA ALAÍDE LISBOA DE OLIVEIRA... Disponível em: <<http://www.ufmg.br/online/arquivos/004615.shtml>>. Acesso em: 19 jun. 2010.

PROFESSOR JOSÉ LOURENÇO DE OLIVEIRA. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/lourenco/banco/EH03.html>>. Acesso em 21 jun. 2010.

PROFESSOR MENDES VIANNA. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado público de São Paulo*, anno V, n. 1, p. 38, jul. 1906, São Paulo.

RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. A Livraria Francisco Alves e a expansão da escola pública em São Paulo. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 2004, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <<http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/marciadepaulorazzini.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2009.

\_\_\_\_\_. Produção de livros didáticos e expansão em São Paulo (1889-1930). In: JORNADAS ARGENTINAS DE HISTORIA E LA EDUCACIÓN, 14., 2006, La Plata: Universidad Nacional de La Plata e Sociedad Argentina de Historia de la Educación, *Anais...*, 2006 1 CD-Rom. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuaiscoautorais/eixo03/Marcia%20de%20Paula%20Gregorio%20Razzini%20-%20Texto.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2010.

RIBEIRO, Neucinéia Rizzato. Um estudo sobre “A leitura analytica” (1896), de João Köpke. *Revista de Iniciação Científica da FFC*. Marília, v. 5, n. 1/2/3, 2005, p. 12-29. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/viewFile/135/126>>. Acesso em: 17 mar. 2009.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 2001. 66f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001.

SANTOS, Luana. *Um estudo sobre Cartilha da infância (188?)*, de Thomaz Galhardo. 2008. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

SEGUNDO GRUPO ESCOLAR DE PIRACICABA. In: *Centro de Referência em Educação "Mário Covas"*. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/18971903/1900Segundo\\_Grupo\\_Escolar\\_de\\_Piracicaba.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/18971903/1900Segundo_Grupo_Escolar_de_Piracicaba.pdf)>.

SILVA, Ernesto. Francisco Furtado Mendes Viana. *Revista do professor*. Ano II, n. 11, mai. 1935.

SILVA, Vivian Batista. *História de leituras para professores: um estudo da produção e circulação de saberes especializados nos "manuais pedagógicos" brasileiros (1930-1971)*. 2001. 206f. 2v. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

SOARES, Flávia dos Santos. Seleção de professores de matemática no Colégio Pedro II durante o império. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 30., 2007, Caxambu. *Anais ....* Rio de Janeiro: ANPED, 2007. Também disponível em: <[http://www.ufrj.br/emanped/paginas/conteudo\\_producoes/docs\\_30/selecao.pdf](http://www.ufrj.br/emanped/paginas/conteudo_producoes/docs_30/selecao.pdf)>. Acesso em: 25 jun. 2010.

SOARES, Magda Becker; MACIEL, Francisca. *Alfabetização*. Brasília-DF: MEC/INEP/COMPED., 2000. (Série Estado do Conhecimento n°. 1). Disponível em: <[www.mec.gov.br/inep/publicacoes](http://www.mec.gov.br/inep/publicacoes)>. Acesso em: 05 abr. 2007.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização: São Paulo – 1876/1994*. São Paulo: Editora Unesp, 2000, p. 13-15.

SOARES, Magda Becker. *Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento*. Brasília: MEC/INEP/Reduc, 1989.

SOARES, Magda Becker. As muitas facetas da alfabetização. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n.52, 1985. p.19-24.

SOBRAL, Patrícia de Oliveira. *Um estudo sobre Nova cartilha analítico-sintética (1916), de Mariano de Oliveira*. 2007. 60f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Em nome da raça: a propaganda eugênica e as idéias de Renato Kehl nos anos 1910 e 1920. *Revista de História Regional*. Ponta Grossa, v. 11, n. 2, p. 29-70. 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=rhr&page=article&op=view&path%5B%5D=322&path%5B%5D=216>>. Acesso em: 7 maio 2010.

STAROBINSKY, Jean. A literatura: o texto e seu intérprete. In: LE GOFF, Jacques. *História: novas abordagens*. Tradução Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 132-143.

TROUSSON, Raymond. J.P.G. Viennet : les romantiques au tribunal du dernier des classiques. *Académie royale de langue et de littérature françaises de Belgique*, Bruxelles. [S. d.] Disponível em: <<http://www.arllfb.be/ebibliotheque/communications/trousson140505.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2010.

TRINDADE, Iole Maria F. *A invenção de uma nova ordem para as cartilhas: ser maternal, nacional e mestra: queres ler?*. 2001. 524f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pelotas, 2001.

VALDEMARIN, Vera Teresa. O método intuitivo: os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado. In: SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares; SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa. *O legado educacional do século XIX no Brasil*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2006a, p. 86-132.

\_\_\_\_\_. Os sentidos e a experiência: professores, alunos e métodos de ensino. In: SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares; SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa. *O legado educacional do século XX no Brasil*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2006b, p. 163-203.

\_\_\_\_\_. *Estudando as lições de coisas: análise dos fundamentos filosóficos do método de ensino de intuitivo*. Campinas: Autores Associados, 2004.

\_\_\_\_\_. *Livros de leitura para a infância: fontes para a história da educação nacional (1866/1930)*. *Linhas – Revista do Programa de Mestrado em Educação e Cultura*, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 219-242, dez., 2004. Também disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1218/1032>>. Acesso em: 25 mar. 2010.

VIANA, Francisco Furtado Mendes. *Exercícios de caligrafia vertical*. 90. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1984.

\_\_\_\_\_. *Caligrafia vertical*: livro ilustrado. 69. ed. São Paulo: Melhoramentos, [1973].

VIANA, Francisco Furtado Mendes; CARNEIRO JUNIOR, Miguel. *Histórias para pequeninos*: leitura preparatória da série "Leituras Infantis". 97. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

VIANA, Francisco Furtado Mendes. *Primeiros passos na leitura*. 44. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1958a. (Série "Leituras Infantis").

\_\_\_\_\_. *Primeiro livro de leituras infantís*. 62. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1958b. (Série "Leituras Infantis").

VIANA, Francisco Furtado Mendes; CARNEIRO JÚNIOR, Miguel. *Histórias para pequeninos*: leitura preparatória da série "Leituras Infantis". 95. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1957.

\_\_\_\_\_. *Cartilha*: leituras infantís. 48. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1945. (Série "Leituras Infantis").

\_\_\_\_\_. *Segundo livro de leituras infantís*. 60. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1941a. (Série "Leituras Infantis").

\_\_\_\_\_. *Terceiro livro de leituras infantís*. 44. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1941b. (Série "Leituras Infantis").

VIANA, Francisco Furtado Mendes; CARNEIRO JUNIOR, Miguel. *Leitura preparatória*. 69. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1937a. (Série "Leituras Infantis")

VIANA, Francisco Furtado Mendes. *Terceiro livro de leituras infantís*. 42. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1937b. (Série "Leituras Infantis").

VIANNA, Francisco Furtado Mendes; VIANNA, Euclides Ribeiro Mendes. *Pequena historia do Brazil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931.

VIANNA, Francisco Furtado Mendes. *Modernas directrizes no ensino primario*: escola activa do trabalho ou nova. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930. 191p.

VIANA, Francisco Furtado Mendes. *Terceiro livro de leituras infantís*. 37. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1928a. (Série "Leituras Infantis").

VIANNA, Francisco Furtado Mendes. *Quarto livro de leituras infantís* (Apanhados e factos históricos). 37. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1928b. (Série "Leituras Infantis").

\_\_\_\_\_. *Segundo livro de leituras infantís*. 50. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1926. (Série "Leituras Infantis").

\_\_\_\_\_. *Considerações geraes sobre a aprendizagem da leitura*. Complemento das indicações do prefácio "Aos Professores" da Cartilha da serie "Leituras Infantis". 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1925.

\_\_\_\_\_. *Quarto livro de leituras infantis: apanhados e factos históricos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1923. (Série "Leituras Infantis").

\_\_\_\_\_. *Considerações geraes sobre a aprendizagem da leitura*. Complemento das indicações do prefácio "Aos Professores" da Cartilha da serie "Leituras Infantis". Rio de Janeiro: Francisco Alves, [1912].

\_\_\_\_\_. *Primeiro livro de leituras infantis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1909a.

\_\_\_\_\_. *Segundo livro de leituras infantis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1909b. (Série "Leituras Infantis").

\_\_\_\_\_. Para a reforma da instrução publica. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno III, n. 1, p. 312-313, abr. 1904a, São Paulo.

\_\_\_\_\_. Para a reforma da instrução publica. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno III, n. 3, p. 387-389, ago. 1904b, São Paulo.

\_\_\_\_\_. Para a reforma da instrução publica. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno III, n. 5, p. 445-447, dez. 1904c, São Paulo.

\_\_\_\_\_. Conferencia. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno III, n. 1, p. 138-149, abr. 1904d, São Paulo.

VIANNA, Francisco Furtado Mendes. O velho mestre. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno III, n. 1, p. 320, abr. 1904e, São Paulo.

\_\_\_\_\_. O ninho das andorinhas. (Tradução de Viennet). *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno II, n. 6, p. 574, fev. 1904f, São Paulo.

\_\_\_\_\_. Dó infantil. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno II, n. 6, p. 573, fev. 1904g, São Paulo.

\_\_\_\_\_. Sem medico. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno III, n. 1, p. 188, abr. 1904h, São Paulo.

\_\_\_\_\_. O bom collegial. *Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno III, n. 5, p. 43, dez. 1904i, São Paulo.

\_\_\_\_\_. *Physica e Chimica: phenomenos physicos e chimicos. Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno II, n. 5, p. 449-452, dez. 1903a, São Paulo.

\_\_\_\_\_. *Lei geral da divisibilidade. Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno II, n. 2, p. 78-81, abr. 1903b, São Paulo.

\_\_\_\_\_. *Physiologia: uma particularidade sobre a visão. Phenomeno desconhecido?. Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno II, n. 5, p. 520-522, dez. 1903c, São Paulo.

\_\_\_\_\_. *Lição infantil: a Arnaldo Barreto. Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno I, n. 1, p. 1146-1148, abr. 1902a, São Paulo.

\_\_\_\_\_. *Precoce. Revista de ensino da Associação beneficente do professorado publico de São Paulo*, anno I, n. 5, dez. 1902b, São Paulo, p. 953.

\_\_\_\_\_. *Elementos de trigonometria: compreendendo a resolução de triangulos esphericos. São Paulo: Typographia da Industrial de São Paulo, 1901.*

\_\_\_\_\_. *Leituras infantis. 2. ed. São Paulo: N. Falcone, [s. d.].*

VIDAL, Diana; GVIRTZ, Silvina. O ensino da escrita e a conformação da modernidade escolar. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n. 8, p. 13-30, Mai./Jun./Jul./Ago. 1998. Também disponível em: <[http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE08/RBDE08\\_04\\_DIANA\\_E\\_SILVINA.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE08/RBDE08_04_DIANA_E_SILVINA.pdf)>

VIDAL, Diana Gonçalves. Da caligrafia à escrita: experiências escolanovistas com caligrafia muscular nos anos 30. *Revista da Faculdade de Educação*, v. 24 n.1, São Paulo, jan./jun. 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551998000100009&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551998000100009&script=sci_arttext&tlng=pt)>.

VIEIRA, Maria do P. de A.; PEIXOTO, Maria do Rosário da C.; KHOURY, Yara M. A. *A pesquisa em história*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

VIEIRA, R. A. Amaral. Redução dos custos gráfico-editoriais. In: MAGALHÃES, Aluísio; HOUAISS, Antônio; SILVA, Benedicto. *Editoração hoje*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 197

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)